

LINDSEY KELK

Eu amo Paris

Livro 3



FUNDAMENTO



LINDSEY KELK

Eu amo Paris

Livro 3

Star Books Digital



FUNDAMENTO



<https://t.me/SBDLivros>

2013, Editora Fundamento Educacional Ltda.

Editor e edição de texto: Editora Fundamento

Editoração eletrônica: [Star Books Digital](#)

Ilustração de capa: Adrian Valencia

Tradução: Útil Assessoria e Consultoria Empresarial Ltda. (Fabiane Marina Amend Ariello)

Copyright de texto © Lindsey Kelk 2010

Design do layout da capa © HarperCollins *Publishers* Ltd 2010

Publicado originalmente em inglês por HarperCollins *Publishers* Ltd. sob o título I HEART PARIS.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação de backup, sem permissão escrita do proprietário dos direitos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Maria Isabel Schiavon Kinasz)

Kelk, Lindsey

K29 Eu amo Paris / Lindsey Kelk; [revisão brasileira da editora] - 1. ed. - São Paulo, SP : Editora Fundamento Educacional Ltda., 2013.

280p.: il.: 23cm

Título original: I heart Paris

1. Literatura Inglesa - ficção I. Título

CDD 823 (22.ed)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Inglesa - ficção 823

Fundação Biblioteca Nacional

DEpósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de dezembro de 1907.
Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Telefone: (41)3015-9700

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Site: www.editorafundamento.com.br



CAPÍTULO 1

New York nem tentou ficar mais fresquinha durante os três dias em que fiquei longe. Quando minha amiga Erin sugeriu que passássemos o feriadão na casa de praia dela, quase me atirei da janela de seu escritório no décimo oitavo andar para chegar mais rápido lá. Mas três dias perto do mar só tornaram mais difícil voltar à cidade abafada. Caminhei apenas dois quarteirões até a estação do metrô, e os saltos dos meus sapatos já tinham escorregado três vezes no pavimento suado e lamacento que ficava entre um bloco e outro da calçada. Eca! Isso quase me fez sentir saudade dos sábados úmidos de verão em Wimbledon. Quase.

Nesse calor escaldante, só o que eu podia fazer era usar o mínimo possível de roupas sempre que tinha que sair de casa, e passar a maior parte do tempo aproveitando o ar-condicionado. Os trajes de sobrevivência de hoje eram apenas uma túnica comprida cor-de-rosa clarinho, da American Apparel, e uma pulseira. Esta última para mostrar que havia escolhido previamente a roupa que ia vestir, em vez de simplesmente sair de casa de qualquer jeito. Em Londres, eu nunca, jamais, sairia em trajes tão simples, só que aqui fazia calor demais para me preocupar com minhas gordurinhas. Quando saí de casa, não tive a sensação de que tinha esquecido de me vestir. Agora, estava apenas alguns bobes de cabelo de distância de ser a maluca que gosta de ficar 24 horas por dia sentada na entrada do mercadinho usando só camisola e sutiã.

Assim que cheguei, sã e salva, ao ar-condicionado do metrô, sacolejei elegantemente de um lado para o outro, agarrada à barra no teto, em um esforço para trocar os sapatos pelos chinelinhos que estavam sempre na minha bolsa Marc Jacobs. Relembrei o momento mágico em que a bolsa havia entrado na minha vida. Era o meu maior tesouro; nunca a colocava no chão, sempre conferia se as canetas estavam bem tampadas e se o gloss não estava vazando, e

não havia a menor possibilidade de que guardasse um par de sapatos sujos dentro dela. Revirei a bolsa em busca do pé esquerdo do chinelo e tive que me segurar para não deixar cair uma lágrima pelos cartões de metrô usados, guardanapos amassados e dúzias de embalagens vazias de chiclete que cobriam o fundo chique.

Enquanto me deslocava do metrô Seis para o L, na Union Square, senti que começava a sorrir. Fui atacada pela mesma excitação nervosa que sempre me invadia quando estava prestes a colocar os pés no vagão que ia para o Brooklyn. Bem, acho que havia um lado bom em estar de volta à cidade: Alex. Claro, eu não sentiria o nervosismo do metrô L com a mesma frequência se simplesmente me mudasse para o apartamento dele, como vivia me pedindo. De acordo com minhas amigas, era ridículo que continuasse mantendo nosso relacionamento em dois lados diferentes da costa. Passei umas boas horas do fim de semana tentando explicar à uber-Manhattaniana Erin, que não se aventurava além da Rua 14 a não ser que fosse muito necessário, que não havia um oceano de distância entre Murray Hill e Williamsburg. Além disso, ainda não tinha certeza de que queria dar esse passo. Sim, eu amava Alex e, sim, queria passar mais tempo com ele... mas isso significava que devia ir logo morar com ele? Não.

Depois que desci do metrô e me arrastei escada acima em direção à rua, parei um momento para deixar meus olhos se acostumarem à luz. Como sempre, Alex estava encostado na esquina da Bedford com a Norte 7, balançando a cabeça ao som do que estava tocando em seu iPod, o cabelo escuro e grosso afastado do rosto, bagunçado atrás, como se tivesse acabado de acordar. Considerando que era apenas uma hora da tarde, imaginei que ele havia mesmo recém acordado. Com ou sem o calor grudento de agosto, as roupas de Alex nunca mudavam. Calça jeans preta agarrada às pernas e camiseta justa no peito; e ele costumava beber um copo de café muito quente.

Balancei a cabeça. Como ele podia estar tomando algo quente em um dia como aquele? Só de olhar para o copo já começava a suar. E depois, ao encarar Alex, senti as borboletas no estômago se transformarem em um arrepio, que percorreu meu corpo inteiro. Passei os dedos anelares sob os olhos para limpar qualquer possível

mancha de rímel — nem o melhor dos rímeis à prova d'água poderia resistir aos 35 graus do calor de New York — e peguei os óculos escuros da bolsa antes de me aproximar.

— Oi — Alex jogou o café na lixeira ao lado dele e encostou o rosto no meu para um beijo. — Como estava na Erin?

— Maravilhoso — respondi, preparando-me para mais um beijo, um pouco mais longo, o que me deixou sem fôlego. — Deveria vir conosco da próxima vez. Provincetown é muito bonita.

— Não me dou muito bem com a praia — ele disse, segurando minha mão e me puxando pela rua. — E, pela cor dos seus ombros, você também não.

— Ah, pois é — coloquei a alça da bolsa sobre a alça fina do vestido, deixando à mostra minha pele sensualmente vermelha, como a de uma lagosta. — Acho que deveria ficar dentro de casa até setembro.

— Hum — Alex apertou minha mão. — Não está muito de acordo com meus planos, mas não sou contra a ideia.

E lá estava aquele arrepio novamente.

— E que planos são esses? — perguntei enquanto caminhávamos quarteirão acima, até o apartamento de Alex. Ficava a apenas cinco minutos do metrô, porém, nesse calor, eram longos cinco minutos.

— Então, a banda foi convidada para tocar em um festival — ele disse, enfiando a mão dentro do bolso da calça super justa, tentando encontrar uma chave que não estava ali.

— É mesmo? Que maravilha! — assim que chegamos à porta, coloquei a mão no bolsinho de dentro da minha bolsa e lhe mostrei a chave reserva do prédio que estava comigo. Ele a pegou com um sorriso encantador.

Gostava tanto dele que a coisa ficava até meio enjoativa. Costumávamos ficar juntos todos os dias, e de repente eu deixava de ir vê-lo. Então, por qualquer motivo, sempre dava uma olhada nele e ficava completamente sem fôlego, como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Viu só? É por isso que preciso que venha morar aqui — Alex passou a mão ao redor da minha cintura e me puxou para mais um

beijo, ainda mais profundo, e entramos de lado e meio cambaleantes no prédio. Minha pele ficou arrepiada pelo choque entre o calor e o ambiente gelado pelo ar-condicionado.

— Ou você poderia simplesmente se lembrar de pegar a chave — murmurei, afastando-me com os lábios sensíveis. Preciso comprar um protetor labial com FPS mais alto. — Fale desse festival.

— Diga que sentiu minha falta durante o fim de semana — ele sussurrou, passando o dedo sobre meu lábio inferior.

Parei por um segundo e encarei meus chinelos. Eram momentos como esse que me faziam sentir uma completa idiota por não voltar correndo para Manhattan, jogar todas as minhas coisas em uma mala e voltar até o apartamento no Brooklyn em um piscar de olhos.

— Claro que senti sua falta — tirei a chave da mão dele e abri a porta do apartamento. — E você, ficou chorando todas as noites até conseguir dormir?

— Choro todas as noites em que não está aqui — ele fez um beicinho e foi até a geladeira, de onde tirou duas cervejas geladas. — Acontece que, como não vem morar comigo, tive que dar um jeito nisso.

Larguei a bolsa em um dos sofás velhos (melhores do que o chão) e peguei a cerveja. Esse era o momento perfeito para termos A Conversa. Ou seja, para dizer que eu queria muito morar com ele embora estivesse morrendo de medo. Entretanto, não falei nada.

Alex foi para o quarto e não o segui. Em vez disso, olhei para o apartamento ao meu redor. A pequena cozinha conjugada, cheia de caixas de comida e canecas vazias de café. Dois sofás imensos e fofos estavam posicionados na direção das enormes janelas, que iam do chão ao teto e mostravam toda a Manhattan diante de nós, cintilante sob o sol. Daqui, não parecia calorenta, irritadiça nem opressiva. Era linda. E caso ficasse entediada com a vista de New York, se é que isso era possível, sempre havia a gigantesca TV de tela plana no canto da sala, ajustada para gravar meus programas favoritos.

Será que estava sendo totalmente ridícula? Qual a pior coisa que poderia acontecer? Eu me mudaria para cá, haveria menos caixas na cozinha, mais embalagens no banheiro. Iríamos juntos para a cama

todas as noites, acordaríamos juntos todas as manhãs, sairíamos, voltaríamos para casa, assistiríamos TV, cozinharíamos, faríamos as compras, limparíamos, resmungaríamos, reclamaríamos, faríamos menos sexo, pararíamos de conversar, começaríamos a trair e acabaríamos odiando um ao outro.

Uau. Sentei no sofá ao lado da minha bolsa. Essa era realmente uma reação instintiva muito saudável à ideia de morar junto com o meu adorável namorado.

— Então, o festival... — gritou Alex do quarto. — É muito legal, já tocamos nele uma vez, e agora pediram que voltássemos e nosso nome vai estar entre os primeiros.

— Que maravilha! — exclamei, tentando tirar aqueles pensamentos horríveis da minha cabeça idiota. — E aí, quando vai ser? No próximo verão?

— Hum, não, é no próximo fim de semana — ele apareceu na porta. — É, não é tão maravilhoso assim. Outra banda desistiu e éramos os próximos da lista.

— Mesmo assim — distraí-me com os bíceps que saltavam da camiseta enquanto ele se alongava segurando no batente. — Melhor que nada. É na cidade?

— Pois é, tem isso — ele largou a porta e veio até o sofá. — É em Paris. França.

— Paris, França? — fiquei surpresa.

— Paris, França — Alex confirmou.

— Existe outra Paris?

— Paris, Texas?

— Tudo bem, espertalhão — esfreguei a testa. — Quer dizer que vai para Paris no próximo fim de semana? — pelo menos isso me daria mais umas duas semanas para tentar resolver essa loucura de mudança.

— Nós vamos para Paris no próximo fim de semana — ele corrigiu. — Você vem, não é? Acho que não posso deixá-la sozinha na cidade depois do que aconteceu em Los Angeles.

— Não aconteceu nada em Los Angeles — dei um tapinha na coxa dele. Por mais que ele fizesse piadas sobre a minha lamentável viagem de trabalho para lá, eu ainda não tinha superado tudo. Por mais divertida que possa parecer uma viagem com todas as despesas pagas para Hollywood para entrevistar um ator britânico lindo e gay que tentou me convencer a ser seu disfarce oficial, quase perdi meu emprego, meu visto e o Alex. Então, achava completamente compreensível que ainda estivesse um pouco chateada.

— Tudo bem, tudo bem — Alex segurou minha mão para interromper o ataque. — Ei, que tal ver isso como uma viagem romântica para Paris? Nunca viajamos juntos.

— Verdade — concordei, deixando-o entrelaçar seus dedos aos meus.

— E eu sempre quis ir a Paris.

— E por quê nunca foi? — perguntou ele, parecendo surpreso. Balancei a cabeça. — É tão perto da Inglaterra.

— Perdi a viagem das escoteiras depois que caí em uma fenda na viagem de campo de geografia — admiti. — Não foi meu momento mais glorioso.

— Não sei o que é uma fenda, mas parece o tipo de coisa que você faria — ele me beijou de leve nos lábios. — Sabe que eu a amo, por mais que seja uma zona de desastre ambulante, não é?

— Obrigada — nem dava para ficar ofendida, pois ele estava falando a verdade. Já tinha me acontecido de quebrar dois espelhos em uma semana. — Essa viagem não vai ser super cara? Ainda estou quebrada por causa de Los Angeles.

“Quebrada, mas muito bem vestida”, pensei. “Só não hoje.”

— Você não precisa se preocupar com nada — Alex começou a fazer uma trancinha com uma mecha do meu cabelo. — Não a convidaria para vir comigo se tivesse que pagar alguma coisa.

— Mas eu faço questão — franzi a testa. — Não quero que tenha que arcar com tudo sozinho. Sabe que não sou esse tipo de garota.

— Achei que toda garota fosse do tipo “vou deixar meu namorado me levar para Paris no fim de semana” — disse Alex, puxando meu

cabelo. — Ou será que é uma desculpa para fugir da viagem do mesmo jeito que está fugindo de vir morar comigo?

— Não estou fugindo de nada — puxei a mecha da mão dele. — Quero muito ir para Paris com você, só não quero que tenha que pagar para que eu vá. Vou dar um jeito. E se é no próximo fim de semana, vamos estar lá no seu aniversário. O grandioso 3.0.

O trigésimo aniversário de Alex tinha surgido no horizonte havia meses e, por mais que ele fingisse que estava tranquilo, o discurso oficial era que eu não podia “fazer muito alvoroço por pouca coisa”, o que havia traduzido da língua dos meninos como “se eu não der importância, não vai acontecer”. Típica lógica masculina que pode ser aplicada a muitas, muitas coisas que eles fazem.

— Sim, bem, quem não gostaria de passar o aniversário em Paris? — ele deu de ombros. — A gravadora quer que toquemos em alguns outros lugares, o festival é no domingo, mas vou deixar a noite de sexta-feira livre para podermos jantar ou algo assim. O que poderíamos fazer em New York que não poderemos fazer tão bem quanto em Paris? Ou ainda melhor?

Ele me beijou de leve nos lábios e esperou uma resposta. Que estratégia suja, ele sabia que eu não ficava na minha total capacidade mental quando havia beijos envolvidos.

— Não sei, já falei, nunca estive em Paris — consegui dizer entre beijos. — Quando viajamos?

— Segunda?

Soltando as mãos dele do meu cabelo, afastei-me um pouco para tentar lembrar que dia era. Esse era o problema de trabalhar em casa, eu não tinha a menor noção de tempo.

— Hoje é terça-feira, tenho muita coisa para organizar no trabalho e no apartamento e, sério, Alex, são só seis dias.

— Você me deixa excitado quando fica tão esperta — ele continuou me beijando, seguindo até o meu pescoço e me empurrando para trás, sobre o sofá. — Não precisa entrar em pânico, Angela. Você faz uma mala, diz para o pessoal do trabalho que vai blogar de Paris durante uma semana, deixa a Vanessa no apartamento e vamos para Paris. E se vai ficar toda feminista sobre

eu estar pagando a viagem, vamos combinar que esse é meu presente de aniversário. Puxa vida, quantas vezes vou ter que lhe pedir para parar de pensar demais sobre tudo?

— Mais uma vez, pelo menos — respondi, desistindo. Passei os braços ao redor do pescoço dele e me ajeitei no sofá enquanto a mão dele deslizava pela minha coxa, sob o algodão fino da minha túnica. — Então, você disse que sentiu minha falta nesse fim de semana?

Senti a respiração dele no meu ouvido, e um tipo bem diferente de arrepio percorreu meu corpo.

— Nem imagina quanto — comentou Alex.



CAPÍTULO 2

— Que barulho é esse? — resmungou Alex sob as cobertas.

— Meu telefone — saltei da cama na manhã seguinte e corri até a sala, xingando e seguindo os bipes. — Volte a dormir — enfiei um braço no monte escuro, que torci para que fosse o sofá, até sentir o celular vibrando.

— Quê? — respondi eloquentemente.

— Oi, Angela?

— Nhu? — gemi, esfregando os olhos sonolentos. Afinal, que horas eram?

— Angela, é a Cici. Do trabalho. Ainda estava na cama, dorminhoca?

Não há dúvida de que fiquei surpresa. Se tivesse que nomear alguém para ser meu castigo em New York, seria Cici. Ela era assistente da minha chefe na *The Look*, alta, magra, rica, desesperadamente na moda e, Deus me ajude, ela podia me odiar com toda a força, mas pelo menos eu podia contar com a consistência de sua postura. Até hoje. Droga.

— Hum, eu estava no banho — menti sem motivo. Afastei o aparelho do ouvido. De acordo com o relógio da mesinha de cabeceira, eram 8h30. Não havia nenhum motivo imaginável para que eu não estivesse na cama. Havia? Será que havia esquecido alguma coisa? — Qual o problema, Cici?

— Problema nenhum — ela riu. Riu de verdade. — A Mary me pediu que ligasse para ver se você poderia encontrá-la para uma reunião e um almoço. Bem, não exatamente uma reunião, mais um bate-papo. Ao meio-dia? No Pastis?

Quase derrubei o telefone. Mary Stein, minha editora na Spencer Media, nunca tinha nem mesmo me acompanhado até a porta do

escritório, quanto mais me levado para almoçar.

— Sim? — era tanto uma pergunta quanto uma confirmação.

— Perfeito — riu Cici. De novo. — Ah, a Mary também me pediu que lhe avisasse que o sr. Spencer, da Spencer Media, vai estar junto. Portanto, e quero que saiba que digo isso com todo o amor: vista-se bem. Sabe, não use o que normalmente veste para vir aqui. Ou qualquer coisa que tenha vestido aqui. Vai ser chique.

E lá estava a Cici que todos conhecemos e amamos. Antes que pudesse suspirar, ela tinha desligado. Sentada só de calcinha no chão gelado, olhei pela janela para a cidade diante de mim. Almoçar com o sr. Spencer da Spencer Media? O que isso poderia significar? Com certeza era algo bom, não podia ser ruim.

“Ruim é o meu estado”, pensei, espiando meu reflexo na janela enquanto me levantava. Eu não podia aparecer no Pastis usando uma túnica e chinelos com o cabelo pós-sexo. Cabelo natural era uma coisa linda na teoria, mas, na realidade, parecia que eu não tinha tomado banho.

— Tenho alguma roupa aqui? — perguntei para um Alex muito sonolento, enquanto ficava agachada no chão para procurar um vestido perdido ou uma camisa esquecida debaixo da cama.

— Tenho quase certeza de que você chegou aqui de roupa — ele murmurou, tapando os olhos com os braços. — Sei que perde coisas o tempo todo, mas não é possível que tenha conseguido perder as suas roupas em um apartamento de um quarto, de um dia para o outro.

— Você é hilário — puxei o vestido de alças, um pouco pior depois do uso, debaixo do montinho formado pela camiseta e a calça jeans de Alex. — Ligaram do trabalho, tenho que encontrar a Mary para uma reunião no Pastis na hora do almoço. Tenho que ir para casa me trocar.

— Se morasse aqui, não seria preciso — ele respondeu sem se mexer.

— Tem razão — concordei, colocando o vestido. Apoiada na cama, dei um beijinho nele e um tapinha na cabeça. — Ligo mais tarde.

— Sim, sim — ele sorriu ainda com os olhos verdes fechados. — Sei que só o que você quer de mim é sexo. Sua inglesa insensível, destruidora de corações.

Parei na porta, calçando os chinelos, e observei enquanto ele se movia sob o lençol fino da cama. Eu estava sendo boba. Imagine como seria acordar ao lado desses cabelos escuros todas as manhãs. Imagine como seria bom não ter que ir até Manhattan para usar um xampu decente, algum tipo de condicionador, e encontrar alguma coisa para vestir. Como os homens conseguem ter o cabelo tão macio sem usar condicionador? Será que a indústria de cosméticos estava nos enganando? Balancei a cabeça e tentei me concentrar. Agora não era hora de me preocupar com a eficácia do xampu.

— Vai sair logo ou vai ficar parada aí me assustando o dia todo? — perguntou Alex debaixo das cobertas, fazendo-me pular.

— Já estou indo — respondi, pegando a bolsa do sofá. — Fui.

— Passo na sua casa à noite? Para falarmos de Paris? — ele perguntou.

— Hoje à noite — concordei, fechando a porta.

Banho e Pastis primeiro. Alex e Paris depois.

Preparar-me para o almoço teria sido bem mais fácil se não tivesse começado a criar mil cenários aterrorizantes na cabeça a caminho de casa, durante o banho, ao vestir cada peça de roupa e enquanto colocava o pouquinho de maquiagem que não derreteria no trajeto até o Pastis. Chamei um táxi amarelo na frente do prédio usando meu vestido amarelo Phillip Lim e sandálias de tiras douradas comprados em Los Angeles, tentando não pensar em todas as razões pelas quais o sr. Spencer queria me ver. Talvez ele só quisesse conhecer a garota que entrevistou e tirou do armário James Jacobs. Muita gente queria. Principalmente mulheres, jovens e velhas, que queriam me olhar bem, bem feio, e me fazer perguntas incrivelmente inapropriadas sobre o namorado dele.

Ou talvez ele fosse um fã do meu blog. Meu relativamente aleatório blog da garota-britânica-morando-em-New-York-falando-sobre-sua-vida. Sim, com certeza era o tipo de assunto que deveria interessar um magnata da mídia de 60 e tantos anos. Ou talvez ele

tivesse adorado a resenha do disco da Shakira que eu acabara de enviar? Ou talvez adorasse a Shakira e não tenha gostado da crítica? Com certeza não, pois eu tinha sido super delicada. Não, havia tantas possibilidades que não dava nem para tentar adivinhar.

Rezei durante todo o caminho para que Cici tivesse reservado para nós uma mesa dentro do restaurante, perto de um belo ar-condicionado, e não uma das mesinhas para ver-e-ser-visto do lado de fora, com vista para os paralelepípedos do Meatpacking District. Porém, quando o táxi virou a esquina, pude ver o cabelo curto e grisalho de Mary sentada diante de uma cabeça branquinha igualmente autoritária. Eu não só tinha sido a última a chegar, como também estava destinada a suar como um porco. Fantástico. Tentei sair do carro de uma forma elegante e falhei completamente, cambaleei para a frente, prendendo a parte dianteira da sandália nos paralelepípedos. Consegui me equilibrar no último minuto, fiquei de pé, ajeitei a saia e acenei para Mary. Não era possível ver nada por trás dos enormes óculos escuros dela, mas eu tinha quase certeza de que o sorriso que me abriu não tinha chegado até os olhos.

— Angela Clark, este é Robert Spencer — ela disse, levantando-se da cadeira enquanto eu mancava ao redor da mesa.

O sr. Spencer estendeu a mão e me cumprimentou com muita, muita força. Ai.

— Bem, olá, Angela — ele saudou, fazendo um gesto para que eu me sentasse ao lado de Mary. — Devo admitir, já faz algum tempo que venho querendo conhecê-la. E, por favor, pode me chamar de Bob.

Olhei de lado para Mary rapidamente, mas ela estava ocupada demais cuspidando a água de volta no copo para responder.

— Obrigada, hum, Bob — respondi, colocando a bolsa entre as pernas, por baixo da mesa. — É um grande prazer conhecê-lo. Um verdadeiro privilégio. Uma honra, com certeza — Mary me deu um chute por baixo da mesa antes que eu pudesse continuar. Ainda bem.

— De jeito nenhum — ele disse suavemente, fazendo sinal com a cabeça para que o garçom que estava atrás dele servisse três

grandes taças de vinho branco. — Eu gosto de conhecer as estrelas em ascensão da Spencer Media.

Ele ergueu a taça.

— A você, Angela.

— Obrigada — tentei não pensar no que poderia acontecer se eu começasse a beber vinho com o estômago completamente vazio e em pânico tomei um golinho.

— Então, o sr. Spencer queria conhecê-la e falar sobre algumas novas oportunidades — comentou Mary, fechando o cardápio, com o qual evidentemente ela estava familiarizada. — Coisas que você pode fazer além do blog, além da *The Look*.

— É mesmo? — perguntei, encarando as lentes opacas dos óculos escuros dela. Será que estava falando sério?

— Senhoritas — o sr. Spencer abriu o próprio cardápio e o colocou diante de si. — Será que podemos pelo menos fazer o pedido antes de falarmos de negócios?

— É claro, Bob — Mary sorriu estranhamente e tomou um gole de vinho. Era tão estranho. Nunca a tinha visto fora do escritório e ela não parecia nem um pouco confortável. Na verdade, nada nesse cenário parecia confortável. Estava começando a sentir como se estivesse jantando com meu pai e minha mãe bem no meio de uma grande briga deles. E ninguém que já tenha discutido com a minha mãe iria querer uma coisa dessas.

— Já estive no Pastis antes, Angela? — quis saber Bob.

Balancei a cabeça e bebi um gole de vinho. Tinha a sensação de que seria melhor evitar falar sempre que possível.

— Bem, eu recomendaria as vieiras para começar e, depois, talvez a pasta puttanesca? — Bob fechou o cardápio.

— Sabia que pasta puttanesca significa massa das prostitutas? — comentei casualmente.

Mary tossiu na taça de vinho.

— Quer dizer, é o que as prostitutas faziam depois de, bom, trabalharem — olhei de Mary para Bob e de volta para Mary. É. Deveria ter continuado com o plano de não falar nada.

— Talvez o moules frites — sugeriu Bob em voz baixa.

Antes que eu pudesse concordar, o celular de alguém começou a tocar. Bob empurrou a cadeira para trás e tirou um telefoninho do bolso do paletó.

— Sinto muito, senhoritas, é o meu. Com sua licença?

— É claro, Bob — disse Mary novamente, dessa vez entre dentes cerrados, enquanto o sr. Spencer se afastava da mesa.

— Como é que ele pode estar de terno? — perguntei, virando-me para trás para vê-lo caminhar até a rua. Minha cabeça girou quando voltei a olhar para a frente. — Está tão quente.

— Se fosse você, não beberia tão rápido, Angela — aconselhou Mary, servindo-me um copo de água. — Este não é um almoço social.

— Droga. Eu queria muito, muito que fosse — relutantemente, troquei minha taça, uau, quase vazia, por um copo de água. — Então, o que é?

— É uma encheção de saco, isso sim — Mary bebeu o vinho até o fim e respondeu a minha sobrancelha erguida com um olhar bem peculiar. — Eu sei beber, não se preocupe. Isto aqui, Angela, é uma “Grande Coisa para Você”. Aparentemente, uma das netas de Bob é a sua “maior fã” e ela acha que você deveria estar fazendo mais, sei lá, “jornalismo de verdade”, para outras revistas de Spencer, como a *Icon* ou a *Belle*.

— Jornalismo de verdade? — não tinha gostado da quantidade de vezes que ela fizera aspas com os dedos durante a última frase. — Querem que eu escreva para uma revista de moda?

— Aparentemente, sim. Não sei exatamente o quê, portanto não me pergunte — ela serviu um pouco mais de vinho na própria taça. — Só estou aqui porque fiquei sabendo dessa história pela Cici e liguei para o Bob para descobrir o que estava acontecendo.

— Espere um momento, como a Cici ficou sabendo? — agora estava realmente confusa.

— Cici Spencer. Ela é uma das netas de Bob — revelou Mary.

Fiquei sóbria imediatamente.

— Claro que é.

— Você não acha que a contratei pelos lindos olhos, não é? — Mary me lançou um olhar compreensivo. — Bob e eu somos velhos amigos.

Tive que fazer toda a força possível para não erguer a sobrancelha. Velhos amigos. Safadinha.

— Mas a Cici me odeia — falei, trocando minha água pelo vinho. Definitivamente, agora era hora de vinho. Entretanto, se queria continuar tendo controle das minhas expressões faciais e da minha boca, era melhor não tomar um porre. — Por que ela diria ao avô para me dar mais serviço?

— A Cici não a odeia — disse Mary, completando novamente meu copo de água. — Ela tem ciúmes de você. Sabe que só é minha assistente porque é neta de Spencer. Vem tentando ser repórter desde que terminou a faculdade, mas até o Bob sabe que ela não escreve droga nenhuma.

— Ah. Nossa. Que chato — comentei.

— Não comece a se sentir mal por ela, Angela, ela é uma vaca. E se livraria de você em um segundo se tivesse a oportunidade de roubar o seu emprego.

— É justo — falei, deixando para lá qualquer possível simpatia pela Cici que estivesse nascendo. — E por que ela me recomendou para outros projetos?

— Fico torcendo para que ela perca o interesse e viva da fortuna, como a irmã, mas aquela garota não desiste — Mary acenou com a cabeça para Bob, que estava voltando para a mesa. — Eu ficaria impressionada com a tenacidade dela se estivesse trabalhando para qualquer outra pessoa e não para mim. E não seja boba. Não foi ela, foi a prima.

Bob sentou-se à minha frente e logo as entradas chegaram. A comida parecia deliciosa, só que eu já nem estava mais com fome.

— Minhas desculpas, senhoritas, pedi a minha secretária que puxasse as chamadas pelas próximas duas horas, então agora sou todo de vocês — ele declarou com outro sorriso cintilante.

— Que alívio — respondeu Mary, pegando uma vieira.

Olhei com nervosismo de um para o outro, o sorriso benevolente de Bob contrastando com a expressão evidentemente irritada de Mary, e peguei o vinho. Dane-se.

— Deixe-me servi-la — adiantou-se Mary, tirando a garrafa da minha mão e servindo um golinho de vinho no fundo da minha taça.

É, isso não seria nada estranho.

— Não sei se você sabe, Angela, mas uma das minhas netas é uma grande fã sua — Bob finalmente decidiu falar de negócios quando serviram o café. Depois que Mary tinha negado a sobremesa por nós duas. Droga!

Assoprei o café e sorri com nervosismo. Ainda estava muito quente para bebê-lo; porém, essa não era uma situação adequada para uma Coca Diet.

— É mesmo? Não sabia — menti, tentando parecer convincente.

— Ah, sim. E a Mary fala muito, muito bem do seu texto — revelou o sr. Spencer.

— Sério? — nem precisei fingir surpresa dessa vez. — Você fala?

— Sim — respondeu Mary emburrada. — O seu blog é muito bom.

— E a entrevista que fez para a *Icon*, eu li aquela, Angela. Muito boa. Você tem um estilo muito divertido, muito original — Bob pousou a xícara de café. — Fui informado pela Mary que, no momento, trabalha para nós apenas parte do tempo. Como freelancer?

— Bem, eu não trabalho no escritório — expliquei, tentando ler a expressão no rosto de Mary, que ela escondia muito bem por trás dos cabelos. — Mas meu contrato exige que escreva para o blog da *Look*, então...

— Ela é nossa, Bob; portanto, pode chegar aonde pretende — interrompeu Mary. — Vai tirá-la de mim, é isso?

— De jeito nenhum — ele balançou a cabeça e cobriu uma das mãos dela com a sua. — Você sabe que jamais a prejudicaria. Por outro lado, imagino que Angela gostaria de ampliar seus horizontes um pouco. Ter uma experiência maior da Spencer Media. Tem interesse, Angela?

Mordi o lábio e concordei. Tive medo de que, se fizesse algum barulho, Mary atirasse seu expresso na minha cara. Podia não ter muito café naquela xicarazinha, mas parecia bem quente.

— Fantástico, e talvez possa conhecer a equipe da *Belle* na próxima semana — sugeriu Bob. — Pense em algumas ideias para trazer para a reunião. Sei que a Emília está doida para conhecê-la.

Mary e eu nos engasgamos com os nossos cafés simultaneamente. Emília Kitt, a editora da revista *Belle*, a publicação mensal sobre moda da Spencer Media, era notoriamente conhecida por não querer conhecer ninguém. Ninguém mesmo. Estive no prédio há algumas semanas para uma reunião com a Mary e vi a Angelina Jolie esperando no saguão. E ela continuava lá, esperando, quando eu saí. Aguardando Emília.

— Isso vai soar meio idiota, mas na semana que vem estarei em Paris — falei sem saber se estava cometendo um erro imenso. — A partir de segunda-feira. Por uma semana.

— Você vai? Desde quando? — perguntou Mary.

— Fiquei sabendo ontem — virei-me para lançar a ela minha melhor cara de “socorro”. A expressão de Bob não mudara muito durante todo o almoço, por isso eu não fazia ideia do que ele estava pensando. — É o aniversário de 30 anos do meu namorado.

Ninguém pareceu muito impressionado.

— Ele toca em uma banda e pediram que eles se apresentassem em um festival em Paris.

Ainda não estavam impressionados. E agora Bob me encarava como se eu fosse uma tiete.

— E pensei que seria algo legal para o blog. O número de visitantes não aumentou quando estive em Los Angeles?

— Sim, mas você estava estampada em todas as páginas de fofocas quando estive lá — Mary lembrou-me desnecessariamente. — Está planejando fazer papel de boba internacionalmente em Paris?

— Não estava planejando nada quando fui para lá, então, como saber? — defendi-me pateticamente.

— Acho que isso é ótimo — disse Bob finalmente, quebrando o silêncio gelado que surgira entre Mary e eu. — Emília está planejando uma edição europeia da revista em dois meses. Talvez você possa fazer um guia de Paris para a *Belle* dos pontos turísticos e mostrar outros mais exclusivos?

— Pode ser — concordei lentamente.

— Então venha conhecer o pessoal da *Belle* amanhã — Bob levantou-se da mesa subitamente. — Vou pedir que a assistente de Emília ligue para você ainda hoje, Angela.

Mary levantou-se tão depressa quanto ele e, sem saber o que fazer, imitei os dois e aceitei os dramáticos beijinhos de Bob.

— Foi um prazer conhecê-la, Angela; e Mary, sempre um prazer — ele sorriu e caminhou até um longo carro preto que tinha acabado de surgir ao lado do restaurante. Mary afundou na cadeira e esvaziou a taça de vinho.

— O pão-duro filho da mãe nem pagou a conta — Mary balançou a cabeça e tirou uma grande carteira de dentro de sua imensa bolsa. — Bem, espero que esteja feliz, Angela Clark.

— Não deveria estar? — perguntei, tentando entender o que tinha acabado de acontecer. E se Mary ainda estava ou não tendo um caso com Bob. Porque, definitivamente, em algum momento ela teve.

— Escrever para a revista *Belle* não vai ser a mesma coisa que escrever um blog para mim — ela chamou o garçom e entregou-lhe um cartão American Express preto. — Você vai precisar saber exatamente o que estará fazendo.

— Mas eu posso fazer isso, o guia de viagem para Paris — falei. — Vai ficar tudo bem. Não vai?

— Sabe que gosto de você, Angela — disse Mary, deixando sua assinatura rebuscada na nota do cartão de crédito. — Mas, se fizer besteira desta vez, não poderei ajudá-la. As garotas da *Belle* não são como as da *The Look* ou da *Icon*.

— Mas elas querem que eu escreva o guia, não querem? — as palavras dela não tinham sido muito promissoras. — Quero dizer, foi ideia delas?

— Foi ideia do Bob — corrigiu Mary, — Pior, foi da neta do Bob. Então, antes de entrar naquele escritório, fique sabendo que as garotas da *Belle* fazem a Cici parecer um Lulu da Pomerânia. Cada uma já destruiu a carreira de alguma outra pessoa, ou dormiu com pelo menos três caras casados para estar ali.

— Parecem ser gente fina.

— Acho que não estou conseguindo explicar bem que tipo de vacas elas são — Mary colocou a carteira de volta na bolsa. — Elas não vão adorar o fato de você estar chegando com um projeto em Paris sem ter sequer quebrado uma unha em uma Fashion Week. Não que alguma delas tenha quebrado uma unha na vida. A não ser que tenha sido para arrancar o olho de alguém.

— Ah, minha nossa — lamentei, respirando fundo. — Algum jeito de eu me livrar dessa?

— Não agora que Bob está envolvido — respondeu Mary, pondo-se de pé novamente. — Veja, não quero ser cínica demais, isso pode ser uma ótima oportunidade para você. Mas mantenha os olhos abertos, sim? E é bom procurar um cabeleireiro antes da reunião.

“Bem”, pensei, tocando a ponta dos cabelos, conferindo as pontas duplas e suspirando, “pelo menos será divertido em Paris”.



CAPÍTULO 3

Três horas mais tarde, depois de um corte de cabelo agendado às pressas e vários baldes de chá gelado, encontrei a última réstia de sombra do Central Park e estava na metade da leitura do Rough Guide de Paris, com os guias Lonely Planet e Wallpaper já bem manuseados ao meu lado. Anotei vários e vários endereços no meu caderno, mas, por algum motivo, minha mente sempre acabava devaneando para uma imagem minha e do Alex caminhando às margens do Sena; ele usando uma camiseta polo preta, segurando um cigarro, e eu com um lindo vestido listrado e uma boina. Às vezes, estava segurando uma baguete. Em outras, eu nos colocava no alto da Torre Eiffel. Era tudo bem Tom e Katie. Só que menos esquisito.

Um barulhinho irritante me afastou das minhas fantasias. Sondei ao redor, mas, por algum motivo, todo mundo estava olhando para mim. Levei alguns segundos para perceber que era o meu telefone que estava tocando, e mais alguns com as bochechas vermelhas até encontrá-lo no fundo da bolsa.

— Alô? — atendi finalmente.

— É a Angela Clark? Aqui é a Esme, da revista *Belle*. Você tem uma reunião com a Donna Gregory amanhã, às 9h. Por favor, esteja na recepção da *Belle* às 8h45.

— Hum, tudo bem — a Esme, da revista *Belle*, era bem direta. — A Emília estará na reunião?

— Desculpe? — a Esme, da revista *Belle*, parecia confusa.

— Emília. Bob, o sr. Spencer, disse que ela queria muito me conhecer — expliquei, sentindo que estava sendo um pouco idiota.

— Ah. Não — a Esme, da revista *Belle* confirmou que eu era, definitivamente, uma idiota. — Precisa do endereço do escritório?

— Não, eu trabalho na *The Look*, então...

— Que gracinha. Então, nos vemos às 8h45 — disse Esme, da revista *Belle*. E desligou.

Deitei-me na grama e olhei para o sol. Tinha que pensar um pouco nisso tudo. Escrever no meu blog era ótimo, mas escrever para a *Belle*? Poderia ser simplesmente incrível... Todo mundo lia a *Belle*, era uma revista global, famosíssima. E com certeza Mary só estava tendo um chique porque ficou brava por Bob ter passado por cima dela. Fazia sentido, ela não gostava que os jornalistas dela fossem levados para revistas maiores. Ela era a editora do site TheLook.com. Com a *Belle*, estávamos falando das páginas impressas da maior revista mensal de moda do mundo. Tinha muita coisa em jogo aqui para eu ficar me preocupando em ofender o ego da Mary; desse jeito, não chegaria a lugar nenhum. Ela tinha me oferecido o mundo em uma bandeja de prata quando publiquei a entrevista do James Jacobs, mas até agora só o que tinha visto era a bandeja, e nem de prata ela era. Onde estava minha coluna mensal na *The Look*? Ainda “em análise”. Essa era uma oportunidade que eu não podia perder.

Meu telefone ainda estava quente na minha mão, após a rápida conversa com a Esme, quando senti que vibrou novamente.

Já cortou o cabelo? Estava um lixo na semana passada xoxo

Claro que era a Jenny. Dei uma olhada no relógio para calcular a diferença de horário entre Los Angeles e New York: 5 da tarde aqui, 2 da tarde lá. Se a conheço bem, ela acabou de acordar. Minha melhor amiga e primeira companheira de quarto em New York, Jenny Lopez, tinha passado os últimos cinco meses em Los Angeles e, a julgar pelas centenas de fotos que ela enviava, até que estava se divertindo. Se é que se pode considerar que ir para a balada com popstars, passear com galãs e “trabalhar” fazendo compras todos os dias com o cartão de crédito de outra pessoa seja diversão. E tenho quase certeza de que ela considerava. E ainda que fosse muito mais tranquilo fazer as minhas coisas sem o Furacão Jenny no apartamento, eu sentia muita falta dela. Mesmo com o fluxo contínuo de mensagens, e-mails, telefonemas e, desde que ela comprara um laptop novo havia dois meses, conversas via vídeo, New York às vezes parecia muito vazia sem ela. E as maratonas de *America's Next Top Model* não eram a mesma coisa sem minha amiga gritando

“Sorria com os olhos, gata!” a plenos pulmões. Era bom saber que podia contar com ela para sempre se preocupar com as coisas importantes. De bruços, digitei rapidamente uma resposta.

Sim. Adivinha? Vou para Paris com o Alex na semana que vem!

Enquanto esperava pela resposta, dei uma conferida para ver se minha saia ainda estava cobrindo a calcinha. Ser uma mocinha de família não era nada fácil quando se usava saias que mal cobriam o bumbum.

Legal. É... Paris? Sério? Uma viagem do tipo oba-vamos-morar-juntos?

Fiz uma pausa para prender meu cabelo recém-cortado. A eliminação das pontas duplas tinha sido ótima, mas estava quente demais para deixá-lo esfregando na minha nuca.

Só uma viagem. Até depois <3

Como havia conseguido encontrar uma posição razoavelmente confortável, que escondia razoavelmente minha calcinha e que, pelo menos por enquanto, estava na sombra, procurei na lista de contatos por outra pessoa com quem pudesse falar, para não ter que me mexer.

Oi, Lou, ainda está acordada? A <3

Antes que pudesse enviar outra mensagem, o telefone começou a vibrar de novo e o nome de Louisa apareceu na tela.

— Oi! — atendi alegre. — Como você está? O que está fazendo?

— Oi! — respondeu Louisa em meio aos ruídos da ligação. — Estava na internet. Tentando contratar um bufê para nosso aniversário de casamento.

Louisa tinha sido minha melhor amiga desde sempre, porém não a via desde que tinha acidentalmente arruinado sua festa de casamento. Não tinha sido minha intenção quebrar a mão do noivo, mas eu estava meio chateada por ter encontrado o meu ex se esfregando com uma vadia no banco traseiro do nosso Range Rover. Obviamente, juntei minhas tralhas e voei para New York no dia seguinte. Quem não teria feito a mesma coisa?

— Ah, meu Deus, já se passou um ano? — nem podia acreditar. Tanta coisa tinha acontecido. — Foi tão rápido.

— Já se passou um ano — confirmou Louisa. — Acha que está pronta para repetir o espetáculo?

— Creio que ainda não. Você vai fazer uma festa?

— Hum, sim. O Tim achou... — ela parecia estar escolhendo as palavras com todo o cuidado. — ... que seria legal fazer alguma coisinha, considerando a... confusão do ano passado.

— Certo — pressionei os lábios em uma linha fina. — Bom, pode dizer a ele que não se preocupe comigo. Vou estar em Paris.

— Vai a Paris? — gritou Lou. — Mas é tão perto! Então tem que vir à festa.

Segurei o celular um pouco longe da orelha.

— Ah, eu adoraria — estava mentindo bastante hoje, — mas o Alex vai tocar em um festival e eu vou fazer uma matéria para a *Belle*; portanto, não sei se poderei sair da cidade.

— É mesmo? A *Belle*? Uau! — Louisa fez um ruído como se estivesse miando, o que preferi ignorar. — Você não pode viajar para tão perto e não nos visitar. O que a sua mãe disse?

— Ela não falou nada, porque ainda não contei nada a ela — respondi depressa. — E não tenho certeza de que vou dizer, então, por favor, não diga nada a ela caso a encontre.

— Ah, Angela — podia sentir o sermão chegando. — Sei que a sua mãe é meio difícil, mas ela sente a sua falta.

— Apelar para a mãe não é uma boa forma de me fazer viajar até aí. Você, mais que todos, deveria saber disso — alertei. — Além do mais, desde que ela e o meu pai fizeram aquele cursinho de internet, não consigo me livrar deles. Sabia que eles usam o Skype?

— Fiquei sabendo — comentou Louisa. — Ela vive falando a respeito com a minha mãe, no mercado. Quer dizer que Alex vai tocar em um festival. Nem acredito que você namora um astro do rock. Como é? Ele já escreveu alguma música sobre você?

— Ele não é um astro do rock — era minha resposta-padrão. — É só o Alex.

Senti que estava corando dos pés à cabeça. Não era verdade. Eu adorava o fato de Alex tocar em uma banda. E também poder vê-lo no palco, suado, cantando as músicas que tinha escrito para mim. Gostava de ver uma casa de shows cheia de hipsters moderninhos e garotas com olhar inocente, tatuagens irônicas e vestidos vintage admirando-o enquanto ele fazia algo que amava, algo que lhe fazia maravilhosamente bem. No dia a dia, entretanto, ele não era um astro do rock. Era o cara que comprava chá para deixar em seu apartamento sem que eu pedisse, apesar de odiar chá; que gravava os episódios de *Gossip Girl* para mim, inclusive as reprises; e que, quando escrevia uma música nova, sentava de pernas cruzadas no chão da sala com o violão, com a franja caída diante dos olhos, a língua no cantinho da boca e uma latinha de Dr. Pepper Diet ao lado. O cotidiano não era muito rock and roll, mas era maravilhoso.

— Sei, sei — disse Louisa, não acreditando nem um pouco. — Você acha o máximo ele ser cantor.

— Bom, pode ser — não adiantava tentar mentir para a Lou. — Sabe, ele pediu que eu fosse morar com ele.

— Uau, é mesmo? Já? — minha amiga espantou-se.

— Não é tão precipitado assim, já o conheço há um ano — falei surpresa por encontrar alguém que não estava dando pulinhos de alegria enquanto fazia minhas malas.

— Mas as coisas não foram muito tranquilas, não é, querida? — comentou Louisa diplomaticamente. — Só não quero que você faça nada sem pensar bem. Não está se sentindo sozinha, está? Sempre pode voltar para cá. A qualquer momento. É só dizer e preparo seu quarto na hora.

— Louisa, calma, está tudo bem — ela era muito querida. — Estou bem e não estou me precipitando. É sério. Nem decidi ainda se vou morar com ele ou não.

— Eu me preocupo com você, só isso — respondeu Lou. — Enfim, se não puder vir até aqui, que tal se eu for até você? Terá alguma tarde livre, para almoçarmos juntas? Vai estar em Paris no sábado?

— Essa é uma excelente ideia — falei subitamente empolgada com a ideia de ver a Louisa sem que fosse em um casamento/festa

de casamento/aniversário de casamento/nada que tivesse a ver com casamento. — Eu adoraria.

— Fantástico! — Louisa deu outro gritinho. — Vamos ser bem cafonas e nos encontrar em frente à Torre Eiffel ou algo assim.

— Sim, tudo bem — sorri. Era o tipo de coisa que Jenny gostaria de fazer. Que Deus não permita jamais que as duas estejam no mesmo lugar, ao mesmo tempo. Pode ser que o universo exploda ou sei lá. — Nem acredito que já se passou um ano.

— Pois é — disse Louisa. — Acho que antes de você me abandonar, o máximo de tempo que tinha ficado sem vê-la foi quatro dias.

— Três dias, no máximo — fiquei surpresa ao perceber que, de repente, tinha ficado triste. Não tinha sentido saudade de casa desde que viera para New York. Não tive nem tempo para sentir saudade. — Mando uma mensagem assim que chegar a Paris. Amo você, Lou.

— Eu também, querida. Mal posso esperar para vê-la, e quem sabe você não leva junto esse seu não astro do rock para que eu possa aprová-lo?

Franzi os lábios.

— É, se ele não estiver ensaiando ou em outro compromisso, com certeza — era estranho eu não me sentir à vontade misturando minhas duas vidas? — Até depois.

Desliguei e sorri. Seria ótimo ver a Louisa. Seria ótimo ir a Paris. Seria ótimo escrever para a *Belle*. Seria ótimo viajar com o Alex. Sério, no fim das contas, essa com certeza não seria a pior quarta-feira do mundo.

Depois de mais uma hora relaxando no parque, o sol finalmente conseguiu invadir meu cantinho e me obrigou a me arrastar até em casa. Vanessa, minha companheira de quarto temporária, estava trabalhando no The Union e, portanto, o apartamento estava muito quieto e ridiculamente quente. Liguei o ar-condicionado no máximo e peguei um picolé no freezer antes de me sentar diante do laptop. O que as Aventuras de Angela trariam hoje? Fiz meu login no *TheLook.com* e cliquei nos links até chegar ao meu blog.

Quando começara a escrever, havia quase um ano, tinha achado muito difícil colocar meus pensamentos no, bom, não exatamente no papel, mas, de qualquer forma, era complicado escrever sobre o que estava acontecendo na minha vida e depois expor na internet para o mundo inteiro ler. Agora, considerava muito catártico. Escrever no blog tinha me ajudado a arejar os pensamentos e compreender melhor as coisas. Tinha aprendido o que podia ser publicado sem problemas e o que não podia, como relatar o que estava me acontecendo sem contar os segredos de ninguém. Como resultado, na maior parte do tempo, recebia comentários e e-mails legais — pelo menos ninguém tinha me perseguido na rua com tochas e forcados. Aparentemente, minha mãe tinha cansado de ler o blog fazia algum tempo. Graças a Deus. Comecei a digitar na caixa em branco.

As Aventuras de Angela: Ulalá!

Hoje foi um daqueles dias em que tudo acontece de uma só vez. Meu namorado me pediu para ir a Paris com ele na semana que vem, tive uma reunião de trabalho muito importante (que resultou em um novo projeto muito, muito legal), e combinei de me encontrar com a minha melhor amiga de Londres, além de ter cortado o cabelo. Foi um dia cheio.

Além do evento terrivelmente dramático que foi tirar 2 centímetros das pontas dos meus cabelos, o que acham de Paris? Sei que sou uma boba por não ter ido até lá antes, principalmente porque vivi em Londres durante cinco anos, mas oba, agora eu vou! E, suspiros, com meu namorado. E essa é a melhor forma de ir a Paris, não é? Faremos passeios românticos às margens do Sena, ficaremos de mãos dadas diante da Notre-Dame, assistiremos ao pôr do sol do alto da Torre Eiffel. Só estou um pouco preocupada com o que vou vestir — minha experiência de Paris se resume a Cinderela em Paris, Os Homens Preferem as loiras e o final de O Diabo Veste Prada. Então, ou vou usar blusas pretas de gola alta com calça cápri, ou haute couture. Hum. Que droga.

Então, enquanto tento resolver essa crise fashion, por favor, deixem algumas sugestões sobre Paris - quero saber exatamente onde devo beber meu chocolat chaud e comprar as melhores

baguetes. E, obviamente, dicas de lojas também são muito bem-vindas. Meu coração diz Chanel, mas minha cabeça e o limite do meu cartão de crédito dizem brechós. Por que vocês não escrevem um pouco sobre cada um, e eu escolho quando chegar lá?...

Antes que pudesse começar a pensar realmente na viagem a Paris, tinha que enfrentar a reunião na *Belle*. Talvez fosse uma boa ideia escrever uma proposta para o guia. Talvez fosse uma boa ideia encontrar algumas pessoas que conhecessem Paris muito bem. Talvez fosse uma boa ideia passar três horas curvada diante do computador, pesquisando na internet. Dei uma olhada nos lugares de sempre, Time Out Paris, Gridskipper, Citysearch, e comecei a preparar minha sinopse. Várias horas depois, eu tinha, bem, alguma coisa. Em busca de inspiração, troquei meu vestidinho amassado por uma camiseta listrada Splendid e calcinhas da Hello Kitty. Estava quente demais para vestir qualquer outra coisa. Peguei uma lata de Coca Diet bem gelada na geladeira e me estiquei no sofá, zapeando com o controle remoto. Talvez uns 15 minutos de *E!*, e depois eu voltava à minha pesquisa. Ou meia hora. E um episódio de *America's Next Top Model*. Duas horas depois, olhando com culpa para a tela do computador em modo “hibernar”, tentei me convencer de que não podia exagerar na preparação. E voltei para a TV. É realmente incrível como consigo me convencer de algumas coisas.

Na manhã seguinte, não foi tão fácil assim acreditar que exagerar na preparação poderia ser um erro. Determinada a não cair na minha armadilha tradicional de acordar atrasada e desenhar no rosto com um lápis preto, acordei cedo, lavei o cabelo, fiz uma maquiagem de adulta e escolhi minha roupa mais apropriada para a *Belle* — um tubinho azul-claro vintage, bem simples, ao qual Jenny me apresentara em uma loja em Williamsburg. Pensei que até as fashionistas mais nojentas teriam problemas para encontrar algum defeito nele. Não podia ser de uma marca ruim, porque não era de marca nenhuma. De qualquer forma, não estava preocupada com o que essas garotas iam pensar do jeito como eu me vestia. Não importava. Eu não ia escrever um artigo sobre as tendências das passarelas de Milão, não é? Além disso, pensei enquanto colocava a sinopse na minha chiquérrima e maravilhosa bolsa azul Marc Jacobs

(o.k., talvez estivesse um pouco preocupada), eu tinha assistido *Betty, a Feia*, e visto e lido *O Diabo Veste Prada*, então sabia que era impossível que essas garotas fossem daquele jeito. Sim, a Mary tinha sido bem indelicada a respeito delas, mas, também, nunca a vi usando nada além de calça jeans e All Star. Ela provavelmente não gostava de fashionistas. Daria tudo certo. E eu tinha sido aprovada por Bob. Meu grande amigo Bob. Bibidi-bobidi Bob. Ai céus, estava ficando doida.

Em uma última olhada no espelho, ajeitei o cabelo e tirei uma pelotinha de rímel. Eu podia fazer isso. Estava escrevendo para a *Look* fazia um ano. Tinha uma coluna na edição britânica da revista. Tinha entrevistado um ator super famoso, pelo amor de Deus. E só o que elas queriam era um guia de viagem sobre Paris. Uma cidade que provavelmente os leitores da revista jamais iriam visitar. Isso seria sensacional. E até fácil.

*

— Não pense que isso vai ser fácil — latiu Donna Gregory, amassando minha sinopse com uma mão. — As leitoras da *Belle* não têm nenhum interesse em um guiazinho tragicamente óbvio sobre visitar a Torre Eiffel e passear de barco pelo Sena. Nossas leitoras querem conhecer os lugares mais exclusivos, mais elegantes, mais secretos de Paris. Não onde comprar o melhor crepe de acordo com o Gridskipper ou os dez parques mais bonitos segundo a Time Out.

Eu me encolhi na cadeira. Pelo que pude notar durante os dez minutos em que estive no escritório, Donna não conseguira nem ao menos olhar para a minha sinopse, e ainda assim ela estava conseguindo destruí-la, com fidelidade, palavra por palavra.

— Por que acha que deveria escrever para a *Belle*, Angela? — ela perguntou.

— Bem, eu...

— Honestamente, o que a faz pensar que... — ela fez uma pausa para estender a mão na minha direção e apontar para cima e para baixo, para que eu tivesse certeza de que a crítica dela se estendia a

cada pedacinho meu. — ... você teria permissão de escrever para a *Belle*?

Silêncio. Permissão? Por que eu precisaria de permissão?

— Estou esperando uma resposta — enfatizou Donna.

Eu estava perplexa.

A Donna não era muito legal.

— Bem, posso não ter criado nenhum guia turístico especificamente, mas escrevo sobre os mais diversos assuntos no blog e entrevistei James Jacobs para a *Icon* há alguns meses, então acho que posso fazer isso — respondi bem rápido. Toda a minha confiança tinha se esvaído e só o que queria era sair daquele escritório, enfiar a cara em uma fôrma de brownies de chocolate e chorar, exatamente como o lixo de ser humano que Donna evidentemente achava que eu era.

Era justo dizer que Donna Gregory não era a chefona assustadora que se poderia esperar encontrar sentada atrás da mesa de editora de uma revista de moda. Ela não era muito alta, para começar, seu cabelo castanho brilhante (o.k., muito brilhante) estava preso em um rabo de cavalo e ela estava usando calça jeans. Muito justa e aparentemente muito cara, mas uma simples calça jeans. Porém, por mais que não estivesse usando Prada, ela estava se mostrando o verdadeiro diabo. Desde o momento que eu entrara pela porta, a mulher não fizera nada além de me insultar.

Primeiro, não pude tomar café porque parecia estar precisando de uma boa noite de sono, e a cafeína não ajudaria em nada. Depois, não pude tomar água, porque senão podia precisar usar o banheiro, que era exclusivo da equipe da revista. A informação implícita era que eu não era e nunca seria parte da equipe. No entanto, ela me sugeriu que tentasse beber pelo menos dois litros de água por dia fora do escritório dela, porque eu parecia ter bem mais que 30 anos. Quando mencionei que só tinha 27, ela fez um barulho estranho e cobriu a boca com a mão.

Vaca!

— Hum, fiquei sabendo sobre a entrevista — ela disse, remexendo alguns e-mails impressos. — Você é a garota que fez com que

James Jacobs virasse gay, não é?

— Pelo a... Não, não exatamente — eu não sabia muito bem porque ainda estava sentada naquele escritório. Não iria conseguir o trabalho de jeito nenhum. — Tenho quase certeza de que ele já era gay antes de encontrá-lo beijando o namorado em um banheiro de boate. Só que é impossível saber. Talvez o meu alto nível de desidratação o tenha transformado.

Donna parou por um segundo e me encarou novamente.

— Esse vestido, não reconheço a marca. De onde é? — ela perguntou.

— Comprei na *Beacon's Closet*, é vintage — respondi com algum orgulho. Vintage era legal, não?

— Certo — ela suspirou e se recostou na cadeira, esticando-se e permitindo que a camiseta curtinha Alexander Wang mostrasse sua barriga tonificada. E eu sabia que a camiseta era Alexander Wang porque ela tinha dado um jeito de dizer assim que entrei na sala. — Claro que é vintage. E seu namorado toca em uma banda?

— Alex? Sim — fiquei confusa. O que, para ser justa com a bruxa, não era nada raro. Não queria que ela ficasse feliz com aquela vitória. — Mas não entendo o que isso tem a ver com o guia turístico.

— Tem tudo a ver, Angela — ressaltou Donna, debruçando-se na mesa, na minha direção. — Vou tentar ser o mais gentil possível enquanto lhe explico isso, mas, dane-se, não adianta tentar dourar a pílula. Você não é o tipo de pessoa que eu gostaria que escrevesse para a *Belle*.

— É mesmo?

Agora a coisa estava ficando meio constrangedora. Eu queria mesmo esse trabalho? Ah, sim, queria muito, muito mesmo.

— É — Donna concordou, ignorando meu sarcasmo. — Mas o sr. Spencer quer muito que nós a usemos para alguma coisa. E, não me leve a mal, não é que gente que usa vintage não possa fazer parte da *Belle*, é só que... normalmente, não trabalharia para mim. Uma garota da equipe de arte usou um Diane von Furstenberg original incrível certa vez. Para ir a uma festa. Essa sua bolsa é muito bonita.

— Obrigada, foi um presente — acariciei gentilmente o couro azul, esquecendo por um momento a enxurrada de insultos que se derramava na minha direção.

— Claro que sim — Donna parecia quase aliviada. Como se a ideia de eu comprar minha própria bolsa Marc Jacobs pudesse causar o fim do mundo. — Basicamente, a única forma como vejo isso funcionando é se fizermos um guia em duas partes. Vou pedir que outra pessoa faça um artigo sobre a Paris glamorosa, falando da haute couture, os salons, os hotéis cinco estrelas, e você, a menininha vintage esquisita que namora um cara de uma banda, pode escrever sobre o outro lado das coisas. Ou, sei lá, o lado legal, hipster de Paris?

— Ah, não, honestamente, não sou tão descolada assim — respondi rápido demais. — Não tenho nenhuma tatuagem. Nem mesmo moro no Brooklyn. Eu sou muito, muito britânica.

— Oh. Bem, nesse caso, isso pode ser um problema — Donna reclinou-se na cadeira. — Porque, ou você me traz os melhores brechós, lojas de usados, cafés e bares moderninhos de Paris, ou não traz nada.

Ops.

Depois de passar mais uma hora ouvindo as instruções de Donna sobre como exatamente ela queria que saísse aquele artigo — moderno, mas não muito moderno, inovador, mas não muito inovador, underground, mas não misterioso demais; só algo bem *Belle* —, finalmente pude sair do escritório dela, nem um pouco mais sábia, porém com certeza bem mais alegre. Ela podia não ter me feito um elogio sequer; no entanto, eu tinha conseguido o trabalho. Isso era ótimo, não era?

Havia uma única pessoa com a qual poderia falar sobre isso. E era bom que essa pessoa não estivesse com o celular desligado.

— Atenda o telefone, Jenny — disse baixinho, escondendo-me à sombra do arranha-céu mais próximo e seguindo pela 42nd Street.

— Angie, meu bem, são 7h30 da manhã — resmungou Jenny lá em Los Angeles. — Você está morrendo?

— Não, ouça, acabo de sair de uma reunião na *Belle*...

— Você não está morrendo. Eu cheguei em casa há duas horas, ligo para você mais tarde.

— Não! Jenny, escute, tenho uma notícia ótima! Ouviu o que eu disse? Vou escrever um artigo para a revista *Belle* — achei que mencionar uma das bíblias de moda dela poderia mantê-la mais cinco minutos ao telefone. — *Belle*. Sua revista preferida. *B-E-L-L-E*.

— Sem ofensa, Angie — bocejou Jenny, — mas o que você vai escrever para a *Belle*?

— Não, ofensa nenhuma — respondi chateada. O que fazia de mim uma garota tão absolutamente não *Belle*? Eu tinha me dado um bom trato no ano passado. Bem, a Jenny tinha me dado um trato, mas agora conseguia até passar delineador sozinha. Podia passar a noite toda de salto se tivesse minhas sapatilhas enroladinhas na bolsa. — Querem que eu escreva um guia sobre Paris. Outra garota vai fazer a parte chique, as coisas, como foi que a Donna disse, hum, Balmain? É isso? E, você sabe, Chanel e não sei o quê, e eu vou escrever sobre as coisas legais, joviais. E acho que você podia me ajudar, quero muito que o texto seja legal. Conhece algum estilista em Paris? Alguém que saiba de uns bons brechós ou mercados de pulgas?

— Balmain? Oh... — suspirou ela.

— Jenny, me escute — disse lentamente. Eu deveria saber que não era uma boa ideia falar de estilistas com ela. — Conhece alguém que possa me ajudar em Paris?

— Ah, querida, você sabe que eu acho que evoluiu muito — retrucou Jenny —, mas com certeza não está pronta para escrever sobre moda, um artigo de moda sobre Paris para a revista *Belle*.

Pelo menos ela estava prestando atenção em mim.

— Primeiro, obrigada pela confiança, e segundo, não é um artigo sobre moda, é sobre viagem — respondi. — Tenho que escrever sobre lojas de antiguidades, alguns cafés e o festival de Alex. Vai dar tudo certo. Achei que ficaria feliz por mim.

— Mas é a *Belle*, Angie. E não quero que faça papel de boba — insistiu Jenny. — Porque, sabe como é, algumas pessoas sabem que você me conhece.

— Puxa, a sua confiança é mesmo muito tranquilizadora, e prometo que não vou fazê-la passar vergonha. Principalmente, se responder às minhas perguntas e me dizer se conhece algum estilista em Paris.

— A *Belle* vai preparar você? Deram uma lista de lugares para ir? — ela continuava me ignorando. — Vai ter alguma foto junto com o texto?

— Não, não vão me preparar, não me deram lista nenhuma, porque meu trabalho é exatamente descobrir os lugares, e é claro que não vou estar nas porcarias das fotos.

— Ah, pelo menos uma coisa boa — suspirou Jenny evidentemente aliviada. Vaca. — Certo, tenho uma ideia. Vou preparar algumas coisas para você, o.k.? Quando viaja?

Essa era a primeira parte da ligação que eu não tinha odiado. Jenny estar em Los Angeles, a milhares de quilômetros, era um saco. Jenny ser uma consultora de moda com acesso a milhares de roupas lindas e de graça não era nem um pouco ruim.

— Segunda-feira, mas, olhe, não se preocupe muito, não precisa fazer isso.

Ora bolas, é claro que precisava.

— Querida, pode deixar comigo. Calça jeans bem justa, lápis esfumado, boina, estou por dentro. Só vou melhorar um pouquinho. Você vai ser uma hipster da *Belle*. Uma... “bipster” — a risada logo se transformou em bocejo. — Mas, sério, estou morrendo aqui. Mande um e-mail com todos os detalhes, o que vai fazer quando estiver lá, e eu mando algumas coisas. E com certeza conheço alguém em Paris. Vou pensar bem.

— Sério?

— É claro. Angie, assim, eu super sei o que fazer. Agora, deixe-me voltar a dormir.

— Assim, super voltar a dormir — ri. — Você foi uma perfeita garota de Los Angeles agora, Lopez.

— Assim, super... vá se danar, Clark — ela bocejou de novo. — Vá comprar uma *Belle*, sintase um pouco mais intimidada. Amo você.

— Também amo você.

Bom, eu achava que amava Jenny até que as três caixas gigantescas da DHL chegaram, na manhã seguinte. Na verdade, não fazia a menor ideia do que era amor. Amor era uma caixa em que estava escrito “noite”, uma em que estava escrito “dia”, e uma “sei lá quando você vai usar essas, mas são maravilhosas”. Abri as caixas desesperadamente, usando a chave da porta para romper a fita adesiva e tirando com cuidado uma roupa linda após a outra. Em cada uma havia um envelope pardo com anotações (ou melhor, rabiscos) ao lado dos desenhos sensacionais de como uma roupa deveria combinar com a outra. O jeans Joe com as sapatilhas Tory Burch e o blazer Elizabeth and James. O macaquinho DVF de seda azul com as anabelas YSL. O vestido bordado com franjas Balenciaga com as plataformas Giuseppe Zanotti. A bolsa Miu Miu com tudo. Depois de uma hora e meia brincando de desfilar, sentei-me no canto do sofá com um vestido azul-claro de seda Lanvin, empolgada, com o rosto vermelho e rindo como doida. Bem no fundo da caixa “sei lá”, debaixo dos colares e das pulseiras Kenneth Jay Lane, havia um bilhete de Jenny.

Sei que disse para eu não me preocupar, mas você vai a Paris. Trabalhar para a Belle. E as pessoas sabem que você me conhece, então não vou deixá-la de jeito nenhum ir para a capital mundial da moda usando American Apparel dos pés à cabeça — não me diga que não estava usando isso quando começou a abrir as caixas, apesar de agora estar usando o macacão Narciso Rodriguez...

Parei para observar as roupas ao meu redor, havia um macacão? Será que eu não tinha visto?

... porque ele é maravilhoso. Você vai ficar linda com essas roupas, Angie, estou tão orgulhosa de você. Leve-as, use-as, arrase, tire fotos e TRAGA TUDO DE VOLTA, de preferência inteiras e sem manchas de ketchup.

Amo você, JLo xxx

Eram só 8 horas em Los Angeles, quatro horas antes de eu estar legalmente liberada para ligar para a Jenny sem ir parar na lista “você morreu pra mim”. Bastavam três risquinhos, e eu já tinha um porque certa vez ela me pegou passando a gola de uma camisa Thomas Pink que ela havia me emprestado com a chapinha. Pelo jeito, ela nunca tinha feito isso. Não acredito. Mas acredito que essas roupas, atualmente amontoadas em uma luxuosa montanha sobre o meu sofá, eram a) maravilhosas, b) mais caras que o meu apartamento e, c) a garantia de que eu seria a caçadora de barganhas mais bem vestida de Paris.

Enviei uma mensagem para avisar que as caixas haviam chegado e que eu ia amar e cuidar das roupas como se fossem meu primeiro filho. Que, aliás, eu ficaria mais do que feliz em trocar para poder ficar com essas coisas para sempre. Segurando uma calça de boca larga azul-clara Stella McCartney bem perto do peito, olhei para aquelas peças lindas. Sério, era uma das visões mais belas que eu já tivera. Como Paris poderia se comparar a algo assim?



CAPÍTULO 4

Por mais que a parte da viagem dentro do avião nunca tivesse sido um problema para mim, eu detestava, odiava aeroportos. A alegria do Duty Free desapareceu em aproximadamente 14 minutos, que foi quando lembrei que estava dura e abandonada, largada em uma cadeira desconfortável de metal engolindo um McDonald's molengo enquanto Alex já estava lá no alto, o que não me fez sentir nem um pouco melhor. Cici jurou que tinha tentado nos colocar no mesmo voo, mas o dele já estava lotado. Apesar de o empresário deles ter feito a reserva exatamente no mesmo dia em que ela fez a minha.

Então, em vez de ficar junto com meu namorado na classe executiva, eu tinha pela frente um voo de nove horas esmagada entre dois estranhos. Enfiando um punhado de batatinhas na boca, dei uma nova olhada no meu (recentemente reintegrado) BlackBerry patrocinado pela Spencer Media, só para encontrar uma nova mensagem da Esme. Que alegria. Eu tinha conseguido evitar novos confrontos face a face com as pessoas agradabilíssimas da *Belle*, mas não podia me esconder dos e-mails sucintos, quase grosseiros de Donna e Esme. E, que maravilha, aqui estava mais um.

Angela.

A *Belle* francesa vai mandar uma assistente para acompanhá-la.

Encontre Virginie no lobby do hotel às 10h30.

Esme.

Ah, meu Deus, não. Eles iam “mandar” uma francesa linda e super na moda para me fazer sentir um lixo. A Mary estava certa, as garotas da *Belle* não estavam nem um pouco felizes por eu ter sido enfiada goela abaixo delas pelo Bob, mas estava determinada a

mostrar meu valor. Era uma verdadeira jornalista, talentosa, e merecia essa oportunidade. Foi o que meu namorado disse.

E não é como se todos na Spencer Media estivessem contra mim. Como tudo nesse trabalho tinha sido organizado de última hora, Cici tinha magnanimamente se oferecido para ajudar com os detalhes da viagem. Por mais que não tivesse conseguido me colocar no voo de Alex, ela me garantiu que ia pedir a uma amiga que trabalhava na companhia aérea que tentasse me incluir na classe executiva, e ela enviou uma caixa com meu BlackBerry, um cartão de crédito corporativo, um mapa de Paris e até um DVD de *Cinderela em Paris*. E, como se isso já não fosse suficientemente assustador, ainda mandou um bilhetinho escrito “xoxo Cici”. Ou ela tinha passado por algum tipo de transplante de personalidade ou o vovô Bob tinha muita influência sobre aquela menina.

Obviamente, o vovô Bob tinha muita influência sobre todo mundo na Spencer. Eu recebia vários e vários e-mails de Donna Gregory para conferir como iam minhas pesquisas, lembrando sempre o que ela não queria desse artigo. Mas não escrevia nenhum detalhe sobre o que queria. Não ajudava muito. Tinha passado a semana toda pesquisando, mas, sério, mal podia esperar para chegar a Paris, para fazer parte da cidade. Não podia deixar de pensar que essa seria minha grande chance. Certo, eu achei que o blog seria minha chance e, de certa forma, foi, afinal, foi o que me levou à entrevista com James Jacobs. E depois achei que a entrevista com James seria minha grande chance, só que acabou se tornando uma porcaria traumática e com potencial para arruinar minha vida. Mas foi ela que me trouxe aqui, de alguma forma. Um artigo para a *Belle*. E uma bolsa Marc Jacobs nova, então não pode ter sido tão ruim assim. Mas agora era a minha hora. Podia sentir no meu estômago. Mas isso era meio nojento, não? Hum.

Esperei impacientemente pela chamada para embarque, folheando pela milésima vez a nova edição da *Icon*, desejando que meus guias de Paris estivessem na bagagem de mão para que eu pudesse trabalhar um pouco no avião. Com certeza não conseguiria dormir, pois estava muito ansiosa. Nervosa pelo artigo, por não falar francês, por ter que chegar até o hotel sozinha e, por algum motivo, por passar uma semana inteira em um outro país com Alex. Um

nervosismo bom, com certeza, mas, ainda assim, era nervosismo. No entanto, certamente eu não estava tão nervosa quanto ele, que tinha passado os três últimos dias cada vez mais incomunicável e levemente esverdeado. Ele tinha explicado que não gostava de aviões pelo menos umas vinte vezes e, por mais que Graham e Craig, o baixista e o baterista da banda, dessem tapinhas em suas costas e sugerissem que tomasse um porre antes de embarcar, Alex não parecia ficar nem um pouco melhor.

Procurei à minha volta por alguma pocinha de vômito para ver se ele tinha estado ali, mas estava limpíssimo. Bem, com certeza o aeroporto JFK dava um jeito nesse tipo de coisa bem rápido. Os americanos gostam de coisas bem limpinhas.

Até que foi bonitinho de ver. Por mais que estivesse surtando com alguma coisa, Alex era sempre tão sossegado que vê-lo entrar em pânico por causa do voo foi bem reconfortante. Então, afinal de contas, ele era humano. Mesmo quando tentei tranquilizá-lo dizendo que “mais pessoas morrem por ano atacadas por hipopótamos do que em acidentes de avião”, minha curiosidade preferida de todos os tempos (se bem que nunca soube se era verdade ou não), ele só beijou o alto da minha cabeça e voltou a fingir que não ia voar para lugar algum.

Por fim, chamaram para o embarque e me arrastei com a minha superlotada e detonada bolsa MJ até o portão. Tinha colocado minha linda bolsa azul na mala e decidi carregar minha boa e velha (bem, eu a tinha havia quase um ano) amiga por medo de que a nova acabasse riscada ou manchada ou tocada por mãos humanas que não fossem as minhas. Além disso, estava mais ou menos convencida de que a bolsa detonada ficava melhor justamente por estar mais usada.

Não é? Desci o túnel até o avião e uma comissária de bordo com ar confiante e entediado pegou minha passagem, conferiu o passaporte e apontou para o lado direito do avião com um sorriso parecido com o do Coringa. Respondi com um sorrisinho amarelo e caminhei pelo corredor, tentando não esfregar a bunda na cara dos passageiros da primeira classe já acomodados. Um dia me diriam para ir pelo lado esquerdo do avião. Um dia.

Como previsto, eu tinha sido abençoada com um minúsculo assento econômico no meio de uma fileira de quatro, e os outros três já estavam ocupados. De acordo com uma Cici exageradamente sincera, fazia parte da política da Spencer Media que todos os voos com menos de 12 horas fossem na classe econômica, mas por algum motivo eu não acreditava nisso. Além do mais, economia era algo bem diferente das nove horas de inferno que estava prestes a enfrentar. Enfieei a bolsa debaixo do assento à minha frente, olhei para a esquerda para espiar o homenzarrão que fazia o sinal da cruz, com uma Bíblia enorme sobre o colo. À direita, um casalzinho jovem e feliz de mãos dadas dava risadinhas. Ao perceber que eu estava olhando, uma loira (não tão jovem quanto pensei) esticou a mão esquerda na direção do meu nariz.

— Acabamos de nos casar! — ela guinchou, agitando a mão para permitir que o enorme diamante cintilasse até me cegar. — Em New York! Casados! Somos da Inglaterra. Mas nos casamos em New York. Não em Las Vegas. Seria muito cafona.

— Legal — murmurei, tentando afastar a cabeça daquela coisa dura e brilhante que podia arrancar meu olho. — Parabéns...?

— Ah, você também é inglesa! Dave, ela é inglesa — continuou minha companheira de assento absorta. — Foi na prefeitura, bem discreto; porém elegante, sabe? E ficamos no Waldorf Astoria. Não contamos a ninguém em casa. Assim, eles sabiam que estávamos noivos, mas não que íamos nos casar. Dave já foi casado uma vez, sabe, então achamos que não precisávamos fazer uma festança.

— Já fui casado antes — confirmou Dave, debruçando-se para mostrar a própria aliança, também imensa e cheia de diamantes. Uau, que refinados. — Ela era uma vaca. Não é como essa.

— Ah, bem, parabéns — repeti, lidando com meu cinto de segurança como um sinal delicado de “deixe-me em paz”, enquanto os assentos 47 F e G começavam uma sessão intensa de exibição pública de afeto.

— Foi lindo — disse a esposa de Dave, afastando seu amoroso marido — Usei sapatos “Lubutã”, não foi, Dave? Lindos.

— Usou — concordou Dave. — “Lubutãs.”

Consegui responder com um sorrisinho, mas tentando seriamente não chorar. Quanto tempo mesmo esse voo ia demorar? Jenny teria batido na cara da mulher a essa altura, mas meus níveis de tolerância eram bem mais impressionantes.

— Vamos passar nossa lua de mel em Paris. Legal, não acha? Meu Dave é muito romântico. Sempre disse que queria casar com um homem romântico. Você é casada, querida?

— Não — sorri, balançando a cabeça. — Não sou.

— Noiva?

— Não.

— Namorado?

— Na verdade, sim.

— Ah, que bom — disse ela, dando-me uma palmadinha no joelho.
— Então ainda há esperança!

Abri um enorme sorriso e coloquei rapidamente os fones nos ouvidos, antes que ela pudesse recomençar. Aí veio a comissária avisar que eu só poderia usá-los depois da decolagem. Vaca. Felizmente, a esposa de Dave não era muito fã de aviões e teve que esconder o rosto no reconfortante peito do marido durante as manobras, a decolagem e mais uns bons 15 minutos, e a essa altura eu já estava de novo com os fones e fingindo que dormia. Tarefa nada fácil, considerando que o homem do meu outro lado estava a) incrivelmente suado e b) lendo passagens da Bíblia em voz baixa, mas alto o suficiente para me convencer de que era um serial killer. Fantástico.

Abri um pouquinho os olhos para conferir a tela do meu iPod, tentando não abrir demais para que não me pegassem, e dei uma espiada nas listas. Alex prometeu que ia colocar outras músicas “além de Justin Timberlake e Gossip Girl” para me inserir no clima de Paris. Sorri e cliquei em “Aventuras de Angela: Viagem a Paris” e tentei não parecer muito convencida por ter um namorado maravilhoso que fez uma seleção de músicas para mim — a internacionalmente conhecida Prova de Amor de um Menino. Ajeitei-me no assento para ouvir algumas *musique en français*, mas em vez disso fui surpreendida pelo som da voz de Alex.

“Oi, Angela, então, escolhi algumas músicas para ajudá-la durante o voo, se bem que acho que quem precisa de ajuda sou eu, né? Bom, de qualquer forma, seria muito bom que pudéssemos estar juntos, mas vejo você assim que chegar ao hotel e prometo que essa viagem será maravilhosa. Ah, sim, essa é uma música nova na qual tenho trabalhado...”

A voz calma e esfumaçada dele foi baixando, deu uma tossida e logo ouvi o violão. Fechei os olhos rapidamente, sem a menor vontade de dar uma chance à Segunda Senhora Dave de arruinar esse momento. Não que ela pudesse. Senti minhas bochechas corarem, meu estômago revirar e meu coração bater forte. Parecia um sonho em que eu estava caindo, só que de um jeito legal. Parecia que a qualquer momento eu abriria os olhos e veria o rosto de Alex. A mesma sensação de sair do metrô e vê-lo esperando por mim. A mesma sensação de quando achava que ele estava a poucos metros de distância. Sério, qual era o meu problema? Ele era maravilhoso. E não era meu ex. Meu ex nunca teria me convidado para ir a Paris com ele, para começar, porque provavelmente iria querer levar a amante, mas ainda assim.

É claro que devo ir morar com o Alex.

Senti como se alguém tivesse me dado um tapa na cara com a Luva das Revelações Mais Óbvias do Mundo. É claro que deveria morar com ele, eu o amava. A empolgação começou a borbulhar dentro de mim: nós vamos morar juntos! E posso dizer isso a ele em seu aniversário. O que pode ajudar bastante, caso ele não goste do relógio que comprei...

O restante do voo foi relativamente tranquilo, com algumas batalhas para tentar dormir, o casalzinho se apalpando e só raramente agarrando a minha coxa acidentalmente (espero?), e meu amigo religioso lendo alguns livros sobre o Velho Testamento antes que as comissárias de bordo aparecessem com o café da manhã. Bocejando alto e me esticando o melhor que podia, passei as mãos no rosto para tirar os cabelinhos colados. Cara de viagem não me caía nada bem. Do outro lado do corredor e por cima da cabeça de

várias outras pessoas, era possível ver sinais de terra abaixo de nós. Engoli o Doce Dinamarquês Mais Pesado do Mundo tão rápido quanto possível, passei um pouco de gloss e aguardei, desesperada para chegarmos logo.

— Ah, você acordou, dorminhoca!

Ótimo.

— Pensei que teríamos que deixá-la no avião — disse a Senhora Dave com um soquinho jovial no meu ombro, porém um pouco forte demais. — Então, vai encontrar esse seu namorado em Paris?

— Ah, sim, vou — respondi, tentando passar rímel sem manchar o olho. Por favor, eu tinha acabado de aprender a fazer isso em terra firme, imagine em pleno ar.

— Ah, que bom — ela falou, apertando o cinto e recostando-se confortavelmente no braço de Dave. — De repente ele a pede em casamento!

Foi uma reação muito instintiva. Eu realmente não queria ter acertado meu braço que estava segurando o pincel do rímel na cara do meu companheiro de assento leitor da Bíblia. E não queria ter feito com que ele derrubasse um copo de café quente na própria calça.

— Minha Nossa Senhora!

Ops. E eu tinha passado tanto tempo tentando não ferir nem ofender ninguém. Já tinha visto episódios de *Friends* o suficiente para saber que esfregar a virilha dele com guardanapos não iria ajudar, então apenas murmurei desculpas, voltei a me encostar no banco e fechei os olhos. Se essa fosse a pior coisa que aconteceu e conseguisse chegar a Paris, ficaria muito feliz.

*

— Como assim, minha mala teve que ser “destruída”?

Estava parada diante do balcão de bagagens do aeroporto Charles de Gaulle, ouvindo um cara com aparência oficial e expressão de tédio repetir o que dizia pela quarta vez.

— Madame Clark, como eu expliquei — ele suspirou —, sua mala não passou no nosso teste de segurança e foi destruída. Deveriam tê-la avisado a respeito disso no JFK. Na verdade, nem poderia embarcar.

— Quando você diz destruída — esfreguei as têmporas e pisquei algumas vezes, tentando acordar — e sabe, é *mademoiselle*.

— *Pardon, mademoiselle*. Destruída. Acabou — esclareceu o sujeito.

Revirei minha bolsa detonada, conferindo o que estava comigo.

Óculos escuros, gloss, dois batons, telefone, carteira, passaporte, laptop, *US Weekly*. Bom, pelo menos não ficaria sem nada para ler. Que beleza.

— Mas por quê? — ouvi minha voz começar a falhar. Aparentemente, eu estava começando a compreender o que tinha acontecido. — Por que, oh, céus, por que ela seria destruída?

— Há muitos motivos, madame, a segurança está bastante intensificada ultimamente. Talvez estivesse trazendo algo proibido na mala? Algo perigoso?

— A coisa mais perigosa na mala era um par de sapatos que certa vez esteve envolvido em um caso de lesão corporal — apertei os lábios determinada a não chorar. Só podia ser um engano. — Com quem posso falar a respeito?

— Comigo — o oficial suspirou. De novo. — Talvez houvesse alguma coisa, ah, com pilhas?

— Pilhas?

— Que estivesse vibrando? — ele sugeriu discretamente.

— Vibrando? Um vibrador? — exclamei. Uau, minha voz ficava bem alta de vez em quando. E considerando os olhares que recebi de todos os passageiros do aeroporto, “vibrador” era uma palavra parecida em todos os lugares do mundo. Que ótimo.

— Mas quando você diz destruída...? — pedi esclarecimentos.

— Foi implodida, com segurança.

— Segurança...

— É.

— Explodiu?

— *Oui*.

— Eu... o quê? — de repente, senti que meus pés já não sustentavam meu peso.

— Sinto muito, srta. Clark. Posso deixar que saia do aeroporto porque não há nenhum alerta de segurança a seu respeito, mas a sua bagagem foi destruída. É só o que posso dizer. Gostaria que eu a acompanhasse até um táxi?

— É sério, como pode... — tentei falar mais uma vez enquanto o homem tomava meu braço e me levava até as grandes portas duplas, para o lado de fora do aeroporto.

Quando cheguei à cidade, tinha acabado de passar pelo terceiro estágio do luto. Tinha enfrentado a negação quando o oficial do aeroporto me enfiou no banco de trás de um táxi e embarquei na raiva enquanto percorríamos a estrada. Assim que terminei de jurar vingança eterna a todos os descendentes de todas as pessoas que trabalhavam no JFK e no Charles de Gaulle, passei à depressão. Meus Louboutins. Minha linda bolsa azul Marc Jacobs. Todas as minhas roupas. Todas. Ah, meu Deus, as roupas que Jenny me mandou. Tudo reduzido a cinzas por um homem suado de regata no aeroporto. Que provavelmente tinha um bigode. Todos usavam regata e bigode.

Em algum lugar do meu cérebro, uma parte tentava me lembrar de todas as lojas de roupas e sapatos e lingerie que eu encontraria durante minha pesquisa, mas, cada vez que fechava os olhos, via meu vestido amarelo 3.1 Phillip Lim voando pelo ar e se desfazendo em milhares de pedacinhos enquanto vários seguranças franceses ficavam ao redor gargalhando. De boina. E armados. E o Lanvin. Meu Deus, o Lanvin. Minha imaginação fértil preferia idealizar que a mala tinha sido explodida em Paris.

De acordo com a última mensagem que recebi de Alex, ele tinha que estar em algum lugar chamado Café Charbon às 19h e me pediu que o encontrasse lá. Já estava muito tarde para ir até o hotel primeiro e, além do mais, o que eu ia fazer no hotel? Isso não era mais um desfile de moda, eu não poderia criar um visual parisiense só com as páginas da *US Weekly* e um Lancôme Juicy Tube.

Tentei explicar para o motorista aonde queria ir, mas acabei simplesmente lhe mostrando a mensagem de Alex. Ele resmungou e acelerou por umas ruazinhas de paralelepípedos, cheias de meninas pequenas e outras menores ainda, todas com os cabelos longos e brilhantes e expressões tristes. *Vive la France*.

Finalmente, o táxi parou e o motorista se virou para mim. Por mais que soubesse que não estava nada bonita, olhei para ele também. Será que ele já havia perdido todas as coisas brilhantes, lindas e elegantes que tinha? Não. Certamente não. O mais grosseiramente que pude, peguei um punhado de euros e entreguei-lhe de uma forma que achei que fosse meio estúpida. Mas o efeito se perdeu, porque acabei agradecendo e dizendo a ele que ficasse com o troco.

Em uma tentativa de me ajeitar antes de ver Alex, parei diante de um belo café envidraçado e respirei profunda e lentamente. Havia dezenas de pessoas ali fora fumando e rindo, e todas lindas. Para ser sincera, talvez eu estivesse um pouco exagerada usando o vestido bordado Balmain da Jenny, mas isso não ajudava a me sentir menos porcaria por ainda estar com as roupas da viagem. Minhas únicas roupas, aliás. Todas as garotas vestiam calças jeans tão justas que eu tinha quase certeza de que, por mais que aqueles garotos de olhos escuros e cabelos ruivos estivessem loucos de vontade, seria fisicamente impossível dar uns amassos. Como elas conseguiam entrar ali sem usar maquinário especializado? Andavam para lá e para cá balançando a cabeça e gesticulando com os cigarros, todas com os cabelos cuidadosamente bagunçados, e não elétricos e amassados como os de quem acaba de sair do avião. Além disso, em vez de bochechas manchadas de rímel e olheiras mal cobertas com um monte de Touch Eclat, todas pareciam ter ignorado a maquiagem, porque tinham um rosto simplesmente perfeito. Vacas. E ainda esfregavam na minha cara o fato de que eu não podia tomar vinho tinto, porque era incapaz de beber uma única taça sem derrubá-la sobre mim. Ou sobre alguém nas proximidades. Basicamente, eu jamais seria confundida com uma francesa. Com um mendigo francês de 16 anos, podia ser, mas com uma dessas belezas sofisticadas? Nem pensar. Droga.

Depois de um tempo, suspirei e passei pela multidão até entrar no café. Avistei Alex quase imediatamente. Mesmo em um mar de

rapazes magrelos de cabelo escuro, coçando o queixo e mexendo a cabeça, ele foi a primeira coisa que vi. Infelizmente, a segunda coisa foi uma menina loura inacreditavelmente linda sentada no colo dele com os braços ao redor de seu pescoço, morrendo de rir de alguma coisa. A terceira coisa foi o interior das minhas pálpebras, pois nesse momento desmaiei.



CAPÍTULO 5

— Meu Deus, Angela. Você está bem?

— Sim, volte a dormir — murmurei, afastando aquela voz familiar. Eu estava tão cansada, será que ele não podia simplesmente me deixar dormir?

— Ah, saco. Pode me trazer um pouco de água? — uma mão tirou o cabelo da minha testa e, enquanto tentava rolar para o lado, não pude deixar de pensar que a cama tinha ficado muito desconfortável de repente. E gelada. E parecida com o chão.

— Não se preocupe, ela vive fazendo essas coisas — disse Alex, ajudando-me a ficar de pé, levando-me até uma cadeira e me entregando um grande copo de água. — Pelo menos dessa vez ela não vomitou.

— Não estou bêbada — murmurei para o copo, engolindo a água. — Estou cansada. E estressada.

— Aliás, oi — Alex deu um sorrisinho e colocou uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. — *Bienvenue à Paris*.

Olhei ao redor, mas a loura misteriosa que eu me lembrava de ter visto no colo do meu namorado tinha desaparecido. Será que tinha sido minha imaginação?

— Hum?

— Bem-vinda a Paris — o sorriso dele se tornou uma ruga de preocupação e seus olhos verdes me encararam. — Angela, você está bem? Quer que eu chame um médico?

— Não — respirei fundo. É, a loira não estava em lugar nenhum. — Estou bem, mas a viagem foi horrível.

— Turbulência? — perguntou uma voz americana do outro lado da mesa. Virei-me depressa, o que me deu um pouco de dor de cabeça,

e vi Graham e Craig, os companheiros de banda de Alex, acenando para nós.

— Entrada triunfal — Graham deu um sorriso e voltou a colocar o copo na boca. — Podia ter chamado, se não estava conseguindo nos ver.

— Eu gostei — disse Craig. — Mas, sem ofensa, Angie, por que não trocou de roupa? Estamos em Paris, sabe, não no Brooklyn.

— Obrigada, Craig.

Ele não era nem um pouco educado como Graham, mas, por outro lado, também não era gay como Graham. Eu tinha quase esquecido, por um segundo, que estava usando as mesmas roupas havia quase 20 horas. E que não tinha me olhado no espelho por mais ou menos o mesmo tempo. Se bem que a última foi por opção própria, e não porque todos os meus pertences foram “implodidos com segurança”.

— Você está ótima — Alex lançou um olhar feio para Craig por mim. — Mas, hum, não teve tempo para se trocar? Não que precise. Porque está ótima.

Segurando a cabeça nas mãos, contei toda a triste história, parando para deixar Craig rir nos momentos apropriados e, por fim, para perguntar se isso significava que eu não tinha nenhuma calcinha.

Graham balançou a cabeça.

— Angela, isso é horrível. Pelo menos você vai poder comprar coisas novas em Paris, não é? Que lugar ótimo para se jogar nas compras.

— Exceto que o limite do meu cartão de crédito ainda não se recuperou de LA — tentei sorrir.

— Vamos dar um jeito. Sinto muito por você ter tido que lidar com tudo isso — Alex colocou o braço ao redor dos meus ombros e encostou minha cabeça em seu ombro. O cheiro dele estava tão bom. Um lembrete de que o meu com certeza não. — Relaxe. Agora está aqui. Em Paris. Vai ser o máximo.

— É — fechei os olhos e suspirei. — Acho que sim. Só que preciso de roupas. Eu não tenho literalmente nada. Mas, honestamente, não

sei quando terei tempo. Tenho que encontrar uma assistente da francesa amanhã e perdi todas as minhas coisas, minhas anotações.

Todas as minhas anotações, o carregador do computador e da câmera. Toda a pesquisa meticulosa que fiz em outras revistas e guias, tudo se foi. Tudo que estava na minha mala. Senti uma segunda onda de dor surgir e não havia nada que pudesse fazer para detê-la. Meus olhos se encheram de lágrimas, enquanto Alex acariciava meu braço e ouvia Craig lendo o cardápio em voz alta. O que eu ia fazer em Paris durante quase uma semana sem minhas roupas? Meus sapatos? Minha pranchinha? Meu estômago deu uma cambalhota e se estatelou no chão. E, ah, meu Deus, as roupas da Jenny. Como ia lhe contar que havia perdido todas as coisas que ela me emprestou? Não queria que ela tivesse problemas, porém não havia a menor possibilidade de que eu desse uma passadinha na Balmain e comprasse um vestidinho bordado de 3 mil dólares para compensar aquele que, com certeza, absoluta certeza, nem deveria ter trazido comigo.

— É bom comprar alguma coisa para o festival, Angie — disse Craig. — Deveria ver como são as meninas das outras bandas, cara, como são gostosas.

— Mesmo? — perguntei, olhando para Graham em busca de confirmação.

Ele meio que concordou, meio que deu de ombros.

— Acho que sim, mas, também, do que é que eu sei, não é?

Ótimo. Mais uma coisa para me preocupar.

— Não se estresse, Angie. Você é gata como elas — comentou Craig. Ele parou de comer por um segundo e me deu uma olhada. — Quando está com as roupas de sempre. E acho que vai ter que arranjar alguma maquiagem, sei lá.

— Quem foi que deixou Craig em casa e trouxe a Tyra Banks no lugar? — perguntou Graham depressa. — Não ligue para ele. Você está ótima.

— Sim, está. Está linda — meu adorável namorado beijou minha cabeça e se levantou. — Vou ao banheiro. Vai querer ficar e comer ou voltar para o hotel?

— Hotel — respondi. — Quero passar o mês inteiro dormindo.

Alex assentiu e saiu pelo bar lotado. Mesmo de costas ele era lindo. Talvez eu estivesse sendo parcial ou simplesmente doida, mas, sério, ele era um gato de todos os ângulos. Ser capaz de reconhecer sua postura levemente largada em um salão escuro a 6 metros de distância era um dos meus maiores talentos.

— Desculpem por estar um lixo — disse a Craig e Graham com uma expressão de sofrimento, antes de beber mais um gole de água. — Não quero dar uma de Yoko na noite de vocês, mas preciso muito de cama.

— Nós entendemos, vá tirar um soninho de beleza. — Graham me tranquilizou. E preferi ignorar o comentário sobre sono de beleza. — Com certeza o Alex não vai querer ficar com a gente, de qualquer forma. O Craig encheu demais o nosso saco no avião.

— É, ele não vai querer sair com os dois melhores amigos quando a melhor garota do mundo está aqui — Craig bebeu um gole de cerveja e sorriu. Eu queria parecer envergonhada, mas acabei rindo. Fale sério, Angela. — E, você sabe, ele está caidinho de novo.

— De novo? — perguntei.

— Como estava quando namorava aquela vadia francesa — Craig confirmou com a cabeça e ignorou o ruído de alerta de Graham. Eu, ironicamente, percebi na hora.

— Vadia francesa? — isso era novidade. Por que eu não sabia que havia uma vadia francesa? — Alex nunca mencionou ter namorado uma vad... quer dizer, uma garota francesa.

— Ah, é? — Craig continuou ignorando Graham. — Sim, ela era...

— Foi há muito tempo. Há milênios — Graham interrompeu. — E ele já superou. Com certeza.

— Ele a conheceu em New York? — perguntei, passando o olho de um rapaz a outro.

— Sim, bom... — começou Craig.

— Sim. E foi há muito tempo — disse Graham sério. — E é por isso que ele nunca disse nada. Tenho certeza.

Havia um milhão de perguntas flutuando nos meus pensamentos, porém antes que pudesse formar uma sentença coerente, Alex voltou com duas taças de vinho tinto.

— Sei que quer ir embora, mas o Sam, lá no bar, disse que estes eram presente, e não pude dizer não. Você quer? — Alex perguntou, sentando-se na cadeira ao meu lado. — Pensei que um drinque poderia fazer bem.

Por um lado, era uma péssima ideia. Eu estava cansada, tinha desmaiado e precisava estar com a cabeça tranquila na manhã seguinte. Por outro lado, eu precisava muito, muito de um drinque. Mas, voltando ao primeiro lado, era uma péssima ideia.

— Sam, do bar? — perguntei, assentindo e estendendo a mão para pegar a taça. Quem sabe eu poderia tomar só um golinho.

— Velho amigo — ele explicou, entregando o copo. — Só este, e depois vamos embora.

Concordei e me encostei em Alex, observando as paredes cobertas de espelhos, o pé-direito alto e as muitas prateleiras de garrafas atrás do balcão do bar. Lembrava o Balthazar, em New York, exceto pelo fato de que, em vez de posar de bistrô francês, este aqui realmente era um. Todas as mesas estavam lotadas, e imediatamente entendi por que os rapazes tinham escolhido este café. Não havia uma única pessoa feia no lugar e eu tinha certeza de que ninguém aqui era gerente de banco ou professora de geografia. Nada aqui era comum. Então era aqui que as pessoas bonitas de Paris se encontravam. Bom saber. E escrever para a *Belle*.

Os garotos falavam coisas de banda enquanto eu bebia meu vinho em silêncio, com cuidado para não derramar na camiseta. Afinal, provavelmente teria que vesti-la de novo. Ah, fazia um bom tempo que eu não lavava nada na pia de um hotel. Onde estava minha mãe quando precisava dela? Se bem que a especialidade dela, na verdade, eram calcinhas em bidês de Maiorca, e não camisetas

American Apparel em hotéis franceses. Não custava tentar, não? Talvez estivesse no meu sangue.

Fiquei segurando o vinho, só que não conseguia bebê-lo, então fiquei observando as pessoas. Não pude deixar de olhar quando quatro garotas se levantaram de uma mesa no fundo e começaram a

dançar perto do DJ. Elas estavam rindo alegremente, empurrando umas às outras enquanto dançavam, e assim como quase todo mundo no bar, usavam calça skinny, cabelos compridos jogados sobre um ombro e lápis de olho borrado de pelos menos uns quinze dias sem lavar. Mas, meu Deus, como eram lindas. Nunca me interessei por meninas na vida, e, no entanto, até eu queria chegar perto e lambar seus rostos maravilhosos.

A mais alta das quatro, uma loura magra com cabelos claros tipo Debbie Harry caindo sobre os olhos muito azuis, olhou para nossa mesa e, rapidamente, desapareceu atrás de uma porta. Será que era ela? A menina que achei ter visto com Alex quando cheguei? Eu me volvei para os garotos da mesa. Estavam conversando sobre as músicas que tocariam no festival, no domingo e, mesmo que não fosse a intenção, me ignoravam completamente, a não ser por um carinho no braço de Alex ou um sorriso libidinoso de Craig. Quando Alex começava a falar de “coisas de trabalho”, era impossível distraí-lo. Eu podia ter tirado a roupa e dançado uma coreografia das Pussycat Dolls e ele nem teria notado. Talvez ele chegasse a incluir um cover irônico delas na lista de músicas do show, mas era tudo.

Como eu não comia nada há, sei lá, não fazia ideia, o vinho estava fazendo efeito bem depressa. Levantei-me e segui a garota loura, abrindo a porta no fundo do bar, que eu torcia para que fossem os banheiros. Não que quisesse dar em cima dela, não estava tão bêbada assim. Se bem que um pouco de mulher-com-mulher talvez chamasse a atenção de Alex. Uau, às vezes eu pensava se não estava passando tempo demais com Jenny. A garota loura estava lavando as mãos quando entrei.

— Ah, desculpe — disse, pois esbarrei nela. De perto, era absolutamente linda. Seu rosto em formato de coração parecia estar sem qualquer maquiagem, exceto pelo delineador; e o cabelo louro não era tingido. Não fiquei com nem um pouco de inveja. — Estava procurando o banheiro.

— *Pardon?* — ela falou.

Certo. Eu estava na França. Tinha esquecido.

— Uh, *la toilette?* — perguntei, apontando para o que muito obviamente era o banheiro.

— Oui? — ela me olhou sem a mesma reverência com a qual eu tinha olhado para ela. Na verdade, ela me encarou como se eu fosse meio retardada. Era justo.

Soltei algum tipo de ruído que parecia uma risada do tipo ai-sou-tão-idiota com um gesto de ruído com a mão perto da orelha e me tranquei no sanitário. O.k., então não conseguia fazer com que alguém me compreendesse enquanto tentava entrar no banheiro, mas isso não seria problema, não é? Alex era praticamente fluente, e, quando não estivesse com ele, teria minha assistente da *Belle* francesa. Com certeza ela ficaria muito feliz por passar o tempo todo traduzindo as coisas para mim. E me levando para lá e para cá. Sem dúvida, a jovem, linda, superfashion assistente francesa adoraria fazer isso. Que droga.

Quando saí do banheiro, a garota maravilhosa já tinha saído. Relutantemente, dei uma conferida no espelho tentando não comparar. Meu cabelo castanho-claro estava melhor graças ao corte da semana passada; entretanto, sem a chapinha, um condicionador decente ou um pouco de sérum, parecia um ninho de passarinho bagunçado e fofo. Liso na raiz, volumoso nas pontas. Minha pele estava seca e acinzentada pelo voo, mas, por algum motivo, meu nariz e minha testa estavam tão brilhantes que eu podia ver o reflexo do meu reflexo na testa. Como a minha pele podia estar seca e oleosa ao mesmo tempo? Por falta de opção melhor, puxei para baixo o decote da camiseta até quase poder ver o sutiã. Certamente não era meu momento mais glorioso, mas teria que lutar com as armas que tinha, e, enquanto não passasse em alguma farmácia ou algo do tipo e comprasse coisas para o cabelo, meus peitinhos 36 eram a única opção.

Mas não seriam o bastante.

Caminhando pelo bar lotado, fiz um esforço para espantar a visão de feiura dos pensamentos e tentei encontrar nossa mesa; porém, não conseguia vê-la. Principalmente porque a mesinha minúscula ocupada por três jovens superamericanos que eu procurava agora estava dominada por quatro garotas muito francesas. Mais ainda, pela menina bonita do banheiro, que parecia estar compensando a falta de cadeiras da mesa se ajoelhando no chão. Aos pés de Alex. Parei junto à estação dos garçons e observei por um segundo. Ela

pegou a mão dele e tombou a cabeça para o lado, sorrindo. Alex não estava sorrindo. Em vez disso, afastou a mão das dela, pegou o telefone no bolso da calça, ficou de pé e caminhou até a porta. Rua abaixo. A menina riu, disse alguma coisa hilária para as outras e se levantou para ocupar o lugar de Alex. Olhei para baixo, respirando fundo. Então era isso? Aquela era mesmo a garota que vi quando cheguei? E por que havia uma anotação de número ao lado do telefone chamada “Centro Antiveneno”? Bem, ela precisaria é do número de uma ambulância se encostasse no meu namorado de novo. Não que pudesse, considerando que tinha desaparecido completamente.

Caminhei cuidadosamente até a mesa, ficando ao lado de Graham e esperando que ele me notasse. Que nada, ele e Craig estavam rindo com as demais francesas, conversando. Será que todo mundo falava francês, menos eu? A loura me encarou do lugar de Alex, pegou a taça de vinho dele e bebeu. Imagine a figura de uma mulher chocada.

— Marie — disse ela para a morena à sua esquerda. Que, para minha alegria, pelo menos estava usando maquiagem. Mas, infelizmente, também estava superbonita. — *C'est la fille qui étair dans les toilettes.*

Agora, mesmo com meu francês primário “*je voudrais un croque monsieur, s'il vous plaît*”, eu tinha conseguido entender “*fille*”, que era garota, e “*toilettes*”, que era banheiro (ela não ia conseguir me enganar). Estava falando de mim. As outras três garotas pararam de falar, colocaram os drinques sobre a mesa e se viraram para me encarar. Senti como se estivesse no 8o ano, batendo na porta da sala dos alunos do 2º e pedindo que baixassem o volume do rádio, porque não conseguíamos ouvir nossos instrumentos na sala de música.

— Poxa, Angie, esqueci que você estava aqui — declarou Craig assim que percebeu que todo mundo tinha parado de falar. — Essas são Marie, Lise, Jacqueline e Solène.

A loura ergueu uma sobrancelha e me olhou de cima a baixo.

— Angela? — ela perguntou a Craig. Ele concordou enquanto tomava um gole de cerveja. — Solène — ela continuou, sorrindo e

estendendo a mão, porém sem se levantar ou sair da droga do lugar do meu namorado. — Vamos tocar no festival. Ah, este vinho é seu?

Eu queria muito, muito, odiá-la, mas o sorriso dela parecia genuíno e a voz com forte sotaque me dava vontade de deitar a cabeça em seu colo. Meio constrangida, aceitei minha própria bebida, ainda parada ao lado da cadeira de Graham, tentando parecer casual; só que, na verdade, esperando que ele se levantasse e me deixasse sentar. Nada. Que droga de cavalheirismo.

— Então, vocês são uma banda? — perguntei.

— *Oui* — ela respondeu. — Sim, somos a Stereo. Tocamos várias vezes com os Stills antes — as demais meninas riram a valer, e a morena deu um chutinho em Craig sob a mesa. Bom, parecia mesmo que eles já haviam tocado juntos.

— Certo — concordei sem saber exatamente o que dizer.

— Você não faz parte de uma banda — disse Solène. Não sabia se era uma pergunta ou não. — É escritora?

— Sim — falei, aliviada por ela parecer saber quem eu era. — Sou jornalista.

— E vai escrever sobre a banda? — ela sorriu de novo. — Sobre o festival?

Ah. Ela achou que eu fosse uma jornalista de música. Isso era bom?

— Angela veio com o Alex — explicou Graham. — Está conosco.

— Então, não é escritora? — Solène parecia confusa. — Você trabalha para a banda?

— Não, sou escritora, estou escrevendo um artigo para a revista *Belle*, nos Estados Unidos — esclareci, tentando não fazê-la parecer tola. Não queria que ela me achasse uma idiota, — Sou escritora, mas não vou escrever sobre o festival.

— Desculpe, não consegui entender — ela franziu a testa e seu narizinho mínimo. — Você escreve sobre o Alex em uma revista de moda?

— Não — tentei pensar em um jeito mais simples de explicar, sentindo-me totalmente boba. Por que eu não falava francês? Por

que tinha ido para a turma avançada de história? Agora todo o meu conhecimento sobre a Revolução Industrial não fazia a menor diferença. Nunca fez. E nunca na vida eu quis tanto que outra garota gostasse de mim. Solène era linda e tocava em uma banda e era tão, tão legal. Podia apostar que ela sabia tocar guitarra. Parecia uma Carla Bruni loura, mas sem o marido presidente baixinho. Jenny a odiaria.

Antes que pudesse recomeçar, fomos interrompidos por uma batidinha na janela. Era Alex. Ele olhou para mim e depois para a mesa, fazendo um gesto para que eu saísse.

— Desculpem, só um minuto — falei, colocando o vinho sobre a mesa, pegando a bolsa e praticamente tropeçando até o lado de fora do café, o mais rápido que minhas pernas cansadas podiam me levar.

— Ei, desculpe, tive que atender a uma ligação — ele disse, tomando minha mão e se afastando do café.

— Tudo bem — respondi, virando para olhar pela janela o que acontecia do lado de dentro. Craig estava praticamente babando sobre Marie, enquanto Graham tocava alguma coisa para Lise e Jacqueline em seu iPod e elas balançavam ao ritmo da música. Solène virou-se em sua cadeira, na cadeira de Alex, e acenou para mim. Acenei de volta antes que Alex dobrasse a esquina. — Estamos indo embora?

Ele assentiu e continuou caminhando.

— Você está bem? — perguntei, detendo-o no meio da rua, obrigando-o a parar. — Quem era no telefone?

— Desculpe, são só coisas da banda. A gravadora quer que façamos um show amanhã e estou tão cansado — ele passou os dois braços ao redor dos meus ombros e sorriu. — Queria fazer alguma coisa com você amanhã à noite. Tem, sei lá, um milhão de lugares que eu gostaria de levá-la.

— Vai ficar tudo bem, temos tempo — fiquei na ponta dos pés e beijei-o de leve nos lábios. Afastei-me repentinamente e o encarei. — Você fumou?

— Se eu disser que dei uma tragada no cigarro de outra pessoa, conta? — ele perguntou encabulado. — Desculpe, estava estressado, Com a ligação.

Tentei não fazer careta. Era muito desconcertante ficar enjoada ao beijá-lo.

— Não sabia que você fumava — comentei, sentindo-me um pouco estranha. Era estranho eu não saber que ele já tinha fumado?

— E não fumo — ele respondeu, procurando um chiclete nos bolsos. — Então, não há nada para saber.

— Que bom, porque é nojento — falei, segurando a mão dele com força. — E o senhor vai escovar os dentes antes de ir para a cama.

— Qualquer coisa para animá-la — ele disse, apertando minha mão ainda mais forte.

CAPÍTULO 6

— Alex, não estou tentando ser uma pentelha — bocejei assim que entramos no Hotel Marais e Alex acenou para o rapaz na recepção enquanto passávamos. — Só acho que você não está entendendo. Estou superfeliz por estar aqui. Estou encantada por passar uma semana em Paris ao seu lado. Mas não tenho nada. Estou em outro país e não tenho nada. Nem calcinha, nem carregador de telefone, nenhum modelito único e vintage cuidadosamente selecionado. Nada.

— Está falando daqueles vestidos malucos dos anos 1980 que pegou no brechó? — Alex perguntou enquanto eu esperava que ele abrisse a porta do quarto.

— São modelitos únicos e vintage — repeti. — Sério, parece que você nunca leu uma *Belle*.

— Isso é um problema? Porque nunca li mesmo — ele admitiu, chutando a própria mala detonada para perto do guarda-roupa. — E, há três dias, você também não.

— Não está ajudando — resmunguei, usando meu último resquício de energia para me jogar dramaticamente no que achei que fosse uma cama normal, só para separá-la ao meio com o impacto e cair com tudo no chão entre as camas, no meio de um bolo de lençóis.

— Angela?

Levantei a cabeça entre as camas como um suricato assustado.

— Posso ir para casa agora?

— Vai ficar tudo bem — Alex tentou não rir e me tirou do meio das camas antes de empurrá-las para perto uma da outra novamente. — Você teve um dia ruim. Sei que não teve sorte.

— Cair da cama foi falta de sorte — concordei, jogando-me de volta sobre os travesseiros. — Explodirem a minha mala foi ridículo.

— Sim, mas coisas ridículas acontecem com você, não é? — disse Alex, sentando-se ao meu lado na cama. Que, é claro, não se separou. — Talvez esta seja uma daquelas coisas ruins que vêm para o bem.

— E como são ruins — falei, rolando para a beirada da cama.

— Aonde pensa que vai? — perguntou Alex, agarrando meu braço e me puxando de volta para a cama. — Venha já para a cama, Clark.

— Tenho que tomar banho — choraminguei. A mão dele estava quente e forte ao redor do meu pulso e, sem resistir, deixei que ele viesse para cima de mim e segurasse meu rosto com as mãos.

— Você não precisa de banho.

— Mas estounojenta.

— Você não énojenta.

Um beijo quente e macio que fez meu estômago revirar, e eu já havia me esquecido da ideia de tomar banho.

— Gostou da sua música? — perguntou Alex, a voz rouca sussurrando no meu ouvido.

— Amei a minha música — sussurrei de volta. Tinha sido um dia muito estressante, no fim das contas, e sexo não ajudava a fazer passar o *jet lag*? Hum, acho que essa história veio do mesmo lugar que aquela do hipopótamo, mas parecia ser bem verdadeira.

Pelo jeito, não era. Cochilei por um tempo, aconchegada nos braços de Alex, e pensei que fosse dormir durante dias, mas às 4h30 da manhã, depois de ter olhado para o relógio pela 15a vez e de dormir apenas duas horas, aceitei o fato de que estava acordada e com os horários completamente bagunçados. Alex estava roncando tranquilamente havia horas e, por mais que pudesse ser divertido acordá-lo, não era justo. Em vez disso, saí da cama o mais delicadamente possível e me sentei na poltrona perto da janela com o laptop.

O quarto era legal. Pequeno comparado aos do The Union e The Hollywood, mas limpo e bonito. Eu estava tão acostumada com a decoração branca das grandes redes de hotéis que a colcha floral sobre a cama e as almofadas estampadas do sofá pareciam doces e aconchegantes. Um pouco como minha mãe teria feito, se tivesse

algun bom gosto. Que, Deus do céu, ela não tinha. Ela podia fazer um jantar dos deuses, mas não conseguiria combinar uma poltrona nem que sua vida dependesse disso. Ainda pensando a respeito, entrei no TheLook.com e comecei a digitar.

As Aventuras de Angela: Não Falo Francês

Não conheço muito bem os costumes e superstições franceses, mas imagino que os seguranças do aeroporto explodirem a sua mala não é sinal de boa sorte em lugar nenhum. A não ser que seja uma dessas coisas malucas do tipo, quando um passarinho faz cocô na sua cabeça é sinal de boa sorte. E é? Não, acho que não.

Nesse caso, gostaria de fazer um momento de luto pelo falecimento de todas as minhas coisas bonitas — os Louboutins, a bolsa Marc Jacobs, a chapinha. Tudo se foi. Sério. explodiu. Mas, de qualquer forma, decidi não lamentar mais isso (até porque não fiz nada além de chorar e reclamar nas últimas 24 horas) e seguir em frente. Estou em Paris, a cidade é linda e tem várias coisas para me manter ocupada. Cheguei a mencionar que estou escrevendo um artigo para a revista Belle? Sim? Ah. E mencionei que meu namorado vai tocar, como banda principal, de um festival aqui? Sim também? Ah, puxa, eu sou muito cara de pau, não? Essa não foi exatamente uma pergunta, mas obrigada.

Então, aqui estou, em Paris. Alguma sugestão sobre aonde devo ir ou o que devo fazer? Tenho a impressão de que todo mundo, exceto eu, conhece Paris como a palma da mão, então qualquer sugestão é bem-vinda. E também qualquer dica sobre como conseguir o efeito da chapinha sem usar chapinha vai garantir que você seja a primeira da minha lista de cartões de Natal.

Tendo postado no blog, abri meu e-mail e encarei a página em branco. Eu sabia que tinha que fazer isso e já deveria ter feito antes. Só não sabia como. Digitei o endereço de e-mail de Jenny no espaço “Para” e olhei mais um pouco. Antes que pudesse começar, uma caixinha piscou no canto direito da tela. Porcaria de G Chat.

Ei! Como está Paris? O que usou hoje? Tirou fotos? Ai, que inveja.

J xoxo

Droga. Por um segundo, minha mão pousou sobre o teclado, pronta para desconectar. Mas eu tinha que fazer isso. E tinha que fazer via chat.

Oi, Jenny. Estou bem, Paris é linda, mas tive um problema com a mala.

Foi extraviada?

Ela digitou de volta bem rápido. Tinha esquecido que Jenny era especialista em todas as formas de comunicação.

Não perderam, né? A, está tudo bem?

Fiquei ali, com os dedos sobre o teclado morninho, por tanto tempo que a tela até escureceu. Eu não tinha como fugir, e só me restava contar tudo a ela.

Não, não está. A segurança teve que explodi-la, não sei por quê.

Eu sinto TANTO, vou dar um jeito. Vou reembolsar tudo.

Mesmo via chat, era bem assustador ver que Jenny não sabia o que dizer. O silêncio não era seu estado de espírito natural, e isso não era nada bom. A tela escureceu de novo e começou a mostrar um slideshow das minhas fotos: Jenny e eu no karaokê; Jenny e eu almoçando na Rodeo Drive; eu segurando o cabelo de Jenny enquanto ela vomitava na rua. Até meu laptop estava tentando me fazer sentir mal. E com medo.

Antes que pudesse surtar mais, a tela se iluminou de novo, pois a resposta de Jenny chegou.

Está brincando, não é?

Não.

Balancei a cabeça enquanto digitava.

Explodiram a mala. Explodiram tudo.

Houve outra pausa, porém mais curta que a anterior.

QUE DROGA É ESSA DE EXPLODIREM A MALA?

Tentei digitar uma explicação, por mais sem-vergonha e sem sentido que fosse, mas, antes que pudesse, uma caixinha apareceu na tela. Meu computador estava ficando sem bateria. Droga. Olhei ao redor instintivamente, procurando pelo carregador, antes de lembrar que a) não estava em casa e b) meu carregador estava, é claro, na mala. Nem tive tempo de explicar, a bateria acabou e o computador desligou. Coloquei-o sobre a mesinha com todo o cuidado, como se Jenny pudesse me ouvir, e voltei para a cama, batendo o joelho apenas uma vez. Quando me aconcheguei nos lençóis de algodão, meu BlackBerry começou a vibrar loucamente na mesa de cabeceira. Agarrei-o rapidamente para não acordar Alex, mas não atendi. Era Jenny, é claro. Depois do que pareceu uma eternidade, a chamada terminou, sendo logo seguida por uma mensagem de texto.

ATENDA A DROGA DO TELEFONE

Pode parecer estranho, mas, depois dessa mensagem gentil, não fiquei muito a fim de atender a droga do telefone, então desliguei o BlackBerry e enfiei-o na gaveta ao meu lado. Falaria com ela de manhã. Ou quando tivesse coragem. Ou nunca. Virei para o lado e me encostei em Alex, e seus braços instintivamente me envolveram enquanto ele dormia. Talvez se fosse morar com ele assim que voltássemos, eu nem precisaria passar no apartamento. Deixando de

lado a situação com Jenny, me aproximei até sentir todo o corpo de Alex perto do meu. Nós íamos morar juntos. Com os olhos fechados, meu rosto se abriu em um sorriso que faria o gato da Alice parecer um sem graça, e esperei pacientemente até conseguir dormir.

*

— Por que você está tão feliz? — perguntou Alex na manhã seguinte. — Acho que nunca a vi tão feliz por sair da cama.

Fiquei de costas para ele, ajeitei o rosto e tirei uma camiseta cinza comprida do caos da mala dele. Eu provavelmente poderia ser presa por atentado ao pudor, mas estávamos na Europa, não é? Acho que conseguiria andar por aí de camiseta fingindo que era um vestido sem problemas. Virei para o espelho para confirmar a suposição. Bastou um olhar para tirar o sorriso do meu rosto. Droga. E sem meu kit completo de beleza (que nem era muito sofisticado, na verdade), eu estava um lixo. Xampu e condicionador de hotel, sabonete de barrinha e não líquido, e nada além de meio tubinho de hidratante para passar no corpo inteiro. Graças a Deus o rímel e o pó compacto ficaram na bagagem de mão, ou eu teria que ficar trancada no quarto como um trasgo.

— Ei, menina animada. Que aconteceu?

— Só estou feliz por conhecer Paris — menti. As palavras “Vou morar com você” quase tinham escapado da minha boca mil vezes desde que o despertador tocara havia meia hora, só que eu não diria nada. — Devo reservar alguma coisa em especial para fazermos juntos?

— Hum, não sei — ele se espreguiçou e virou-se de lado, o corpo ainda enrolado nas cobertas. — Muitas coisas de turista acabam sendo cafonas. Mas, você sabe, faça o que precisa fazer para o seu artigo.

— Não acredito que nada em Paris possa ser cafona — respondi, atirando uma almofada nele. Detestava deixá-lo na cama. Esse era um dos grandes problemas de namorar um cara de banda, ele quase sempre trabalhava à noite. — É tudo tão lindo.

— É, pode ser — ele jogou a almofada de volta. — Mas você acha que *Les Misérables* é lindo.

— Não tente usar minha paixão por musicais contra mim — alertei.
— Ou vou perguntar por que todos os episódios de *America's Next Top Model* que gravei na sua casa já foram assistidos.

— Então, nos vemos hoje à noite? — ele perguntou, imediatamente mudando de assunto. — O show é às 22h, e até lá podemos tomar um drinque ou jantar em algum lugar. Talvez o Le Dix?

— Gostaria muito de ter uma opinião a respeito — falei, apoiando-me na cama e beijando a testa dele. Abri a gaveta ao lado da cama, peguei meu BlackBerry e minha carteira e joguei-os na bolsa. — Acontece que nunca estive aqui, lembra? Aliás, como você sabe tanto sobre Paris? Morou aqui ou fez intercâmbio?

— Mais ou menos — a voz de Alex já estava sonolenta de novo. Parecia que ele queria que eu o odiasse. Ou, pelo menos, tentasse.

— Então, mando uma mensagem mais tarde? — falei da porta, conferindo mais uma vez se estava com a chave do quarto.

— Hum-hum — ele murmurou, fazendo um aceno com a mão para que eu saísse.

Babaca.

Enquanto caminhava pelo jardim do hotel até a recepção, comecei a ficar nervosa a respeito do encontro com Virginie. E se ela fosse superlinda e superlegal como as garotas que estavam no bar ontem à noite? Ela trabalhava para a *Belle* francesa, então com certeza não seria, digamos, normal. Assim que pisei no saguão do hotel, foi impossível não reconhecê-la. Encostada em uma cadeira fantasma Perspex Philippe Starck estava uma menina minúscula, com uma calça jeans justa como uma segunda pele, sapatilhas pretas, camisa jeans longa e soltinha aberta sob um coquinho preto, mechas onduladas de cabelos castanhos caindo sobre as costas e, o mais impressionante, uma expressão de total enfado no rosto bonito. Até que era reconfortante ver que a política de contratação da *Belle* era consistente em todo o mundo. Maravilhosa? Sim. Legal demais para o restante do mundo? Sim.

— Oi, Virginie? — perguntei, estendendo a mão em um gesto que era metade cumprimento, metade “por-favor-me-cumprimente-e-não-me-olhe-como-se-eu-fosse-doida”. Por um segundo, ela me encarou como se eu fosse maluca e depois levantou-se, super ereta, e segurou minha mão com as suas.

— Ah, Angela Clark? Claro, já vi sua foto, é você! — ela disse animada, o aperto de mão desaparecendo em uma nuvem de beijinhos e abraços. — Eu sou Virginie Aucoin, e estou muito feliz por poder ajudá-la.

Afastei-me um pouco, sem saber o que dizer. A garota *Belle* com ar de tédio tinha subitamente se transformado em um cachorrinho superanimado, com olhinhos brilhantes e incapaz de ficar quieta. Ela apoiava o peso em um pé, depois no outro, e sorria sem parar.

— Hum, bem, oi — respondi, sem querer chateá-la. — Você já tomou café? Quer alguma coisa?

— Ainda não. O que quer comer? — Virgínia perguntou, ficando muito séria. — O café da manhã é muito importante. Estamos bem ocupadas hoje, certo?

— Sim? — respondi, deixando que ela me arrastasse pelo saguão. — E eu gostaria de tomar um café...

Ela parou do lado de fora da porta.

— Só café? Ah, Angela, você já está tão americana. Mas tem que comer também. Siga-me.

Virginie falou sem parar ao longo da rua estreita de paralelepípedos. Felizmente para a burra aqui, o inglês dela era razoavelmente bom, principalmente porque ela tinha passado um ano trabalhando como estagiária na *Belle* americana, que foi onde conheceu meu blog, aparentemente.

— Foi só um começo, logo saí e voltei para Paris — ela explicou, virando outra esquina e saindo em um lugar muito amplo, repleto de mansões enormes. — Esta é a Place des Vosges, muito antiga, muito linda. Diversas pessoas famosas viveram aqui muito tempo atrás. Conhece o escritor Victor Hugo? E o cardeal Richelieu? Também quero, um dia. É meu sonho.

— Victor Hugo, que escreveu *Les Mis*? — perguntei, lançando um olhar empolgado para uma das fontes e para as lindas árvores da praça. — Fale sério.

— *Les Misérables*? Você gosta de ler os livros dele? — perguntou Virginie. — Victor Hugo?

— Digamos que sim — respondi, esperando que não fôssemos embarcar em uma discussão muito séria sobre literatura francesa. Logo ela perceberia que eu era fã do musical. — E é muito bom ter sonhos. Se você quer morar aqui um dia, com certeza conseguirá. A maior parte das meninas da *Belle* nos Estados Unidos já parecem estar em um palácio na Park Avenue. Vamos tomar café?

— Mas você... — ela disse, puxando-me até me fazer sentar em uma cadeira diante de um pequeno café que ficava sob um arco. Para uma menina tão pequena, ela até que era forte. Estava cada vez mais convencida de que, na verdade, ela era o Scooby Doo. — Você já vive um sonho. Leio seu blog todos os dias e parece tão emocionante. Você deixa Londres, vai para New York, arranja um emprego, conhece pessoas incríveis, entrevista celebridades, viaja para Los Angeles, para Paris. Nem pude acreditar quando perguntaram se alguém ia ajudá-la aqui em Paris. Fiquei tão empolgada.

— Bem, você faz parecer bem mais interessante do que realmente é — comentei, sentindo-me uma bela fraude. — Na maior parte do tempo, só o que faço é ficar sentada de olho no laptop. Sério.

— Mas você é minha heroína — ela confessou timidamente, olhando para mim por trás de uma cortina imensa de cabelos. Tenho que descobrir que produtos ela usa. — Eu adoraria ter a sua vida.

Eu realmente não sabia o que dizer. Normalmente estava tão ocupada tentando resolver minhas coisas que nunca me dei ao trabalho de ver a minha vida com os olhos dos outros. Além disso, estava praticamente certa de que a maior parte das pessoas só fazia isso quando as coisas estavam dando errado, não quando estava tudo bem. Há muito tempo aprendi que a melhor forma de lidar com uma vida feliz é abaixar a cabeça e seguir em frente, torcendo para que as coisas não virem subitamente de pernas para o ar.

— Tenho certeza de que a sua vida é maravilhosa, Virginie. Viver em Paris, trabalhar na *Belle* — pensei em Cici, obrigada a ser eternamente ajudante de Mary no site da *The Look*, e senti um mísero segundo de simpatia. — Sei que muita gente gostaria de estar no seu lugar.

— Sim, sei disso — ela falou, chamando um garçom e fazendo o pedido por nós duas. — Mas, assim, não quero que pense que não estou feliz com as minhas oportunidades, porque estou, só não estou querendo escrever para a revista *Belle*. Fiz a inscrição no estágio para poder conhecer New York e tive tanta sorte de conseguir que não pude recusar. Acontece que as meninas de lá não são minhas amigas. Não admiro tanto a moda que elas gostam.

— É mesmo? — fiquei tão aliviada. Seria possível que, contrariando todas as expectativas, ela fosse normal? Além dessa história de me idolatrar e chamar de heroína, claro, mas com isso com certeza eu logo me acostumaria. — Bom, quanto a isso não tem problema, também não sou muito fã de haute couture e pediram-me que escrevesse para eles. E você está aprendendo muito lá, tenho certeza.

— É verdade — ela concordou, tirando uma baguete da cestinha de pães que colocaram sobre a mesa, passando manteiga e mergulhando no café, que ficou cheio de migalhas e manteiga. — E ajudou a conhecer você. Estou tão feliz que vamos ser amigas.

— Não seremos amigas se fizer isso de novo — comentei. — É nojento.

— É? — Virginie imediatamente largou o pão sobre o prato. — Desculpe. Não vou fazer de novo.

— Ah, meu Deus, não, desculpe, pode continuar — falei imediatamente. — É só que não estou acostumada a ver as pessoas fazendo... isso.

Ela sorriu encabulada e pegou o pão, mordendo aos pouquinhos, porém sem mergulhar no café. Abri um sorriso, peguei a xícara e olhei para a praça. Minha nossa, era poder demais para se ter sobre uma pessoa.

Assim que o pão e os croissants desapareceram, partimos para o que era mais importante. *Os pains au chocolat*. E a reportagem.

— Então você sabe sobre o que trata o artigo? — perguntei. Ela balançou a cabeça afirmativamente, já segurando o bloquinho e a caneta nas mãozinhas ansiosas. — Bem, vejamos, temos dois dias para descobrir uma Paris secreta, com as lojas mais legais, bares, restaurantes, essas coisas. Está pronta?

— Estou! — ela exclamou, saltando da cadeira. — Vamos lá!

— Certo, acalme-se e sente-se só um momento — percebi que estava com as mãos erguidas, então fingi que dava uns soquinhos animados no ar e voltei a colocá-las sob a mesa. — Então, isso não é tudo, eu tinha feito algumas pesquisas e tal, mas tive um problema com a mala e acabei perdendo tudo. E a minha câmera. E minhas roupas. E um carregador para Mac. Tudo.

Eu não ia contar aquela história mais uma vez.

— Certo — concordou Virginie séria. — Tenho algumas ideias de lugares para irmos, onde com certeza vamos encontrar roupas para você. Podemos comprar um bloquinho e estou com a minha câmera, porque queria tirar uma foto com você. Só não posso ajudar com o carregador para Mac, pois não conheço nenhum lugar em Paris que venda isso.

— Certo — quase sorri. Era um alívio tão grande ter um rosto amigo e disponível ao meu lado. — Posso ligar para o escritório, também. Talvez eles possam ajudar.

Tirei o BlackBerry da bolsa e cliquei pelos contatos até chegar a Donna. Ah, ela ia amar isso. Um segundo antes de apertar o botão de chamada, parei. O que eu ia dizer? Ela já havia deixado bem claro que não era minha maior fã. Desci até Esme e parei de novo. Mesma coisa. Então, para quem poderia ligar? Às 6h30 da manhã? Por mais que isso fosse contra todos os instintos do meu corpo, só havia uma pessoa em quem eu podia pensar. Cici.

Imaginando que até a recém-descoberta gentileza de Cici tinha limites, e que 6h30 da manhã era provavelmente um deles, em vez de ligar, abri a caixa de e-mails, passando direto pelos quatro que Jenny já tinha me enviado (um problema por vez) e digitando uma mensagem curta. Expliquei meus principais problemas, evitando a questão da explosão e optando por mencionar apenas que a mala tinha “se perdido”. E-mail enviado, coloquei o BlackBerry de volta na

minha agora extraordinariamente preciosa, primeira e única bolsa Marc Jacobs e sorri para Virginie. Ela sorriu de volta na hora, com milhares de watts de potência.

— Estamos prontas? — ela perguntou, literalmente sem conseguir ficar parada na cadeira.

— Estamos — confirmei. “E se Deus quiser vou conseguir não afogá-la no Rio Sena”, pensei comigo enquanto ela pegava meu braço e me arrastava pela rua.

— *D'accord*, estou pensando em uma loja que conheço, não muito longe, onde fazem bolsas com tecido de jaquetas de couro antigas — disse Virginie, conduzindo-me pelas ruas estreitas e elegantes. — Isso seria legal para o seu artigo, *oui*?

— Perfeito — concordei ocupada demais olhando tudo ao meu redor para conseguir me concentrar. Paris era linda. Pena que não estava com minha câmera. O sol iluminava as ruas de paralelepípedos, aquecendo meus braços e pernas e ajudando a me sentir menos chamativa com meu vestidinho de mentira. Estava quase tão quente quanto em New York, mas muito menos úmido. Todas as lojas tinham as fachadas com grandes janelas de vidro com madeira ao redor, e as residências acima delas eram quase todas decoradas com janelinhas como as que se veem em casas de bonecas, repletas de flores coloridas. Enquanto olhava, senti o BlackBerry vibrar perto do meu quadril. Cambaleei atrás de Virginie, tentando alcançá-la enquanto lia a mensagem.

Oi, Angela

Que péssima notícia sobre a sua mala! Imagino que esteja supertraumatizada. Se fosse comigo, eu não saberia o que fazer da vida. Não entre em pânico, tudo vai ficar bem. Falei com meu avô e ele disse que você deve usar o cartão de crédito que lhe enviei para comprar uma nova câmera e os acessórios do laptop, e também algumas roupas. Como é uma viagem de trabalho, você tem seguro e a Spencer Media é responsável pelas suas perdas. Só lhe peço para não pitar muito — até a *Belle* tem um orçamento, eu acho... rs

Quanto as suas anotações, não há muito que possamos fazer a respeito, mas posso mandar uma lista de algumas das minhas lojas preferidas em Paris. Estou na academia agora e tenho algumas coisas para fazer para a Mary logo cedo, por isso só conseguirei enviar mais tarde, então curta Paris! Darei um jeito, não se preocupe.

Cici xoxo

Na primeira vez que li o e-mail, quase caí de costas. Na segunda, simplesmente não pude acreditar. Quando Virginie o leu mais uma vez, em voz alta, para que eu tivesse certeza de que não estava ficando doida, finalmente caiu a ficha. Rs? Cici tinha me mandado uma risadinha! Isso era ao mesmo tempo incomum e errado.

— Ela parece ser legal — comentou Virginie, entregando meu BlackBerry Peguei-o das mãos dela bem devagar, como se estivesse amaldiçoado. E até onde sabia, estava. — Não lembrava que ela era assim.

— Você conheceu a Cici? — perguntei.

— Sim. Ela quer muito trabalhar na *Belle*. Eu às vezes tinha algum projetos com ela, coisas de assistente.

Olhei bem para ela. Estranho, não parecia alguém que tinha sido torturada por uma sádica.

— E vocês são amigas?

Ela soltou uma risada alta e imediatamente colocou a mão diante da boca.

— Desculpe, isso foi muito deselegante — ela disse. — Mas, não, Cici Spencer e eu não somos amigas. Ela não gosta dos estagiários e assistentes que trabalham na *Belle*. Talvez ela ache que, hum, se nos convencer a sair ela fica no lugar?

— Certo — falei. Ufa. Agora sim.

— Você é amiga? — perguntou Virginie resabiada. — Da Cici?

Sem nem pensar, soltei uma risada como a dela.

— Não, de jeito nenhum. Por mais que tenha parecido, nesse e-mail — enlacei o braço de Virginie no meu e sorri. — Eu não

confiaria na Cici Spencer nem a milhares de quilômetros de mim. Que é onde prefiro que ela esteja. Agora, vamos dar uma olhada nessa sua loja de bolsas.

A manhã passou depressa e parecia que tínhamos caminhado quilômetros. E realmente tínhamos, descobri quando Virginie mostrou o caminho que fizemos no mapinha que comprei. Além de descobrir endereços de várias lojas legais, eu tinha conseguido encontrar algumas pecinhas para meu mini guarda-roupa parisiense. Por mais que fosse estranho usar o cartão de crédito da empresa para comprar coisas para mim, eu não tinha outra opção. Tinha acabado de pagar o aluguel, a Vanessa ainda não tinha me dado a parte dela e ainda faltava uma semana para o pagamento. E eu estava muito malvestida. Pelo menos agora tinha um jeans que me servia (uma marca parisiense), algumas camisetas (Deus abençoe a praga internacional que é a American Apparel), dois vestidos vintage bem bonitinhos (encontrei enquanto pesquisava) e uns sapatos que não eram as sapatilhas detonadas e velhas da Primark que havia usado na viagem (só o essencial). Talvez eu não precisasse realmente dos dois colares e das pulseiras que comprei, mas agora escrevia para a *Belle*, então não seria legal passear por Paris sem os acessórios corretos.

O calor não era nem de perto tão opressor como em New York, embora às 3 horas eu já estivesse começando a derreter. Felizmente, parecia que o poder-cachorrinho-feliz de Virginie também estava começando a se esgotar.

— Acho que precisamos de um sorvete — ela anunciou.

— Belo plano — concordei, tirando algumas mechas de cabelo do rosto. — Aonde vamos?

— O Sena é aqui, está vendo? — Virginie apontou para um cruzamento bem movimentado. — Do outro lado dessa rua é a Ile St-Louis e lá vamos encontrar o melhor sorvete. O melhor do mundo.

— Sei não — respondi, seguindo-a alegremente. — Tem uns sorvetes bem gostosos em New York.

Pela primeira vez, Virginie virou-se e olhou para mim realmente séria.

— É o melhor do mundo.

— O.k. — dei de ombros, mostrando a palma da mão. — Se é o que diz...

*

— Mas que sorvete filho da mãe de bom — balbuciei com a boca cheia de sorvete de torrone. — Desculpe pelo palavreado.

Virginie sorriu satisfeita.

— É o melhor, não é?

Respondi raspando a colher no fundo do pratinho de metal. Ben & Jerry já não eram mais nada para mim. Sem a distração do sorvete, olhei ao redor e percebi que estava boquiaberta. Tudo naquela cidade era lindo. O sol da tarde iluminava a ponte de pedras cinza que ligava a ilha ao restante da cidade e fazia o Rio Sena cintilar. Do outro lado do rio, lindos prediozinhos com várias fileiras de janelas ladeavam as margens, enquanto pináculos, torres e campanários marcavam o horizonte. Não podia ser mais diferente do que a vista dura de Manhattan que eu me acostumara a ver da janela da sala do apartamento de Alex. Tudo parecia antigo e elegante, e sentia que poderia me sentar aqui e observar a cidade para sempre.

— Há muitas coisas bonitas para ver em Paris — disse Virginie, interrompendo meus pensamentos. — Gostaria de dar uma volta pela cidade?

— Eu gostaria muito de dar uma volta pela cidade — falei, deixando que meus sonhos de andar de bicicleta pela margem esquerda em uma roupa inspirada na Brigitte Bardot evaporassem. A Brigitte Bardot dos anos 1960, não a louca dos gatos. — Mas, sei lá, será que já temos o suficiente?

Folheei meu bloco de anotações. Parecia que tínhamos feito milhares de coisas, visto muitas lojas e cafés, mas agora, enquanto observava minhas notas, não parecia ter tantas informações. Com certeza, não o suficiente para um artigo de dez mil palavras.

— Fizemos bastante coisa hoje — comentou Virginie, fechando o bloco que estava na minha mão. — Você já tem vários lugares. E ainda tem amanhã. E Cici vai mandar a lista dela, *non*? Você tem que ver Paris, Angela, faço questão.

— E eu quero ver — falei, choramingando um pouco e observando um barco cheio de turistas que passava ali perto. — Mas isso é tão importante. Talvez possamos pesquisar um pouco mais hoje e fazer as coisas de turistas amanhã?

— Amanhã o tempo não estará tão bom — disse Virginie, enrugando o lindo rosto. — Mas, tudo bem, se é o que você quer. Pensei que amanhã poderíamos ir a lojas e cafés do outro lado da cidade. Onde é melhor com o tempo ruim.

— Tempo ruim? — mordi o lábio e tentei evitar o sentimento estranho que surgia no meu estômago. Eu queria muito, muito fazer um bom trabalho. E tinha bastante tempo. No entanto, como poderia fazer um artigo com um ar parisiense se não conhecia a cidade? Não tinha como. — E aí poderemos ver alguns lugares enquanto passeamos, certo?

— É claro. Pensei que poderíamos tomar o ônibus aberto? Assim verá tudo de uma só vez — Virginie deu uma risadinha. — É um pouco, como se diz, cafona? Mesmo assim, acho que você vai se divertir.

— Gosto de coisas cafonas — admiti. — Vamos ver a Torre Eiffel?

— Sim, claro — ela resmungou. — Os parisienses não gostam da torre. Acham que é feia.

— Já ouvi várias coisas sobre os franceses — comentei, ficando de pé e lutando para me afastar do vendedor de sorvetes. — Mas não acredito em tudo que ouço.

— Pode acreditar nisso — disse Virginie, apontando para o outro lado da rua. — Temos que pegar o Métro.

— Mas você depila as pernas, não é?

— Com cera.

— E dá vinho para as crianças?

— Não conheço nenhuma criança.

— Mas daria?

Virginie suspirou.

— O Métro é por ali.

Ótimo. Eu finalmente tinha quebrado a casca dela.

CAPÍTULO 7

— E então fizemos um passeio com o ônibus aberto e vi a Torre Eiffel e a Notre Dame, o Louvre, meu Deus, e mais um monte de coisas. E andamos de *Métro*, eu embarquei nele aqui, já contei? — estava falando com Alex havia três minutos, sem nem ao menos parar para dar um beijinho nele. Para você ver quanto eu amava Paris. Amava muito.

— Contou — ele disse, erguendo minha mão até seus lábios e dando um beijinho leve. — Estou feliz que você teve um bom dia. Conseguiu fazer algum trabalho?

— Sim — respondi, fazendo beicinho. Ele não estava muito interessado nas minhas aventuras parisienses. — A Virginie levou as minhas coisas, quer dizer, as que compramos durante a pesquisa, com ela. Convidei-a para vir ao show hoje à noite, tudo bem?

— É claro — ele falou, conduzindo-me para fora da rua e descendo uma escadinha estreita. Eu gostava de segui-lo quando subíamos escadas, porque me dava uma bela visão de sua bundinha nos jeans, porém não gostava de descer, pois ficava com medo de tropeçar e ele ser magro demais para amortecer a queda caso caísse sobre ele. — Não gosto quando você tem que ficar sozinha enquanto toco.

— Não precisa falar como se eu fosse uma groupie triste, não é como se eu estivesse sempre sozinha — repreendi-o, meus olhos se acostumando aos poucos à escuridão do bar. — É só que, desde que a Jenny foi embora, não tive muitas companheiras de balada, eu acho.

— Que bom que tem a mim, então, não é? — Alex cumprimentou de longe o homem que estava no bar e me levou até uma mesinha nos fundos. — Aliás, já lhe disse que está uma gracinha hoje?

— Na verdade, não — ajeitei-me na cadeira, debruçando-me para a frente para mostrar meu busto parisiense, cortesia da minha incrível lingerie Aubade, e esperei pacientemente pelo elogio. Se ele quisesse falar alguma coisa sobre a minha blusa de gola alta azul-clara, levemente clichê mas irresistível, e que a Virginie garantiu que iluminava meus olhos, também não teria problema.

— Você está uma gracinha — ele comentou, a mão pousando de leve na minha coxa.

— Só uma gracinha?

— Supergracinha?

— Não estou *très chic*?

Alex me encarou e segurou minhas mãos perto do peito.

— *Vous êtes la femme la plus belle et la plus renversante à Paris. Aucune autre femme ne compare à vous.*

— Não sei o que você disse — falei sem fôlego —, mas com certeza vai se dar bem hoje.

— Vamos tomar alguma coisa — ele riu, chamando o barman. — É basicamente cerveja ou sangria. E a cerveja não é das melhores.

— Sangria, então — concordei, olhando ao redor. A música estava alta e, às 18h30, o lugar já estava cheio de parisienses lindos. Os modernos, meio largados, não os impecáveis que vi caminhando pelas ruas à tarde. Mesmo que essa não fosse exatamente a parte da cidade que estava pesquisando, Virginie prometeu que me levaria às lojas chiques amanhã para que eu desse uma olhada nas vitrines cheias de coisas bonitas.

O homem que estava atrás do bar, usando um macacão muito curioso de tricô com um tipo de estampa de bicho, trouxe dois copos e uma jarra de sangria. Depois de colocá-la na mesa derramando bastante para fora, ele comentou algo em francês com Alex e deu um tapa nas costas dele enquanto soltava uma gargalhada. Ergui as sobancelhas e bebi um pouco. Minha nossa, como era bom. Minha nossa, como era forte.

— O que quer que ele tenha dito a você, espero que se refira ao prato do dia — comentei, colocando o copo sobre a mesa melada. —

Acho que não vou poder beber muito disto aqui tendo comido só meia baguete e um sorvete.

— Não tem comida aqui — Alex franziu a testa, fazendo sua expressão de “estou pensando”. Adorava essa expressão, parecia que ele estava prestes a começar a cantar em um show. — Só uns pedacinhos de pão com queijo por cima. Mas tem um lugar aqui perto que faz um steak frites ótimo. Temos tempo. Quer ir até lá?

— Legal — tentei ignorar o fato de que meu estômago não estava roncando, estava praticamente causando um terremoto. — E você sabe disso porque costumava vir aqui quando estava fazendo o quê em Paris?

— Todo mundo vem aqui — ele respondeu, enchendo meu copo até a borda. — Todos se encontram no Odéon, é tipo, sei lá, a Union Square ou o Piccadilly Circus.

— Você não respondeu a minha pergunta, não é? — falei, apertando a perna dele. Eu estava tentando manter as coisas tranquilas, mas, quanto mais evasivo Alex ficava, mais incomodada me deixava. — Como conhece Paris tão bem? E não é só coisa de turista. Sabe onde ficam os bares sem olhar no mapa, sabe onde as pessoas se encontram à noite. Pode falar, garoto. Como é?

— Certo, mas não pire — ele começou, encostando-se na parede atrás da mesa. — Eu namorei uma garota de Paris e passamos algum tempo aqui. Só isso. Paris não é uma cidade enorme, você acaba se achando bem rápido.

— E por que acha que isso me faria pirar? — perguntei com uma voz muito, muito fina. — Estou ótima.

— Acho que é porque nunca falamos dos nossos passados desde, você sabe, a primeira vez — ele disse, os olhos verdes ainda cautelosos. — Enfim, foi há muito tempo.

— E você ficou aqui muito tempo? — perguntei sem ter certeza de que realmente queria a resposta. Lembrei-me de um enjoo muito ruim que senti da última vez que falamos sobre ex. Não foi legal.

— Não. Não, muito. E o motivo pelo qual conheço tão bem a cidade é porque, quase todo o tempo que passamos aqui, nós estávamos brigando, por isso eu andava pela rua e fazia amizade

com os garçons. Desse jeito é possível aprender a geografia da cidade bem rápido. E a língua também.

— Certo — assenti, pegando minha sangria e tomando outro gole.

— Então, vai parar de fazer perguntas que não quer realmente saber a resposta? — perguntou Alex, debruçando-se para ficar no meu campo de visão. — Não quero chateá-la, mas a conheço o suficiente e acho que não quer saber mais nada. Exceto que já acabou e eu voltei para os Estados Unidos, conheci você e nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

— É justo — respondi, tomando um longo gole. Será que aquele pedacinho de laranja cortado no meio do vinho contava como uma porção de fruta? Achei legal acreditar que sim. Claro que sim.

— Quer dizer que não vai ficar obcecada com o que eu disse?

— Não — só que eu ia.

— Não acredito em você, mas tudo bem — ele esperou que eu recolocasse o drinque sobre a mesa e pegou minhas mãos. — Porque estava falando sério sobre esta viagem ser legal. Acha que a teria trazido até aqui se o lugar me fizesse pensar em outra garota?

Balancei a cabeça e não disse nada, mas algo lá dentro estava berrando: “é bom mesmo que não!” E por mais feliz que estivesse por Alex estar aqui comigo, ainda havia um pedacinho de mim furioso ao pensar que ele já havia sentado naquela mesma mesa com outra garota, sussurrando bobagens em francês em seu ouvido e dando pedacinhos de pão com queijo para ela comer. Bem, talvez não esta última parte, que não era muito sexy.

— Angela, queria que viesse porque eu amo Paris e amo você — ele se aproximou e me deu um beijo de leve. — E, se isso ajuda, nunca vim a este lugar com a minha ex.

Que beleza. Meu namorado, leitor de mentes. E bem brega.

— Bem, eu também gosto um bocado de você, por isso acho que vai dar tudo certo — declarei, beijando-o sem ter muita certeza de que “leitura de mentes” era uma boa qualidade em um namorado. A não ser que fosse algo relacionado a presentes e a comprar o sutiã do tamanho certo, estava convencida de que a resposta era “não”.

Para a alegria do meu *jet lag*, o show de Alex era em um bar que ficava bem próximo ao nosso hotel, então só precisamos pegar um táxi de volta e fomos direto para o show. Virginie estava nos esperando do lado de fora do bar Pop-in, descolada como sempre, em uma camiseta que mal cobria a bunda (bem mais curta que aquela que usei — deve ser por isso que ela não comentou nada) e jaqueta jeans desbotada. Tentei não ficar desesperadamente enciumada pelo quanto ela estava bonita, com os cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo que parecia prestes a explodir em seu rosto, e olhos que brilharam quando a apresentei para Alex. E eu sabia que na França todos se cumprimentavam com beijinhos, mas ela precisava fazer isso com meu namorado também? Era contra qualquer tipo de beijo em relação a Alex. Depois de nos acompanhar pelo bar e pedir nossos drinques, Alex foi para uma salinha se preparar para o show, deixando Virginie e eu tentando conversar apesar da música alta que bombava nas caixas de som.

— O Alex é o rapaz do Brooklyn do seu blog? — perguntou Virginie.

— É, sim — afirmei, bebendo um gole de um vinho muito ruim. Os vinhos não tinham que ser todos maravilhosos na França? Isso parecia solvente de tinta. — Você tem namorado?

— Não — ela respondeu, olhando ao redor. — Tinha, mas ele me traiu quando eu estava em New York e então terminamos. Alex é bem bonito.

— Obrigada — respondi não muito confortável com o elogio e menos ainda com o que ela contou. O que deveria dizer a respeito de uma coisa dessas? O bar era pequeno e escuro, muito menor que os lugares em que eu costumava ver Alex tocar em New York, e as luzes brilhantes do palco faziam seus cabelos pretos brilharem, os olhos verdes ficarem mais vivos do que nunca e a pele clara se iluminar. — Sinto muito pelo seu ex. O meu também me traiu, não que isso ajude muito — falei em voz alta, para ela me ouvir apesar da passagem de som.

— É mesmo? — Virginie se virou tão depressa que metade do rabo de cavalo se soltou. — Não acredito que alguém possa ter

traído você. É tão bonita e engraçada e legal. E também tem uma bolsa chiquérrima.

— Bem, na época eu não tinha a bolsa — abracei minha amada Marc Jacobs com força. — Mas, para ser honesta, acho que ela não teria impedido meu ex de transar com a colega de tênis.

— Ele é um idiota — ela declarou. — Qualquer homem teria muita sorte de estar ao seu lado. Espero que Alex saiba disso.

Sorri meio sem jeito e tomei mais um golinho. Eca, ruim demais. Ninguém, acho que nem mesmo a Jenny, nunca havia me dito algo assim. Alex tinha sorte de ter a mim? Hum, que ideia mais radical.

— Bem, não conte para ele, mas em breve vamos morar juntos — falei o mais baixinho que a música permitia.

— E ele não sabe? — Virginie parecia confusa. — Acho que você deveria contar a ele antes de começar a fazer as malas.

Ri alto, e um pouco de vinho entrou no meu nariz. Era tão ruim ali quanto na minha boca.

— Não, foi ele quem me pediu, eu só não disse a ele ainda que vou — expliquei. — É uma surpresa para o aniversário dele.

— Então ele é mais sortudo ainda — ela comentou, largando a taça de vinho. — Isto aqui é horrível. Que tal um mojito?

— Essa é uma das minhas perguntas preferidas — larguei a taça de vinho vagabundo sobre o balcão. — Sim. Quero sim.

Um mojito e meio depois, Alex já estava na metade do show e eu estava no meu ponto de observação preferido. Encostada no bar, atrás da multidão, com uma ótima visão da banda. Não fazia ideia de quantas vezes havia visto os Stills tocarem no último ano (na verdade, fazia sim, foram sete), mas sempre que via Alex no palco sentia que o amava ainda mais. Vê-lo lá em cima, com a multidão a seus pés cantando com ele, tornava um pouco difícil acreditar nas palavras de Virginie. Como ele poderia ser o sortudo? Alex poderia escolher qualquer pessoa naquele bar, em qualquer bar, aliás, e era comigo que ele ia para casa. E mesmo sabendo que era isso que ia acontecer hoje, e em todas as noites quando voltássemos a New York, às vezes era difícil lidar com o fato de que todas as garotas daquela sala queriam o meu namorado.

E alguns meninos, também. Claro, eu ficava um pouco convencida por saber que todas o queriam e ele era meu, mas ainda assim era difícil me acostumar. Tomara que significasse que eu era só humana, e não uma babaca.

O show estava quase terminando quando avistei Solène em frente ao palco. Seu cabelo claro estava quase branco sob as luzes que iluminavam Alex, Craig e Graham, e vi que ela estava dançando, segurando a mão de outra menina bem alto e pulando para lá e para cá. O bar era pequeno, elas estavam a apenas algumas pessoas de nós. Pude ouvi-la cantando junto com as músicas, os olhos fechados, o vestido se erguendo perigosamente cada vez que jogava as mãos para o alto. Entre uma música e outra, ela parava de dançar, ajustava o vestido, tirava o cabelo do rosto e sorria encantada. Quer dizer que ela era fã dos Stills.

— Essa garota, você a conhece? — perguntou Virginie, apontando para Solène.

Balancei a cabeça.

— Não muito, conheci noite passada. Ela tem uma banda, acho que já tocaram com a banda de Alex ou algo assim. Não sei, não chegamos a conversar muito.

— Ela gosta muito do seu namorado.

Voltei-me para Solène. Os olhos dela não estavam mais fechados, dessa vez ela estava vidrada em Alex e cantava diretamente para ele, as mãos juntas perto do coração, batendo junto com o som do baixo. Não gostei nada disso.

Virginie tocou meu ombro.

— Eles já namoraram?

— Hum... não sei — não estava muito a fim de conversa, porque aquela teoria começava a tomar forma na minha cabeça. Será que eles tinham namorado?

— Pensei que talvez. Eles parecem amigos.

— Pode ser — concordei, já me sentindo um pouco enjoada. E não era pela mistura de sangria, vinho tinto e mojito. Bom, talvez fosse um pouco por isso. — Ele não me falou nada sobre ela.

“Mas vai falar”, pensei comigo.

No final do show, esperei pacientemente no bar enquanto Alex desplugava um milhão de cabos e recolocava as coisas nas caixas. Já havia me oferecido para ajudar, mas, como uma vez causara um curto-circuito em um amplificador em três minutos, sugeriram que eu ficasse apenas supervisionando. Bem longe do palco e dos instrumentos caros. Dessa vez, pelo menos, isso me deixava bem feliz. Enquanto ele estava ocupado, e Virginie no banheiro, segui Solène até lá fora. Trocar vinho por rum não era uma grande ideia considerando a quantidade de coisas que eu tinha para fazer no dia seguinte, mas havia me deixado mais corajosa do que de costume.

— Oi, Solène! — esperei que ela terminasse de acender um cigarro antes de falar.

— *Oui?* — ela respondeu, sem me reconhecer imediatamente. — Ah, a amiga de Alex! Desculpe. Esqueci seu nome.

— É Angela — respondi, sem saber bem como ia conduzir a conversa. — Solène, você e Alex costumavam sair juntos?

— Sair juntos? — ela soltou uma baforada de fumaça. Era um hábito nojento, porém sexy. Vaca.

— Desculpe, você namorou Alex? — perguntei novamente, começando a me sentir bem desconfortável. Percebi que as demais garotas da banda estavam vindo na nossa direção.

Solène acenou com a cabeça.

— Ele não lhe contou?

— Não, não contou — respondi um pouco surpresa por ter confirmado minhas suspeitas tão rápido.

— Não me surpreende — ela riu, oferecendo-me um cigarro, o qual, por algum motivo, peguei. — Ele está sempre com tantas garotas, por que falaria de mim?

As outras meninas ficaram ao redor de Solène e riram também. Sem saber muito bem o que fazer, ri com elas. Não era hilário o fato de o meu namorado ficar com tantas garotas lindas que nem achou importante me contar que uma delas era vocalista em uma banda de rock francesa que fazia as modelos da Victoria's Secret parecerem leitoas?

— Foi há muito tempo — ela acendeu meu cigarro e continuou falando. — Muitos anos, nós éramos muito jovens, eu morava em New York e foi só por diversão. Vocês deveriam vir amanhã, vamos dar uma festa. Vai ser bom falar com o Alex de novo.

— Sua banda vai tocar amanhã? — perguntei com a voz áspera por causa do cigarro. Por que eu estava fumando? Por quê?

— *Non* — Solène balançou a cabeça. — Meu namorado e eu vamos fazer uma festa. No nosso apartamento, vocês têm que vir. Aqui, vou escrever o endereço. — ela colocou o cigarro na boca e anotou um endereço nas costas da minha mão, usando uma caneta que uma das companheiras dela arranhou.

Com a mão livre, dei outra desagradável tragada no cigarro. Sério, que coisa nojenta, como as pessoas podiam fazer isso por diversão? Afoguei-me um pouquinho e tentei sorrir.

— Você me dá seu telefone — ela ordenou, estendendo a mão muito branca. As unhas dela eram supercurtas, como as de Alex.

Enquanto anotava o número, imaginei com inveja suprema que ela provavelmente tocava guitarra, além de cantar. Eu não fazia nem uma coisa nem outra, por mais que achasse o contrário depois de cinco margaritas no karaokê Sing Sing da Avenue A.

— Começamos às 20h, venham, por favor — ela deu uma última tragada no cigarro, jogou-o no chão e pisou na bituca. Por fim, me deu dois beijinhos antes de girar sobre os saltos e sair. — *Au*, Angela!

— Angela? — Virginie surgiu ao meu lado, com os olhos castanhos parecendo preocupados. — Você estava falando com aquela garota?

— Estava — respondi, escondendo o cigarro atrás das costas. — Está tudo bem, mas acho que deveria encontrar o Alex. E ir para o hotel. Você foi ótima hoje.

— *D'accord* — ela me deu dois beijinhos e um abraço rápido. — Foi muito legal hoje. Encontro você no hotel às 10h, amanhã?

— Dez — dei um sorrisinho. Não estava me sentindo bem.

Observei enquanto Virginie caminhava pela rua até o *Métro* e me encostei na parede gelada do bar. Encarando o cigarro meio

queimado, pensei em Alex e Solène. Então, eles foram namorados. Isso queria dizer que ela era a Vaca Francesa? Não parecia que o relacionamento deles tinha sido muito sério. Além disso, ela disse que estava morando em New York quando namoraram. Não sabia se isso era bom ou ruim, mas, no fim das contas, melhor saber com o que estava lidando. Ou Alex tinha namorado uma cantora francesa supergata havia muitos e muitos anos, e ela agora tinha um namorado novo e nos convidou para a festa do casal, ou ele tinha namorado uma cantora francesa supergata e pelo menos mais uma garota francesa cujo nível de beleza era completamente desconhecido. Hum.

— Angela, você está fumando?

— Droga — o cigarro tinha queimado até quase chegar aos meus dedos. Isso ia me ensinar a prestar atenção nas coisas.

— Angela? — Alex colocou o estojo com a guitarra no chão e tirou a bituca queimada da minha mão. — Você está bem?

— Acho que sim — respondi, embora não conseguisse acreditar nisso.

— Venha cá — ele me puxou para perto, a camisa xadrez marrom ainda quente e suada depois do show. Cantar sempre o deixava a fim de umazinha, e, para ser honesta, assisti-lo não era uma preliminar nada ruim.

— Não, não — tentei afastá-lo, mas me desequilibrei e caí sobre o peito dele. — Estounojenta. De novo.

— Eu não ligo que esteja com gosto de cinzeiro — ele disse, segurando meus pulsos com força. — Até que gosto.

— Acontece que não estou me sentindo bem — expliquei depressa, mal soltando as palavras e me virando para vomitar na rua.

— E você não queria me beijar porque eu estava fumando — lembrou Alex, pegando a guitarra com uma mão e me apoiando com a outra. Coloquei a mão diante da boca e deixei que ele me arrastasse pela rua até o saguão do hotel. — Mas acho que ninguém viu.

Concordei. Queria lhe agradecer, dizer que o amava, perguntar sobre Solène, porém não conseguia tirar a mão da frente da boca.

— Espere aqui um segundo — ele disse, cuidadosamente me encostando em uma das cadeiras do saguão e correndo para fora. Olhei ao redor. Estava muito iluminado. Uma tossida leve chamou minha atenção. No balcão da recepção, um funcionário alto do hotel me observava sem nem ao menos tentar esconder o asco que sentia. Tirei uma mão da boca e acenei para ele. Pelo que percebi, Alex tinha três segundos para voltar antes que eu fosse jogada na rua ou vomitasse. De novo.

— Madame? — o funcionário da recepção veio falar comigo.

— Está tudo bem — Alex correu de volta para o saguão e me ajudou a ficar de pé. — Está tudo bem, ela está hospedada aqui. E comeu alguma coisa que lhe fez mal.

— Sim. Intoxicação alimentar com essas coisas francesas. E é *mademoiselle* — gritei por trás da mão. — *Mademoiselle!*

— Você é muito fraca para bebida mesmo — observou Alex, levantando-me e jogando-me sobre o ombro. Uma péssima ideia, considerando que eu poderia vomitar novamente a qualquer momento. — Não posso levá-la a lugar nenhum.

— Ah, não enche — suspirei, tentando não enjoar de novo. Ergui a cabeça e vi que o concierge, o porteiro e outros funcionários apareciam aos poucos para acompanhar nossa caminhada até o quarto, mas logo meus olhos começaram a ficar sem foco. — E não é a bebida, foi o cigarro.

— Você é muito elegante, senhorita — disse Alex em algum lugar acima de mim. — Não vai desmaiar, vai? Angela? Ainda está comigo?

— Nu-hum — murmurei, tentando desesperadamente manter os olhos abertos.

— Vou ficar muito bravo se não me der uma chance de devolver o seu discurso antifumo — ele declarou, parando diante da porta para procurar a chave nos bolsos. — E é melhor que não se engasgue no próprio vômito.

Foram as últimas palavras românticas que ouvi antes de desmaiar.

*

Perguntar a Alex sobre seu relacionamento com Solène às 4 horas da manhã, enquanto ele segurava meu cabelo para eu vomitar, não foi a melhor ideia que já tive, mas, para ser sincera, não estava no meu melhor estado para tomar boas decisões. Assim que abri meus olhos, tive que passar por cima de Alex e correr para o banheiro. Zelosamente, ele me seguiu e ficou segurando meu cabelo e molhando uma toalha para me refrescar. Escolhi tomar essa doçura como uma admissão de culpa por me render àquela sangria barata, por mais que não tivesse bebido o suficiente para ficar tão mal assim. *Jet lag* idiota. Cigarros idiotas. Eu idiota. Vomitar sóbria era horrível. E foi assim, com a testa encostada no ferro gelado do aquecedor, joelhos sob o queixo, que fiz ao meu namorado a grande pergunta.

— Então. Solène. É ela a tal namorada francesa?

Alex me encarou sem sair do lugar, encostado na pia.

— Sim — ele respondeu, olhando-me fixamente.

Hum.

— E você não ia me contar?

— Meio que queria saber quem foi que lhe contou — ele disse, descruzando as longas pernas e ficando de pé. Senti que fiquei muito pequenininha, toda enrolada ao lado da privada enquanto ele se alongava no batente da porta.

— Vai gostar de saber que descobri tudo sozinha — fiquei de pé, usando o aquecedor para me apoiar e tentando não cair na privada. “Graciosa” nunca foi uma palavra adequada para me descrever. Lavando a boca com água, desinfetante bucal e água de novo, continuei o ataque. — E aí eu conversei com ela hoje à noite...

— Conversou com ela? — ele me interrompeu verbal e fisicamente, parando de repente e impedindo que eu saísse do banheiro. — Por que falou com ela?

— Principalmente porque estava se abrindo toda para você enquanto tocava e, evidentemente, tenho que admitir que bebi um pouco além da conta — resmunguei, empurrando-o. — Não precisa

fazer drama, ela não parecia tão incomodada com a história quanto você. Eu só queria saber.

— Não estava tentando esconder nada de você — Alex continuava na porta. — E não sabia que ela estaria aqui e, como lhe disse, foi há muitos anos. Não há nada a dizer.

A luz fraca do banheiro iluminava seu corpo magro e ombros largos. Por que até a luz estava contra mim?

— Ah, que seja — falei, virando-me para a parede. Estava decidida a não deixar meus hormônios me vencerem.

— Na boa, Angie, não é como se houvesse algum sentimento envolvido, acontece que não quero a minha ex na minha frente o tempo todo.

Senti o colchão ceder um pouco com o peso dele e segurei a respiração, esperando que ele me tocasse. Mas não tocou.

— Por acaso iria querer passear com o seu ex se ele estivesse na cidade?

Soltei o ar. Não conseguia pensar em absolutamente nada no mundo que pudesse ser pior do que eu, Alex e Mark passeando juntos.

— Enfim, por que eu iria querer passar um único segundo com ela, se posso ficar com você?

Relutante, virei de lado, só para ver que Alex já sabia que ia ganhar a discussão. Ele estava totalmente pelado.

— Está com calor, por acaso? — perguntei, erguendo uma sobrancelha. — Acho que foi a minha mala que explodiu, não a sua.

— Fique quieta — ele disse, colocando o corpo sobre o meu.

— Alex, acabei de vomitar.

— E agora está suadinha e com a boca bem fresquinha.

— Suadinha?

— De um jeito legal.

Não acreditei muito. Sabia o que era estar suadinho de um jeito legal. Era como ele ficava depois de jogar futebol no parque com os amigos enquanto eu ficava lendo deitada na grama, o cheiro que ele tinha logo que descia do palco depois de um show no Music Hall e

me arrastava três quadras até o apartamento. Suadinho legal não era o que me descrevia naquele momento. Mas, ah, eu não estava dando muita bola para isso, não.

Ergui os braços sobre a cabeça para ajudá-lo a tirar minha camiseta, o que nos deixou apenas pele com pele. Os beijos de Alex eram sempre insistentes, mas hoje pareciam mais profundos do que nunca, e eu sabia que ele pensava que tinha que me provar alguma coisa. Parecia que ele queria me dizer algo importante, porém não encontrava palavras para se expressar. Suas mãos deslizavam pelo meu corpo enquanto nos beijávamos, deixando meus sentidos alertas, e não consegui mais me segurar. Nem mesmo tentei. Depois de um tempo os beijos seguiram as mãos, passando pelo meu pescoço, meus braços, minha barriga, cada pedacinho meu.

Agarrei seu cabelo preto e grosso e tentei puxá-lo de volta para cima, perto de mim, mas ele se afastou, soltando meus dedos e beijando-os, e então passando a língua entre cada dedo, brincando comigo, antes de voltar ao meu corpo. Meu estômago saltava a cada toque, até que eu já não podia mais suportar. Procurei seus cabelos novamente e minha mão tocou sua bochecha. Abri os olhos e vi a franja longa balançando diante de seus olhos brilhantes, as pupilas escuras e dilatadas.

— Tudo bem? — ele sussurrou, a cabeça encostando de leve na minha, seu cabelo nos meus olhos, nossa boca quase se tocando, mas não juntas. Considerando o frio no estômago, a respiração entrecortada e a sensação de que meus lábios estavam queimando, talvez eu não estivesse bem.

— Quero você — consegui balbuciar entre suspiros. Ele sorriu e tirou uma mecha de cabelos dos meus olhos.

Sempre era incrível com Alex, só que fiquei com vergonha ao perceber que tinha ficado acostumada demais a simplesmente tirar as roupas e ir direto ao ponto, como selvagens. Nós raramente curtíamos um ao outro desse jeito. Era bom demais, e eu não sabia se poderia aguentar mais muito tempo. Ele não disse nada, apenas ficou sobre mim por mais um momento, o desejo nos meus lábios crescendo cada vez mais até que não pude suportar e aproximei minha cabeça da dele, beijando-o, sentindo a doçura salgada do

suor que cobria nossa pele e nossos beijos. Minhas mãos se enroscaram em seus cabelos úmidos, e então minhas unhas percorreram suas costas fortes, os braços musculosos, e deram a volta para tocar os pelos do peito largo, que desciam até a barriga. Minhas pernas se ergueram instintivamente e se enrolaram em seus quadris estreitos. Antes que perdesse completamente a consciência, ele parou tudo e se afastou. Levei um tempo para perceber que estava sem fôlego, a boca aberta, o rosto arranhado pela barba por fazer.

— Eu também quero você — ele disse baixinho. — E sempre vou querer. Eu a amo.

Olhei para ele, o frio no meu estômago se transformando aos poucos em uma explosão, e o desejo dos meus lábios se espalhando por toda a pele. Balançando a cabeça, aproximei-me para beijá-lo. Começou muito delicadamente, mas não ficou assim. As palavras dele ecoavam nos meus ouvidos, a boca comprimia a minha, nossas mãos entrelaçadas acima da minha cabeça e nosso corpo em sintonia. Todo o resto começou a se derreter e ele era a única coisa no mundo, na minha vida, até que de repente já não havia mais ele e eu. Éramos nós, apenas nós, e tudo mais desapareceu completamente.



CAPÍTULO 8

Na manhã seguinte, o pessoal da recepção pareceu bem feliz por ligar para me acordar dez minutos antes do solicitado, e levei uns bons três minutos de confusão para lembrar por quê. Alex já tinha ido, foi participar de um programa de rádio com a banda. Isso, no entanto, não fez com que sair da cama ficasse mais fácil.

Debaixo do chuveiro, desejando me sentir humana novamente, pensei em todas as coisas em que tinha que dar um jeito. Para começar, precisava falar com a Jenny. Eram 9h30 aqui, pouco mais de meia-noite lá. Certamente, não era a melhor hora para tentar bater um papinho amigo com ela. Ela não tinha tentado ligar nem mandou e-mail desde a noite de terça-feira e, com toda a confusão da Solène, não tinha conseguido pensar a respeito ainda. O que, admito, não era nada legal da minha parte. Acontece que eu só conseguia lidar com um problema de cada vez, já tinha provado isso antes.

Depois de falar com a Jenny, tinha que pensar no guia. Estava tão completamente convencida de que poderia fazer esse trabalho que a ideia de que talvez eu não pudesse acabou sendo um choque. Ontem tinha sido divertido e eu havia descoberto algumas lojas legais, quer dizer, achei que eram legais, mas não exatamente câmaras secretas repletas de tesouros hipster e vintage. Por mais doido e errado que parecesse, estava torcendo para Cici me ajudar. Virginie era um anjinho parisiense, mas a *Belle* não tinha exatamente me ajudado, enviando sua funcionária menos interessada em moda. Liguei para a recepção para saber se havia alguma ligação, fax ou mensagem de Cici, porém não havia nada. E ela não estava atendendo o celular. Que droga.

Assim que toda a pesquisa do artigo estivesse concluída (de preferência, sem que ninguém se ferisse no processo), eu precisava resolver a situação com Alex. Considerando as atividades da noite

passada, havia me convencido de que as coisas estavam bem, mas tinha esquecido completamente de contar que tinha dito a Solène que iríamos à festa dela. E tinha a sensação de que ele não estaria muito a fim.

E o pior, sabia que era trágico admitir isso até para mim mesma, mas estar sem todas as minhas coisas bonitas continuava atrapalhando meus pensamentos. Esquecia por um momento, e logo uma visão dos meus espetaculares Louboutins dourados explodia na minha mente como um tapa. E eles explodiram mesmo. Nas minhas fantasias, os funcionários da segurança do aeroporto tinham aberto a mala e implodido cada coisa separadamente. Lágrimas. Levei um ano para gostar de mim, da minha nova vida, e agora parecia que alguém estava me testando, tirando tudo aos poucos. Começando pelos acessórios. Que droga.

Esperei Virginie na recepção durante quinze minutos, e daí comecei a me preocupar. Estava no canto mais escondido que pude encontrar, de óculos escuros, camiseta preta, rabo de cavalo, e tive que pensar que talvez o meu plano de passar despercebida tivesse dado certo demais. Era do pessoal da recepção que eu queria me esconder, não da Virginie. Dez minutos mais tarde, meu telefone vibrou dentro da minha primeira e única bolsa Marc Jacobs.

— Angela, sinto muito — disse Virginie do outro lado da linha, sem nem esperar que eu dissesse “alô”. — Estou indo para o seu hotel agora. Tive que passar no escritório da *Belle* para pegar o fax da Cici.

— Ela mandou o fax para o escritório? — perguntei confusa, porém aliviada. Quem poderia acreditar? Cici tinha cumprido a promessa, só não ia tornar as coisas fáceis para mim, é claro. Como poderia saber que ela tinha enviado o fax para o escritório?

— *Oui*, estou com ele agora. Vamos tomar café e ler juntas? — convidou Virginie.

— Café está ótimo. Quanto tempo você demora a chegar aqui? — agora eu estava morrendo de vontade de tomar um café. Talvez morrendo mesmo, pois minha cabeça latejava e a boca tinha gosto de solvente de tinta. Não que já tenha provado essa substância, mas achei que era uma boa opção para ilustrar.

— Quem sabe pode vir até a estação do Metrô Alma Marceau? Passamos tanto tempo em Marais e Saint-Germain ontem — ela sugeriu. — É bem simples, você pega o trem em St. Sébastien, faz conexão da Bastille e depois na Roosevelt. Ou caminha até a Bastille, que não é longe. Tem um mapa?

— Sim — respondi, conferindo a bolsa. Tinha. Ufa. — Só um detalhe, não sou muito boa com mapas, então não seria melhor nos encontrarmos aqui?

Virginie riu, uma risada alegre e confiante. Bem diferente das gargalhadas de Cici.

— Angela, você vai ficar bem. Vejo-a em meia hora. Ligue se não conseguir me encontrar.

Eu realmente não estava no melhor estado para me achar no Métro. E, quando dei uma olhada no verso do mapa da cidade, não parecia ser tão fácil quanto Virginie dissera. A menina confiava demais em mim. Fechei os olhos, deitei a cabeça no encosto da cadeira e soltei um suspiro alto.

— Está tudo bem, madame? — perguntou uma voz preocupada ao meu lado. — Está se sentindo mal? De novo?

Abri um olho por trás dos óculos escuros e vi o concierge da noite anterior parado a certa distância de mim. Evidentemente, ele achava que eu estava prestes a vomitar em sua recepção imaculada. De novo.

— Estou bem, obrigada.

Levantei-me da cadeira do jeito mais elegante que consegui (ou seja, não muito) e consegui me recompor. Ele fez um aceno breve com a cabeça e se afastou lentamente, sem acreditar em mim nem por um momento. Crispei os lábios. Não ia deixá-lo pensar que eu era uma bebum.

— Minha melhor amiga era concierge — comentei. — Em um hotel.

— *Pardon?* — ele me encarou detrás da mesa, onde estava seguro. — Sua amiga trabalhou no nosso hotel?

Por quê? Por que não podia deixar as coisas como estavam?

— Não, ela vive em Los Angeles agora — continuei, ignorando a voz na minha cabeça, que não parava de repetir que eu tinha que calar a boca. — Mas ela trabalhou em um hotel durante anos. Você está aqui há muito tempo?

— Três anos — ele respondeu ainda meio confuso e talvez um pouco assustado. — Meu nome é Alain. É um prazer tê-la conosco, madame.

Bom, com certeza esse era um jeito bem educado de dizer “por favor caia fora daqui e me deixe em paz”, mas e eu podia fazer isso? Não. Seria fácil demais.

— Uau, três anos é bastante tempo no mesmo trabalho — falei agora apoiada na mesa do concierge. A voz dentro da minha cabeça já estava berrando, implorando-me que saísse do hotel antes que meu novo amigo Alain me pusesse para fora. — E você gosta?

Ele deu de ombros e se afastou da mesa. Não pude me segurar. Odiava quando as pessoas não gostavam de mim, ou pensavam coisas ruins a meu respeito. Enterrado em algum lugar, não muito fundo, estava o medo de que, de alguma forma, minha mãe ficasse sabendo que vomitei na rua.

— Posso ajudá-la com alguma coisa, madame?

Desista. Desista agora, a voz exigiu.

— É Angela — respondi, esticando a mão sobre a mesa para cumprimentá-lo. — E não, está tudo bem. Obrigada, de qualquer forma — lançando a ele um último sorriso brilhante, admiti que tinha sido derrotada e saí. Lembrete: tente não se humilhar diante da equipe do hotel quando ainda estiver meio bêbada da noite anterior. E ele continuava me chamando de madame, apesar de eu ter quase certeza de que já havia dito pelo menos duas vezes que era mademoiselle.

Pelo menos eu estava certa a respeito de uma coisa: achar o Metrô não seria nada fácil. Encontrar a primeira estação foi tranquilo, mas consegui parar em três estações erradas antes de perceber que não estava indo na direção da Bastille. A cada segundo sentada naquele trem, podia ver a expressão de Donna Gregory lendo meu texto, a sobrancelha eventualmente se erguendo tanto que até caía do rosto. Eu estava encrencada. Total e completamente. Os túneis

eram maiores e mais bem iluminados do que no metrô de New York. E depois de caminhar por dúzias de escadinhas, centenas de saídas e uma sinalização muito confusa, já fazia mais de uma hora e meia que tinha falado com Virginie. Por fim consegui sair, suada e completamente desidratada, da Alma Marceau. Levei um segundo para entender onde estava. Vi a Torre Eiffel e o rio de um lado e um enorme carrossel do outro. Onde a Virginie estava? Antes que pudesse me atirar no Sena, o telefone tocou de novo.

— Angela? Você está bem? — pelo jeito, Virginie tinha sentido minha presença. — Liguei várias vezes — na verdade, acho que ela só estava preocupada.

— Desculpe, estou bem, eu acho — eu não estava bem, estava muito, muito cansada. Como se não fosse ruim o suficiente andar sozinha de Metrô pela primeira vez, por que fui tentar fazer isso de ressaca? — Desculpe, meu cérebro ainda não está funcionando bem. Onde você está?

— Em um café do outro lado da rua. Estou acenando, pode me ver?

Virei lentamente, pensando em como seria absolutamente impossível encontrar uma moreninha bonita em um mar de milhares outras, mas então a vi, bem diante de mim, acenando loucamente. Pelo menos alguma coisa tinha dado certo.

— Pare de acenar desse jeito, vai ter um piripaque — falei, acenando de volta e desligando o telefone alegremente.

Graças a Deus, consegui atravessar a rua com relativa tranquilidade e, quando caí na cadeira que Virginie puxou para mim, ela já tinha pedido um café fresquinho, o qual bebi em um gole.

— Sinto muito, Angela — Virginie enterrou o rosto nas mãos. — Eu acho o Métro tão fácil, como em New York, mas esqueci que você não conhece.

— Não é culpa sua — declarei, fazendo sinal para pedir mais café, ainda com muita ressaca para consolá-la de verdade. — Acho que deveria ter pegado um táxi.

— Nem pensei nisso — ela enfiou uma mecha solta de cabelo no grande coque atrás da cabeça. — Você deve estar muito brava.

— Não estou, sério — não era mentira. Estava exausta demais para ficar brava. — E, sabe, acho que até posso usar a experiência no guia, comparando os metrô das duas cidades e tal.

Virginie concordou animada.

— Seria muito interessante.

— Seria nada — retruquei, bebendo meu segundo café um pouco mais lentamente que o primeiro. — Mas pode ajudar em um texto que, até o momento, praticamente não existe.

— Bem, temos as sugestões de Cici agora — ela me entregou uma pilha de papéis e virou-se para pegar outra na bolsa. — Para alguém que não é sua amiga, até que ela ajuda bastante.

Coloquei o café na mesa e tentei focar na letrinha minúscula e nos mapinhas que cobriam as páginas. Tinha meia resma de papel na bolsa de Virginie, e eu jamais conseguiria visitar todos esses lugares. Dei uma olhada no relógio e percebi que já passava de meio-dia. Não conseguiria ler sequer uma parte de tudo aquilo. Droga droga droga droga droga.

— Você leu? — perguntei, esperando que ela pudesse me ajudar a escolher os lugares principais.

— *Non*, achei melhor esperar você — Virginie se encolheu. — Desculpe, eu deveria ter lido.

— Não, não, não — murmurei, passando rápido pelas páginas. — Mas, que droga, não sei se vamos conseguir passar em todos esses lugares antes do Natal, quanto mais antes das 20h.

— O que tem às 20h? — perguntou Virginie, solicitando outro café para mim. O que era uma boa ideia, visto que eu não teria mais nenhum tempo para dormir.

— Eu, hum, disse a Solène que iríamos a uma festa que ela vai fazer hoje — respondi, fingindo estar muito interessada no café-centro de massagens preferido de Cici. Oh. Eca. — Lá pelas 20h. Em um lugar perto do rio.

— A garota do show? — Virginie puxou os papéis da minha mão e colocou na mesa. — Angela?

— Sim, a garota do show — confirmei, olhando fixamente para meu café.

— Mas ela ama o seu namorado.

— Não, não ama.

— Sim, ama.

Quem precisava de Jenny quando se tinha uma versão mini para viagem? Virginie seria bem mais fácil de carregar na mala.

— Bem, ela não ama porque, na verdade, é a ex-namorada dele — respondi para minha xícara. Por que não tinham canecas aqui? Será que tem um Starbucks em algum lugar?

— O quê?

— Solène e Alex eram namorados — declarei, tentando encarar isso numa boa, por mais que, quando ouvia em voz alta, diante da expressão incrédula de Virginie, ficasse meio difícil. — Foi há muito tempo. E eu disse que iria.

— Alex quer ir a essa festa? — perguntou Virginie. — Com a ex-namorada linda que dança na frente dele como uma vadia?

— Uau! — coloquei a xícara na mesa. — Bem, na verdade, ainda não contei a ele.

— Ele não vai — ela cruzou os braços e me fitou. — Não acredito que ele vá.

— Certo — concordei. O que mais poderia dizer? — Bom, quando chegar a hora, vamos ver o que acontece. Temos que descobrir por onde começar em todos esses lugares que Cici enviou. E tenho que escrever um e-mail para minha amiga sobre... umas coisas.

Coloquei as páginas sobre a mesa e tentei entender os endereços, mas, imagine só, era como se fosse uma língua estrangeira para mim. Não grego, porém quase.

— Desculpe, não conheço o seu Alex — disse Virginie, debruçando-se na mesa e tocando de leve a minha mão. — Vou olhar os endereços da Cici enquanto você escreve para a sua amiga e liga para Alex? Posso descobrir o que fica perto daqui.

— Seria ótimo — senti como se estivesse roubando ao deixar Virginie fazer o trabalho no meu lugar, mas fazer as pazes com Jenny não seria nada fácil. Ainda era muito cedo para ligar, então no momento um belo e-mail teria que bastar.

— E você vai mesmo a essa festa? — ela perguntou, reunindo os papéis e tirando um caderno de couro preto da bolsa.

— Sim — respondi sem ter muita certeza do motivo.

— *D'accord* — Virginie acenou rapidamente com a cabeça. E suspirou.

Escrever o e-mail para Jenny levou mais tempo do que esperava. Eu estava acostumada aos maus humores dela, porém nunca tínhamos brigado quando estávamos longe uma da outra, ainda mais em continentes diferentes. Portanto, não estava nada feliz com essa situação. Além do mais, dessa vez a culpa era toda minha, enquanto das outras eu podia contar com o Furacão Jenny para assumir pelo menos 50%. O que poderia fazer? Por minha causa, por mais que não tenha sido intencional, cerca de 10 mil dólares em roupas emprestadas tinham sido destruídos. E quem acreditaria no que aconteceu com elas? Jenny ainda estava começando nesse negócio de consultora de moda, e a reputação, conforme ela vivia me dizendo no meio da tarde, bêbada, era tudo. Aparentemente, a parte de ficar embriagada era essencial no processo, e não um ponto negativo. Mas perder várias coisas lindas e caras não ia ajudá-la nem um pouco. Não é como se ela tivesse vestido alguém que pelo menos usaria as roupas na TV ou algo assim, antes de acidentalmente destruí-las, cof cof, como Mischa Barton.

No final, depois de escrever quatro versões da mesma mensagem, optei por “Desculpe, avise quando posso ligar para falar com você e vamos dar um jeito nisso. Eu vou pagar por tudo, de algum jeito. Amo você x.”

Contudo, eu realmente não sabia qual seria o jeito. E assim que vi o e-mail ser enviado, respirei fundo e liguei para Alex.

— Ei — ele atendeu depressa, o que não era normal, mas era um alívio. “Seja rápida, como se estivesse tirando um curativo, Angela”, pensei comigo. — E aí?

— Ei — comecei, mordendo a unha do dedinho. — Como foi o programa de rádio?

Se havia uma coisa na qual era boa, era procrastinar.

— Foi legal, nós tocamos, conversamos — a ligação estava cortando, mas ele parecia de muito bom humor. Hora do ataque. — Sei lá.

— Então, liguei para confirmar, não temos nenhum plano para esta noite, não é? — girei na cadeira para evitar a sobrelanceira erguida de Virginie. — Porque fomos convidados para uma festa, e eu meio que disse que iríamos.

— Você já arranhou convites para uma festa? — ele riu. — Por acaso isso não aconteceu ontem à noite?

— Pode ser — admiti, girando mais um pouco. — Sabe como gosto de fazer amigos depois que tomo uns drinques.

— Você gosta de fazer várias coisas que não aprovo quando está bêbada. E algumas que gosto bastante — Alex baixou o tom da voz para falar e me deixou arrepiada. — Mas, claro, só diga onde tenho que estar.

— Hum, bem, então, a festa é da Solène — falei baixinho. — No apartamento dela.

A ligação repentinamente ficou quieta demais.

— Alex?

— Não vamos a uma festa na casa da Solène.

Ele não parecia bravo, apenas decidido.

— É que confirmei que iríamos, e ela disse que queria conversar com você, e para conhecermos o namorado dela, e só teríamos que ficar um pouquinho, mas acho que, já que eu disse que iríamos, temos que ir. Só um pouquinho. Ou ela vai achar...

— O quê? — Alex me cortou. O que, na verdade, não era nada ruim. — O que ela vai achar?

— Que somos grosseiros?

— Tenho quase certeza de que não dou a mínima para o que ela acha de você — ele respondeu. E também sei que não dou a mínima sobre o que ela pensa de mim. Eu não vou, você não vai.

— Não pode me dizer o que fazer — foi estranho ouvir Alex falando palavrões para mim, e não gostei nem um pouco. Eu queria falar o mais baixo possível, pois sabia que Virginie já estava com a

versão francesa de “eu avisei” engatilhada. — Não sei porque está tão incomodado com isso. Nós só temos que aparecer e dizer oi. E poderá se sentir melhor a respeito do que aconteceu depois de vê-la. Não é bom ficar tão bravo com uma coisa que aconteceu há tanto tempo.

— Ah, obrigado, Oprah — retrucou Alex seco. — Achei que você ia largar essas besteiras de autoajuda quando a Jenny foi embora. E não quero lhe dizer o que fazer, só que não vou a essa festa. Se quiser jantar comigo, ligue mais tarde.

Fiz uma careta e coloquei o telefone de volta na bolsa.

— Ele não quer ir à festa?

Olhei para o outro lado do rio. Torre Eiffel, Rio Sena, várias pessoas bonitas andando de bicicleta, sim, eu definitivamente estava em Paris. E, mesmo aqui, estava levando lição de moral da minha amiga.

— Ele não quer ir à festa — confirmei. — Entendo, é a ex dele. Eu também não iria querer ir a uma festa do meu ex. É melhor não ir.

Mas o pior era que eu queria ir. Queria ver o apartamento de Solène, o namorado dela e, por algum motivo inexplicável, queria que ela gostasse de mim. E, se não gostasse, pelo menos me visse linda e soubesse que eu era boa o suficiente para o Alex. Tão boa quanto ela foi. Hum, tenho que parar de reclamar que não entendo os homens. Não consigo nem entender a mim mesma.

— Estava pensando... — começou Virginie, tocando meu ombro — e acho que você deve ir à festa.

— O quê? — girei 180 graus na cadeira. — Agora acha que devo ir?

— Eu nunca fui contra — ela deu de ombros. — Apenas disse que Alex não ia querer. É difícil para os garotos ver as ex-namoradas. Muito, muito difícil se a atual estiver ali também. Mas você deve ir. E estar maravilhosa.

— É fácil falar — murmurei. — No entanto, como vou ficar maravilhosa sem chapinha?

Virginie explicou seu plano enquanto seguíamos para a Avenue Montaigne. Tentei prestar atenção, ela falou de comprarmos um

vestido incrível, ela me emprestaria uns sapatos maravilhosos e faríamos alguma coisa no cabelo que dispensaria o uso da chapinha. Normalmente teria sido mais cética, mas, para a sorte da minha Fada Madrinha Francesa, eu estava meio distraída. Teoricamente, estávamos indo para a estação de Metrô Roosevelt para continuar nossas pesquisas, mas Virginie tinha se esquecido de avisar que a Avenue Montaigne era onde ficavam quase todas as lojas famosas de Paris, maisons e maravilhas em geral. Encostei o nariz na vitrine da Paul & Joe, desejando um maravilhoso vestido de seda cinza e tentando não derramar uma lágrima pelo vestidinho Paul & Joe que perdi no Caso Mala.

— Esse vestido seria perfeito para hoje — sussurrou Virginie no meu ouvido. Concordei, ela estava certa. Era curto, de um cinza meio prateado e com um desenho de um gato siamês branco na frente. Meio estranho, mas muito legal. Pelo menos tão legal quanto a Solène. — Você deveria provar.

— Não posso pagar — falei, apagando a imagem que fiz de mim com muito delineador, o cabelo bagunçado e meia-calça escura. Com aquele vestido. Estava quente demais para usar meia-calça, de qualquer forma. Não que ele não fosse ficar ótimo sem as meias. — E tem um gato gigante.

— É, só uma garota muito estilosa poderia usá-lo — concordou Virginie. — Talvez alguém como a Solène?

— Eu sei o que está fazendo — declarei, empurrando a porta da loja. — E, para a sua sorte, sou muito, muito fácil de convencer.

Felizmente, pelo menos até bater o remorso de compradora, havia crédito suficiente no meu cartão para o vestido. Ou, pelo menos, o pessoal da companhia de cartões estava preparado para me permitir ir além do meu limite para comprar pelo menos um vestido. Gostava de pensar que possuía uma ligação telepática com a MasterCard e eles compreendiam a minha dor. Na verdade, eu podia me convencer de qualquer coisa quando uma peça de roupa estava em jogo. E agora, com esse vestido, definitivamente poderia enfrentar Solène de igual para igual. Ele era maravilhoso e ficou perfeito em mim. Além disso, se Virginie estava certa, eu tinha que ir a festa, ou a ex do meu namorado pensaria que sou grosseira. Ou, pior, que

estou com medo dela. Só porque é uma das mulheres mais lindas que tive o desprazer de conhecer. E porque toca em uma banda superlegal. E era sexy e francesa. Mas não, eu tinha o meu vestido de gato. O que poderia dar errado? Exceto que Alex ainda podia estar superbravo?

Mandei a ele uma mensagem de texto (bem safada) sobre planos para a noite do provador da Paul & Joe, explicando que ia aparecer na festa, só para dizer oi, e que ele não precisava ir até lá. E então é possível que tenha sugerido que nos encontrássemos no hotel, jantássemos em algum lugar bem lindo e repetíssemos a performance da noite anterior. Depois de voltarmos ao hotel, é claro. Podíamos estar na capital mundial do romance, porém ainda tinham leis de atentado ao pudor.

Depois da Paul & Joe, a coisa só ficou pior. Prada, Max Mara, Dior, Valentino e, meu senhor, Chanel. Para alguém que não gostava muito de moda, Virginie certamente tinha um olho muito bom. Consegui manter o cartão de crédito na carteira, mas tive que colar o rosto nas vitrines ou colocar a cabeça para dentro. Além dos prazeres do ar-condicionado, eu tinha uma sensação muito gostosa ao ver tantas coisas lindas. Bolsas Chanel 2.55, vestidos Dior, carteiras Prada. Tudo fazia o mundo parecer um lugar melhor. Até que olhei para meu relógio e percebi que já eram quase 15h.

— Que droga, Virginie, você tem que me tirar daqui — dei um “tapa mental” na minha cara. — Temos que fazer pesquisas hoje, ou vou me dar mal.

— Mas está se divertindo tanto — ela comentou, apertando meu braço. — E há muitas outras lojas. Esta nem é a principal área de compras, ainda temos que visitar a Colette e...

— *J'accuse!* — soltei meu braço do dela e apontei para a morena inocente, de carinha fofa. — Você é uma vendedora disfarçada. Sério, estou me divertindo muito, só que temos trabalho a fazer. Isto aqui é exatamente o contrário do que a *Belle* queria. Sinto muito por ter me distraído, mas temos que continuar.

— Desculpe, você está certa — ela tirou o caderno da bolsa e procurou a página com as anotações que fizera enquanto eu tentava decidir o que escrever para Jenny. Um tempo não muito bem gasto,

considerando a porcaria de e-mail que acabei enviando. — O.k., a Cici diz que temos que tentar uma loja chamada Mim. Não é muito longe, perto de Les Halles.

— Ótimo — peguei o braço dela, voltando às boas. — Tem um restaurante em New York chamado Les Halles. É bem chique.

— O lugar já foi o principal local de compras de toda Paris — explicou Virginie. — Mas agora não. Estou surpresa por estarmos indo até lá, porém ela sugeriu várias lojas boas naquela região. E a Cici disse que essa é a preferida dela na cidade inteira, sua arma secreta de moda.

— E tenho que lhe dar crédito, pois sabe como se vestir — admiti, quase começando a correr quando vi a placa do Métro. — Então, vamos ver essa arma secreta.

— Que vaca desgraçada! — parei em frente e olhei. — Desculpe o vocabulário.

— Vou fingir que não entendi — disse Virginie.

Eu não podia acreditar.

— Ela me ferrou, não é? — perguntei.

A arma secreta de Cici não era uma loja vintage maravilhosa e supersecreta. Era um magazine idiota cheio de roupas de adolescente. Fazia a Primark parecer haute couture. Preferia usar um vestido da Primark no meu casamento a vestir qualquer coisa daqui. Na verdade, já havia usado Primark em um casamento antes, mas esse não era o ponto principal. Cici tinha nos sacaneado.

— Não gosto de usar palavrões, mas acho que você está certa — concordou Virginie, revendo rapidamente as outras sugestões de Cici. — Este é o lugar, conferi.

— Todos os lugares que ela sugeriu são assim? Um grande lixo? — perguntei sem querer saber a resposta. Estava me sentindo muito mal, e não tinha nada a ver com mojitos, sangria ou cigarros.

— Não sei o quer dizer, mas acho que não são os melhores lugares — comentou minha companheira, tirando os papéis originais da bolsa. — Não conheço nenhum. Alguns dos cafés, dos hotéis, parecem de verdade. Reconheço alguns lugares, mas as lojas, sinto muito. Não sei.

Olhei ao redor em busca de um lugar para sentar e dei de cara com uma parede de concreto. Les Halles não era o lugar mais bonito de Paris. Se bem que, aparentemente, eu poderia imprimir qualquer coisa em uma camiseta por 40 euros. Mas por que alguém iria querer a camiseta com a foto da Kate Moss nua que eles tinham na vitrine? Capital mundial da moda coisa nenhuma.

— Ah, aqui tem uma que eu conheço! — exclamou Virginie de repente.

— Boa? — perguntei. Pedi. Rezei.

— Hum, não — ela mordeu o lábio e tirou os olhos do papel. É uma loja chamada Tati, em Montmartre. Você não vai querer ir até lá.

— Tati? Sério? Não é um nome irônico, não é?

— Acho que não. A Tati é maior que a Mim. Tem muitas bijuterias e coisas de casamento, mas nenhuma... é o que você quer — Virginie sentou-se ao meu lado. — Sinto muito, deveria ter conferido essas dicas. E se fizermos algumas pesquisas on-line?

Analisei o que havia ao meu redor, tentando em vão encontrar algo sobre o qual valesse a pena escrever. Tinha a sensação de que uma lanchonete de fast-food chamada Flunch não era a resposta. Que coisa era essa? As pessoas estavam comendo ali? Meu Deus. Eu tinha saído de Paris e entrado no sétimo círculo do inferno.

— Boa ideia, só que meu laptop está sem bateria — não podia acreditar que havia me esquecido de procurar uma loja da Apple. Estava praticamente entregando minha cabeça em uma bandeja para Cici. — E já são o quê, 17h? Estou muito ferrada.

— Temos amanhã — sugeriu Virginie, tentando me animar. — E algum tempo no sábado, talvez?

— Amanhã é o aniversário de Alex — balancei a cabeça. — Prometi que ia passar o dia todo com ele. Então pode ser sábado, sim. Vou encontrar uma amiga na hora do almoço, mas tenho tempo. Porém, não posso pedir que trabalhe no sábado.

— Ei, eu quero ajudar — ofereceu-se Virginie alegremente. — E fico preocupada porque não vai entender Paris sem mim.

— Você está certa — admiti aliviada. — Se não se importar mesmo.

— *Non* — ela se afastou da parede e me deu um abracinho. — Eu disse que quero ajudar.

— Nenhum plano para o fim de semana? Nenhum gatinho? — conferi. Não que importasse tanto assim, para ser honesta; se ela queria ajudar, eu não iria impedi-la. Estava muito perto de cancelar o aniversário de Alex, o almoço com Louisa, o carnaval e o Natal para terminar esse texto.

— Sou toda sua — prometeu Virginie. — Bem, não acredito que vamos achar mais algum lugar hoje. Temos que ir para casa e deixá-la muito linda para a festa. As lojas, elas estão fechando, e tenho muitas ideias para o seu cabelo.

— Vamos — eu sabia quando era hora de admitir que havia sido derrotada. E queria ficar deslumbrante para a festa.



CAPÍTULO 9

— Ah, meu Deus — fiquei diante do espelho e olhei bem. — Sou eu mesma?

— É sim! — Virginie bateu palmas e se aproximou com um pincel de blush. — Você gosta?

Sabia que não era muito legal ficar boquiaberta com minha própria imagem, mas nunca na vida havia me sentido tão bonita. Depois de me ouvir choramingar por dois dias inteirinhos sobre quanto sentia falta da minha chapinha, achei que ela tinha ouvido as minhas preces quando apareceu com seus aparelhos. Meu cabelo estava liso? Não. Ele estava macio, caindo em ondas pelos ombros, e a minha maquiagem estava mais bonita do que nunca. Virginie podia não gostar de moda, mas tinha o dom divino de manusear o delineador, e mais maquiagem que a Bloomingdale's.

— E o vestido é perfeito — ela se afastou satisfeita com o trabalho final. — E os sapatos azuis combinam com o gato. É um bom sinal.

— Não sei se devo emprestá-los — falei, girando diante do espelho para ver as solas vermelhas. Ela estava me emprestando seus Louboutins? A última pessoa que fez isso se arrependeu. — É sério, são muito caros.

— Foram presente e eu nunca os uso — Virginie apontou para os tênis que estavam em seus pés e minha preocupação desapareceu. — Ficaria muito feliz se você os usasse. São perfeitos.

— Mas vou estragá-los, sei que vou — comentei dividida entre a vontade de usar aqueles sapatos lindos e a visão do salto coberto de couro enfiado entre dois paralelepípedos na rua, três minutos depois de sair do flat de Virginie.

— Eu insisto — Virginie se afastou do espelho, recusando-se a continuar a conversa. — Você é muito mais bonita que a Solène.

Fiz uma careta que não combinou nada com a roupa que estava usando.

— Não é bem assim. Porém creio que agora posso arrasar.

— Vai bater nela? — perguntou Virginie preocupada. Ela deveria parar de franzir tanto a testa, ou logo teria que aplicar botox.

— Acho que não vai chegar a esse ponto — falei, pegando a bolsa. No entanto, não podia negar que a ideia de dar um belo soco nela (com força e na cara) nunca tinha passado pela minha cabeça. A Solène podia ser mais bonita e mais legal que eu e ter várias histórias francesas sexy com meu namorado, mas acho que com certeza conseguiria vencê-la em uma briga. Ela era um gravetinho; e eu, um galho bem forte. E, porque não, um tronco.

— Então, estou pronta! — anunciei, tentando não tocar muito no cabelo com medo de que os cachos se desfizessem antes mesmo que eu saísse do flat. — Tem certeza de que não quer vir?

— Não, não posso — ela franziu a testa enquanto enrolava os fios na chapinhas. — Combinei de encontrar uns amigos. Acha que vocês vão se divertir?

— Cruze os dedos — olhei meu telefone pela 15ª vez naquela noite. Nada. — Eu disse para ele me encontrar no hotel daqui a pouco, mas não sei se meu telefone está funcionando direito.

Havia uma pequena chance de que aquilo fosse verdade. E uma chance um pouco maior de que ninguém quisesse falar comigo. Não era só Alex que estava me ignorando, Jenny também não tinha respondido meu e-mail. O.k., então a possibilidade de o celular estar estragado era mínima. Tudo indicava que meus amigos estavam me dando um gelo.

— Ele vai aparecer e vai dizer que você está linda — previu Virginie. — Quer ligar do meu telefone? — ela ofereceu, segurando um aparelho antigo.

— Está tudo bem. Só vou passar lá, dizer oi e sair — dei uma última conferida no espelho, e depois virei para Virginie me borrifar com seu perfume e me dar um abraço. — Certo, estou pronta.

— O táxi está lá embaixo — ela disse, segurando minha mão. — Está bonita demais para pegar o Métro.

— Você é um anjo — peguei minha bolsa e caminhei até a porta.
— Muito obrigada.

— Não, por favor — ela falou, me acompanhando. — Estou tão feliz de trabalhar com você, Angela. É uma honra.

Ai, céus. Achei que ela tinha superado a devoção.

Fiquei oito minutos parada diante do apartamento de Solène antes de entrar. Não importava quanto Virginie tivesse dito que eu estava linda (e por uns dez minutos, no táxi, havia realmente acreditado), eu simplesmente não queria entrar. Estava sendo idiota, por que diabos estava parada diante do apartamento da ex do meu namorado quando poderia estar jantando com ele? E porque estava usando um vestido com um gato enorme na frente? Segurava o telefone, com uma nova mensagem aberta e prestes a ser enviada, quando ouvi alguém gritando meu nome.

— Ei, Angela! — Craig e Graham atravessaram a rua e vieram até mim.

Droga. Meus planos de desistir da festa tinham ido por água abaixo.

— Oi — acenei para eles sem muita vontade e coloquei o telefone na bolsa. Esse modelo marrom detonado Marc Jacobs não combinava muito com meu novo vestido de seda cinza nem com os Louboutins azul celeste que peguei emprestados de Virginie, mas sempre me sentia melhor quando Marc estava por perto.

— Vai encontrar o Alex? — perguntou Craig, engolindo uma balinha e oferecendo outra para nós. — Achei que ele não fosse aparecer.

— Hum, não — peguei uma bala e tentei pensar em uma explicação apropriada para estar na festa da ex do meu namorado, que eu havia visto duas vezes na vida. Sem o namorado. — Ele não pôde vir, mas eu disse a Solène que viria, então, vocês sabem, achei que podia passar e dizer oi.

Craig parecia confuso.

— E aí vou embora.

Graham parecia ainda mais confuso.

— Para encontrar o Alex.

— A Solène convidou você? — perguntou Graham, apontando para a porta e caminhando até o prédio. — Para a festa?

— Sim — confirmei, entrando no elevador com eles e observando enquanto Craig apertava o botão da cobertura. Claro que era na cobertura. — Nós conversamos ontem à noite, ela disse que Alex e eu deveríamos vir para conhecer o namorado dela, e vocês conhecem o Alex, ele não curtiu muito.

— Não me surpreende — comentou Craig. — O cara não curte...

— Craig, meu, acho que a Angela não quer falar disso agora — interrompeu Graham assim que o elevador fez “plim” e as portas se abriram. — Aliás, você está linda. Seu vestido é muito legal — ele disse, pegando minha mão e apertando-a de leve.

Graham é um doce.

— Sim, isso aí na frente é um gato? — perguntou Craig, dando uma conferida. — E acho que já disse isso antes, mas belas pernas, Angie. Arrasou.

Craig não é um doce.

— Tem certeza de que não quer ir embora? Ficar com o Alex? — perguntou Graham, segurando o botão para manter a porta do elevador fechada. — Assim, não acha que vai ser meio estranho?

— Eu sei que Alex e ela tiveram um casinho — tentei não me engasgar ao dizer essas palavras. — Mas ela foi muito legal noite passada e, vocês sabem, já está com outro namorado e tal. Só achei que poderia ser divertido vir a uma festa.

— Ela disse que eles tiveram um casinho? — Craig quis saber. — Uau.

— Não foi um casinho? — olhei para Graham, que estava com uma expressão totalmente ilegível. — Bem, então, o que foi?

Antes que qualquer um deles pudesse responder, as portas do elevador se abriram e estávamos no apartamento de Solène. E era maravilhoso.

Assim que pus o pé na sala, logo atrás de Graham, fiquei boquiaberta com a linda janela que havia a minha frente, do chão ao teto. Era exatamente como o apartamento de Alex, só que no lugar da vista espinhenta de Manhattan, eu podia ver Paris inteirinha. Não

fazia ideia de quantos andares tínhamos subido para chegar até aqui, mas a vista era incrível. O céu azul brilhante escurecia aos poucos contra as construções brancas e cinzentas que se enfileiravam às margens do Sena, interrompidas apenas por avenidas largas e praças cheias de árvores. O Sena estava logo abaixo de nós, o Louvre bem em frente, na outra margem, e quando olhei no sentido do rio, pude ver Notre-Dame. O interior do apartamento era quase tão impressionante quanto a vista. As paredes brancas estavam repletas de fotografias em preto e branco, algumas de Solène com a banda, algumas de outras bandas que eu não conhecia, outras que já havia visto. Nenhuma de Alex.

Uma escada em espiral no meio da sala levava até um mezanino com dois sofás aconchegantes e enormes cor de creme, um de cada lado de uma mesinha baixa de café. Três sofás que combinavam entre si dominavam grande parte da sala e estavam cobertos com uma porção de gente bonita. E fiquei observando-os mais tempo do que deveria.

— Quer um drinque, Angela? — perguntou Graham, ainda segurando minha mão. — Vamos.

Ele me levou até a sala cheia de gente, passando por entre as pessoas. Todas as superfícies estavam cobertas de copos com restos de bebida, copos de plástico, taças de coquetel e potes com salgadinhos que só estavam ali marcando presença. Com certeza, essa não era a primeira festa que ela organizava. Não pude deixar de imaginar qual daqueles caras muito, muito gatos, era o namorado dela. Havia muitos parecidos com Alex, mas todos não passavam de imitações sem graça do Alex real.

— Sabe, acho que vou voltar para o hotel — falei, soltando a mão de Graham. — Não estou me sentindo muito bem e Alex e eu temos um grande dia amanhã. Afinal, três-ponto-zero e tal.

— Legal — disse Graham, movendo a cabeça, com ar de quem compreendia. — Acompanho você.

— Graham, posso perguntar uma coisa? — apertei o botão para chamar o elevador, sentindo um peso enorme sair dos meus ombros quando vi a luzinha se acender.

— Claro — ele disse, apesar de não parecer muito à vontade. — O que foi?

— Por que você veio a essa festa? — encostei-me na parede, tirando o peso do osso dos pés. Podiam ser os melhores sapatos do mundo, mas jamais conseguiria usar salto sem sentir dor. — Você não parece ser muito fã da Solène.

— E não sou mesmo — admitiu Graham. — Só que fiz um acordo com aquele babacão ali — ele apontou para o lugar onde Craig já tinha encostado Marie contra a janela e usava o braço para impedi-la de sair. Os dois estavam rindo, mas eu não conseguia deixar de pensar que Marie estava rindo de Craig, não do que ele dizia. — Eu viria até aqui para ele tentar se dar bem com a Marie e amanhã ele tem que vir aos museus e às galerias comigo.

— Para ser honesta, não parece que tenha se dado bem — eu nem conseguia olhar. Era como um daqueles programas do Discovery Channel em que algum predador terrível brinca com a presa antes de atacar. Não acredito que Craig achava que estava dominando a situação. — Você não queria vir aqui, e está me dizendo que vai querer Craig reclamando na sua volta o dia todo? Ele não me parece o tipo de cara que adora museus.

— Ah, você percebeu meu plano maligno — Graham ergueu uma sobrancelha e se aproximou para sussurrar teatralmente no meu ouvido. — Ele vai odiar. É o castigo por ele ter roncado o tempo todo no avião a caminho daqui.

Ri e respirei fundo. Era quase certo que eu não queria ouvir a resposta da minha próxima pergunta.

— Mas então, por que não gosta da Solène?

Graham parou de sorrir.

— Olhe, Angie, eu prometi ao Alex que não ia falar dessas coisas, mas parece que ele não lhe contou nada e, para ser honesto, acho que não tem nada a ver você estar aqui. Então...

— Então, o quê?

— Bom, você sabe que o Alex e a Solène namoraram, não é?

Concordei com a cabeça.

— Até aí eu já sabia.

— Acho que ele deve ter sido pouco claro a respeito de como as coisas rolaram — Graham se virou e apertou novamente o botão do elevador, que evidentemente estava lento demais na opinião dele. — Creio que ele esteja em pânico por saber que está aqui. Sério, não imaginávamos que a banda dela também iria tocar no festival. Acho que não estaríamos aqui se Alex soubesse.

— Então as coisas não terminaram bem entre eles? — perguntei. Será que havia uma boa resposta para aquela pergunta? A não ser que tivesse acabado porque certo dia Alex sonhou com uma garota inglesa inacreditavelmente linda que não parava de fazer perguntas inapropriadas.

— Não sei se cabe a mim lhe contar essas coisas — Graham colocou a mãozona de baixista no meu ombro. — Porém, não se estresse, Angie, está tudo maravilhoso entre você e Alex. Isso aqui é só um, sei lá, um soluço inesperado? Algo que jamais acontecerá de novo quando voltarmos a New York.

Concordei. Ele estava certo. Se não tivéssemos vindo a Paris, nada disso estaria acontecendo e assim que voltássemos a New York e Alex e eu fôssemos morar juntos ficaria tudo no passado. Porque todo mundo sabia que eu era ótima em deixar as coisas para lá. Droga. Por que tinha vindo aqui? Por que, por que tinha ouvido a voz na minha cabeça em vez de ser sensata? Era isso que acontecia quando Jenny Lopez não estava por perto para me aconselhar. A culpa era dela, é claro.

Finalmente, a campainha soou anunciando a chegada do elevador, e eu estava tão aliviada por estar indo embora que sorri pela primeira vez desde que saíra do táxi. E realmente não a vi chegando.

— Graham! — Solène veio até nós com dois copos de cerveja e deu seus beijinhos de sempre na bochecha dele. — E, Angela, você está aqui. Adorei seu vestido.

O sorriso tentou escapar do meu rosto, pois não pude ter certeza de que o elogio tinha sido sincero.

— E que sapatos mais lindos — ela nos entregou os copos. — Estou muito mal vestida.

Solène estava descalça. E usando uma calça jeans preta com uma camiseta preta. Exatamente o que eu tinha vestido o dia inteiro,

definitivamente não um vestido de seda de 600 euros com um gato na frente e saltos de 15 centímetros emprestados. Estava me sentindo uma otária.

— Seu apartamento é muito bonito — falei, afastando-me lentamente enquanto Solène tentava nos levar até o fundo da sala, para longe do elevador. — Muito bonito mesmo.

— Ah, obrigada — ela fez um gesto na direção de um dos sofás e praticamente me empurrou para que eu me sentasse. Será que um dia conseguiria manter o equilíbrio usando salto alto? — Graham, pode pegar uma bebida para mim, por favor? Um vinho tinto?

Graham passou os olhos de mim para Solène e de volta para mim.

— Na verdade, ia levar a Angela até lá fora para chamarmos um táxi — disse ele, puxando-me para cima. — Alex planejou um jantar romântico para os dois e ela tem que sair agora mesmo.

— Ah, é? — perguntou Solène, empurrando-me de volta para o sofá.

— Ele planejou? — perguntei.

— Hum, sim, era para ser uma surpresa — revelou Graham, tirando a cerveja da minha mão e colocando-a sobre a mesinha atrás dele.

— Então vou chamar um táxi para a Angela — disse Solène, apertando minha mão e sorrindo. — Não há muitos lá fora. Aqui é Paris, não New York.

Graham empurrou os óculos quadrados para perto dos olhos e me puxou para o braço do sofá, ficando ao meu lado.

— Seria ótimo. Assim que puder, por favor.

— O telefone está no andar de cima, junto com o vinho tinto — respondeu Solène, abrindo outro sorriso. — Pode trazê-lo até aqui.

Soltando relutantemente a minha mão, Graham saiu correndo escada acima. Solène ficou observando e rindo baixinho.

— Graham é tão engraçado — ela comentou, caindo levemente na minha direção. — Sinto saudades dele.

— Você passou muito tempo com Graham enquanto estavam nas turnês? — perguntei, tentando não me sentir uma imensa idiota, com

roupas chiques demais para o evento.

— Nas turnês, sim, e quando moramos todos juntos, é claro — ela disse casualmente. — Mas ele está diferente agora. Não parece feliz.

— Quando vocês viveram juntos? — eu já havia juntado dois mais dois e não gostava nem um pouco do que estava prestes a ouvir. — Você morou com o Graham?

— Por um tempo — ela revelou, enrolando uma mecha de cabelos louros no dedo. — Ele deixou o namorado e veio morar com Alex e eu. Durante uns dois ou três meses, acho.

Certo. É claro. Ele foi morar com ela e Alex durante uns dois ou três meses.

Quando ela estava morando com Alex.

Quando ela estava morando com o meu namorado.

— Sinto tanta falta do Brooklyn, diga, há quanto tempo você mora lá? — ela perguntou.

— Hum, eu moro em Manhattan — respondi, debruçando-me para pegar a cerveja.

— Alex se mudou para Manhattan? Ele vendeu o apartamento? Com aquela vista linda? — perguntou Solène, alisando a mecha de cabelo que ela tinha cuidadosamente soltado do coque super elegante. — Não acredito que ele saiu.

— Não, ele ainda está no Brooklyn, em Williamsburg — eu tinha que medir cada palavra que dizia. Falar não deveria ser tão difícil assim. Assim como respirar. — Não moramos juntos.

— Ah, então não têm nada sério? — ela perguntou um pouco rápido demais para o meu gosto. — Entre você e Alex?

— É sério, sim — respondi tão rápido quanto ela. — É super sério. Na verdade, vou me mudar para o apartamento dele quando voltarmos a New York.

— Que bom — Solène ficou me olhando enquanto eu bebia a cerveja. — Ele ficou tão magoado por um tempo. Claro, eu sei que a culpa foi minha. Estou muito feliz que ele tenha encontrado você.

— Ele ficou magoado — repeti sem saber se era uma pergunta ou não. Onde diabos estava Graham?

— Eu sei, você deve achar que sou uma pessoa horrível, Angela — ela soltou o cabelo e pegou o copo (agora vazio) da minha mão, para poder segurar minhas duas mãos juntas. Não pude deixar de reparar que, por mais que as mãos dela fossem pequenas e macias, tinha calos nos mesmos lugares que as de Alex. — É que não estava pronta para assumir nada. O Alex, ele estava doido para casar, para ter filhos. Eu era tão jovem, longe de casa... Estava muito confusa. Mas sei que foi um erro. Nunca quis partir o coração dele.

E eu nunca quis partir a cara de ninguém.

Solène não tinha tido “um casinho” com Alex, eles foram namorados.

Era ela.

Alex que tinha ficado com o melhor amigo dele.

— Angela, por favor, se o Alex não vier hoje, eu entendo, mas espero que lhe diga que realmente sinto muito — duas lágrimas espessas rolaram pelas bochechas dela, manchando a pele branca com traços escuros de lápis. — Ele não fala comigo e já faz tantos anos. Nós éramos felizes, e fico muito triste por saber que jamais poderemos voltar a ser amigos.

Desisti de esperar Graham e soltei as mãos, ficando de pé.

— Desculpe, Solène, mas acho que não deveria estar falando sobre isso.

Ela concordou, chorosa, e apoiou a cabeça nos joelhos.

Não partir a cabeça dela ao meio com meu sapato foi a coisa mais civilizada que já fiz. O que não significava que não estivesse me segurando para não pegar um Louboutin e dar uma lição a ela, mas eu queria ser a pessoa superior aqui. Pelo menos uma vez na vida. Era esse o plano desde o começo, não era?

Deixei-a no sofá e caminhei até o elevador o mais rápido que meus saltos permitiam. Meus olhos só não ardiam tanto quanto as solas dos meus pés. Apertei o botão várias vezes, até que as portas se abrissem.

— Angela — Graham chamou por trás da multidão que enchia o apartamento. — Desculpe, o Craig ficou me segurando e não conseguia achar o telefone e o vinho e, meu Deus, você está bem?

Agitei a cabeça, segurando a porta do elevador.

— Seria melhor se eu não tivesse descoberto tudo sobre Solène e Alex... por ela.

— Provavelmente. Angie, eu sinto muito. Mas já passou. História antiga, sabe? Não importa.

— Hum — entrei no elevador. — É.

Minha eloquência podia ser surpreendente.

— Chamei um táxi, já deve estar aí embaixo — ele disse, segurando a porta. — Posso ir com você?

— Hum, acho que preciso de um tempinho sozinha — respondi. Foi a versão mais educada de “cai fora e me deixa em paz” em que consegui pensar.

Obviamente não havia táxi nenhum lá fora quando desci, e nenhum à vista. Esperei um pouco na frente do prédio e me encostei na parede, olhando para o rio. Notre-Dame estava toda iluminada na outra margem. As torres imensas eram lindas, mas muito intimidadoras e davam até um pouco de medo. Imaginei se Solène já tinha subido até o alto para ficar junto com suas amigas, as gárgulas. Mas ela seria, claro, uma gárgula linda que tinha achado legal arrasar o meu namorado e que depois achou que seria legal ser minha amiguinha. Vaca.

Havia uma única pessoa que compreenderia o meu ódio naquele momento. Revirei a bolsa, achei o telefone, já quase sem bateria, e apertei o primeiro número na lista de discagem rápida.

— Jenny Lopez — ela respondeu no primeiro toque. Ainda bem que ela nunca conferia o identificador de chamadas antes de apertar o botão para atender. Se é que ela apertava alguma coisa, visto que tinha um iPhone.

— Jenny, sou eu — disse depressa, surpresa ao ouvir um tom de choro na minha voz. — Podemos conversar? Por favor?

— Angie, desculpe, mas agora não posso — ela parecia tensa, não brava. — Tenho um milhão de problemas para resolver, então você vai ter que esperar.

— Mas estou no meio de uma crise — comecei. Se começasse a falar da vaca, ela não resistiria.

— Deixe-me adivinhar — ela interrompeu. — Hum, o Alex está sendo um babaca ou você ferrou com o trabalho da *Belle*. O que é dessa vez?

Uau. Eu não tinha uma resposta para ela. Nem poderia responder que, bom, na verdade, era um pouco de cada.

— Agora não posso, desculpe — continuou Jenny. — Ligo para você depois.

— Jenny... — tentei impedi-la, mas não foi uma boa ideia.

— Ah, ontem você não tinha tempo para mim e ficou evitando minhas ligações, agora eu é que estou sem tempo para falar. Dê um jeito na sua crise, pois tenho mais o que fazer — e então ela desligou. Na minha cara.

Olhei novamente para Notre-Dame. Alguma chance de intervenção divina? Pelo jeito, não. Talvez porque eu nunca tivesse colocado os pés em uma igreja na vida, a não ser que houvesse a promessa de bolo, muita comida e open bar logo após.

Lutei contra o impulso de começar a cantar “On my own”, do Les Mis, e olhei de volta para o telefone. Não sabia para quem ligar. Não podia lidar com a Louisa em pânico, e a veria em dois dias, de qualquer forma. Erin me diria para voltar e enfiar o sapato na cabeça de Solène, e eu não queria falar com nenhuma outra pessoa em New York sobre esse problema. Elas não tinham que saber os detalhes da vida amorosa de Alex. Claro, estava me esquecendo da única pessoa que não precisaria ouvir nenhuma explicação sobre a história. Acho que Alex já sabia de todos os detalhes.

Apertei o segundo botão de discagem rápida e esperei. Foi direto para o correio de voz.

— Oi, sou eu — comecei a caminhar na direção da ponte, rumo à catedral. Com certeza haveria táxis por lá. — Estou voltando para o hotel, desculpe por ter sido uma idiota hoje. A culpa é de Paris, esta cidade é tão linda que não consigo pensar direito. Além do mais, não como um cachorro-quente desde segunda-feira e acho que isso está deixando meu cérebro meio estranho. Estarei no hotel o mais cedo possível. Ou ligue que vou encontrá-lo onde estiver. Ou, sei lá, o que quiser fazer. Amo você.

Desliguei, certa de que Alex estava no banho, ficando bem bonito para mim, e continuei minha missão de encontrar um táxi. Sozinha. Fingindo que ele estava ao meu lado.

Snif.

Uma hora e muitas bolhas e calos depois, cheguei à recepção do The Marais em um estado lamentável. Seda cinza ficava muito bem na vitrine ou em um coquetel elegante (e não existe acessório mais elegante que um bom coquetel), mas depois de uma hora andando por uma cidade estranha em uma noite quente de agosto, já não era mais a roupa mais bonita que uma dama já usara em Paris. Além disso, não dava para ter certeza de que eu era uma dama. Exceto pelo fato de que não tinha dado um soco no meio da cara de Solène, o que foi muito elegante da minha parte. Assim que entrei na recepção, me atirei na cadeira mais próxima, que dessa vez era vermelha e fofa, e lutei com as tiras fininhas dos Louboutins de Virginie. Maldita qualidade.

— Ah, que droga — gemi, deitando a cabeça nos joelhos. Não conseguiria dar mais nenhum passo com aqueles objetos de tortura amarrados nos meus pés. Por mais que fossem lindos objetos de tortura

— Madame? — chamou uma voz do outro lado do salão.

— Mademoiselle — gritei de volta. Sério, quantas vezes?

— Mademoiselle, posso ajudá-la?

Olhei para cima e vi meu grande amigo Alain, o concierge. Junto com uma expressão bem familiar de preocupação, ele usava um casaco e uma mochila.

— Não estou bêbada — disse um pouco rápido demais. Não que ele fosse acreditar em mim, de qualquer forma. — Só que tive que voltar andando de uma festa e não sabia direito onde estava e, bem, eu tinha um mapa, mas não sou muito boa com mapas e acabei confundindo gauche com droite o tempo todo e a bateria do celular acabou e eu não tenho carregador e...

— Gostaria de pegar um carregador emprestado? — ele pareceu muito aliviado por ter um motivo para me cortar. — Temos de várias marcas. Posso ver seu telefone?

Entreguei o BlackBerry, irritada comigo mesma por não ter pensado antes em perguntar na recepção.

— Muito obrigada — falei, finalmente conseguindo tirar os sapatos dos pés e cambaleando atrás dele. — Sério, isso é maravilhoso. Você é como a minha amiga Jenny, quando eu a conheci ela tinha todas as coisas do mundo em seu escritório no hotel.

— *Et voilà!* — Alain mostrou um carregador de BlackBerry com o cabo bem enroladinho, e estava quase sorrindo. — Posso ajudar com alguma outra coisa?

— Não, a não ser que tenha um guia de turismo de Paris supersecreto aí — sorri e coloquei o carregador na bolsa. — Ou um carregador para o meu laptop.

— Infelizmente, não — ele olhou novamente na gaveta, só para ter certeza. — Mas há muitas lojas de informática em Paris.

— Ah, eu sei, mas é para o meu Mac e minha amiga disse que não seria fácil achar — respondi, tentando ignorar o fogo na sola dos meus pés para conseguir ter uma conversa sensata com Alain. Era uma pena que ele vivesse em Paris, Jenny teria gostado dele. Alto, louro, olhos muito azuis e um compromisso com a arte de ser concierge. E, além disso, lindo, mas já havia tido problemas suficientes com funcionários de hotéis nesta vida. Ia ficar bem longe dessa gracinha. — Vai ser um alívio ter meu telefone funcionando de novo.

— Tem uma loja perto daqui especializada em produtos Apple, tenho certeza de que poderão ajudá-la — Alain sugeriu, pegando um mapa da cidade da mesa e traçando um caminho curto. — Fica aberta até tarde, eu acho.

— Isso é ótimo, muito obrigada — falei, observando o mapa. — Talvez a loja tenha aberto enquanto Virginie estava em New York ou algo assim. Ela não deve conhecer.

— É claro — ele comentou, jogando a mochila novamente sobre o ombro. — Meu turno acabou, mas se houver mais alguma coisa que possamos fazer, por favor, avise algum de meus colegas.

— Que maravilha, obrigada de novo — enquanto passava o peso de um pé para o outro, agradei pelo chão gelado de mármore. —

Devolvo o carregador amanhã de manhã.

— *D'accord* — Alain finalmente abriu um sorriso de verdade. — Tenha uma boa noite.

— Você também — respondi, caminhando na ponta dos pés até o quarto. — Ah, e, Alain, hum, desculpe por ter sido um problema noite passada.

— Problema algum, mademoiselle — ele falou.

— Ah, obrigada — ele me chamou de mademoiselle. Finalmente.

*

— Oi, Alex? Já estou de volta, desculpe por demorar tanto — gritei pela porta enquanto mexia na fechadura. — Juro que não vou sair deste quarto de novo, a não ser que esteja com alguém que saiba exatamente onde está indo, ou se for para ir de táxi.

Mas o quarto estava vazio. Alex não estava ali.

— Alex? — chamei, acendendo as luzes. — Está no banheiro?

Ele não estava no banheiro. Puxei a cortina da banheira para conferir, como se pudesse estar escondido. Por que as pessoas sempre fazem isso? Caí na cama, um pouco aliviada por tirar os pés do chão e um pouco preocupada com o desaparecimento misterioso de Alex. Já eram quase 22h, eu deveria estar aqui há pelo menos uma hora e não havia nada, nem um bilhete, mensagem no telefone, nada. Coloquei o carregador emprestado na tomada e esperei até que o ícone da bateria piscasse na tela.

— Vamos lá — falei baixinho, de olho na tela. Nada. — Droga.

Apertei o botão de discagem rápida para tentar ligar para ele, mas a ligação não completava. “Provavelmente a bateria está descarregada”, pensei comigo mesma, colocando o telefone sobre a mesinha de cabeceira. Tirei o vestido e me deitei na cama. Ele logo estaria de volta, Graham e Craig estavam na Solène e, além disso, Graham teria me ligado ou deixado uma mensagem se Alex estivesse com eles. Não havia outro lugar onde ele pudesse estar. Fechei os olhos por um momento, desejando que os pés parassem de latejar; o estômago, de roncar; e a cabeça, de doer. Os lençóis

estavam tão frescos e a cama tão macia que não pude me segurar, deixei as pálpebras se fecharem mais um pouco. Peguei o controle remoto na cabeceira e liguei a TV, deixando em uma tradução barulhenta de *Grey's Anatomy*. Aparentemente, alguns shows eram sempre fáceis de acompanhar, mesmo que estivessem em uma língua estranha.

— Ah, McDreamy — murmurei baixinho para a tela. — Decida de uma vez.

Tentei pegar meu BlackBerry, mas só o que consegui foi derrubá-lo no chão. A página inicial estava ali, porém não havia sinal nenhum. Agitei de um lado para o outro erguendo o braço, mas nada acontecia.

— Que droga — coloquei o telefone de volta na mesinha e virei de lado. Alex voltaria logo, com certeza com o número de um restaurante delivery, e certamente eu não conseguiria mais me levantar hoje. Aliás, seria sorte se estivesse acordada quando ele...

Não fazia a menor ideia de quanto tempo tinha se passado quando meus olhos se abriram de repente, em meio a um sonho no qual eu precisava desesperadamente ir ao banheiro, mas encontrava todos ocupados por cópias de Solène, e ainda estava deitada de calcinha sob os lençóis. A TV estava desligada, as luzes, apagadas, só que Alex não estava ao meu lado. Sentei, esperando até que meus olhos se acostumassem à escuridão e às bolotas de rímel que mantinham os cílios grudados. Preocupada com o fato de que daqui a pouco eu poderia realmente fazer xixi na calça, saí da cama em direção ao banheiro, fechando a porta e urinando no escuro. Lavei as mãos e voltei para o quarto, sem conseguir dar três passos antes de tropeçar em alguma coisa no meio do caminho e capotar no chão.

— Droga! — exclamei com o rosto encostado na beirada da cama.

Comecei a sentir um calor se espalhar pela minha bochecha esquerda e pressionei a mão contra o rosto até que a dor intensa se reduzisse para um latejar lento.

— Droga, droga, droga — falei entre dentes, chutando a coisa em que tinha tropeçado. Quando meu único olho aberto se acostumou com a penumbra, percebi que era um par de Converse. Os tênis de Alex.

— Angela? — chamou a voz de Alex, vinda de um canto escuro do quarto.

Uma lâmpada se acendeu, exibindo a cena lamentável. Alex estava enrolado em uma poltrona no canto do quarto, ainda de jeans e camiseta, enquanto eu estava estirada no carpete, de sutiã e calcinha, um par de tênis enrolado no tornozelo e uma pocinha de sangue perto da mão. Felizmente, não era no carpete. Infelizmente, era no meu novinho e *über* caro vestido de seda cinza.

— O que está fazendo aí? — minha voz soou estranha e nasalada e nada mais fazia sentido. Por que Alex estava na poltrona? E por que eu estava no chão de novo? — O que aconteceu?

— Podemos começar limpando o sangue do seu nariz? — ele descruzou as pernas e saiu da poltrona, e estava ao meu lado antes mesmo que conseguisse desenrolar os tênis dos pés. — Meu Deus, Angela, acho que vou colocar uma coleira com sininho em você. O que estava fazendo?

— Xixi? — fiz uma careta quando ele ergueu meu queixo e afastou minha mão da bochecha. — Por que estava na cadeira? Onde você estava?

— Vamos dar um jeito em você primeiro — ele me ajudou a levantar, um braço ao redor da minha cintura e o outro tirando o cabelo do meu rosto.

Sentei na beirada da banheira e fiquei olhando minhas mãos sujas de sangue enquanto Alex abria a torneira de água gelada e limpava delicadamente meu rosto com uma toalha molhada.

— Com certeza seu olho vai estar roxo amanhã — ele comentou. — Mas acho que seu nariz não está quebrado.

— Tem certeza? — perguntei, tentando não me afastar. — Parece quebrado.

— Já o quebrou alguma vez? — Alex quis saber.

— Não — respondi.

— Então, como pode saber? Está só machucado, não quebrado — ele declarou.

— Porém sinto como se estivesse quebrado — murmurei, tentando não pensar em outros incidentes do passado nos quais eu poderia

ou não ter quebrado a mão de alguém.

— Quando você passar seis meses em turnê com o Craig, vai saber bem o que é um nariz quebrado — Alex trocou a toalha por lenços limpos. — Ajudei aquele cara tantas vezes que nem me lembro. Venha, vamos para a cama.

Fiquei de pé, um pouco cambaleante, e Alex me levou até a cama. Ele pegou uma camisa de botões e me vestiu, e depois colocou dois Advil na minha mão.

— Vou pegar um pouco de água — ele disse, empurrando-me suavemente para o travesseiro e voltando para o banheiro.

Em meio ao torpor, consegui ver o rádio-relógio sobre a mesinha de cabeceira. Eram pouco mais de 2 horas.

— Alex? — chamei o mais alto que pude, apesar da dor que ia da bochecha até a testa. Ai.

— Sim? — ele respondeu já ao meu lado, com o copo na mão.

Engoli os Advil com um pouco da água do copo que Alex continuou segurando. Evidentemente ele não confiava em mim para segurá-lo. Perfeitamente compreensível, eu acho.

— Já passa de meia-noite. Feliz aniversário.

— Obrigado — ele agradeceu baixinho. — Agora, volte a dormir.

— O.k. — sussurrei de volta, sentindo-me um pouco estranha. E não apenas em função do acidente em que dei com a cara na cama. Alex apagou a luz e ouvi que ele estava tirando a calça.

— Você vem para a cama? — pisquei sem ver absolutamente nada.

— Sim — ele disse enquanto eu sentia o peso dele no colchão.

Aliviada, tentei me virar de lado, mas a dor no lado direito do meu rosto era terrível. Esperei para ver se Alex vinha me abraçar, mas ele não veio. Estiquei a mão, encontrei seu braço e tateei até a mão, enrolei meus dedos nos dele e apertei. Ele segurou minha mão, porém não a apertou. Em vez disso, ouvi um suspiro baixinho e senti o corpo dele se afastar um pouco, rolando na direção da janela. Fiquei olhando para o teto escuro com meu olho bom, tentando respirar lentamente. Que bela forma de começar um aniversário.



CAPÍTULO 10

— Ah, meu Deus, o que aconteceu com o meu rosto? — Resmunguei assim que a luz do sol entrou no quarto. Abri o olho direito, mas não consegui abrir o esquerdo. Alex estava perto da janela, de cueca e camiseta, de costas para mim. — Tentei tirar um drinque da mão da Lindsay Lohan ou algo assim?

— Não se lembra? — Ele disse, virando-se para me encarar com um leve sorriso. Percebi que havia uma mancha de sangue na camiseta dele. — Meu Deus, eu a deixo sozinha, e logo se mete em confusão. Trago-a comigo, e se mete em confusão também. Você tropeçou no meio da noite.

Meu cérebro ainda não tinha processado bem tudo que acontecera nas últimas 24 horas, mas sabia que podia me sentir aliviada ao ver o sorriso dele.

— É sério? — sentei na cama. Alex se aproximou e sentou na beirada da cama com um copo de água.

— Sim — ele confirmou, pegando o Advil na mesa de cabeceira e colocando dois comprimidos na palma da mão. — Não se lembra mesmo?

Olhei ao redor do cômodo e a memória começou a voltar. Peguei os comprimidos, engoli e acenei com a cabeça.

— Sou uma pateta desastrada — declarei.

— Foi minha culpa, eu não deveria ter deixado o tênis no meio do quarto, desculpe — ele pegou minha mão, virou-a para ver a palma e passou o dedo sobre a mancha de sangue que ainda estava ali. — Está doendo?

— Minha mão? — Estava confusa. E não era a primeira vez.

— Não, a bochecha — ele respondeu, erguendo a mão para tocar delicadamente a lateral do meu rosto. Afastei-me um pouco, estava

tão dolorida. — Nossa, não vai gostar nada disso.

— Está feio? — Quis saber.

— Está dolorido — ele disse diplomaticamente. — Talvez seja melhor você ficar na cama. Vou buscar um pouco de gelo.

— Vou ficar bem — falei, tentando convencer a mim mesma mais que tudo. Eu nunca tinha ficado com o olho roxo antes. Não dava para acreditar no quanto doía. — Hoje é seu aniversário, e nós vamos passear em Paris.

— É, hum, sobre isso — Alex fez uma careta e coçou a parte de trás da cabeça, fazendo com que os cabelos ficassem espetados. — Tenho umas coisas da banda para fazer hoje.

— Mas achei que fôssemos passar o dia juntos — estava confusa de novo. Passarmos o aniversário dele juntos não era o motivo pelo qual eu tinha vindo a Paris? — É seu aniversário, Alex.

— Eu sei — ele ficou de pé, pegando a calça que estava caída no chão. — Queria cair fora, só que a gravadora disse que temos que fazer mais umas entrevistas, encontrar uns executivos europeus. É um saco, eu sei. Teria contado a você ontem à noite, mas...

— Mas?

— Você não estava aqui — ele completou.

Ai. Não sei o que estava doendo mais, se meu rosto ou o golpe baixo de Alex. Mordi o lábio e decidi que era melhor ignorar. Um presente de aniversário. Para acompanhar o anúncio de que eu ia morar com ele e o lindo relógio antigo que tinha explodido. Mas era lindo.

— Acho que você não tem escolha — falei. Queria muito fazer biquinho, porém o lado esquerdo do meu rosto não permitia. — Pelo menos podemos jantar juntos?

— Claro — Alex dobrou a calça e colocou-a no pé da cama. — Olhe, por que você não dorme mais um pouco, sei lá, faz umas compras ou algo assim à tarde, e depois jantamos? Fui eu quem arruinou seu dia, a culpa é minha, então pegue o meu cartão de crédito e divirta-se.

Se não havia achado nada estranho antes, agora achava.

— Quer que eu vá fazer compras com o seu cartão?

— É — Alex deu de ombros. — A culpa é minha que você vai ficar sozinha e sem nada para fazer, a culpa é minha que a sua cara está detonada, e quero compensar.

— Não é com o cartão de crédito que vai me compensar — falei, estreitando os olhos. Esse não era o meu Alex e eu não ia me fazer de boba. — O que está acontecendo, Alex? Onde estava ontem à noite?

— Estava aqui — ele disse, a cabeça dentro do guarda-roupa esperando-a.

— Você não estava aqui quando cheguei — chutei as cobertas para longe, subitamente quente e incomodada. — E também não estava atendendo ao telefone.

— Ah, não? Você é quem não atendeu — contestou Alex, fechando a porta do guarda-roupa e se virando para me encarar. — E foi você quem quis ir a uma festa na casa da minha ex-namorada em vez de jantar comigo. Claro, fui dar uma volta depois de ficar sentado aqui esperando-a durante quase duas horas, e então, ao voltar, me deparei com você desmaiada na cama. Acho que não está em condições de ficar brava comigo no momento, Ângela.

— Não estou brava — respondi brava. — Disse que ia ficar dois minutos lá e depois viria para cá. E deixei uma mensagem de voz avisando que estava vindo às, sei lá, 20h15, eu acho.

— Bem, não a recebi — ele pegou uma camiseta preta desbotada e jogou-a na cama. — Será que dá para não brigarmos hoje?

— Não estou brigando — respondi, caindo de volta na cama. E imediatamente me arrependendo, quando uma dor lancinante atravessou meu rosto, da bochecha até o olho. Ai, ai, ai, ai, ai.

— Legal — ele colocou um par de meias e uma cueca sobre a camiseta e foi para o banheiro, batendo a porta.

Cruzei os braços. Talvez eu quisesse brigar. E saber por que ele achava que era completamente aceitável não falar nada comigo e não estar onde tinha dito que estaria, para então acordar na manhã seguinte e fingir que estava tudo uma maravilha. E talvez eu quisesse saber por que ele achou que poderia me comprar com o

cartão de crédito. Isso era tão estranho. Deitei-me na cama e fiquei ouvindo o barulho do chuveiro, tentando não pensar em Alex todo ensaboado e nu. É difícil ficar brava sabendo que o homem que ama está por perto, nu e ensaboado. Principalmente no aniversário dele. Bom, a qualquer momento, na verdade.

Ele saiu do banheiro com uma toalha enrolada na cintura, os cabelos pretos pingando no rosto. Cruzei os braços e fiquei olhando. Também não era nada fácil ficar brava com um homem de toalha. Ele parou no meio do quarto e ergueu os braços.

— Que é?

— Nada — respondi, virando o rosto e ligando a TV.

— Que bom.

Enfie-me debaixo das cobertas de novo. Não importava que estivesse morrendo de calor, era uma questão de princípios. E o principal era que estava de mau humor.

Alex se vestiu em silêncio e eu continuei na cama. Tentei pensar em alguma coisa para dizer que fosse engraçada, divertida e que ao mesmo tempo mostrasse que eu era madura o suficiente para deixar essa briguinha boba de lado em nome do aniversário dele.

— E aí, está se sentindo velho?

Alex parou imediatamente, com uma perna dentro da calça.

— Estou ótimo, obrigado por perguntar.

Não era bem a reação que eu esperava. Ou a pergunta que deveria ter feito.

— A que horas nos encontramos para jantar? — Perguntei, colocando os pés para fora das cobertas. Estava muito quente. — Volta para o hotel?

— Claro — ele disse, secando o cabelo com a toalha. Como podia tratar tão mal o cabelo e mantê-lo sempre macio e cheiroso, enquanto eu podia me encher de condicionador e tratá-lo como um gatinho recém-nascido que continuava uma droga? — Hum, oito? — Perguntou Alex.

— Oito? — Repeti em um tom de voz um pouco alto demais. — Você só volta às 20h?

— Ângela, já é quase meio-dia — ele apontou para o relógio ao lado da cama. E, veja só, estava certo. — Tenho que encontrar uns caras da gravadora para almoçar e depois fazer umas entrevistas e reuniões. Volto às 20h.

Ele suspirou, se abaixou e deu um beijo no alto da minha cabeça.

— Descanse um pouco, até se sentir melhor, e vou pedir que alguém do hotel traga gelo para o seu olho.

Por falta de uma ideia melhor, fiquei mais dez minutos deitada na cama, esperando que meu olho parasse de doer. Como isso não aconteceu, tateei em busca do meu BlackBerry na mesa de cabeceira, incapaz de tirar o olho bom de uma novelinha francesa terrível que passava na TV. Como não entendia o que eles falavam, estava inventando minha própria história, porém não era muito boa nisso.

Apesar de estar completamente carregado, meu BlackBerry ainda não mostrava nenhum e-mail nem sinal de telefone. Franzindo a testa, tentei abrir o navegador, mas nada acontecia. Atirei o aparelho nos pés da cama e soltei um suspiro dramático. Sintonizei a MTV e decidi que ficar na cama lamentando minha situação com Alex-e-sua-ex-gostosa e ignorando o pânico de que eu nunca, jamais, terminaria o artigo a tempo, não ajudaria em nada. Então, levantei-me, tirei a roupa e fui para o banheiro, cantando o mais alto que pude com a Britney. E bem nessa hora, Alain chegou com o gelo.

— *Pardon, madame, ah, mademoiselle* — ele gaguejou, fechando a porta rapidamente enquanto eu procurava uma toalha. — Monsieur Reid pediu-me que lhe trouxesse gelo. E a senhora não respondeu quando bati na porta.

Titubeei por um momento, tentando enrolar a toalha no corpo, mas só o que consegui foi mostrar mais um pouco de pele para ele. Acabei preferindo segurar a toalha diante de mim como se fosse uma toureira meio safada, e caminhei de costas até o guarda-roupa.

— A TV estava alta — tentei explicar, deixando de lado o detalhe de que eu estava cantando junto como um bode desafinado. Que tinha perdido a audição em uma briga muito feia na fazenda. — E você mesmo trouxe o gelo?

— Sim, você deixou isso na minha mesa ontem à noite — Alain entregou o mapa da loja da Apple. — Acho que pode precisar.

— Ah, vou precisar, sim — respondi, pegando o mapa e colocando-o dentro da bolsa. Afinal, não tinha nenhum bolso na toalha. — Muito obrigada.

— É um prazer — ele respondeu, desviando o olhar enquanto uma vermelhidão bastante impressionante se espalhava do pescoço até a linha dos cabelos louros. Ele era uma graça. — Se precisar de mais alguma coisa, é só ligar para a recepção.

— Pode deixar — prometi, automaticamente caminhando na direção da porta para me despedir dele, até que percebi que minha bunda tinha ficado à mostra pelo reflexo do espelho o tempo todo.

Felizmente, Alain estava quase com tanta vontade de sair quanto eu de me livrar dele, e a porta se fechou rapidinho. Parada diante do espelho do banheiro enquanto o chuveiro esquentava, não pude deixar de sentir pena do rapaz. Meu quadril estava ficando verde-amarelado no lugar onde tinha batido na cama, e meu rosto estava uma bolota roxa gigante. Sem contar o que havia acontecido com os meus cabelos cacheados durante a noite. Até parece que eu fazia parte do elenco do filme *Extermínio*. Mas depois do extermínio. Que casazinho mais lindo que Alex e eu formaríamos no aniversário dele. O hipster gatinho e sua namorada zumbi.

Depois de uns vinte minutos passando delicadamente todos os cosméticos possíveis ao redor do olho e de outros bons cinco choramingando sobre meu vestido de gato Paul & Joe arruinado, peguei minha calça, peguei emprestada outra camiseta de Alex e agradei aos Deuses da Moda Masculina por meu namorado ter trazido uma mala lotada.

Felizmente, Paris estava inacreditavelmente brilhante e ensolarada e pude camuflar meu olho no estilo Olsen, apoiando cuidadosamente os óculos de sol na ponta do nariz detonado, para passear pela rua com os chinelos novos que havia comprado no dia anterior. De acordo com o mapa de Alain, a loja da Apple estava a poucas quadras dali. Atravessei a avenida mais movimentada e praticamente pulei até as ruas estreitas de Marais. Já tinha decidido que amava essa parte de Paris, era simplesmente adorável. Tudo era charmoso

e exótico e elegante e todas aquelas belas palavras que um dia eu esperava que as pessoas usassem para se referir a mim, apesar de saber que isso jamais aconteceria.

Parei para admirar as vitrines, anotei os nomes das lojas mais bonitinhas e vaguei de um lado para o outro da rua, suspirando e admirando a beleza das coisas parisienses. Havia muitas lojas bonitas, e até as lojas de departamentos pareciam mais charmosas aqui. Fiquei parada por um tempo um pouco longo demais diante de uma loja de noivas ridiculamente cara, olhando para os vestidos expostos na vitrine. Um deles era uma longa e esguia coluna de seda, com decote alto que caía pelas costas como delicadas asas de anjo. Na outra vitrine havia um vestido branco mais estruturado, quase uma réplica do modelo que Audrey Hepburn usou no final de *Cinderela em Paris*. Um modelo com decote canoa, mangas três-quartos, justo na cintura e com a saia bem rodada um pouco abaixo do joelho. Era lindo. Percebi que estava olhando havia tempo demais quando a proprietária veio até a porta e sorriu para mim. Só que aí ela olhou para o meu dedo anelar, baixou a cabeça, deu a volta e fechou a porta. Que vaca.

— Talvez eu nem queira me casar, viu? — Falei baixinho, dando as costas e atravessando a rua, afogueada. Batendo de leve na minha confiável, porém detonada bolsa, tentei fazer a conta de quantas bolsas Marc Jacobs poderia comprar com as despesas de um casamento. Infelizmente, não eram muitas. Tentei afastar o assunto da mente dando uma olhada no mapa de Alain. De acordo com as anotações dele, estava no lugar certo e, para falar a verdade, essa rua parecia bem familiar. Será que eu estava perdida?

— Nunca mais vou achar o caminho — murmurei, voltando a consultar o mapa. Todas as ruas pareciam iguais e eu não tinha absolutamente nenhuma bússola para me guiar. BlackBerry idiota, onde estava o GPS quando se precisava dele?

Parei em uma esquina, tirei os óculos escuros e, ignorando as expressões de espanto na minha direção, olhei ao redor. Então, percebi porque a rua era tão familiar. A loja que fazia bolsas com jaquetas velhas, o achado parisiense de Virginie, estava bem na minha frente. Franzi a testa, girando o mapa algumas vezes. Ele dizia que deveria seguir além. Continuei caminhando, determinada a

não entrar na loja de chocolates, e cheguei ao fim da rua. E encontrei a loja da Apple. Virei para trás e ainda pude ver a loja de bolsas. Que loucura, estávamos tão perto! Aliviada por estar a um passo de uma conexão com a internet, quase corri até a loja, escapando por pouco de ser atropelada por um homem de moto. Era um absurdo como já estava acostumada a atravessar a rua olhando apenas para um lado. Como já estava dependente de New York.

Depois de alguns minutos passeando de computador em computador, um vendedor jovem chegou até o meu lado, vestindo a internacionalmente conhecida camiseta azul de alguém que ia ajudá-lo, mas que também o faria se sentir um verdadeiro imbecil durante o processo.

Ciente de que minha habilidade de pedir café, croissants e vinho não ia me ajudar a comprar um carregador, tirei o laptop da bolsa e apontei para a entradinha.

— Oi, hum, ai meu Deus, desculpe — gesticulei loucamente com a mão livre e fiz minha melhor cara de “sou uma turista idiota”.

— Precisa de um carregador? Ou de um adaptador para o seu carregador? — Ele perguntou em inglês, com sotaque californiano. — As pessoas sempre se esquecem de levá-lo nas viagens.

Abri um sorrisinho. Uau! Seria bem fácil para ele me fazer parecer idiota, afinal, eu mesma já estava dando conta do serviço.

— O carregador, por favor.

Enquanto o menino prodígio se ocupava procurando um carregador para o meu computador “nossa, praticamente vintage” (que tinha 2 anos), me sentei em uma banqueta e fiz login em um dos MacBooks da loja. A imagem da internet se abrindo diante de mim era muito mais emocionante do que deveria ser, e cheguei a sentir minha pressão cair de “prestes a ter um ataque” para “acho que vou viver mais um dia” enquanto entrava no TheLook.com.

Havia uns cinco e-mails da Mary, um mais irritado do que o outro, pois ela devia achar que eu a estava ignorando. E vários de Donna. Meus batimentos cardíacos estavam no máximo quando abri a última mensagem de Mary.

Cara Ângela,

Sei que você é importante demais para me responder agora que escreve para a Belle, mas se quer continuar com seu blog, por favor, escreva imediatamente.

Saudações,

SUA EDITORA, Mary

Em pânico, cliquei em responder, fazendo um resumo do que tinha acontecido com minha mala, meu BlackBerry, tudo. Quando reli, não tive a impressão de que o trecho “tudo por causa daquela vaca psicótica da sua assistente, Cici. Ela é uma louca” era muito forte. Vi que o homem de camiseta azul se aproximava com o carregador, então cliquei em enviar e corri para o caixa. De repente, percebi que ele tinha uma maquininha portátil de cartão. Sério, será possível que ser um babaca metido era pré-requisito para trabalhar na Apple? Jurei baixinho que nunca mais compraria nada da Apple. Só um iPod novo, afinal, quem poderia viver sem um? E talvez um iPhone. Assim que tivesse trocado meu laptop por um novo MacBook Pro.

As ruas estavam um forno comparadas com o ar-condicionado congelante da loja da Apple, e eu estava morrendo de fome. Não sabia se era a minha cara arruinada ou os barulhos do meu estômago que estavam assustando mulheres e criancinhas, mas as pessoas pareciam estar mesmo atravessando a rua para ficarem longe de mim. Respirei fundo, entrei no café mais próximo e pedi um suco de laranja e um croissant. O homenzinho grisalho que estava no balcão se esforçou para não olhar para meu machucado e, em um minuto, sem grandes problemas de comunicação, saí da loja com as coisas que queria nas mãos. Foi um momento de glória.

Voltar para o hotel seria admitir que havia fracassado no guia, então percorri mais algumas ruas, procurando algum lugar para me sentar e comer meu lanche. Depois de caminhar mais um pouco, avistei um grupo de franceses carregando alguns pacotes de comida. Segui-os a uma distância segura, sem parecer que os estava perseguindo, e logo me vi em uma linda praça, cercada por muros e arcos de pedras e com jardins perfeitamente elaborados. Uma plaquinha perto do portão dizia Musée Carnavalet. Olhei ao redor, tentando identificar o lugar para pagar pela entrada, mas não vi

nada. Fingindo estar em casa, escolhi um canto nos degraus de pedra e comi um pedaço de croissant.

Pela primeira vez desde que havia batido o rosto, talvez desde que havia chegado a Paris, comecei a me sentir relaxada. Sem a ajuda de álcool. Tinha anotado os nomes de várias lojas e tirado umas fotinhos podres com meu BlackBerry enquanto passeava, e, sim, sabia que o guia ficaria muito centrado em Marais, mas quem na *Belle* diria que o Marais não era o lugar mais legal, mais hipster de toda a Europa? Virginie podia me ajudar a tirar fotos melhores, pois a *Belle* sabia que eu não era fotógrafa. O pedido era que eu fizesse uns cliques e, se precisássemos de algo mais elaborado, eles mandariam um fotógrafo fazer fotos melhores. Era só a jornalista. Uma jornalista muito, muito boa.

E Jenny não podia ficar brava comigo para sempre. Faria o possível para ajudá-la, e daríamos um jeito em tudo. É o que sempre fizemos. Quanto ao Alex, pensando bem, meu problema não era com ele. E sim que ele tinha namorado uma mulher espetacularmente bonita antes de mim, a qual estava em Paris agora, conosco. Não havia muito que fazer a respeito. Não é como se Alex estivesse interessado nela e nem como se ela estivesse interessada nele; então, por que eu estava me estressando? O motivo era óbvio, é claro; “porque sou mulher”.

O jardim era tranquilo e incomparavelmente bonito. Tirei um pedaço do croissant e deixei a mente viajar, imaginando que estava entrando solenemente no jardim usando aquele vestido lindo de *Cinderela em Paris* e carregando gérberas cor-de-rosa, meu cabelo suavemente ondulado e preso atrás da cabeça, alguns cachos caindo nos ombros. Meu pai estava ao meu lado, e Jenny e Louisa logo atrás. Com vestidos horrorosos. Tipo amarelo ovo, com mangas enormes. Minha mãe estava sentada na frente, reclamando que deveríamos ter feito a cerimônia em uma igreja e que eu sempre tinha sido esquisita. E, lá no fim do jardim, sob o arco, estava Alex. E como a fantasia era minha e não da minha mãe, ele estava usando um terno Dior Homme que lhe caía perfeitamente bem, gravata preta e seu Converse detonado. Mas ele tinha penteado o cabelo, visto que a ocasião era importante. Caminhei lentamente entre as duas fileiras de assentos, repletas de pessoas queridas que, é claro,

tinham viajado até Paris para o nosso casamento, e sorri para ele, e ele sorriu de volta e... Uou! Pisquei os olhos algumas vezes e até balancei a cabeça. De onde tinha vindo isso? Não pensava em casamentos desde o que acontecera na festa de Louisa. Era cedo demais para começar a fantasiar com Alex e eu subindo no altar. Tinha acabado de decidir que ia morar com ele, não precisava apressar as coisas. Por mais difícil que fosse aceitar esse fato, a Beyoncé nem sempre estava certa: ele não precisava *put a ring on me*.

Minhas mãos estavam vazias muito antes que meu estômago aceitasse que o croissant tinha acabado, então me obriguei a levantar e voltar ao portão, lançando um sorrisinho rápido às pessoas ao passar. Em retorno, recebi olhares de estranhamento. E daí lembrei que tinha que colocar os óculos escuros.

Depois de mais uma hora explorando o Marais e incluindo vários cafés e padarias charmosos nas minhas anotações, declarei que a tarde tinha sido um sucesso e comecei a tentar encontrar o caminho de volta para o hotel. Só me perdi duas vezes. Passei pela mesa da recepção, onde Alain não estava, e fui para o quarto carregar meu laptop. O logo da Apple se acendeu e tirei os chinelos, preparada para uma longa sessão de blog.

As aventuras de Angela: Sacré bleu!

"Posso dizer com tranquilidade que minhas primeiras 24 horas em Paris não foram exatamente o que eu tinha imaginado. Não houve passeios de bicicleta às margens do Sena com camisetas listradas e calças capri pretas. E não vi nenhuma boina até agora, dá para acreditar? Mas decidi ter uma atitude mais positiva a respeito da cidade e ser bem Laissez-faire, je ne regrette rien, etc.

Honestamente, exceto pelo fato de eu estar com um olho roxo terrível (tropecei nos tênis do meu namorado — é, pode acreditar. Nosso relacionamento, porém, não sofreu nenhum dano), acho que posso dizer que amo Paris. Comparada com Londres, e New York, todo mundo parece muito mais tranquilo. Em toda esquina há um bar, e quando não é um bar é um café ou restaurante pronto para servir vinho ou cerveja. Dá para entender por que a França tem essa

fama, Nic. Mas a cidade é realmente linda. Pude ver Notre-Dame toda iluminada ontem à noite e quase chorei. E nem foi porque tive que voltar para o hotel a pé, sem saber onde estava, usando saltos de 15 centímetros emprestados. Parecia que a catedral estava flutuando sobre o rio e poderia afundar a qualquer momento, ou derreter, ou algo assim. Era mágico demais para ser verdade. Eu, por outro lado, não parecia estar flutuando, e sim caminhando sobre vidro moído e carvão em brasa. Ai.

Não se preocupe, não vou ficar toda romântica agora, só precisei de um bom tombo para voltar à realidade. De cara. Isso é para aprender a não levantar de noite para fazer xixi. Ou para aprender a não beber demais para ter que levantar de noite para fazer xixi, não sei exatamente qual.

Enfim, só queria dizer oi e comunicar a todas que estou bem. Sinto muito por ter estado sumida, é que tive problemas para encontrar um carregador para o meu laptop (malditos Macs) e meu BlackBerry não está funcionando (alguém já teve problemas com o sinal do celular na França?), mas já estou de volta e preciso desesperadamente das dicas de vocês. Sua sugestão pode ir parar na revista Belle! Tenho que ir agora, pois me restam aproximadamente três horas para esperar o Garoto do Brooklin voltar de um dia longo de entrevistas (pobrezinho) para levá-lo a um jantar de aniversário. E pelo menos duas dessas horas serão gastas tentando cobrir meu olho roxo, ou vai ficar meio difícil ficarmos nos admirando romanticamente. Na verdade, não sei nem se maquiagem vai adiantar.

Ah, c'est la vie...

Postei o texto e desliguei o computador. Não recebi nenhuma resposta de Mary, mesmo sabendo que ela estava em sua mesa, e os outros e-mails, inclusive a solicitação urgente do banco do Paraguai, teriam que esperar até depois do meu longo, longo banho de banheira.

Antes de me mudar para New York, eu levava três minutos para decidir o que iria vestir para sair com meu namorado. Normalmente, era o que estivesse no topo da pilha de roupas para passar, mas que não precisava realmente ser passado. Depois de quase um ano

morando com Jenny, eu não conseguia decidir entre um jeans preto, uma legging preta e três camisetas idênticas de gola V, uma preta, uma branca e uma cinza. Após provar todas, escolhi a branca e combinei com o jeans. Daí complementei com os Louboutins azuis de Virginie e uma longa e delicada corrente de prata com um pingente de água-marinha que eu tinha comprado no último passeio pelo Marais. Não estava certa de que seria aceito como item coberto pelo seguro na maioria das empresas, mas essa era a *Belle*. Como uma garota poderia sair para jantar com o namorado em seu trigésimo aniversário, em uma sexta-feira, em Paris, sem acessórios? A maquiagem extra comprei na MAC (vive *la* dominação americana!), quando voltava para o hotel; porém, era essencial. Às 8 da noite, mal dava para ver minha bochecha machucada e o olho roxo. Se a luz fosse bem suave. E eu repartisse o cabelo no meio. E não olhasse para cima. Finalmente satisfeita por estar aceitável, sentei-me na cadeira perto da janela, escrevendo alguns lides para o texto da *Belle* e esperando Alex aparecer.

Meia hora depois, continuava aguardando. Fechei o laptop e zapeei pelos canais de TV, tentando ficar tranquila com o fato de que a cadeira ainda tinha o cheiro de Alex, e não irritada por ela estar com esse cheiro porque ele dormira metade da noite passada ali. Mais dez minutos de Roda da Fortuna (estrelando Victoria Silvstedt!) e, depois, pensei que talvez pudesse ligar para o celular de Alex do telefone do hotel. De pernas cruzadas sobre a cama, com o celular em uma mão e o aparelho de telefone do hotel na outra, tentei descobrir como fazer uma chamada internacional. Quando a porta se abriu, cinco minutos depois, tudo que eu tinha conseguido era enfiar o aparelho no travesseiro, chamando-o repetidas vezes de “sua idiota”.

— Ah, que cena bonita — disse Alex parado na porta.

— Onde você estava? — Quase gritei. — Já são quase 9 horas.

— Não marcamos o jantar para as 9? — Ele perguntou inocentemente, passando a mão nos cabelos.

— Você disse 8 — respondi, enfatizando o “você” e apontando para ele.

— Poxa, Angela, desculpe — ele fez uma careta. — Acho que acabei me distraíndo com as coisas. Está pronta?

— Sim — respondi, imediatamente me sentindo mal. Ele tinha passado o aniversário trabalhando, afinal de contas; por isso, eu tinha que pegar leve. E se ele achou mesmo que íamos nos encontrar às 9, estava 15 minutos adiantado. Fiquei de pé e dei uma voltinha. — Como estou?

— Está linda — ele declarou, caminhando até mim e segurando meu rosto com as duas mãos. Ele me beijou de leve e olhou os ferimentos. — Como está o rosto?

— Dolorido — juntei os lábios para redistribuir o gloss que restara neles. — Está muito horrível?

— Nem dá para ver — ele tirou meu cabelo cuidadosamente posicionado do rosto. — Sério, você está linda. E sério, desculpe por ter me atrasado.

— Não se preocupe — beijei-o de novo. — É seu aniversário, podemos fazer o que você quiser.

— Obrigado. Já tinha até me esquecido — ele passou o dedo pela minha nuca, desceu pelas costas e subiu de novo. — Posso fazer o que quiser, é? Não prefere festejar aqui?

Encarei seus olhos escuros, suas maçãs do rosto altas, e fiquei em silêncio por um momento.

— O hotel tem serviço de quarto — lembrou Alex, o dedo na base das minhas costas formando círculos enquanto subia e descia.

— Assim você me ofende, por achar que basta oferecer serviço de quarto para eu ficar sem calça — disse com os olhos fechados, as costas derretendo.

— Dá para pedir steak frites.

— Não importa.

— Saignant.

— O que é isso?

— Grelhado por fora, bem sangrento por dentro.

— Ah.

— E deixo você cantar parabéns para mim.

— Não acho que vai ajudar muito, sabe? — Por mais difícil que fosse, me desvencilhei de seus braços, tentando ficar ereta. — Vamos sair para jantar quer goste ou não, pois é seu aniversário de 30 anos.

Alex enfiou as mãos nos bolsos e me lançou um sorriso derrotado.

— Mas foi você quem disse que eu poderia fazer o que quisesse.

— E mais tarde, poderá — respondi, corando com meu atrevimento. — Só que você prometeu que ia me mostrar Paris.

— E se eu mostrar? — Alex nunca ficava vermelho.

— Vamos jantar e falamos sobre isso depois.

Peguei a bolsa e caminhei até a porta com um enorme sorriso nos lábios.



CAPÍTULO 11

— E como foram as coisas hoje? — Perguntei, atacando a cesta de pães. Pão primeiro, pinga depois. Já tinha aprendido a lição. — As reuniões foram boas?

Alex concordou com a cabeça, bebendo um gole de vinho tinto. Eu tinha sugerido champanhe, mas ele insistiu que não tinha nada para celebrar. Como os homens são sensíveis.

— Viu o pessoal da gravadora? — Pensei que era melhor continuar fazendo perguntas, apesar de saber que ele não ia responder. No segundo em que saímos do hotel, era como se tivessem desligado alguma coisa nele. Eu não conseguia tirar duas palavras de sua boca. Ele não era o cara mais falador do mundo, e isso estava bem estranho.

— Sim, tudo certo — ele disse, pegando um pedaço de pão e refletindo um pouco ao tirar a casca. — Fale do seu dia.

— Levantei, comprei um carregador para o computador, fui para o hotel, escrevi no blog e esperei você — resumi. — Vamos lá, me conte. Que entrevistas fez hoje? Revelou para toda a França que é louco por mim?

— Ah, fala sério, Angela — Alex fez uma careta. — Tive que falar o dia todo. Podemos ficar uma hora sem perguntas?

— Claro — respondi, tentando entender a mudança repentina de humor. — Hum, o que vamos fazer depois do jantar?

— Isso foi uma pergunta.

— Ah, é — mordi o lábio e pensei por um momento. — Encontrei um lugar muito lindo esta tarde em Marais.

— É mesmo? — Disse Alex enquanto o garçom colocava dois pratos de steak frites diante de nós. — Conte mais.

— Era lindo — tentei não me distrair com o imenso pedaço de carne no prato. Meu Deus, como eu amava comida. — Tinha um jardim maravilhoso, cercado de arcos, e as plantas formavam desenhos. Tão tranquilo, tão lindo. Muito diferente de New York.

— Era o Musée Carnavalet? — Ele perguntou entre uma garfada e outra.

— Sim! Adorei aquilo — concordei entusiasmada. — Deveríamos ir até lá, se der tempo. Vivo esquecendo que você sabe onde ficam as coisas.

— É, sei lá — ele olhou para o prato. — Afinal, você vai almoçar com a Louisa amanhã, não? E tem o festival no domingo, e na segunda vamos para casa.

— Que pena — falei, usando a faca para cortar o bife macio como manteiga. Ah, esse jantar seria bom. — Queria muito que pudéssemos ter feito mais coisas.

— Só o que sei é que mal posso esperar para voltar para casa — Alex nos serviu mais vinho. — Essa ideia não foi tão boa como eu pensava.

— Ah — naquele momento, eu podia estar comendo ensopado de carne enlatada. — Não está se divertindo?

— Ei, não quis dizer que não estou feliz porque você está aqui — ele começou a se explicar. — Só que não achei que fosse trabalhar tanto.

— Sim, é péssimo ser superpopular, não é? — Queria muito erguer uma sobancelha, mas ai ai ai.

— É um saco — ele retrucou com um sorrisinho, porém logo voltou a ficar sombrio. — E, você sabe, bom, deveria ter levado em conta que Paris não é, digamos, o melhor lugar do mundo para mim. Não estou me sentindo eu mesmo.

Não era preciso ser gênio para saber do que ele estava falando, mas havia prometido a mim mesma que o nome “Solène” não passaria pelos meus lábios esta noite.

— Estou muito feliz por você estar aqui agora — ele completou, soltando o garfo e a faca. — Desculpe por não termos passado mais tempo juntos.

— Estamos juntos agora — falei, forçando um sorriso. — Agora você vai ter que falar um pouco, para que eu possa comer este bife maravilhoso.

— Que tal se comermos primeiro e conversarmos depois? — Sugeriu Alex, roçando o pé na minha perna. — Vamos ouvir os outros falando, só dessa vez.

— Para você é fácil — revidei com a boca cheia de carne. Coloquei a mão diante da boca, mas, na verdade, já estávamos muito acima disso. Graças a Deus. — Pois consegue entender o que os outros estão dizendo.

— E você está morrendo de inveja porque não consegue — ele disse com o primeiro sorriso genuíno que eu tinha visto na última hora.

— Sou escritora, sou curiosa — protestei.

— É intrometida — ele retrucou.

— Pensei que não iríamos falar nada enquanto comíamos?

Alex pegou um pedaço de carne com o garfo e sorriu.

*

— E então, é diferente? — Perguntei mais tarde, enquanto caminhávamos pelas ruas tomando sorvete. Ainda estava calor e Alex parou para lamber uma gota de sorvete que escorria pelas costas da minha mão.

— O que é diferente? — Ele questionou, voltando ao próprio sorvete e balançando meu braço alegremente. A segunda garrafa de vinho e o champanhe que pedi enquanto ele estava no banheiro pareciam estar fazendo efeito.

— Ter 30 anos — expliquei. — Você se sente diferente?

— Não — ele respondeu depressa. — Como está o sorvete?

— Você não é um bom mentiroso e não vai conseguir me distrair tão facilmente — declarei. — Com certeza deve se sentir um pouco diferente.

— Acho que não — afirmou ele, puxando-me para uma ruazinha estreita repleta de lojas de tecidos. — Pareço diferente?

Dei uma lambida no sorvete e parei para encará-lo. O mesmo cabelo preto brilhante, curto e arrepiado atrás, uma mecha sempre mais alta porque havia passado a mão naquela parte do cabelo o dia todo. Longo e brilhante na frente, partido um pouco para a esquerda para que um lado caísse logo abaixo da sobrancelha, diante dos olhos, que eram de um verde luminoso e vívido. Pareciam cansados, mas era tarde e acho que passar metade da noite em uma cadeira não ajudava os olhos de ninguém. Algumas linhas de expressão que me faziam lembrar que, apesar dos últimos dias, ele passava muito mais tempo sorrindo do que mal-humorado ou triste. O outro lado do cabelo era mais comprido, passava da bochecha, e ajudava a enfatizar o contraste entre a pele branca e os cabelos escuros. Os lábios estavam vermelhos e carnudos como sempre. Quando se esticaram em um sorriso, pude ver que estavam manchados por causa do vinho tinto que tínhamos bebido.

— E então, pareço velho? — Ele perguntou novamente.

Balancei a cabeça e fiquei nas pontas dos pés para beijá-lo, ignorando o sorvete que derretia e melecava meus dedos.

— Você está ótimo.

— Bom, muito obrigado. Venha cá.

— Aonde vamos? — Quis saber, meu coração acelerado para acompanhar os passos rápidos demais para meus Louboutins emprestados. Joguei minha casquinha melada e quase vazia em uma lixeira enquanto Alex mastigava a dele.

— Você queria ver Paris — ele apontou para uma série de degraus. — Então, vamos ver Paris.

Olhei para cima e vi uma igreja linda, com um enorme teto abobadado.

— Sacré-Coeur? — Perguntei, pesquisando em meu Rough Guide mental.

— Sacré-Coeur — Alex confirmou. — Consegue subir os degraus com esses sapatos?

— Adoro o fato de que você me conhece bem a ponto de perguntar isso — falei, olhando para os lindos instrumentos de tortura que havia afivelado aos pés. — E também o fato de ficar

suficientemente à vontade com você para dizer que não, não consigo.

— Vamos lá — riu Alex, puxando-me até uma coisa que parecia um bondinho. — Não temos muito tempo, logo vai fechar.

Assim que passamos pela multidão de vendedores oferecendo suvenires da Torre Eiffel e de Sacré-Coeur, e pelos turistas que clicavam tudo antes mesmo de entrar na igreja, virei-me e avistei toda a Paris. Era de tirar o fôlego de tão lindo ver o céu negro repleto de estrelas refletido na cidade logo abaixo. Assim que consegui respirar novamente, fiquei de costas para saborear a igreja, se é que dá para usar essa palavra. Mas era linda. Mais linda que Notre-Dame, mais receptiva do que impactante, mas ainda assim tão dramática que eu nem conseguia encontrar palavras para descrevê-la. A pedra branca parecia cintilar na escuridão, graças aos canhões de luz posicionados ao redor do prédio, iluminando cada detalhe perfeito. Se havia algum defeito, eu não conseguia ver. Jenny daria tudo para saber quem tinha planejado essa iluminação, para contratá-lo quando fosse fazer novas fotos.

— Gostou? — Perguntou Alex atrás de mim, colocando as mãos nos meus ombros.

— Amei — respondi, passando os olhos da igreja para a cidade. — Obrigada por me trazer aqui.

— Você sabe que aprecio uma bela vista — ele sussurrou. — E tenho certeza de que esta é a única coisa em Paris mais velha do que eu.

— Não sei, acho que vocês têm a mesma idade — brinquei, dando um soquinho no braço dele.

— Já estou ficando cansado de mandar você ficar quieta — ele disse apoiado na mureta baixa à nossa frente. — É lindo aqui, não é? Eu amava vir aqui, ter Paris todinha aos meus pés.

— É melhor que a Torre Eiffel? — Perguntei, olhando ao redor para tentar encontrá-la.

— Está do outro lado — disse Alex, lendo meus pensamentos novamente. — E, sim, é melhor. Os parisienses odeiam a Torre Eiffel, sabia?

— Esnobes — retruquei, segurando as mãos dele entre as minhas.
— Mas isto aqui é realmente espetacular. Gosto de ver as ondulações de Paris.

— Ondulações?

— Sim, você sabe — falei, tentando encontrar as palavras, mas apenas gesticulando. — É, tipo, um sobe e desce. As construções são arredondadas e quadradas, altas e, depois, baixas. Parece, sei lá, que têm curvas.

— E como é New York? — Ele parecia entretido. Fazia sentido, afinal, eu era uma escritora.

— New York é magra — decidi. — Tudo é alto e magro e parece estar prendendo a respiração. É a única coisa de que sinto saudades em Londres, não há muitas áreas verdes em New York. A cidade é meio claustrofóbica. Não há lugares onde se possa sentar e relaxar por um minuto.

— As pessoas não têm nem um minuto — ele racionalizou por mim. — Manhattan está sempre ocupada.

— Verdade — concordei, tentando descobrir uma forma de levar a conversa a um ponto em que pudesse contar que queria morar com ele. — Mas sinto que jamais conseguiria fazer alguma coisa aqui. É uma cidade feita para passear, andar de mãos dadas tomando sorvete.

— E para encher a cara. Já viu quantos bares tem por aqui? — Ele me puxou para perto e descansou a cabeça no meu peito.

— Estou tentando não reparar — falei, pensando no quanto havia bebido quando estava em Los Angeles. Na verdade, desde que eu voltara para casa, a mesma garrafa de vodca continuava no armário, e tinha uma garrafa de vinho na geladeira havia uma semana. Como as coisas tinham mudado desde que Jenny fora embora.

— Então, Londres é a mistura perfeita dos dois? — Ele sugeriu.

— Não é perfeita — discordei. — Londres não tem alguns elementos essenciais de New York.

— Ah, é? — Ele perguntou enquanto encostava minha testa na dele.

— É — encostei meus lábios nos dele por todo o tempo que pude aguentar sem respirar. Estavam quentes como vinho, mas doces e gelados como sorvete. — E aí, sério — continuei ficando entre os joelhos dele e colocando minhas mãos em seus ombros. — Não sente diferença nenhuma? Por ter 30 anos?

— Honestamente, não pensei a respeito — disse Alex, tirando alguns fios de cabelo do meu rosto e colocando-os para trás. — E acho que não.

— Tudo bem — joguei os cabelos para a frente novamente. Ele podia ter se esquecido do meu olho roxo, porém eu lembrava bem. E os turistas americanos ao nosso lado não pareciam estar achando muito bonito, pelo jeito como apontavam e sussurravam. Entretanto, como eles tinham mais de 40 e usavam bonés de beisebol e pochetes, não estava muito preocupada com as opiniões deles. — Quando era mais novo, o que queria ser quando tivesse 30 anos? O que achava que estaria fazendo?

— Não sei — ele se afastou da mureta e olhou além de mim, lá para a igreja. — Acho que parei de pensar nessas coisas faz um tempo. Os 30 chegam muito rápido.

— Você fala como se já fosse um velho — contestei, encostando nele. — Você deve ter tido ambições, tinha planos.

— É, tinha — ele concordou, beijando de leve o alto da minha cabeça. — Queria viver de música e tive sorte, consegui o que queria bem jovem.

— E desejava fazer trilhas sonoras, músicas para filmes? — Perguntei. O corpo dele era sempre quentinho, mesmo quando começava a cair o ar gelado da noite. — Você disse isso uma vez.

— Sim, estou trabalhando nisso — ele confirmou. — O James Jacobs inclusive me mandou um e-mail ontem, querendo saber umas coisas. Tenho que responder.

— Tem, sim — falei, sentindo-me feliz por ter um pouquinho de crédito nisso. Às vezes eu me preocupava por não haver muito que pudesse dar a Alex, nada que ele já não tivesse ou que não pudesse conseguir sozinho. — Mas não tem nada mais? Algo que ainda queira conquistar?

— E você? — Ele perguntou, abraçando-me mais forte. — Quando fizer 30 anos, onde quer estar?

Hum, não estava esperando por essa mudança de foco.

— Também não sei, talvez escrevendo um livro? Também queria escrever para outras revistas, não só o blog, tipo coisas como esta que estou fazendo para a *Belle*.

— Em New York?

— Sim, em New York.

“Em Wüliamsburg, no seu apartamento, com você”, acrescentei mentalmente. Por que não conseguia dizer em voz alta? Agora seria a hora perfeita.

— Que bom. Por um momento achei que diria que queria estar casada e cheia de filhos — ele riu. — Ufa.

— É, ufa — repeti.

Ei, espere um minuto, como assim?

— Alex?

— Sim?

— O que teria dito se eu tivesse respondido que queria estar casada e cheia de filhos?

Ele ficou em silêncio por um momento, mas senti que seus braços e sua mandíbula ficaram tensos.

— Mas você não quer essas coisas. Quer?

— Não necessariamente quando tiver 30 anos — declarei, escolhendo as palavras com todo o cuidado. — Mas também não é como se nunca quisesse.

— O.k. — ele disse diplomaticamente.

— Você, não? — Perguntei, encarando um botão da camisa dele. — Não quer essas coisas?

— Já quis — ele disse lentamente. Sabia que ele estava escolhendo as palavras com tanto cuidado quanto eu. Não que isso me fizesse sentir melhor. — Mas parei de pensar nisso e acho que saí dos meus pensamentos faz um tempo. Eu diria que não preciso dessas coisas para ser feliz.

Minhas mãos se soltaram da cintura dele e tocaram a mureta.

— Certo — murmurei, esperando que as lágrimas não viessem. Eu não seria aquela garota. Por mais que tivesse sido uma surpresa ouvi-lo dizer aquelas coisas, minha reação foi mais surpreendente ainda. Não estava em seus pensamentos? Ele não precisava dessas coisas para ser feliz? Então, será que precisava de mim?

— Você não está surtando, não é? — Ele perguntou acima da minha cabeça. — Assim como me disse que não queria vir morar comigo e tudo o mais, achei que também não estivesse pensando nessas coisas.

— Hum... — balbuciei, tentando soar neutra. Que diabos? Eu era uma garota, é claro que estava pensando “nessas coisas”! Talvez não pela manhã, tarde e noite e talvez não em um futuro próximo, mas como podia não pensar “nessas coisas”? Enquanto estava sentada em um lindo jardim em Paris, fantasiando sobre como ficaria linda no meu vestido de casamento *Cinderela em Paris*, enquanto Louisa e Jenny ficavam horrorosas de amarelo ovo.

— Acho que essa é a melhor coisa de termos vindo para cá — ele parecia aliviado. — Agora percebo que estava insistindo nessa história de você morar comigo e quero que saiba que fico feliz em esperar o tempo que precisar. É muito cedo, você tem razão. Apressar as coisas acaba estragando tudo.

Pressionei os dedos na parede gelada e senti a tensão subir pelos meus ombros, até que comecei a tremer.

— Está com frio? — Perguntou Alex, erguendo meu rosto.

Desviei o olhar depressa, tentando fazer com que o gesto de limpar uma lágrima parecesse um bocejo. Balancei a cabeça, as mãos cobrindo o rosto.

— E cansada.

— Vamos voltar — ele falou, pegando minha mão e apertando-a. — Vamos pegar um táxi, estamos meio longe do hotel e, quer seja meu aniversário ou não, você acabaria comigo se estragasse esses sapatos.

Se ele tinha percebido que havia alguma coisa errada, estava fingindo não ter visto nada. Fiz a mesma coisa, mantive o olhar

adiante. Eu tinha prometido a mim mesma que não diria, mas não que não pensaria. Alex já quis casar e ter filhos. Não precisava ser muito esperta para saber com quem. Queria construir uma família com Solène. Mas não comigo.

— Alex? — Chamei enquanto atravessávamos a rua na direção do ponto de táxi. — Na verdade, tenho pensado muito nessa história de morarmos juntos.

— Angela, tudo bem. *Rue Amelot, s'il vous?* — Ele orientou o motorista. — Já disse que sei que estava sendo insistente. Morarmos juntos está fora de questão, não precisa se preocupar em não me chatear. Já entendi.

— Mas eu estava pensando que talvez estivesse pronta para, bem, morar com você — falei encolhida no banco traseiro. Nem eu fiquei convencida com meu tom de voz. Mas também, agora, como poderia?

— É? — Ele pareceu menos convencido ainda. — Conversaremos sobre isso quando voltarmos a New York. Hoje, não.

Voltamos para o hotel em silêncio. Alex estava olhando pela janela, uma mão pressionando a têmpora e a testa encostada no vidro, e eu fitando a nuca dele, tentando entender em que momento a noite tinha sido arruinada. Será que ele não queria mais morar comigo? E não queria casar e ter filhos? Respirei fundo. Estava fazendo tempestade em copo d'água. Com certeza. Eu tinha bebido, estava cansada e estressada.

E não iria me casar, morar junto ou ter filhos com Alex.

— Chegamos — ele anunciou, tocando minha coxa. — Está acordada?

— Hum, sim — abri a porta do carro e quase derrubei uma scooter que passava. O motorista buzinou e berrou alguma coisa em francês enquanto eu me encostava no carro, agora muito acordada e atenta.

— Ei — Alex pegou minha mão assim que o motorista partiu, deixando-me no meio da rua. — Quer ser atropelada? Venha cá.

Permiti que ele colocasse o braço ao redor dos meus ombros e caminhamos em silêncio pela recepção, na qual Alain não estava. Alex estava falando sobre o show de aquecimento no sábado à noite,

sobre a hora que teríamos que sair para o festival no domingo e sobre como odiava o fato de ter que embarcar em um avião novamente. Eu balançava a cabeça e concordava, mas sentia que estava assistindo a uma cena, e não como se fizesse parte da conversa.

Já no quarto, demorei bastante no banheiro, tirando cuidadosamente cada vestígio de maquiagem em vez de deixar um pouco de rímel para tirar “depois”, e escovando os dentes por três minutos inteirinhos. Depois do segundo xixi, não pude mais postergar. Meu Deus, estava mesmo evitando o momento de ir para a cama com Alex? Abri a porta do banheiro e vi que ele já estava na cama, com todas as luzes apagadas, exceto a da cabeceira. Cruzei o quarto e fui para baixo das cobertas, assumindo a posição de sempre, braço direito sobre a barriga dele, a cabeça encostada no ombro. Ficamos deitados naquele silêncio estranho por alguns minutos, a mão dele acariciando meu braço enquanto eu brincava, distraída, com a manga da camiseta dele. É, isso era novidade. Não ele estar de camiseta na cama, mas eu não estar arrancando-a. E ele também não parecia a fim. E nem queria mesmo que estivesse. Depois de mais alguns minutos, rolei para o lado e apaguei a luz. O relógio marcava 1h30. Eu estava acordada havia mais de 12 horas sem sequer uma soneca, não me admira que estivesse tão cansada.

Antes que pudesse rolar de volta, Alex se virou para mim, aproximando seu corpo do meu e passando o braço ao redor da minha cintura. Senti um beijo quentinho na nuca antes de ouvi-lo bocejar.

— Não acredito que estamos em Paris no meu aniversário e só vamos dormir — ele disse em meio aos meus cabelos. Ele não tinha soado incrédulo. Parecia mais que estava deixando claro para mim que só o que faríamos era dormir.

Não sabia o que pensar. Ele nem ia tentar alguma coisa para que eu recusasse? Não queria transar com ele porque estava brava e confusa, mas e aí? Ele não queria transar comigo? Sempre deveria querer! Ele não estava geneticamente programado para sempre querer sexo? Não era para isso que servia o cromossomo Y?

— Acho que estou ficando velho — ele bocejou de novo e me deu uma apertadinha.

Alguns minutos depois, senti a respiração dele ficar tranquila e seu braço ficou mais pesado sobre minha cintura. Dei uma olhada no relógio ao lado da cama. 1 h47. Eu sabia que as coisas pareciam piores à noite. Não estaria me sentindo tão mal de manhã. Meu estômago não pareceria mais a casinha de uma família de hamsters fazendo festa. E eu não iria querer chorar até meus olhos caírem. Com certeza me sentiria melhor depois de uma boa noite de sono.



CAPÍTULO 12

Só que eu não estava me sentindo melhor na manhã seguinte. Talvez porque, tecnicamente, não tivesse dormido nada. Conferi o relógio a cada 15 minutos, mergulhando de vez em quando em sonhos pesados nos quais eu caía de um muro, de uma torre ou, que apropriado, do alto da Torre Eiffel, quando então abria os olhos e estava acordada. Por fim, saí da cama sem acordar Alex e tomei um banho rápido. Eram apenas 7h, e só encontraria Louisa às 12h30; mesmo assim, queria sair e arejar a cabeça. Literal e figurativamente, visto que, pelo jeito, eu tinha bebido mais do que imaginava no jantar, e meu cérebro estava confuso e minha cabeça doía. O espelho da ressaca nunca era meu amigo, e hoje não seria exceção. Minha bochecha machucada não estava mais roxa, embora tivesse adquirido uma tonalidade amarelada bastante atrativa. O olho roxo dava a impressão de que havia lutado uns dez rounds com, sei lá, não sei nada de boxe, mas deu para entender. Não ter conseguido dormir não ajudou em nada: meu nariz estava vermelho e meus olhos, inchados. Sexy.

Arrumei-me no banheiro, passei um pouco de maquiagem e vesti a calça que estava usando na noite anterior. Para ser honesta, não precisava de tanto drama, pois Alex continuaria dormindo profundamente até que o despertador tocasse. Quantas vezes eu tinha ficado acordada no apartamento dele, ouvindo os pedreiros da construção em frente, enquanto ele roncava sem dar a mínima para as britadeiras e marteladas. Hoje, no entanto, eu não queria me arriscar.

— Bom dia, mademoiselle.

— Alain!

Alegremente, deixei meu círculo vicioso de perguntas “Que diabos?” e “Por que ele não me ama?” Durante tempo suficiente para cumprimentá-lo com um sorriso.

— Posso fazer alguma coisa por você esta manhã? — Ele perguntou. Pelo menos não parecia mais ter medo de mim. Estava alerta, mas não com medo.

— Sabe dizer onde consigo fazer um passeio de barco? — Tirei o mapa da bolsa e o coloquei sobre a mesa. — Um desses que navegam ao redor da cidade?

— Os *bâteaux mouches*? — Ele se debruçou para verificar o mapa e estreitou os olhos. — Aqui.

— Parece meio longe — falei, seguindo o lápis dele. — Ah! Alma Marceau! Já estive lá.

— Não prefere que eu chame um táxi? — Alain parecia preocupado. — Terá que trocar de trem duas vezes.

— Está tudo bem — respondi, colocando o mapa de volta na bolsa. — Tenho um bom senso de direção. Se já estive em algum lugar, sempre consigo encontrá-lo de novo.

— *D'accord* — Alain me deu um sorriso animador. — Tenha um bom dia.

Acenei para ele e caminhei em direção à estação do Metrô, confiante e louca para me distrair com um passeio para lá e para cá pelo Rio Sena.

Mas uma atitude mental positiva e o desejo de vencer nem sempre são suficientes. Quinze minutos depois de entrar no trem, eu estava completamente perdida. Era uma maldade muito grande disfarçar os horrores do labirinto subterrâneo de Paris com aqueles portões trabalhados de ferro. Eles davam a impressão de que se estava entrando em um cenário de filme dos anos 1960, quando na verdade se estava adentrando o sétimo círculo do inferno. E por que as portas se abriam antes de o trem parar? Quase caí duas vezes até perceber que isso sempre acontecia, por mais que saísse de um trem e embarcasse em outro.

Minha primeira viagem sozinha de St-Sébastien a Alma Marceau levou uma hora. A segunda, uma hora e meia, metade das minhas unhas e toda a minha paciência. Pelo menos, dessa vez, as pessoas pareciam ter pena do meu olho roxo e me deixaram sentar em quase

todo o percurso. O que acabou fazendo com que perdesse a parada duas vezes, porque não tinha conseguido sair a tempo.

Pelo menos, quando finalmente consegui sair dos túneis do metrô, os Bâteaux Mouches estavam bem sinalizados e bem servidos de vendedores com câmeras descartáveis, água gelada e sorvete. Peguei um de cada e embarquei, indo para a frente do barco, bem longe dos casazinhos se beijando na parte de trás; bem longe das famílias, que ficavam perto dos banheiros, dos grupos de idosos, todos encasacados para se proteger do calor de 32 graus. Eles sorriram para mim gentilmente e sorri de volta, sentando-me um pouco afastada. Ainda não estava pronta para ficar amiga das velhinhas. Vamos ver daqui a seis meses.

Depois de uns dois minutos em que fiquei desejando que ninguém sentasse ao meu lado, o barco partiu, e após mais alguns minutos tentando diferenciar as narrações em inglês, francês, alemão, espanhol e japonês, desisti e liguei meu iPod. De acordo com a tradição das coisas irem por água abaixo sempre juntas, a primeira música que tocou era de Alex. Normalmente, eu adorava ouvir a banda dele, já era fã antes de ser sua namorada (não era groupie, que fique bem claro), mas agora parecia que todas as letras tinham duplo sentido. Quais músicas eram sobre Solène? As felizes? As tristes? Não conseguia nem ouvir as músicas que sabia que eram para mim, pois ficava comparando com as outras. Subitamente, elas pareciam menos emotivas, menos apaixonadas e não era só uma comparação entre o primeiro e o terceiro discos. Procurei entre as músicas e escolhi uma coletânea de Girls Aloud. Assim, não podia ficar interpretando nada.

Não sabia muito bem qual meu objetivo com essa viagem de barco, mas, se era me deixar ainda mais deprimida, estava dando certo. O barco navegava pelo rio, passando por construções históricas incríveis que ocasionalmente remetiam a coisas que aprendera na aula de história, principalmente coisas violentas e com detalhes sangrentos, e mesmo assim eu continuava chateada. Certo, eu tinha que ser racional. Alex tinha todo motivo para achar que não queria morar com ele. Ele vinha me pedindo havia meses, e eu sempre inventava desculpas. E acho que, deixando o orgulho de lado, dava para compreender por que ele não estava muito a fim de

se casar. Sabia que os pais dele eram divorciados e o último relacionamento dele tinha terminado de um jeito horrível, pois havia sido completamente traído.

Não me preocupava por ele ainda não querer ter filhos: os fedelhos barulhentos correndo pelo barco já eram o suficiente para me deixar aterrorizada, pior ainda a ideia de ser responsável por um deles para sempre. Mas não ajudava muito. Quando passamos por Notre-Dame, tentei desesperadamente não me virar para olhar o prédio onde Solène morava, porém não consegui me segurar. Identifiquei-o imediatamente e era tão lindo do rio quanto por dentro. Vaca. Contudo, o meu problema no momento não era ela, e sim convencer Alex de que eu queria morar com ele e que ele estava certo, dividir o mesmo teto seria uma excelente ideia.

“Talvez devesse fazer isso depois de Paris”, pensei, fotografando o Musée d’Orsay e me concentrando para não perder o Louvre. Deixaria a poeira baixar, retornaríamos e, assim que estivéssemos na casa dele, ele se lembraria do motivo de me querer por lá.

Bebi um gole de água morna, ajeitei-me no assento e tentei aproveitar o passeio de barco. Demos a volta na Ile de la Cité e voltamos à parte principal do rio, passando pela Paris Plage. Nunca fui muito fã de areia, sempre preferi a piscina de Erin a sua casa na praia particular de Provincetown, mas tinha que admirar o comprometimento dos parisienses estendidos ao sol. Eram biquínis e sungas até onde a vista alcançava, eles levavam aquela história de praia a sério mesmo. Encostei o queixo nas grades do barco e fiquei olhando os casais bonitos passando filtro solar e se beijando. Os que não estavam deitados nas cadeiras de praia caminhavam pela margem, sorrindo de mãos dadas. Será que dava para ficar de mau humor em Paris? Era obrigatório fazer um teste de romance para ficar ali? Li em algum lugar que podiam testar os níveis de hormônios do amor agora, talvez fosse obrigatório fazer xixi em um potinho antes de cruzar a Pont Neuf.

Estava tão quente no barco que fiquei aliviada quando atracamos e pude sair antes das famílias e dos imobilizados. Já era quase meio-dia e eu tinha que ser rápida se quisesse chegar antes que Louisa à Torre Eiffel. O que, considerando que estava sem celular, seria boa ideia. A sensação de pânico por não ter um telefone era

bizarra. As pessoas tinham vivido sem eles por séculos, mas era só ficar sem o meu por dois dias e sentia como se tivessem cortado meu braço fora. Torci para que Louisa estivesse no lugar combinado e na hora certa. Mas tratava-se de Louisa. Aquela que não fazia uma pausa nem para ir ao banheiro enquanto estudávamos, até que chegasse a hora do intervalo. Louisa, que chegou à igreja antes de Tim no dia de seu casamento. Tivemos que dar voltas na quadra por um tempo, e o motorista não ficou muito feliz.

Como previsto, cheguei à bilheteria pouco antes das 12h20 e vi minha melhor amiga esperando por mim. Os cabelos louros estavam presos em um rabo de cavalo, a camiseta recém passada enfiada no short recém passado, cardigã pendurado no braço e uma bolsinha pequena cruzada no ombro. Era a autêntica turista britânica.

— Angela! — Ela exclamou quando me viu correndo em sua direção para um abraço. Ela tinha engordado um pouquinho desde a última vez que a vira, mas, considerando que nosso último abraço foi imediatamente após o casamento dela e imediatamente antes de eu quebrar a mão do marido dela, era compreensível. Depois dos ossos por baixo do vestido de noiva e da dieta extrema, era bom estar abraçando novamente uma pessoa de verdade. E ela tinha o cheiro certo. Cheiro de xampu Pantene e do mesmo perfume Calvin Klein que usava desde o sexto ano.

— Ah, é tão bom ver você — ela disse no meu ouvido enquanto eu a apertava ainda mais. — Agora já pode me soltar, não vou fugir.

Relutei para soltá-la, em parte porque era tão bom abraçá-la, mas também porque não queria que ela visse que eu estava chorando.

— Angie, você está bem? — Ela perguntou, tirando o cabelo do meu rosto. Era um gesto familiar que me pareceu tão estranho, o suficiente para me fazer cair no choro. Balancei a cabeça positivamente, mas não de modo muito convincente, e tentei parar de chorar, porém, quanto mais tentava me controlar, pior ficava. Continuava soluçando e dando umas fungadas horríveis. Todos ao nosso redor, turistas, vendedores e policiais, se viraram para me olhar. O que não ajudou muito.

— Minha nossa, querida — Louisa me deu outro abraço e me afastou da multidão. — Pensei que a emotiva aqui fosse eu.

Uns bons minutos depois, já havia mais ou menos me controlado e estávamos sentadas em um café pequeno e muito caro. Peguei um lenço de Louisa e passei no rosto, tentando não tocar meu olho machucado desnecessariamente, mas só o que consegui foi tirar a maquiagem feita com tanto cuidado.

— Meu Deus, o que fez com seu rosto? — Perguntou Lou, afastando minha mão. — É por isso que está triste? Alguém bateu em você?

Balancei a cabeça, ainda incapaz de falar.

— Angela, querida, sabe que pode me contar qualquer coisa — a voz de Louisa estava muito séria. Ela pegou minha mão e me encarou. — Foi Alex quem fez isso?

A simples ideia de Alex erguendo a mão para me bater me fez cair na gargalhada em meio ao choro, o que Louisa interpretou como histeria.

— Vou matar esse cara — ela começou pegando o telefone. — Vou chamar a polícia, não fique triste, mas temos que fazer isso.

— Não, Lou, por favor — tentei desesperadamente me recompor, afastando a mão dela do telefone. — Eu caí, tropecei quando estava indo ao banheiro no meio da noite. Sério, Alex jamais bateria em mim. Sério, pode parar.

Desconfiada, Louisa me olhou por um segundo e colocou o telefone sobre a mesa.

— Você é uma atrapalhada mesmo — ela comentou, considerando a história e a seriedade do machucado. — Meu Deus, você me assustou mesmo.

— Desculpe — disse engasgada, afastando as últimas lágrimas. — Não acredito que estou desse jeito. Não queria agir assim. É que estou tão feliz em vê-la.

— E eu que pensei que seria a única chorando até secar — ela declarou, aceitando o cardápio que o garçom estava segurando perto de nós, só esperando que eu parasse de chorar para se aproximar. — Você é que deveria ser a srta. Clark, muito prática. O que aconteceu em New York? Entrou em contato com as suas emoções?

— Aparentemente, sim — dei de ombros, conferindo o cardápio e pedindo uma Coca Diet. Será que deveria comer carne de novo? — Deve ter sido aquela semana em Los Angeles. Mas não estou fazendo terapia. Ainda.

— Talvez seja bom — ela sugeriu, pedindo água sem gás. — E agora, conte-me tudo.

Dei um sorrisinho, sem saber bem por onde começar.

— Por que não me conta os planos para o seu aniversário de casamento? Já escolheu a tenda?

Ah, nada como mudar de assunto. Sempre funciona.

— Sim — começou Louisa animada, agitando as mãos. Se havia uma coisa que sabia da minha amiga é que ela poderia falar sobre casamento ou atividades relacionadas até o fim do mundo. Não havia nenhum motivo para que não tratasse o primeiro aniversário com o mesmo entusiasmo. Sem hesitar, ela falou do tamanho da tenda, da fonte de chocolate que alugou, da banda que Tim escolheu e do vestido que ia usar, até que o garçom voltou com nossas bebidas, pronto para anotar o pedido.

— Pedimos uma garrafa de vinho? — Perguntei, tentando me convencer de que seria uma boa ideia. E de que combinaria bem com a carne que eu com certeza iria pedir.

— Ah, não, acho que não vou beber — ela disse. — Mas peça para você.

— Estou bem — respondi, encarando-a. — Está se guardando para amanhã?

— Na verdade — Louisa devolveu o cardápio para o garçom. —, não estou bebendo nada com álcool ultimamente.

— Não?

— Não.

— Certo.

— Sim.

Servi-me de Coca Diet e olhei para minha amiga. Ela tinha ganhado peso desde a última vez que a vi, mas não estava gorda. Estava saudável. Radiante.

— Louisa?

— Angela.

— Você está grávida?

Ela cobriu o rosto com as mãos e me espiou por entre os dedos.

— Sim.

— Ah, meu Deus! — Pulei da cadeira e corri para dar outro abraço forte nela, antes que as lágrimas comessem a escorrer novamente. Dessa vez, pelo menos, nós duas estávamos chorando.

— Eu queria contar — ela explicou. — Mas só fiquei sabendo na semana passada, e quando disse que vinha para cá achei que seria melhor contar pessoalmente. Ah, você não está brava comigo?

— Por que estaria brava? — Perguntei, finalmente soltando-a e limpando os últimos vestígios de maquiagem do meu olho roxo. Quem ligava para a cara das pessoas que estavam almoçando ao redor? — Ah, Lou, estou tão feliz por você.

— Pensei que ficaria brava por ainda não ter lhe contado, mas você é a primeira a saber, além da mamãe e do papai. E da mãe de Tim. E do pai. E, bem, do irmão dele; depois deles é a primeira — ela continuou bebendo um gole de água. — Estou tão feliz por poder lhe contar pessoalmente.

— Eu também — concordei, esticando o braço sobre a mesa para pegar a mão dela e tentando controlar as lágrimas. — E não tem problema você ter contado para o irmão dele, ele é um gato.

Era fácil me convencer de que eu não sentia saudades de casa quando estava em New York, tão longe e sempre atarefada. Ligações telefônicas regulares, Skype de vez em quando (alguém fica bonito naquela coisa?) e e-mails constantes significavam que sempre sabia o que estava acontecendo na vida de Louisa, só que vê-la agora, frente a frente, era muito mais difícil do que achei que seria.

— Só não acredito que não vai estar por perto para ser madrinha em tempo integral — ela disse, apertando minha mão.

— Madrinha? Sério? — Perguntei. O que ela estava tentando fazer? Será que queria me desidratar completamente? — Tem

certeza de que não tem alguém mais, sei lá, adulto que possa escolher?

— Não seja idiota! — Louisa riu alto da minha expressão preocupada. — Você e o irmão gato de Tim serão os padrinhos. Deus sabe que é mais adulta do que ele será em toda a vida.

— Mas eu quebrei a cara a caminho do banheiro — lembrei. — E essa é só a última das minhas trapalhadas.

— Angela — Louisa parou de rir e me olhou séria. — Não tem mais ninguém neste mundo que eu escolheria para ser a madrinha do meu bebê, e você pode continuar falando disso o dia todo, pois tenho plena consciência do seu catálogo de desastres. Estive presente em quase todos, isso quando não me envolvia de um jeito ou de outro. Será a madrinha. Aceite.

— Nem sei o que dizer — apertei os lábios para interromper um novo fluxo de lágrimas. — Claro que aceito. E serei maravilhosa. Não vou comprar bebida até que ele ou ela faça pelo menos 17 anos e prometo que não vou falar palavrões na frente dele ou dela. Vou fazer tudo que você quiser.

— É um bom começo — Louisa afastou a faca e o garfo para dar espaço para a carne. Boa garota. — Então, que tal vir para a minha festa de aniversário de casamento amanhã?

Tirei os olhos do bife.

— Lou, você sabe que não posso. Amanhã é o show do Alex.

— Eu sei — ela suspirou, tirando os pedacinhos de gordura da carne. Aquilo ia dar trabalho. Como ela podia fazer isso com um bife tão lindo? Sacrilégio. — Mas tive que perguntar. Você sabe que sua mãe vai matá-la. Ela disse que está mandando um monte de mensagens e você não responde.

— Falou para ela que eu estava aqui? — Exclamei um pouco alto demais. Olhei ao redor, meio que esperando vê-la com suas roupas da M&S, pronta para me bater com a bolsa de viagem. Era um pouquinho menor que a bolsa que ela usava no dia a dia, mas tão poderosa quanto. — Meu Deus, Lou, eu pedi que não contasse!

— Não fui eu — ela ergueu as mãos na defensiva, o que fez com que um pedacinho de bife voasse para a cesta de pão da mesa

vizinha. — Tim disse que eu vinha para cá quando a encontrou no Tesco. Você sabe que ele é um péssimo mentiroso, ele teria contado quer eu pedisse segredo ou não.

— Que droga — tomei um golão de Coca Diet. Deveria ter pedido vinho. — Ela vai me encher tanto.

— Não se você aparecer amanhã — sugeriu Louisa. — Apareça na festa. Será à tarde, e o show do Alex é a noite, não?

— É um festival, acho que ele está planejando passar o dia lá — murmurei, tentando me lembrar do que ele tinha me dito durante o jantar. Antes de dizer que não queria morar comigo, nem casar comigo, nem ter filhos comigo.

— Então vai ter que ficar o dia todo lá? — Louisa ergueu uma sobrancelha. Algumas expressões dela me lembravam tanto a Jenny que chegava a ser assustador. — Sério, Angie, você não ficava andando atrás do Mark como um cachorrinho.

— Bom, pelo que me lembro, Mark não queria que eu o seguisse porque estava transando com a colega de tênis — respondi depressa, enfiando um pedaço de carne na boca rápido demais e mordendo o garfo com força. O carma era bem rápido por essas bandas.

— Está certo — Louisa não parecia disposta a desistir tão fácil. — Que pena que você não pode vir, está tão linda e sei que todos estão loucos para ouvir sobre as suas aventuras. Estou sempre falando de você e de Alex e das suas novidades. Ficam morrendo de ciúmes.

— Louisa — falei devagar, —, quando diz “todos”, está se referindo a alguém em particular?

— O irmão gato do Tim?

— Mais alguém?

— Acho que não.

— Louisa?

— Tudo bem, o Mark estará lá — ela admitiu, pousando o garfo no prato. — O Tim o convidou porque ele tem estado um trapo ultimamente. Não ia contar nada, mas aparentemente as coisas não andam bem entre ele e aquela tal de Katie, pois ele está sempre bêbado quando aparece no clube de tênis. Chega atrasado no

trabalho, vestindo as mesmas roupas do dia anterior, aquela história. E não me diga que vê-lo agora, estando toda glamorosa, não lhe passou pela cabeça. Ainda mais com seu namorado astro do rock.

— Primeiro, não é como se estivesse exatamente glamorosa — aponte para o olho roxo. — E segundo, não sei se posso ficar exibindo meu astro do rock por aí no momento.

— Não vai morar com ele em breve? — Perguntou Lou, encarando-me com uma expressão um pouco mais leve do que aquela de “seu namorado bateu em você?”. — Está tudo bem, querida?

— Já estive melhor, para ser sincera — admiti, tentando escolher a melhor forma de resumir a conversa de ontem. — Hum, ontem foi aniversário dele e saímos para jantar. Ele falou que não quer casar e nem morar junto comigo.

Considerando a novidade de Louisa, achei melhor não incluir a parte dos filhos.

— O quê? Ele simplesmente disse isso? — Ela perguntou, a voz ficando mais alta a cada palavra. — E o que você disse?

— Bem, não, não foi assim — mastiguei uma frite pensativamente. — Bem, assim, ele tem uma ex que o traiu há alguns anos e, por causa disso, disse que acha que não precisa de casamento e filhos para ser feliz.

— Ele não quer ter filhos? — Ela exclamou.

Droga, esqueci que não ia entrar nesse assunto.

— Não, ele só disse que acha que não precisa de filhos para ser feliz — repeti. Eu não podia deixar de tentar defendê-lo, por mais que não entendesse as palavras dele tanto quanto Louisa.

— E aquela história de morar juntos? — Ela perguntou, os lábios apertadinhos como uma bundinha de gato. Não era sua expressão mais linda. — Por que ele desistiu?

— Acho que a culpa é minha. Eu sempre dizia que falaríamos sobre isso depois, porque, bom, estava um pouco assustada considerando o que tinha acontecido da última vez que morei com alguém, e agora ele decidiu que não é uma boa ideia e que é cedo

demais. Mesmo que agora eu tenha decidido que quero ir. Acho que é bem irônico.

— Quer dizer que você não pode ter medo de morar com ele, mas ele pode mantê-la “de molho” pelo resto da vida por causa do que aconteceu no último relacionamento dele? — Questionou Louisa.

Mordi o lábio. Bem, visto por esse ângulo...

— Ah, Angie, é como em *Sex and the City*...

— Nem comece — cortei-a depressa. Seus olhos estavam perigosamente brilhantes e animados. — Só porque moro em New York não significa que tudo que acontece na minha vida seja igual à droga do *Sex and the City*. Já tenho problemas suficientes para ainda ter que lidar com os da Sarah Jessica Parker.

— Ainda acho que ele está errado — Louisa deu de ombros, chateada por ter sido interrompida em meio ao seu fluxo de Miranda. — Ele pode ter traumas do passado, mas você não? E o que o fez lembrar de tudo de repente? Ele não era super querido?

— Sim, o problema é que... — respirei fundo. — A ex dele está aqui.

— Aqui em Paris?

— Ela é parisiense.

— E ele sabia que ela estaria aqui?

— Não.

— Fale sério.

— Não sabia! — Insisti. — Sim, ela é de Paris e toca em uma banda, e ele nunca imaginou que ela estaria aqui. Tocando no festival.

— Ah, por favor — zombou Louisa. — Escute o que está dizendo, Angela. Seu namorado até então apaixonado subitamente desistiu de morar com você e deu um jeito de dizer que não queria se casar, mesmo que a hipótese nem tivesse sido levantada, bem quando a garota que partiu o coraçãozinho dele reaparece?

— Lou, você está fazendo tudo parecer pior do que é — resmunguei. O problema é que ela não estava fazendo parecer pior. Ela estava dizendo a verdade.

— Angela, não estou querendo aborrecê-la — ela insistiu. — Só quero protegê-la. Deixei-a machucar-se da última vez e isso não vai acontecer de novo. Agora, eu sei que não conheço Alex, mas também sei que nunca a vi tão chateada com alguma coisa. Está estampado no seu rosto. E quero acreditar que aquelas lágrimas mais cedo foram só por mim, só que não foram, não é? Foram por ele?

Balancei a cabeça concordando, ainda sem conseguir falar. Se eu falasse, teria que admitir que ela estava certa.

— Por favor, venha para casa, Angela — suspirou Louisa. — Mesmo que seja só por algumas horas. Sei que tem seu trabalho e amigos e suas coisas lá fora, mas pode ajudá-la a ver as coisas de outro ângulo. Venha ficar uma semana. Ou um dia.

Olhei para o céu e fechei os olhos. Como ela podia estar com tanta pena de mim se ainda nem havia lhe contado dos problemas no trabalho? Minha chefe estava louca de brava, e a assistente dela tinha tentado sabotar minha matéria, a qual não estava saindo exatamente como o planejado. E também tinha o problema com a Jenny. Talvez uma viagem rápida para casa ajudasse mesmo. Nem que fosse para me lembrar por que havia partido.

— Não posso simplesmente ir embora — decidi, puxando o cabelo em um rabo de cavalo e soltando. Estava tão comprido. — Desculpe, Lou.

— Você já fez isso uma vez — ela argumentou.

Empurrei o prato para longe e funguei. Pela primeira vez na história, eu não estava com fome.

— Sinto sua falta, Angela — murmurou Louisa. — Só queria que viesse para casa.

— Eu também — respondi. — Mas, no momento, não sei bem onde é a minha casa.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, deixando que o garçom levasse nossos pratos e trouxesse café. Pelo jeito, eles acharam que estávamos precisando dele, ou pelo menos eu estava, porque nem esperaram que fizéssemos o pedido.

— É, então é isso — disse Louisa, ajeitando-se e arrumando o cabelo. Dois fios tinham escapado do rabo de cavalo e ela não poderia suportar tamanha bagunça.

— É — falei. — Mas, sério, estou tão feliz por você. Será uma mãe maravilhosa, sabia?

— Bem, claro, eu tive 27 anos de prática com você, não é? — Ela declarou, bebendo o café.

— Ah, vá se danar — sorri aliviada por ver que estava tudo bem entre nós. Se quebrar a mão do marido dela e acabar com seu casamento não tinha arruinado nossa amizade, com certeza minha ausência na festa não seria motivo para não nos vermos mais.

CAPÍTULO 13

Depois do almoço, Louisa e eu passeamos por algumas horas, cruzando o rio e tirando várias fotos uma da outra no Trocadéro: eu segurando a Torre Eiffel, Louisa com a torre sobre a cabeça. Precisava impedir que essas fotos chegassem à internet. Com certeza não era a imagem que a *Belle* queria de seus jornalistas. Mas era difícil, Paris era perfeita para fotografar. Não tínhamos opção, além de fazer um ensaio bastante sério de “menina blasé usando boina” sob o Arco do Triunfo. Eu era um blasé bem melhor que Louisa, pois ela era muito loura e feliz para fotografias em Paris.

— Queria tanto que mudasse de ideia e fosse comigo — minha amiga disse, abraçando-me enquanto o táxi estacionava. — Ah, esqueci completamente, trouxe isto para você.

Ela me entregou o envelope com um sorriso. Sorri de volta e comecei a abrir, mas o taxista buzinou. Pelo jeito, não era legal ficar no meio da rua com o motor ligado em Paris. Na verdade, acho que não era legal em lugar nenhum.

— Abra mais tarde — Louisa jogou a bolsa no banco. — Sinto sua falta, querida. Não acredito que vou ter que fazer todas as coisas de bebê sem você por perto. Tem certeza de que não quer voltar? Desse jeito está partindo meu coração, sabia?

— Eu sei, mas prometo que apareço logo por lá — jurei, colocando o envelope na minha bolsa detonada. — Agora realmente não posso. Preciso resolver essa situação com Alex.

— Você o ama mesmo, não é? — Ela perguntou, colocando o cabelo para trás da orelha e me encarando. — É melhor que ele valha a pena, Angela Clark.

— Ele vale — respondi, metade do corpo dentro do táxi para abraçá-la e a outra querendo pular para dentro e ir embora com ela,

deixando os problemas para trás. De novo. — Verá isso quando conhecê-lo.

— Mal posso esperar — Lou colocou a cabeça para fora da janela do táxi. — Mas é bom que você o traga antes que eu esteja do tamanho de uma casa, ou depois que o bebê nascer. Não vou deixar você e seu namorado maravilhoso saltitando por Londres enquanto pareço a Shamu usando roupa de grávida.

— Pode deixar — confirmei, acenando enquanto o táxi se afastava.

Fiquei na calçada por um bom tempo observando os carros que passavam, esperando que meu humor voltasse ao normal. Estava feliz por ver Louisa, mas ao mesmo tempo triste por vê-la indo embora. E eu não tinha ideia de como ela fazia falta. E ela estava prestes a ter um bebê. Parecia muito egoísmo que a vida dela seguisse em frente sem que eu estivesse por perto, porém fiquei aliviada ao ver que as coisas continuavam como sempre. Bem, como quase sempre, quando ela era minha melhor amiga no mundo, e não como quando a deixei para trás chorando arrasada ao ver seu casamento destruído por uma doida, ou seja, eu. Parte de mim queria entrar em um táxi e ir atrás dela, para virar a tia Angela, a tia mais legal de todas, que deixa você brincar com a maquiagem e sempre tem uma porção de doces, mas, honestamente, isso não iria me ajudar. Talvez me fizesse comer menos doces, só que, fora isso, não resolveria nenhum dos meus atuais problemas.

Felizmente, eu não tinha muito tempo para mergulhar nas minhas trapalhadas do passado, do presente ou do futuro. Já passava das 19h e precisava encontrar Virginie em um bar que ela escolhera, entre as 19h e às 20h, e como eu estava sem telefone, tinha que estar lá o mais cedo possível. Não estava disposta a enfrentar o Metrô novamente, então chamei um táxi e passei ao motorista o endereço que Virginie havia me dado. Em seguida, peguei o lápis de olho e entrei em ação. Pelo jeito, passar lápis no banco traseiro de um carro era a estratégia das garotas francesas para conseguir aquele olhar bagunçado, meio esfumado. Depois de várias camadas de rímel e um bocado de pó no nariz e no queixo, podia-se dizer que eu estava apresentável, ainda mais levando-se em conta quanto havia chorado durante o dia. Ainda não estava muito escuro, e as

luzes não eram muito intensas nas ruazinhas estreitas da Vila Hipster en France, o que ajudava a esconder meu machucado.

Desci do carro, entregando ao motorista o que achava que seria dinheiro suficiente, e procurei Virginie. Ela não estava em lugar nenhum, mas logo vi a placa da L'Alimentation Générale, o lugar onde marcamos de nos encontrar. Um pouco incomodada pela zombaria e com meu francês elementar (na realidade, não era uma loja de alimentos, era uma droga de um bar — por que os franceses mentiam para mim?), entrei para procurar minha nova amiga. Era cedo para um sábado; entretanto, o local já estava cheio e a música, alta. Sentei perto do bar e pedi um mojito, como todos ao meu redor. Depois, me virei de costas e fiquei cuidando para ver se Virginie chegava.

O bar parecia legal e estava repleto daquelas mesmas pessoas bonitas que eu tinha visto no Café Charbon, na nossa primeira noite na cidade. Era bem descolado e kitsch, com armários cheios de porcelanas encostados nas paredes e luminárias esquisitas. A multidão nem parecia ligar, só queria dançar e se divertir. A vibração do sábado à noite começou a me infectar, tanto que me ajeitei na cadeira e me permiti dar uma olhada nas pessoas. O mundo era mesmo um grande clichê. Os nova-iorquinos se vestiam de preto e achavam que era aceitável usar moletom para caminhar até o trabalho. Todos os parisienses fumavam e pareciam personagens de Amélie Poulain. E, minha observação mais importante, todo mundo nas duas cidades bebia até não poder mais. Claro, talvez eu é que estivesse passando tempo demais entre os hipsters nos dois países. Não era um passatempo muito saudável.

— Angela? — Chamou uma voz. Fiquei na ponta dos pés e pude ver o topo da cabeça de Virginie, ou pelo menos o laço cor-de-rosa gigante que estava ali. Ela ergueu a mão e continuou falando ao celular. Acenei loucamente, batendo em pelo menos três pessoas. Virginie guardou o telefone na bolsa, olhou para o bar lotado e fez sinal para que eu fosse até ela.

— Está muito cheio — ela disse depois de um abraço rápido e dois beijinhos. — Desculpe, saí cedo de casa, mas acabei me atrasando.

— Tudo bem, vamos para um lugar mais silencioso — falei, tentando não me preocupar com o ar de vovozinha da frase que acabara de dizer. — Já vai estar bem barulhento no show, mais tarde — afinal, agora que seria madrinha, precisava cuidar da minha audição. Para que pudesse curtir totalmente os gritos e choros do meu afilhado.

Caminhamos pela rua até encontrar um bar menor e menos lotado. Em um canto lá no fundo, perigosamente perto do balcão e das máquinas de cigarros, encontramos uma mesinha e nos sentamos.

— Vou pegar vinho — avisou Virginie, entregando-me seu suéter roxo e caminhando até o balcão.

Não pude deixar de dar uma olhada na etiqueta. Sonia Rykiel, legal. Considerando isto aqui e os Louboutins, Virginie não era tão desligada da moda como dizia ser, mas, também, trabalhando em uma revista como a *Belle*, acho que seria impossível não ter bom gosto, quer queira ou não. Há um ano, teria dificuldades para notar a diferença entre Prada e Primark se não pudesse ver a etiqueta com o preço. Além disso, ela parecia realmente fiel ao jeans e às sapatilhas, e acho que era por isso que eu a adorava.

Virginie voltou quase tão rápido quanto saíra, segurando uma garrafa de vinho tinto e duas taças não muito limpas, embora, considerando o lugar, creio que era um avanço não termos que beber direto no gargalo. Eu era a favor de barzinhos obscuros e misteriosos, mas, meu Deus, este lugar era dureza. Enquanto minha amiga servia vinho nas taças e começava a tagarelar sobre como tinha passado o dia relendo os posts do meu blog para se inspirar (ainda não tinha conseguido me livrar dessa adoração), olhei para as paredes vermelhas descascadas, cheias de pôsteres de shows antigos e alguns quadros de pop-art.

Também percebi que o público ali era um pouco diferente do L'Alimentation Générale. A atmosfera festiva estava misturada com um desejo muito óbvio de ver e ser visto, só que ninguém, é claro, queria parecer ter essa vontade. Eu também tinha certeza absoluta de que jamais tocariam Britney aqui, nem mesmo ironicamente. Duas garotas bem-arrumadas estavam encostadas na janela, jogando os cabelos de um lado para o outro, ocasionalmente revirando os olhos

uma para a outra e tentando desesperadamente fingir que não estavam olhando para o moreno alto no canto, de costas para a sala. Pelo jeito, ele era o único que não ligava para quem era quem no bar. Sem dúvida ganhou o prêmio de “o cara mais legal da noite”.

— E então, encontrou sua amiga? — Perguntou Virginie em voz alta.

Virei-me para ela e dei de cara com olhos enormes e inquisidores. Meu Deus, ela estava sempre tão interessada em tudo. Que coisa irritante.

— Sim — bebi um gole de vinho. Quando em Roma, não é? Ou, bem, na França. — Nós almoçamos, foi muito bom revê-la. Ela acaba de descobrir que está grávida, então foi meio estranho. Legal, mas estranho.

— Você sente falta dela?

— Muita — concordei com a cabeça e meu cabelo balançou. — Não tinha me dado conta de quanto até vê-la. Amanhã é seu aniversário de casamento, o que significa que fazia um ano que não a via. E um ano desde que me mudei para New York.

— E não pensa em voltar para casa? — Ela olhou por cima do meu ombro enquanto falava, provavelmente para o Sr. Não-Estou-Nem-Aí, que estava atrás de mim. Rá, ela também não resistia a um cara gato, como todas nós. — Um ano é muito tempo para ficar longe dos amigos, da família.

— Eu sei. E, honestamente, não tenho sentido muita saudade, mas, depois de hoje, sei lá, estou me sentindo meio esquisita. Diferente — fiz uma pausa. — Louisa vai fazer uma festa amanhã para comemorar o aniversário de casamento. É tão estranho pensar que quase todo mundo que conheço vai estar reunido em um lugar, a duas horas daqui, enquanto eu não estarei lá.

— Você não quer ir?

— Na verdade, quero — admiti baixinho. — Acontece que não é uma boa ideia, e só me sinto assim porque estou com uns problemas com as coisas de New York.

— Acho a sua vida tão perfeita — Virginie disse pela, sei lá, milionésima vez. — Eu faria...

— Não importa quantas vezes você repita — alertei, —, não vai fazer com que seja verdade.

Virginie balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que Londres é ótima, mas New York é demais! É o melhor lugar do mundo. Diga, o que aconteceu de tão ruim para fazê-la querer voltar para a Inglaterra?

— Bom, muitas coisas — tomei mais um pouco de vinho antes de tentar explicar. — Alex e eu estamos em uma espécie de limbo, Jenny não está falando comigo e ele disse uma coisa noite passada que não sai da minha cabeça.

— Será que ajuda conversar com alguém? — Ela se ofereceu cautelosa. Torci o nariz e pensei um pouco. Virginie não me daria grandes conselhos e a última coisa de que precisava no momento era alguém que jogasse todas as minhas opiniões assustadoras de volta para mim. Por outro lado, falar com Louisa tinha ajudado, e ela não tinha sido muito pró-Alex. Talvez eu devesse me abrir com Virginie, pois ninguém melhor que uma chefe de torcida empolgada como ela para me ajudar.

— Certo — decidi ir em frente. Havia algo naquele laço cor-de-rosa que me fazia ter vontade de confiar nela. — Ele fez um comentário muito doido sobre eu estar sempre sozinha nos shows e fiquei intrigada. Acho que ele está certo. Não fiz muitos amigos em New York além de Jenny e das amigas dela. O fato é que sempre tive um círculo pequeno de amigos e isso nunca foi problema, mas receio que o círculo vá ficando cada vez menor e, antes que eu perceba, não terei mais ninguém além de Alex. E foi isso que aconteceu em Londres. Éramos muitos na faculdade, depois passamos a um pequeno grupo em Londres e, depois de alguns anos, éramos só eu e Mark, Louisa e Tim. E, no momento, nem tenho uma Louisa em New York. Não posso deixar que isso aconteça de novo. Se Alex e eu terminarmos, não sei se vou ter algum motivo para ficar.

— E você acha que vão terminar? — Virginie encheu minha taça rapidamente e sorriu sem jeito. — Desculpe. Bebo muito depressa, eu sei.

— Não, tudo bem — menti, fazendo um lembrete mental para nem tentar acompanhá-la. — Não sou muito boa com bebida. Tomei

muitos porres quando estava em Los Angeles, então estou tentando não beber além da conta.

— Porres?

— Encher a cara, vomitar, desmaiar e acordar com um estranho ao seu lado na cama — detalhei, bebendo meu vinho lentamente. — E nem quero pensar na ideia de terminarmos.

— Escreveu alguma coisa para o guia hoje? — Sábia, Virginie mudou de assunto. — Estou me sentindo muito mal. Espero que consiga terminar o texto nestes dois dias que restam em Paris.

— Ainda há dois dias, não é? — Não podia acreditar em como essa semana tinha passado rápido. Não que tivesse sido tranquila. — Vai ficar tudo bem — garanti a ela (e a mim mesma). — Na verdade, juntei algumas informações ontem e não ficou tão ruim. Não que não haja mais coisas a acrescentar, mas posso incluir os dois bares que conheci hoje. Acho que vai ficar tudo bem. Qual é mesmo o nome deste lugar?

— UFO — Virginie olhou para o bar, que começava a ficar lotado. — Está tão cheio, será que é secreto?

— Não para você, mas aposto que não há muitos americanos aqui — respondi, seguindo o olhar dela. A outra metade do salão parecia outro bar, os clientes eram muito diferentes dos hipsters vestidos de preto. Todos estavam conversando, agitando as mãos, rindo, tocando os ombros uns dos outros, se beijando.

— Acho que tem um americano — Virginie apontou a taça de vinho quase vazia na direção do rapaz de cabelos escuros sentado de costas para nós. Só que agora ele não estava mais de costas. Estava de pé, com a cabeça um pouco curvada por causa do teto baixo, e segurava um estojo de violão. Era Alex. E saindo do bar logo atrás dele estava Solène.

— Aquele não é... — Virginie resmungou quando eles pararam do lado de fora, perto da janela, a poucos centímetros de nós.

— Sim — confirmei, tentando não ter um chique monumental. — É sim.

Solène tirou um maço de cigarros do bolso do jeans e colocou um entre os lábios, erguendo o queixo para que Alex o acendesse. Ela

entregou o cigarro aceso para ele e repetiu o processo, caso eu não tivesse visto bem da primeira vez. Dando uma tragada no segundo cigarro, ela tirou os cabelos do rosto e deitou a cabeça para o lado, sorrindo para o meu namorado. Em seguida, eles foram embora. Antes que pudesse decidir o que fazer, Solène olhou para trás por sobre o ombro, direto para mim, e deu o sorriso mais convencido e presunçoso que eu já vira. Virando o rosto, ela segurou o braço de Alex e os dois seguiram em frente até sumirem.

— Angela?

Continuei observando pela janela, ignorando a voz baixinha ao meu lado.

— Angela, por favor, assim vai quebrar o vidro.

Saí do transe de repente, percebendo que estava segurando a haste da minha taça vagabunda com tanta força que estava mesmo prestes a quebrá-la. Tudo bem, daí eu poderia enfiá-la no coração de Solène. Se é que ela tinha um.

— Você não sabia que Alex ia encontrar aquela garota?

Lancei para Virginie um olhar que deixava bem claro quanto aquela pergunta tinha sido imbecil.

— Acho que ele não a viu — ela comentou. — E tenho certeza de que não era nada demais.

Eu continuava sem palavras. Nas palavras, ou melhor, nas siglas de Jenny Lopez, WTF?

— Os dois tocam em bandas, não é? E vão se apresentar amanhã, no festival. Portanto, é como uma reunião de trabalho.

Nem consegui erguer a sobrancelha. Será que Virginie achava que eu era idiota?

— Como você disse, não há nada entre eles. É tudo história.

“E a história às vezes se repete”, pensei comigo incapaz de dizer a frase em voz alta. Principalmente porque era cafona demais. Engoli o restante do vinho e enchi novamente a taça. Bebi tudo.

— Angela, eu...

— Virginie?

— Sim?

— Sem ofensa, mas será que dá para você calar a boca por um minuto?

— É claro.

Bebemos em silêncio por alguns instantes, enquanto eu estudava as evidências. Tinha que haver uma explicação perfeitamente racional para o meu namorado ter saído para tomar uns drinques com a ex sem me contar. Talvez eles tivessem se encontrado por acaso e ele estava apenas sendo educado. Ou ela tinha ameaçado se jogar no rio se ele não saísse com ela. Ou ele estava pensando em dar uma rapidinha com ela antes do show, porque não queria mais nada comigo. Uau, isso estava ajudando pra caramba.

Mais dez minutos de silêncio se passaram enquanto imagens de Solène e Alex desfilavam pela minha mente. Virginie continuava sentada à minha frente, esforçando-se para ficar quieta. Dava para perceber que ela estava sofrendo, mas eu não queria ouvir nenhuma das teorias dela no momento. Só queria era terminar aquela garrafa de vinho o mais rápido possível para usá-la como arma.

— Angela?

Virei a cabeça lentamente para olhar para Virginie.

— Se vai me dizer que não era nada, sério, não vai ajudar.

— Na verdade, eu ia perguntar se você não queria ficar na minha casa esta noite — ela disse hesitante. — Se as coisas não ficarem bem.

— Ah — fiquei um pouco surpresa. Ela não deveria estar saltitando de um lado para o outro e gritando que Solène era uma vadia e eu era maravilhosa e Alex era um babaca por olhar para outra mulher?

— Porque, bem, não conheço o seu Alex, mas não confio naquela Solène. Sei que já disse isso — ela completou, enchendo minha taça até esvaziar a garrafa.

— Certo — aceitei a bebida e virei a taça. Eu já nem estava mais sentindo o gosto, o que era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição. O vinho era muito ruim. E não deveria beber vinho tinto. — Bem, acho que devo falar com ele. Talvez tenham se encontrado por acaso e ele estava apenas sendo educado.

— Pensei que ele não fazia questão de ser educado com ela — lembrou Virginie desnecessariamente. — Foi por isso que ele não foi à festa com você.

— Ah, é.

Fingi que tinha esquecido, mas é claro que não tinha. Não conseguia pensar em um único motivo para Alex estar em um bar com Solène bem na hora em que ele sabia que eu tinha planos com outra pessoa, sem me dizer nada. Nenhum. A não ser que ele tivesse recém-descoberto que sua mãe precisava de um transplante de rim e Solène era a única doadora compatível no mundo inteiro. Não, não era o suficiente. Ele nunca via a mãe.

— Não acha melhor não ir ao show? Quer pegar suas coisas no hotel? — Ela sugeriu, terminando de beber seu vinho. — Você já teve que aguentar um homem que a traiu, não pode passar por isso sozinha de novo.

— Ah, meu Deus, não! — Balancei a cabeça com força, tentando ignorar o fato de que o salão parecia girar comigo, ainda que de leve. — Não, sério, isso é idiotice. Estou sendo idiota. Tenho que ir até lá e falar com ele. Isso é ridículo, estou toda estressada sem nem saber o que está acontecendo.

É claro que sabia o que estava acontecendo. Tinha uma boa noção e não gostava nem um pouquinho disso.

— *D'accord* — disse Virginie. — Se é isso que quer. Mas vai ter que ficar comigo se não quiser voltar para o hotel.

— Virginie, sério, está tudo bem — tentei convencer a nós duas. Se as coisas ficassem tão terríveis quanto imaginava, chorar no chão do apartamento de uma garota que eu mal conhecia não parecia uma boa opção, ainda que ela fosse a minha versão chique e parisiense de Mary Poppins. Praticamente perfeita. — Você tem que me ajudar com o artigo, não em uma crise sentimental.

— Mas eu quero ajudar — ela insistiu, esticando o braço e apertando a minha mão. E percebendo imediatamente que aquilo era um pouco demais, mesmo para uma Angela que tinha bebido três taças de vinho com o estômago vazio. Ela soltou minha mão e deu de ombros, tentando parecer mais casual. — Ou talvez possa visitar

a sua amiga na Inglaterra. Com certeza ela poderá ajudá-la mais que eu.

— Você tem me ajudado muito — garanti, feliz por estar preocupada com os sentimentos de outra pessoa, para variar. — É sério, Virginie, você tem sido ótima. E, você sabe, se um dia quiser visitar New York, pode ficar comigo.

— Obrigada — ela murmurou, puxando uma mecha de cabelos castanhos e procurando pontas duplas. E não achando, é claro.

— É sério, agradeço muito pelo que tem feito — ah, meu Deus, ela não conseguia nem olhar para mim. Mas que droga, não queria ofendê-la. — Você é o máximo, Virginie. De verdade. Ah, e eu pedi que Alex a colocasse na lista de convidados do festival no domingo. Gostaria muito que fosse. Quer dizer, acho que ele colocou seu nome, mas ele é meio desligado.

— Sem problemas, tenho credenciais de imprensa. Mais vinho? — Ela olhou para mim e vi que o botãozinho “feliz” estava apertado de novo.

Sorri e me levantei para ir até o balcão. A Virginie de sempre estava de volta. Assim como meu almoço estaria, se continuasse bebendo daquele jeito.

CAPÍTULO 14

Como minha cabeça começou a ficar confusa, decidi voltar para o mojito para tentar acelerar a noite. Por algum motivo, minha lógica alcoolizada achava que o problema era o vinho, não o álcool em si. Não que estivesse me sentindo muito lógica, também. Como havia decidido, com a sabedoria de alguns drinques, que queria falar com Alex sobre o que tinha visto, eu estava com pressa de terminar logo, mas Virginie não acabava nunca de beber o vinho. Ela parecia estar de volta ao modo “líder de torcida”, porém havia algo de errado nela. Não estava mais tão irritante e parecia preocupada. Tentei lhe contar sobre o que havia escrito até agora do guia, mas ela respondeu ao meu entusiasmo semibêbado com sorrisos e um ou outro murmúrio. E depois, quando tentei conversar sobre sua possível mudança para New York, ela deu um gritinho e olhou pela janela.

Desisti e voltei para meu mojito, se bem que eu tinha bebido tão depressa que agora só restava água gelada e menta. Meus pés ainda estavam um pouco doloridos da maratona pela cidade da noite anterior. Mesmo assim, acho que podia aguentar um tempo de pé no show, e Virginie disse que o bar era perto. E era. No fim das contas, estávamos a poucos minutos do Nouveau Casino e, mais que isso, ele ficava ao lado do café onde eu havia encontrado Alex na primeira noite. A Paris hipster era mesmo pequenininha, o que me deixava muito feliz. Virginie, porém, não mostrava os dentes desde que saímos do bar. “Talvez ela esteja brava porque ainda não lhe devolvi seus sapatos”, pensei. Dei uma olhada na minha companheira e percebi que ela digitava alguma coisa em um iPhone, o qual não tinha visto até então.

— Você tem um iPhone? — Perguntei, puxando papo. — Legal.

— Ah, sim — ela se voltou para mim e enrubesceu. — Estava procurando uma loja para comprar o carregador para o seu

computador. Fui idiota, é claro que tem lojas da Apple em Paris. Comprei o telefone lá.

— Mas não estava usando o outro antes? — Lembrei cheia de inveja da profusão de aplicativos do aparelho. Sério, o vício em coisas da Apple deveria ser tratado como doença.

— Hum, sim — ela jogou o telefone dentro da bolsa. Com certeza acabaria riscando a tela desse jeito. — Ainda estou usando os dois números. Nem todos têm o novo.

— É, também fiquei usando dois telefones por um bom tempo — comentei, esperando que ela terminasse o drinque. — Eu tinha meu telefone e usava o BlackBerry do trabalho. Obviamente, assim que decidi usar só o BlackBerry, ele quebrou e eu me ferrei, não é? Deveria comprar um iPhone.

— Acho que sim — Virginie tomou um golinho de vinho. — Já ligou para o escritório? Para pedir que o consertem?

— Cici é quem cuida das coisas de comunicação — expliquei. — E, evidentemente, ela não vai me ajudar. Mandeí um e-mail para o departamento de TI quando consegui carregar meu laptop, mas eles nunca me respondem, sempre leva dias. E escrevi para minha editora na *The Look*, a Mary, contando que a Cici tinha me sacaneado, porém ela não respondeu. Pelo menos não até a última vez que verifiquei.

— Escreveu para sua editora? — Virginie parecia preocupada. — O que você disse?

— Está tudo bem. Mary é minha chefe no site, não na *Belle*, e a Cici é assistente dela. Não falei nada para ninguém na *Belle*, não precisa se preocupar que não vou lhe causar nenhum problema. Afinal, você é minha heroína. Vou contar para todos como salvou o dia.

— O.k. — ela finalmente sorriu. — Você sabe como as garotas da *Belle* são, mas não vou me preocupar.

Pelo jeito, minha promessa de falar bem dela a tinha animado, pois praticamente saltitou pela rua à minha frente. Tentei acompanhar o ritmo, as solas dos pés ainda ardendo. Ela caminhava bem rápido para uma menina tão pequena.

Depois de alguns minutos, Virginie parou subitamente e virou-se para mim, para apontar na direção de uma fila de pessoas diante de uma grande porta preta. Era cedo, passava um pouco das 22 horas, e, no entanto, as pessoas já estavam fazendo fila para assistir ao show. Por um momento, esqueci como estava brava com Alex e me senti orgulhosa. Não fazia ideia de como deveria ser ter tantas pessoas esperando para ver você fazendo uma coisa que amava. Ninguém nunca ficaria em uma fila para me ver inalar um pote de sorvete e assistir a uma maratona de três horas de *America's Next Top Model*. Fiz um lembrete mental para começar a fazer alguma coisa relevante da minha vida. Ou, pelo menos, pensar a respeito.

Chegamos perto da porta e Virginie explicou, em francês, para a fashionista entediada com a lista de convidados na mão que nós duas estávamos na lista e que, sim, nós sabíamos que a casa ainda não tinha aberto e, não, nós não dávamos a mínima, porque eu era namorada do vocalista do Stills. Tentei não pensar em quanto tempo poderia continuar usando esse título, enquanto encarava a menina da porta com um olhar do tipo “é, é isso aí”. Não era a primeira vez que lançava esse olhar, mas eu continuava péssima.

Tropeçando na semiescuridão do salão principal do clube, consegui não dar de cara em uma grande escada de metal que estava bem no meio do caminho. Havia algumas pessoas por ali, jornalistas e amigos de amigos, imaginei, e a banda que abriria a noite fazia a checagem de som.

— Vou tentar encontrar o Alex — gritei para Virginie por sobre o ruído alto. Nossa, precisavam mesmo checar aquele som. — Encontro você no bar?

Ela concordou e se encostou na parede, assumindo uma expressão seca, algo como “nem pensem em vir falar comigo”, para os meninos que, de olho nela, cochichavam e sussurravam.

Depois de uma voltinha rápida pelo salão, finalmente vi alguém que parecia trabalhar ali e mostrei minha pulseira de acesso livre (eu não era o máximo?). O francês não se impressionou nem um pouco e apontou para a escada de metal. Certo, aquele era o único lugar onde eu não tinha olhado. Respirei fundo, tentando me preparar para

os degraus estreitos e para uma conversa que não sabia nem como começar; e no alto da escada encontrei uma salinha com banquetas de couro e mesas baixas. Mostrei minha pulseira para um careca e entrei. Infelizmente, Alex não estava ali. Não havia ninguém ali. Debrucei-me na sacada do mezanino, tentando chamar a atenção de Virginie. Minha coragem banhada a mojito estava desaparecendo rapidamente e, agora, com o coração batendo forte, não sabia mais se queria confrontar Alex sobre alguma coisa. Não aqui, não agora. Eu só queria conversar com alguém legal. A área VIP tinha uma boa vista do palco e, melhor ainda, bebidas grátis, só que Virginie não estava olhando. Na verdade, ela estava novamente digitando alguma coisa no iPhone. Os garotos tinham ido até o bar, mas continuavam tentando chamar a atenção dela — sem resultado.

Eu estava de joelhos em um dos sofás de couro, tentando acenar para Virginie e desejando pela milionésima vez naquela hora ter um celular que funcionasse, quando percebi que a música tinha mudado. Não era mais aquele rock bobo e sem-graça de antes, era Alex. Parei para vê-lo no meio do palco com sua guitarra, conferindo a afinação, tirando alguns acordes e fazendo perguntas em francês para o cara do som. Era muito estranho vê-lo falando outra língua tão bem, como se fosse outra pessoa. Pensando bem, se a única coisa que tivesse descoberto a respeito de Alex nessa viagem é que ele falava francês, eu estaria muito mais feliz. Graham e Craig apareceram atrás dele e começaram a lidar com os instrumentos enquanto Alex continuava dedilhando a guitarra, cantando e parando até que o som estivesse perfeito.

— Eu me lembro de quando ele escreveu essa música.

Nem era preciso olhar para saber quem era, mas não consegui evitar. Solène estava de joelhos no sofá ao meu lado, os braços apoiados na barra de metal e as mãos segurando o queixo. Ela observava o palco e sorria.

— Morávamos juntos havia pouco tempo. Eu estava com muita saudade de Paris e ele fazia de tudo para me animar — ela deitou a cabeça nos braços e virou-se para mim, ainda sorrindo. — A música fica ainda mais linda quando ele a canta em francês.

Estreitei os lábios e me segurei na barra de metal. Não tinha uma resposta inteligente, apenas um desejo muito intenso de dar um soco nela, chamá-la de vadia e mandá-la cair fora. O que seria muito satisfatório, mas não muito adulto.

— Às vezes, cantávamos juntos. Ficava ainda mais bonito — ela puxou uma mecha de cabelos louros e começou a penteá-la com os dedos.

— Ah, vai se danar, sua vadia! — Olhei para a frente. Então, eu não era muito adulta. Mas, pelo menos, não tinha batido nela. — Você não disse que tinha um namorado?

— Eu disse? — como qualquer harpia traidora de primeira linha, ela não deu a mínima para meu xingamento infantil. Apenas continuou sorrindo. — Angela, pensei que fôssemos amigas.

— Não, não pensou — falei. — Você pensou que ia roubar meu namorado.

— Ah, por favor, não somos crianças — ela riu docemente. — Não vou roubar seu namorado.

— É mesmo? — Eu não tinha gostado das aspas com os dedos que ela fizera quando disse “roubar seu namorado”. E menos ainda da indireta de que eu estava sendo criança. Por mais que fosse verdade.

Ela suspirou.

— Alex é meu. Não posso roubar o que já me pertence.

Comecei a tremer de leve, a boca seca pelo excesso de bebida. Encarei-a.

— Está falando sério? Você disse mesmo isso? — Perguntei incrédula. — Ninguém diz esse tipo de coisa, sabia? Além do mais, ele não é seu. Há muito tempo, na verdade.

— O que é isso no seu rosto? — Ela perguntou, colocando a mão diante da boca, fingindo estar horrorizada, mas rindo. — Espero que não esteja doendo muito.

Ignorei-a e me concentrei em não chorar. No entanto, para Solène, não importava se eu estava interessada na conversa ou não, pois ela parecia satisfeita em falar por nós duas.

— É triste que Alex e eu tenhamos passado tanto tempo separados, mas agora estamos prontos para ficarmos juntos de novo — ela declarou. — Ele está pronto.

— E ele já superou o fato de tê-lo traído como uma grande vagabunda, é? — Perguntei, tentando permanecer calma. Nada fácil.

— Fiz uma coisa horrível, só que tive meus motivos, é claro. Conversamos sobre isso.

— E é por isso que eu sei que você é uma vadiazinha traidora.

— Nossa, que palavras mais feias — Solène balançou a cintilante cabeça loura. — É escritora, non? Não tem nenhuma palavra melhor para me descrever?

O pior era que não, eu não tinha. Estava sem palavras. Havia uma bola na minha garganta e uma vontade crescente de vomitar.

— Fiz o que fiz porque ele era demais para mim — Solène colocou sua mão sobre a minha. — Eu amava o Alex, mas era muito jovem e ele estava me pressionando. Depois que ele fez o pedido, entrei em pânico, bebi demais. Daí o amigo dele apareceu, em um momento em que estava deprimida. Antes que pudesse perceber, estávamos na cama, quando Alex apareceu.

Puxei minha mão como se tivesse me queimado. Como ela ousava me tocar?

— Espere um pouco. O que você disse?

— Não entendi, disse o quê? — Ela perguntou com os olhos arregalados, fingindo inocência.

— Poxa, sabe do que estou falando — eu estava começando a pensar em socá-la novamente. — Ele fez o pedido? Ele a pediu em casamento?

— Sim! Várias vezes — Solène sorriu tristemente e se virou, encostando a cabeça no sofá. — E todos os dias eu me arrependo por não ter dito sim.

Ainda de joelhos, observei meu namorado lá no palco. Ele tinha trocado o violão por uma guitarra e estava lidando com as cordas, sem tirar os olhos do monitor a seus pés. Seu cabelo estava iluminado de azul sob as luzes e sua camiseta detonada do Nirvana, a qual usei para dormir quando passei a noite na casa dele pela

segunda vez (eu era uma bobinha, conseguia lembrar desse tipo de coisa), estava coberta por um cardigã preto. Os jeans pretos desbotados revelavam só um pedacinho da samba-canção quando ele se abaixava para mexer no monitor. Foi Graham quem me viu primeiro e acenou, dizendo um “oi” inaudível e chamando Alex. Ele olhou para cima e abriu um sorriso tão lindo que não pude me segurar e retribui com outro. Mas o meu nem se comparava.

— Em seguida voltei para Paris. Sem ele, eu não tinha motivo nenhum para ficar na cidade. New York estava morta e fria para mim — Solène continuou com sua história chorosa enquanto eu fitava o palco e sentia minha respiração cada vez mais irregular. — Implorei que ele me aceitasse de volta, mandei cartas, escrevi músicas, cheguei a enviar passagens de avião, mas ele estava muito magoado. E então fiquei sabendo que ele estava saindo com várias garotas, e o ressentimento se apossou de mim.

— Também ouvi coisas assim — parei de olhar para Alex e me virei para sentar no sofá. Isso não estava acontecendo. Não podia estar. — Mais tarde, porém, ele conheceu uma garota muito legal, com quem começou a sair, e ficou muito, muito, muito feliz.

— Ele não parecia feliz quando saímos para tomar um drinque hoje — ela retrucou. — Eu diria que ele estava muito infeliz. E confuso.

— Não vou ficar aqui discutindo com você — falei, finalmente encontrando forças para me levantar. — Você e Alex não têm mais nada. Foi ele quem disse. Disse para mim. Não quero saber se estavam juntos naquele bar e não dou a mínima para o que acha que vai acontecer. Porque não vai. Acabou.

— Não, não acabou. Sinto muito, Angela, você é... — Ela parou para me olhar de cima a baixo. — Legal? Acontece que amo Alex e ele sempre vai me amar. Eu o conheço, sei o que ele quer.

— E se ele não a quiser? — Perguntei não muito confiante ao ver que Solène se esticava no sofá e ficava na minha frente, bloqueando a escada. O jeans justo colava em suas curvas sem o menor sinal de gordurinha e eu tinha quase certeza de que ela não estava usando sutiã sob a blusa preta. Com os cabelos louros caindo no ombro e

sapatilhas usadas na medida, era como se estivesse diante de um espelho invertido.

— Mas ele quer — ela estreitou os olhos e se aproximou de mim.
— Ele me quer totalmente. Então, por que pensaria em você?

Eu não tinha nada. Empurrei-a para o lado e desci correndo as escadas, tentando não cair, e sem me importar muito se fosse cair ou não. Minha bolsa batia no meu quadril no ritmo em que eu corria, desesperada para sair sem ter que me encontrar com Alex. Uma coisa era ouvir tudo aquilo dela, outra bem diferente seria ouvi-lo confirmar. E vê-los juntos.

— Angela?

Eu não sabia quem era e nem queria saber. Só o que desejava era voltar para o hotel e, depois disso, sabe Deus, mas não podia ficar ali naquele momento.

— Angela, espere!

Cheguei até a porta do bar, onde dei de cara com uma multidão de fãs dos Stills entrando ao mesmo tempo. Ao parar diante deles, senti uma mão me puxando para uma salinha escura. Tateei em busca do interruptor. Algumas piscadelas depois, vi Graham na minha frente. E vários esfregões. Pelo jeito, estávamos no armário de limpeza.

— Para onde está correndo? — Ele perguntou. — Não me ouviu chamar?

— É, não, quer dizer, desculpe — falei, olhando para meus pés. — Eu só queria sair.

— Espere um pouco, até que a multidão se dissipe — ele disse, pousando a mão no meu ombro. — Hum, Angela, tive a impressão de que a Solène estava lá em cima com você.

Pela segunda vez em poucos minutos, congelei. Não gostava de ouvir o nome dela, era como se encontrasse uma barata enorme no banheiro.

— Então ela estava lá, é? — Perguntou Graham. — Alex vai ficar maluco se perceber que ela está aqui.

— Ou não — respondi baixinho, segurando as lágrimas. Eu não ia chorar por causa dela. Não enquanto estivesse acompanhada, pelo menos.

Talvez mais tarde, na minha cama, sozinha. Por horas e horas e horas e horas. Sim, acho que isso era suficientemente dramático.

— Alex vai surtar se perceber que ela está aqui, pode acreditar — Graham parecia estar falando sério. — Vou ter que encontrá-la e chutá-la daqui antes que...

— Antes que ele a peça em casamento de novo? — Interrompi.

Ele ficou boquiaberto por um momento, mas tentou disfarçar com uma tosse.

— E quem sabe, em vez de ir atrás dela, talvez você queira perguntar ao Alex por que estava em um bar com ela agora há pouco? — Chutei uma esponja que estava debaixo do meu pé e acertei a canela de Graham. — E por que ela tem tanta certeza, certeza absoluta, de que ele continua apaixonado por ela.

— Angela, ele não está apaixonado por ela — insistiu Graham, acertando a esponja e devolvendo-a para mim. — Acredite no que digo. Conheço esse cara há mais de dez anos, não tem a menor chance.

— Bem, é difícil saber em quem devo acreditar, quando a única pessoa que me diz o que está acontecendo é a ex-namorada dele, que decidiu que o quer de volta e que vai se casar com ele — gritei, chegando à histeria nas últimas palavras. — E você não sabia que ele saiu com ela esta noite, não é? Talvez seu amigo não tenha lhe contado porque sabe que não vai com a cara dela.

— Escute. O Alex não a ama, ele não suporta nem olhar para a cara dela — repetiu Graham, mas tive a impressão de que ele já não estava mais tão seguro assim. — Além disso, sabe que ele é doido por você.

— Não sei mais nada — disse baixinho, tentando me acalmar. Ter um chique diante de Graham não ajudaria. Bem, talvez tenha me feito sentir um pouco melhor, porém não era uma solução duradoura.

— Quer falar com ele? — Perguntou Graham, passando o braço ao redor dos meus ombros e me dando um abraço apertado. — Ele já encerrou a passagem de som. Posso chamá-lo aqui?

— Acho que preciso dormir um pouco — respondi, abraçando-o de volta. — Sério. Temos um dia cheio amanhã.

— É — Graham concordou e me soltou do abraço. — E, hum, o que quer que eu diga para Alex?

— Não diga nada — falei, espreguiçando-me e bocejando para parecer convincente. — Não quero deixá-lo nervoso antes do show, e podemos conversar depois.

Que grande mentira. Se alguma parte do que Solène dissera era verdade, deixá-lo nervoso seria a coisa mais gentil que faria. Não é como se ele não soubesse que eu já tinha batido em outros caras antes. Idiota.

— Não quero mentir para ele — Graham parecia incomodado. — Se ele perguntar, vou dizer que você voltou para o hotel e que ele pode ligar, certo?

— Pode ser — respondi, abraçando-o mais uma vez. De repente, parecia que havia me convencido de que estava realmente cansada. E ele não precisava saber que, na verdade, eu não tinha telefone nenhum.

— Tem certeza de que não quer conversar com ele? — Perguntou Graham mais uma vez. — Não gosto nada da ideia de você voltar para o hotel pensando que as besteiras que Solène falou são verdade. Ela é doida, Angie. Não deveria acreditar nas asneiras dela.

— Sim, eu sei — ele estava certo sobre a parte da loucura, mas louca nem sempre significava mentirosa. — Prometo que vou conversar com ele depois do show, não se preocupe. Agora vá tocar.

Satisfeito de saber que eu não ia me atirar no rio, Graham abriu a porta devagar, para ter certeza de que não seríamos atacados por todos os hipsters de Paris. Depois de me despedir novamente, saí e respirei fundo quando senti o ar gelado da rua escura. Eu me sentia tão confusa, tão completamente atarantada, que já estava no meio da rua quando lembrei que tinha abandonado Virginie no bar. Soltando uma porção de resmungos, voltei para avisá-la que estava indo embora. Seria muito babaca deixá-la sozinha, e por mais que achasse que estava em condições de ser babaca, não era justo com Virginie.

Parecia que todas as pessoas que estavam tão desesperadas para entrar havia poucos minutos tinham tomado uma cerveja e voltado para fora, para fumar. Fui abrindo espaço entre elas

educadamente, caminhando na direção da luz brilhante de onde vinha todo o barulho, que achei que fosse a porta, mas o ar fresco embaralhou ainda mais minhas ideias. E era difícil saber onde estava em meio a um mar de jeans justos, camisetas vintage e cortes de cabelo cuidadosamente bagunçados. Por outro lado, a não ser pelo meu cabelo realmente bagunçado e por pesar uma tonelada a mais que qualquer outra mulher na rua, eu combinava perfeitamente com o ambiente. Jenny não ficaria satisfeita em saber disso; no entanto, pela primeira vez, eu me sentia feliz por não estar usando botas Giuseppe Zanotti e um vestidinho Balenciaga. O olho roxo já era suficiente para me destacar na multidão.

— Oi, preciso voltar lá para dentro, saí só por um minuto — expliquei para a garota da porta.

Ela me encarou sem emoção e um homem enorme bloqueou o caminho.

— Estou na lista — avisei, olhando para a garota e para o cara.

Nenhum deles deu a mínima.

— Estou na lista dos Stills, hum, *je m'appelle Angela Clark?* — Apontei para a lista para enfatizar.

— *Je ne parle l'anglais* — disse a garota com um sorrisinho, os olhos fixos no papel a sua frente, no qual meu nome estava riscado. Que beleza.

Quando estava prestes a desistir e enviar um e-mail de desculpas para Virginie quando chegasse ao hotel, vi que ela empurrava as pessoas para sair do bar, o iPhone colado na orelha. Ela parecia muito brava. Eu a seguia pela rua, tentando chegar perto sem interromper a ligação, mas ela era bem rápida para alguém tão pequena. Agora estava explicado porque não usava Louboutins: ela podia quebrar o pescoço se andasse depressa desse jeito usando saltos de 15 centímetros.

— Não posso mais fazer isso — ela gritou no telefone. — Eu não ajudei com o guia, vai ser uma droga, o que mais posso fazer?

Continuei atrás dela, mas mantive certa distância e fiquei perto da parede. Ela virou a esquina e suspirou alto.

— O que mais posso fazer, Cici? Por favor, estou odiando isso.

Sério, eu já tinha perdido as contas de quantos sustos levaria esta noite. Cici? Ela estava falando no telefone com a Cici?

— Pode ser — ela disse lentamente. — Alex, o namorado dela, ele tem uma pessoa aqui em Paris, uma ex-namorada. Ela não está nada feliz.

Fechei os olhos e me esforcei para respirar. Isso não podia ser bom. Elas estavam falando de mim? Falando de Alex?

— Ela é muito bonita, sim, porém não sei se é verdade — riu Virginie. — Não, acho que não importa. E ela é muito sexy, então acho que ele está. Só sei que não tem dado muita atenção para Angela.

Bom, tinha que admitir que isso era verdade. Mas, honestamente, o que estava acontecendo? Virginie ficou em silêncio por alguns segundos, fazendo ruídos para mostrar que concordava enquanto Cici continuava falando. Eu podia ouvi-la berrando no telefone, embora não o suficiente para entender o que dizia.

— Sim, pode ser. Ela encontrou uma amiga de Londres hoje e está muito chateada — Virginie falou lentamente. — E acho que não está falando com a amiga americana, o nome dela é Jenny, é isso? Se o namorado estiver traindo, acho que sim. E se o artigo ficar ruim, é bem provável.

Acha o quê? O que é provável?

— Acho que não vai convencê-la tão facilmente a ir embora, e já disse, Cici, ela escreveu para a sua Mary contando que você deu uma porção de endereços errados. Isso não pode ser um problema?

“Claro que não”, pensei com amargura, nada era problema para Cici. Ela era uma Spencer. Então, mandar aquela lista de endereços não era uma piadinha, ela estava realmente querendo se livrar de mim. Meu Deus, qual o problema daquela garota?

— Cici, você sabe que não gosto disso — choramingou Virginie. — Não me esqueci do que combinamos, acontece que gosto dela. Distraí-la do guia não foi difícil, só que isso não é justo. É a vida dela, não apenas um trabalho.

Passei os dedos anelares sob os olhos para limpar as lágrimas. Cici estava realmente tentando me arruinar? E Virginie estava

ajudando? Ela era mesmo uma garota da *Belle*, no fim das contas. Eu era tão idiota. É claro que não podia ser tão legal! Ninguém era tão legal assim! E, pensando bem, eu tinha inventado desculpas para coisas que não faziam muito sentido só porque gostava dela. Quando aprenderia a lição? Não podia confiar em ninguém.

— Talvez ela decida por conta própria — Virginie falou. — Não há nada para ela em New York. E será mais feliz em Londres.

Dei uma espiada e vi que Cici berrava ao telefone, obrigando Virginie a segurá-lo a uma certa distância.

— Sei que você não liga se ela será feliz, mas eu também não estou feliz — ela suspirou. — Fiz tudo que me pediu. Já falou com a Donna?

Ela estava mordendo as unhas curtas e balançando a cabeça.

— Cici, foi o que combinamos, você vai conseguir o visto para mim, não é?

Ela parou de concordar e começou a virar o rosto de um lado para o outro, o biquinho bonito se transformando em uma linha fina.

— Non. Eu preciso do visto, pois a entrevista posso conseguir sozinha.

Ainda não tinha visto Virginie realmente brava, mas, estranhamente, era bem mais agradável do que o teatrinho de fã número um. Pude ver que ela era humana. Uma humana que havia acabado comigo.

— Não pode fazer isso! — Ela gritou no telefone. — Eu fiz o que me pediu, não posso obrigar alguém a se mudar para outro país. Cici, você prometeu...

Virei a esquina, segurando a alça da bolsa para me conter.

— Angela! — Virginie voltou a sorrir, porém não rápido o suficiente. — Vim para fora atrás de você.

Fiquei alguns segundos encarando-a. Então, subitamente, tudo se encaixou na minha cabeça. Minha mala explodida, Jenny não ter falado mais comigo, tropeçar nos tênis idiotas do Alex e destruir meu rosto, arruinar o artigo da *Belle*, Alex dizendo que não queria mais que eu fosse morar com ele, Solène anunciando que o queria de volta, a saudade de Louisa, o bebê que ela teria, e agora isso. Não

havia palavras para descrever quanto eu estava brava. Por isso, não me incomodei em dizer nada. Simplesmente dei um tapa na cara dela.

— Angela! — Ela gritou, erguendo as mãos. Olhei para a palma da minha mão. Uau, tinha sido mais dolorido do que pensei que seria. Mas bastante satisfatório. Até as vozes da minha cabeça silenciaram. Havia um grupinho de pessoas ao nosso redor, algumas sussurrando, outras gritando. Movi os dedos, encarei Virginie, dei de ombros e virei as costas para aquela situação lamentável. Sério, eu estava me sentindo melhor a cada segundo. Não que a violência resolvesse alguma coisa, embora às vezes ajudasse muito.

— Angela, por favor, espere — implorou Virginie, seguindo-me. — Angela.

— Não — continuei caminhando, sentindo a cabeça leve. — Eu ouvi tudo. Sério, deixe-me em paz.

— Não, eu não estava, eu... você ouviu? — Ela perguntou, ficando diante de mim.

— Ouvi — confirmei. — Então, caia fora.

— Eu não tive escolha — argumentou Virginie. — Vou lhe contar tudo. Estou tentando uma vaga na editoria de beleza da *Belle americana*, mas não consigo o visto que preciso. Cici disse que poderia ajudar.

— A Cici nunca ajuda ninguém — retruquei, tentando passar por ela, que continuava se posicionando na minha frente. — Achei que soubesse disso.

Parei, suspirei e a empurrei para o lado.

— Não menti, nós não somos amigas — Virginie correu ao meu lado. Não adiantava tentar fugir dela, era rápida demais. — Ela descobriu que eu estava atrás da vaga e perguntou se poderia ajudá-la com seu artigo. Eu sou mesmo fã do seu blog, você é minha inspiração.

— Que parte de ser uma inspiração para alguém inclui ser completamente ferrada? — Perguntei, finalmente parando de caminhar. Mais porque estava perdida do que por ter vontade de

ouvi-la. Era tão difícil se perder em New York. Paris podia ser linda, mas era um saco se localizar aqui.

— No começo achei que fosse mesmo ajudá-la com o artigo, e foi por isso que aceitei — ela revelou. — Entretanto, depois que aceitei o trabalho, falei com a Cici e ela disse que sua chefe, Mary, estava preocupada que a *Belle* pudesse não ser boa para a sua carreira, e que não queria que você fizesse o guia; porém, você disse que faria de qualquer jeito. Depois disso, a editora-chefe comunicou à Cici que ia demiti-la.

— E você acreditou?

— A *Belle* não é boa para todo mundo — admitiu Virginie. — Não é boa para as pessoas legais.

— Sabe o que estava prestes a dizer? — Ri. Nossa, eu estava me sentindo muito estranha. — Que você é legal e trabalha na *Belle*. Não sou uma idiota?

— Eu sei que não sou legal — ela declarou sem titubear. — Mas quero trabalhar em New York mais que tudo. E a Cici disse que você era uma cretina, então não estava me sentindo mal. Até conhecê-la.

— Cici disse que eu era uma cretina — repeti. — Uau, é o roto falando do rasgado.

— Desculpe, não entendi — Virginie ergueu a mão para pegar no meu braço. — Porém, agora sei que você não é uma cretina. Eu sou, mas ainda posso ajudá-la com o guia. Desculpe, eu estava errada, mas quero muito ir para New York.

— Não preciso da sua ajuda — menti, mesmo tendo certeza de que precisava. — O artigo está bom, vou dar um jeito. E pode parar de se fazer de boazinha para mim porque a peguei no flagra. Vocês estão ferradas, você e a vaca da Cici Spencer.

— “Bom” não é o suficiente para a *Belle* — lembrou Virginie. — Por favor, deixe-me ajudá-la. Fui muito idiota ajudando a Cici, admito. Estou me sentindo péssima.

— E é bom mesmo — retruquei, tirando a mão dela do meu braço. — Você fez um pacto com o demônio. Espero que ele espete o seu traseiro.

Quase certa de que estava a caminho do hotel, deixei Virginie na rua e saí correndo.



CAPÍTULO 15

Vinte minutos e algumas ruas erradas mais tarde, cheguei à recepção do hotel quase sem fôlego, tentando parecer muito interessada nos folders da Eurodisney enquanto me acalmava. Atrás do balcão, Alain me encarava com um sorriso no rosto, porém com os olhos cheios de medo. Tudo bem, eu devia estar meio assustadora, com a maquiagem borrada e o olho roxo, mas pelo menos não estava bêbada. Bom, talvez estivesse um pouquinho bêbada, tecnicamente, embora não a ponto de estar me sentindo mal. Na verdade, nem sabia como estava me sentindo.

— *Bonsoir, mademoiselle Clark* — disse Alain depois de um silêncio um pouco constrangedor. — Como está?

— Bem — respondi, procurando a chave do quarto na bolsa. Eu sabia que estava ali, em algum lugar. Porque, ao contrário de todas as outras coisas na minha vida, essa bolsa jamais me decepcionava. — Acho que estou bem.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Ele perguntou com o tom de voz um pouco aliviado.

— Não, está tudo bem — agradei, encontrando a chave e erguendo-a, triunfante, depois de sacudir o que estava grudado nela.

— *D'accord* — ele sorriu e olhou para o monitor do computador, ou apenas fingiu que olhava só para encerrar o assunto.

Abaixei-me para pegar o pedaço de papel que tinha ficado grudado na chave, pois não queria que Alain incluísse “porca” na lista que já contava com “bêbada”, “maluca” e “pelada”. Mas não era um papel qualquer, era o envelope que Louisa tinha me dado. Abri-o e, lá dentro, havia uma fotografia. Era uma imagem de nós duas no dia do casamento dela. Estávamos no jardim, depois da cerimônia, e ela colocava uma mecha de cabelo atrás da minha orelha enquanto eu segurava nossos buquês. Como sempre, ela estava elegante e

perfeita, enquanto eu parecia uma criancinha impaciente. Roupas de festa não eram minha especialidade, e ela podia muito bem-estar com um lenço na mão, limpando a minha cara suja de sorvete de chocolate. O sol brilhava forte atrás de nós, fazendo com que os cabelos louros de Louisa quase sumissem e meu anel de noivado cintilasse. Eu era a noiva. Mas a coisa mais estranha eram os sorrisos no nosso rosto. Estávamos felizes. Muito, muito felizes.

Afundi em uma das cadeiras transparentes da recepção e fiquei observando a foto. Nem parecia eu. Por mais que olhasse, não conseguia me reconhecer naquela garota. Ela parecia tranquila e alegre e sua única preocupação era quanto tempo mais suportaria aqueles sapatos de salto alto. Claro, aquela menina nem imaginava que o noivo estaria transando com a parceira de tênis no banco de trás do carro dali a duas horas. Mas logo saberia. Passei o dedo sobre a foto, parando sobre meu anel de noivado. Nossa, eu estava noiva. Ia me casar. Parecia um conceito tão estranho, tão adulto. Coloquei a foto de volta no envelope antes que pudesse causar mais algum estrago e fiquei encarando o chão. Tinha sido apenas um ano atrás. Um ano atrás, amanhã, e parecia uma vida inteira.

— *Mademoiselle* Clark? — Alain estava ao meu lado com uma caixa de lenços antes mesmo que eu pudesse perceber que estava chorando.

— Alain, você tem os horários do Eurostar? — Perguntei, limpando as lágrimas com as costas da mão e tentando sutilmente assoar o nariz ao mesmo tempo. — Para esta noite?

— O último trem da noite já partiu — ele respondeu, entregando um lenço após o outro. Quando eu começava, não parava mais. — Quer que verifique os horários de amanhã?

— Sim, por favor — falei, colocando o envelope de volta na bolsa. Ele foi para o computador e pude ouvir o som das teclas. Fiquei parada na cadeira, deixando que as lágrimas rolassem pelas minhas bochechas e caíssem no chão. Não sabia muito bem o que estava fazendo, mas pelo menos estava fazendo alguma coisa.

— O primeiro trem sai às 7h 13. Há alguns lugares disponíveis, se quiser que eu reserve.

Olhei para dentro da bolsa e segurei o envelope com força. Nem peguei a fotografia, só olhei para a caligrafia rebuscada de Louisa no papel marrom. Dizia “Para Angela”, com tantos beijos que a caneta tinha começado a falhar. Louisa gostava de exagerar em tudo que fazia.

— Sim, reserve, por favor — saí do transe e me virei para Alain.
— E pode agendar um táxi para que eu chegue na hora?

— É claro — ele assentiu. — Gostaria que agendasse um telefonema para acordá-la, também?

— Não, não, vou acordar sozinha, não se preocupe — falei, tentando lembrar como mover as pernas. — Obrigada, Alain.

— E a que horas gostaria de voltar a Paris? — Ele perguntou, ainda digitando. O nome era Alain, sobrenome eficiência.

— Hum, não se preocupe com isso — eu me senti muito mal ao dizer aquilo. — Vou dar um jeito quando chegar lá.

Alain me encarou, só que dessa vez não estava com medo, e sim preocupado. — E vai precisar de apenas uma passagem?

Balancei a cabeça afirmativamente. Não conseguia falar.

— *D'accord*, sua passagem está agendada para as 7h13, seu táxi virá buscá-la às 6h e todas as informações estarão aqui no balcão amanhã cedo. Coloco na conta do quarto?

— Hum, não, use isto — entreguei o cartão de crédito corporativo. Melhor usá-lo enquanto ainda podia.

— Reservado — confirmou Alain, devolvendo-me o cartão. — *Bonsoir, mademoiselle*.

Consegui agradecer com um sorrisinho e fui para o quarto, sem conseguir soltar o envelope marrom que estava dentro da minha bolsa.

Quando cheguei ao quarto, tirei a roupa — tudo parecia sujo e nojento. Na escuridão, procurei debaixo do travesseiro pela camiseta e a samba-canção de Alex que estava usando para dormir e, em silêncio, me vesti. O quarto parecia imenso esta noite. Acendi o abajur ao lado da cama e abri a gaveta. Meu passaporte estava ali. Peguei-o e coloquei dentro da bolsa. Ah, minha bolsa. Aquela era provavelmente a única coisa boa que tinha aparecido na minha vida

naquele ano. Peguei uma calcinha, uma camiseta e a legging que a lavanderia do hotel deixara no quarto e coloquei no encosto de uma cadeira. Por mais que ainda estivesse arrasada por todas as coisas lindas que havia perdido, não podia negar que esse estilo de vida minimalista tinha seus benefícios. Não precisava me preocupar com o que iria vestir.

Meu plano era evitar falar com Alex a todo custo. Fingiria estar dormindo quando ele chegasse do show e, no dia seguinte, cedo, sairia sem dizer nada. Graham estava certo, nós tínhamos que conversar, mas eu não podia, pelo menos não ainda. Tinham acontecido coisas demais em muito pouco tempo. Há menos de uma semana, eu pensei que viria para Paris com meu namorado para comemorar o aniversário dele, e quando voltássemos a New York iríamos morar juntos. Agora, sabia que a) ele não queria morar comigo, b) ele queria voltar com a ex, e c) talvez eu nem voltasse mais para os Estados Unidos. Precisava arejar a cabeça, e não conseguiria fazer isso aqui. Mas podia fazer no quarto de hóspedes da casa de Louisa, assistindo ao Hollyoaks e comendo montanhas de Galaxy Minstrels. Peguei o telefone, rezei para que ela ainda tivesse o hábito de colocá-lo no silencioso à noite, e disquei o número, um pouco surpresa por ainda saber de cabeça. Que alívio, a secretária eletrônica.

— Oi, Louisa — minha voz estava seca e fraca, como se tivesse passado a noite bebendo tequila e me esgoelando no karaokê. — Estou a caminho daí. Meu trem deve chegar a Londres lá pelas 8h30. Ligo quando chegar. Amo você.

Não lavei o rosto por medo de me olhar no espelho de novo e me deitei nos lençóis frescos e brancos, enfiando o BlackBerry debaixo do travesseiro, com o alarme no modo vibratório. Pelo menos ainda servia para alguma coisa. Estava me sentindo um zumbi. Tinha passado por tantas coisas em um único dia, estava acabada. Não era possível que havia menos de quatro horas que eu tinha me despedido de Louisa. Virei para cima e fiquei encarando o teto, e depois um quadro bonito na parede. Se não fosse pelo querido Alain, eu roubaria o quadro agora mesmo. Fechei os olhos, deitei-me de lado e esperei para ouvir a porta se abrindo.

A próxima coisa que ouvi foi um zumbido baixinho debaixo do ouvido. Tateei sob o travesseiro até achar o telefone e desliguei o alarme, imóvel, esperando para ver se Alex tinha acordado. Depois de alguns segundos, percebi que alguma coisa estava errada. Virei lentamente e demorei alguns minutos para me dar conta. Alex não estava ali. Não estava na cama. Não estava na poltrona perto da janela. Não estava no quarto.

Alex não tinha voltado para o hotel.

Incapaz de pensar no que aquilo poderia significar, saí da cama e fui até o banheiro. Foi uma sábia decisão não ter me olhado no espelho antes de dormir, porque era impressionante o estrago que dois dias de sofrimento podiam causar. Felizmente, o mesmo sofrimento fazia com que não desse a mínima para nada. Quem precisava estar bonita em um trem? Lavei o rosto com água gelada, escovei os dentes e tomei um banho rápido. Podia não estar linda, mas tinha que estar limpa. Até as pessoas arrasadas têm que manter alguns hábitos de higiene.

De volta ao quarto, olhei para o lado vazio da cama. Eu provavelmente tinha desmaiado assim que fechei os olhos, pois a cama estava intacta, exceto pelo lugar onde havia me deitado na noite passada. Esforçando-me para não pensar em onde Alex poderia estar e no que estaria fazendo, peguei minha bolsa e saí do quarto, fechando a porta silenciosamente.

— *Mademoiselle?*

Alain ainda estava na recepção. Sério, tinha acontecido alguma coisa nas últimas horas? O sol brilhava pela janela, confirmando que sim, já era de manhã.

— Bom dia — falei, surpresa pelo tom de voz apagado. Tão apagado quanto eu. — O táxi já chegou?

— Sim — confirmou Alain, apontando para o carro preto parado na porta. — Veremos a senhorita esta noite?

— Você vive atrás dessa mesa? — Perguntei, brincando.

— Quase sempre — ele respondeu. — Normalmente.

Sorri, ou pelo menos tentei, e pensei em alguma coisa que pudesse dizer.

— Bem, muito obrigada. Você foi maravilhoso. Mesmo. Maravilhoso.

— Seu táxi está esperando — disse Alain sem jeito, fazendo um gesto na direção da porta. “Aparentemente, nem todos os concierges de hotel gostavam de elogios”, pensei ao sair. Mas também, minha experiência com concierges era relativamente limitada. Talvez algumas pessoas simplesmente gostassem de fazer coisas pelos outros. Que estranho.

Entrei no táxi, pedi que o motorista me levasse à Gare du Nord e coloquei os fones do iPod nos ouvidos, escolhendo uma música bem barulhenta e sem sentido. Paris estava recém-despertando às 6 horas, não era como New York. Se eu pegasse um táxi lá a essa hora da manhã, mesmo que fosse no fim de semana, veria dúzias de pessoas correndo, gente voltando para casa depois do trabalho e uma porção de sádicos saindo do Starbucks a caminho do escritório. Não dava para entender.

Paris, no entanto, era diferente, pelo menos a Paris pela qual eu estava passando. Tudo estava parado, calmo. Sempre pensei que Paris fosse uma cidade noturna, com a Torre Eiffel brilhando, o Moulin Rouge, os bares e cafés; mas, ao amanhecer, a cidade suspirava e cochichava. Não era preciso gritar, todos aqui eram refinados demais para isso. Paris era a cidade que eu queria ser quando crescesse. Se é que um dia eu ia crescer.

Não levei tanto tempo quanto achei que levaria para chegar à estação. E, na falta do que fazer, me sentei a uma mesinha diante de um café e abri o laptop. Eu não queria ficar sozinha com meus pensamentos, eles não eram companheiros de viagem muito divertidos. Conectei-me usando o WiFi da estação e decidi fazer um último post para o blog.

Se é que a *The Look* chegaria a publicá-lo, porém eu tinha que contar o meu lado da história enquanto ainda tinha chance.

As aventuras de Angela: Uh la blé

O.K., tenho algumas coisas para dizer e espero que não se importem se eu desabafar por um momento. Já tive problemas com garotas antes, todas tivemos, não é? Mas, (muito) recentemente, tive

a infelicidade de ser arrasada por outra garota. Totalmente arrasada. Aliás, não por uma, e sim por duas. Na verdade, três. Que droga. Três. Em uma semana.

O que está acontecendo? Espalharam a notícia por aí e se esqueceram de me avisar? Alguém declarou que esta era a Semana Internacional de ferrar a Angela?

Fiz uma pausa e olhei para a tela. Aonde queria chegar com isso? O que mais poderia dizer? Não estava muito afim de ter um colapso mental on-line. Tinha que parar logo, antes que começasse a raspar a cabeça em público e destruir carros usando um guarda-chuva. Na verdade, eu nem tinha um guarda-chuva. Melhor assim.

Depois de algum tempo, a página da *The Look* desapareceu e foi substituída por uma foto minha com Alex. Era a que Vanessa tinha tirado no casamento de Erin, alguns meses atrás. Estávamos encostados em uma sacada, observando a festa lá embaixo. Vanessa tinha capturado o momento em que Alex sussurrava no meu ouvido, com a gravata frouxa, o botão mais alto da camisa aberto, cabelos bagunçados caídos diante do meu rosto. Eu estava rindo de olhos fechados, com uma mão na sacada e outra no peito de Alex. Minhas bochechas estavam rosadas e o gloss, um pouco borrado.

Antes que começasse a chorar, a foto desapareceu e foi substituída por uma em que estávamos eu e Louisa. Eu tinha quase certeza de que havia sido tirada no meu último aniversário em Londres e estávamos dando um show no karaokê no meio da sala da casa dela, as duas rindo e eufóricas com a música emocionante que estávamos cantando. Ver essa foto foi meio chocante. Tinha passado tanto tempo bloqueando as memórias felizes da minha vida em Londres que era estranho ver uma delas diante dos meus olhos. Aquela noite tinha sido ótima.

Coloquei as mãos diante dos olhos. Não tinha rímel nenhum para borrar, mas não estava a fim de chorar no meio da estação de trem. Respirei pelo nariz e expirei pela boca algumas vezes, lentamente, e olhei para cima, segurando as lágrimas. Não era preciso chorar. Não era como no ano passado. Eu não estava fugindo. Estava fazendo uma escolha. Não estava me jogando em um avião e torcendo para

que tudo desse certo. Estava calmamente pegando o trem, sabendo que o que queríamos nem sempre era o melhor para nós.

Passei o dedo no mousepad do computador e a tela voltou ao *TheLook.com*. Reli mais uma vez o texto, salvei-o e fechei o laptop. Poderia retomar a leitura mais tarde. Uma chamada muito alta avisando que estava aberto o embarque no meu trem fez com que eu voltasse à realidade. Balancei a bolsa até que as porcarias todas fossem para os lados e eu pudesse encontrar a passagem e o passaporte. Isso não era uma reação. Era uma decisão. Era a decisão certa.

CAPÍTULO 16

Depois de me abastecer com água, Toblerone (três, na verdade) e uma montanha de revistas que eu sabia que não ia ler, corri para o trem. Agora não tinha mais volta. Estava indo para casa. Se é que ainda era a minha casa. Se é que algum lugar era.

O trem estava praticamente vazio, exceto por um grupo de garotas francesas, alguns casais e um leitor solitário, então ignorei o lugar marcado e me acomodei em uma mesa para quatro pessoas, ocupando dois assentos com a bunda e a bolsa, e cobrindo a mesa de revistas. Era o mais “não acolhedora” possível. Só não consegui colocar os pés no banco da frente. Do outro lado do corredor, um casalzinho fofo que dava vontade de vomitar ocupou seus lugares e ficaram juntinhos, rindo, se beijando e cochichando em francês. Uma viagem romântica para Londres? Bom, fazia sentido. Se você morava na cidade que o restante do mundo visitava quando queria um pouco de romance, para onde mais poderia ir? Tirei o iPod da bolsa e tentei fechar os olhos. Só o que queria era dormir até chegar lá. Talvez assim pudesse me convencer de que o ano passado tinha sido apenas um sonho. Um sonho muito caro e problemático.

O rock pesado que ouvi a caminho da Gare du Nord não combinava com o Eurostar; eu não queria mais afastar as vozes da minha cabeça, queria que elas adormecessem, mas nada parecia bom. Então, coloquei o iPod no modo shuffle e fiquei admirando a paisagem lá fora, tentando me desligar. Cada vez que fechava os olhos, surgia uma imagem do quarto de hotel vazio, seguida por uma visão da calça jeans desbotada de Alex caída no chão do lindo apartamento de Solène. Se pelo menos não tivesse ido àquela festa estúpida, seria bem mais difícil visualizar a cueca do meu namorado pendurada no sofá. Agora, era fácil juntar todas as peças na minha imaginação excessivamente fértil.

Estava fazendo minha melhor imitação de zumbi fazia uns trinta minutos, quando percebi que havia mais alguém me fazendo companhia na mesa. Duas adolescentes idênticas, ambas com cabelos na altura dos ombros e bolsinhas Chanel 2.55 pousadas sobre os joelhos, observavam-me animadas, como se tivessem acabado de ver um gorila no zoológico saindo do período de hibernação.

— É ela, com certeza — uma cochichou para a outra. — Veja a foto.

— Não sei — respondeu a outra, olhando para a revista que a irmã jogara em suas mãos, e depois voltando a olhar para mim, com um beicinho. — Ela, hum, parece muito diferente na foto.

— Sim, mas ela deve estar de ressaca ou algo assim — argumentou a primeira. — É ela com certeza.

Pisquei uma, duas vezes, tentando entender o que estava acontecendo.

— Posso ajudá-las? — Resmunguei. Elas se entreolharam, empolgadas, e agarraram as mãos uma da outra.

— Você é a Angela Clark? — Perguntou a primeira garota.

— Hum, sim? — Esfreguei os olhos e bocejei, esticando o braço para pegar a garrafa de água que estava sobre a mesa.

— Ah, por favor — a segunda menina pegou a garrafa, tirou a tampa e me entregou.

— Obrigada? — Falei com cautela. Será que elas iriam buscar algumas uvas para mim, também? Ou um sanduíche de bacon no vagão-lanchonete. Depois, pensei que talvez estivessem pensando em me drogar e depois me matar.

— Somos muito fãs — continuou a segunda, ainda apertando a mão da irmã e sorrindo para mim.

Mesmo que não estivesse no meio de uma crise, era muito cedo para essa bobagem.

— Do quê?

As garotas se olharam e riram.

— Suas.

Elas mostraram a revista que estavam lendo. Era a edição inglesa da *The Look* e uma foto minha muito bacana ilustrava a coluna “Aventuras de Angela”.

— Ah — bebi dois goles de água direto da garrafa. — É a minha coluna.

— E lemos o seu blog — a primeira garota mostrou o iPhone com o site TheLook.com com outra foto em que eu estava muito, muito melhor que a realidade.

— Meu nome é Sasha, e esta é minha irmã, Tânia — Tânia acenou sem jeito. — Somos gêmeas e, assim, somos suas maiores fãs no mundo inteiro.

— Estávamos em Paris. Nossa mãe nos levou para que pudéssemos fazer uma “imersão na língua” — Sasha interrompeu a irmã para apontar para o fundo do vagão. Uma versão mais velha das duas garotas estava sentada olhando para a frente, parecendo um pouco chocada. — Vamos começar nossas aulas avançadas em 15 dias e escolhemos francês.

— E lemos no seu blog que você estava indo, então fizemos nossa mãe nos levar também — explicou Tânia. — É sério, somos definitivamente as suas maiores fãs.

— Definitivamente?

— Definitivamente. Tipo, nós duas temos aquela bolsa Marc Jacobs da qual você falava o tempo todo.

— Esta? — Perguntei.

As meninas se entreolharam novamente, mas dessa vez pareciam decepcionadas.

— Hum, sim — disse Sasha lentamente, — só que as nossas não estão tão... detonadas.

— Mas somos definitivamente suas maiores fãs. Você é nosso modelo.

Hum, não era a primeira vez que eu ouvia isso esta semana, e olha como as coisas tinham acabado bem. As meninas sorriram animadas, porém não sabia o que dizer. Nunca pensei muito na coluna. A edição inglesa da *The Look* passou a ser publicada no começo do ano, então ainda não tinha visto nenhum exemplar nas

bancas nem encontrado alguém lendo a revista. Só sabia realmente que a coluna tinha saído quando recebia um exemplar três semanas depois da publicação, um chequezinho ou quando minha mãe mandava e-mail para saber o que estava acontecendo “nessa tal de New York”, porque a Carol da livraria falou que, de acordo com “aquela revista”, eu andava bebendo demais. E, para ser honesta, estava mesmo.

— Mas, então, o seu blog não mencionava nada sobre você estar voltando para Londres — Sasha deslizou a ponta do dedo pela tela do iPhone. — Hoje não é o show do seu namorado? Em Paris?

— É? — Tentei me lembrar se havia colocado isso no blog, mas não consegui. Eu nunca dava detalhes específicos sobre nada. Tinha aprendido da pior forma que a internet nem sempre era minha amiga. Que ótimo, eu tinha ministalkers!

— Você não vai perder, não é? — Perguntou Tânia. — Não pode perder o grande show do seu namorado.

— É o Alex Reid daquela banda indie, não é? — Quis saber Sasha, sem me dar a chance de responder. — Sei que nunca menciona o nome dele no blog, mas quando surgiram aqueles rumores entre você e o James Jacobs, bom, apareceu em todo lugar. Ainda fala com o James Jacobs? Ele é gay mesmo? Ele é o cara mais lindo do mundo inteiro. A Tânia é super apaixonada por ele.

— Super apaixonada — confirmou Tânia. — Mas então, é o Alex, não é? Ele também é um gato. Fizemos uma busca no Google.

— Podemos ir mais devagar? — Pedi, procurando algum analgésico na minha bolsa: Aspirina, Neosaldina, revólver. Não estava com dor de cabeça até essas meninas começarem a falar, mas uma dor começava a florescer na minha têmpora esquerda e tinha quase certeza de que havia relação entre uma coisa e outra. Agora eu sabia por que a mãe delas tinha aquela cara.

— Por que está indo para Londres? — Perguntou Sasha antes que Tânia pudesse abrir a boca.

— É o aniversário de casamento da minha melhor amiga — respondi. Não era mentira. Ponto para mim.

— A amiga daquele casamento em que você encontrou seu ex transando com a garota no banco de trás do carro? Isso foi há um ano? — Especificou Tânia desnecessariamente. Fiz um lembrete mental para parar de colocar qualquer tipo de informação pessoal no blog. E talvez mudar de nome. E fazer uma plástica total no rosto.

— Sim — respondi, massageando a têmpora.

— Está com dor de cabeça? Deveria tomar um pouco de água.

— E umas Aspirinas.

— Mas não pode dormir.

Elas empurraram a garrafa de água e uma caixa de remédios na minha direção. Peguei ambas, enquanto tentava sutilmente ver que horas eram. Meu Deus, ainda faltava uma hora e meia disso.

— Então, por que vai para Londres em vez de ir ao show do seu namorado? — Tânia esperou que eu engolissem os comprimidos antes de recomençar o interrogatório, o que, considerando o que havia aprendido sobre ela nos últimos 15 minutos, deveria ter sido muito difícil. — Não conseguimos ingressos para ir porque já estavam esgotados. Mas compramos os CDs da banda porque ele é seu namorado.

— A Tânia não gostava muito da banda — acrescentou Sasha.

— Cale a boca! — Ela deu um soquinho no ombro da irmã.

— Eu, hum, não sei — gaguejei. Duas meninas de 16 anos com um fundo aparentemente ilimitado para comprar bolsas e uma mãe que as levava para Paris em um piscar de olhos não teriam nenhum grande conselho para me dar. — Vou ver minha amiga.

— E como fazemos para ter um blog? — Perguntou Sasha, tirando os cabelos perfeitamente lisos da frente do rosto perfeitamente liso. — Porque queremos ser como você, com um blog, um namorado, morando em New York e tudo o mais.

— Bem, primeiro vocês têm que terminar os estudos — tentei assumir o papel de adulta, porém isso não combinava muito comigo. Era difícil dar conselhos a duas adolescentes super modernas quando você se sente uma boba de 13 anos. — E depois ingressar na universidade e cursar Jornalismo ou Letras, eu acho. Eu fiz Inglês.

— Não podemos só começar um blog e pedir para a *Vogue* ou a *The Look* publicarem? — Quis saber Tânia. — Já sabemos tudo sobre moda. E meu namorado toca em uma banda.

— Mas eles são péssimos — Sasha não tinha papas na língua.

— É verdade — admitiu Tânia.

— E ele não é tão bonito assim.

— Não tanto quanto Alex.

— E é meio burro.

— Mas ele tem uma banda.

— Sim, mas...

— Você não tem que sair com ele só porque tem uma banda — interrompi. — Acredite, músicos dão muito trabalho.

— Você terminou com o Alex? — Tânia bateu as palmas da mão na mesa. — É por isso que está indo para casa?

— E que está um lixo? — Acrescentou a simpática Sasha.

Sério, não me lembrava de um momento na vida em que tivera tanta vontade de chorar como aquele.

— Estamos dando um tempo — disse baixinho e bem devagar para não cair no choro.

— Aaaaah — lamentaram as duas em coro. — O que ele fez?

— A ex dele — respondi sem pensar. — Talvez. Quer dizer, não sei. Talvez nada. Mas acho que queremos coisas diferentes no momento.

Assim, eu queria ficar com ele e ele queria ficar com Solène. Eram coisas bem diferentes.

— Ele dormiu com a ex? — Questionou Sasha, chamando a atenção do vagão inteiro, com exceção de sua mãe.

— Ela é bonita? — Tânia deitou a cabeça para o lado.

— Não importa se ela é bonita — Sasha estava indignada. — Isso é loucura! Você tem que voltar, pegar o próximo trem e quebrar a cara dela. E depois a dele. E depois a dela de novo, só para garantir. Tipo, quebrar mesmo.

— Acho que ela deve ir para casa — opinou Tânia. — Colocar os pensamentos em ordem, comer um monte de sorvete durante um dia inteirinho e depois ficar super magra, no estilo “Hahaha, eu nem gostava de você”. E nunca mais vê-lo. Ou, sei lá, dormir com um amigo dele.

— Isso, você deveria dormir com um amigo dele — concordou Sasha.

— Quer um pouco de maquiagem?

— Estou bem, obrigada — recusei educadamente, ignorando tanto os olhares delas (que deixavam bem claro que, não, eu não estava) quanto os conselhos. Mesmo que fossem as duas melhores opções nas quais havia pensado, exceto dormir com um amigo dele. Eu não era exatamente o tipo de Graham, afinal, não tinha pênis.

— O que a moça que mora com você acha que deve fazer? — Perguntou Sasha, oferecendo-me um pacote de Haribo. Parecia uma coisa meio estranha para se ter dentro de uma bolsa Chanel, mas fazer o quê. Era isso que acontecia quando se davam coisas de marca para adolescentes. Bem, para adolescentes e para mim. Tinha um milhão de balas de ursinho vivendo no forro da minha publicamente humilhada bolsa Marc Jacobs.

— O nome dela é Jenny, não é?

— Sim, só que ela não mora mais comigo — senti uma pontada no estômago ao ouvir o nome dela. Pior do que ao ouvir o de Alex. Uau. — Mora em Los Angeles.

— Ela é demais! — Exclamou Tânia, enchendo a boca de doces. — Quando chegarmos a New York, eu vou ser a Jenny e a Sasha será você.

Pela primeira vez desde que deixara o hotel, um sorriso de verdade surgiu no meu rosto.

— Vai trabalhar de concierge em um hotel enquanto a Sasha só se envolve com caras babacas?

— Bom, tudo bem, não seremos exatamente iguais a vocês — Tânia deu de ombros.

Eu ri. Era um som estranho. E tranquilizador.

— Antes, ela queria ser a Carrie — Sasha revirou os olhos. — E a Rachel. E a Serena. E eu sempre tinha que ser a Charlotte, a Mônica ou a Blair.

— Mas a Blair é a mais legal — falei para Sasha. Meu Deus, isso estava ficando cada vez mais surreal. — Eu queria ser a Blair.

— Eu falei para você! — Sasha, triunfante, virou-se para a irmã.

— Ah, grande coisa — Tânia parecia um pouquinho brava. Ela seria Jenny, com certeza. — Enfim, o que a sua colega disse?

— Não nos falamos muito durante esta semana — esse era um assunto no qual eu não podia tocar sem cair no choro, por isso resolvi acabar com ele o quanto antes. — Meu telefone não estava funcionando e ela está em Los Angeles. Dá umas nove horas de diferença.

— Bom, são 8h agora, então lá são 23h — Tânia estendeu o iPhone. — Ligue para ela.

Peguei o telefone e olhei para a tela.

— Ah, não, deixe para lá, vai custar uma fortuna.

As duas caíram na gargalhada.

— Tudo bem — riu Tânia. — Ligue. Podemos falar com ela?

Respirei fundo. É claro que sabia o número de cor. É claro que ela estaria acordada às 23h, em uma noite de sábado. É claro que não ia querer falar comigo. Mas eu queria muito, muito ouvir a voz dela.

Digitei o número de Jenny, errando duas vezes o código de discagem internacional antes de ouvir um ruído distante. As meninas continuavam sentadas à minha frente, observando com interesse.

— Será que posso falar com ela em particular por um minuto? — Perguntei, levantando-me e não esperando a resposta.

— Mas você vai voltar para podermos falar com ela? — Gritou Tânia, ignorando os murmúrios, suspiros e reclamações que surgiram pelo vagão. — Preciso perguntar a opinião dela sobre umas botas. Já estamos chegando à época de começar a usá-las.

Sem saber muito bem para onde ir, abri a porta do banheiro e esperei que ela atendesse. Ou não atendesse. Ou atendesse.

— Jenny Lopez.

Quase não reconheci a voz profissional dela. Era bem diferente do “Ei, gata” ou do “Poxa, Angie” que costumava ouvir.

— Jenny, é a Angela — fiz uma pausa para que ela pudesse desligar ou pelo menos me xingar de novo. No entanto, ela não fez nada.

— Jenny? Está me ouvindo?

— Sim — ela respondeu seca.

— O.k., olhe, me desculpe — falei depressa, tentando explicar tudo de uma vez. — Eu sei que fiz uma grande besteira com as roupas, mas tenho certeza de que o seguro da *Belle* vai cobri-las, ou vou dar um jeito de pagar por elas. Eu sinto tanto, tanto, e odeio ficar sem falar com você. Os últimos dias foram horríveis, sério, me perdoe...

— Espere aí, você está me pedindo desculpas? — Interrompeu Jenny.

Segundo a Angela que me encarava do espelho, eu parecia confusa.

— Sim?

— Poxa, Angie — Jenny suspirou. — Eu é que tenho que lhe pedir desculpas. Muitas. Uma desculpa gigante. Tentei ligar para você várias vezes, mas seu celular não respondia, nem o BlackBerry, e aquela vaca do seu escritório não quis me dizer em que hotel estava.

— É sério? — A Angela do espelho estava confusa e surpresa. E precisava muito de um pouco de maquiagem. — Mas as roupas que destruí...

— Ah, fique quieta. Desculpe, Angie — Jenny falou junto comigo. — Não estou brava por causa das roupas. Foi chato, só que não foi culpa sua. Além do mais, ninguém dá a mínima, nunca pedem as coisas de volta. E também, quase tudo que lhe mandei era de coleções antigas. Fiquei brava sim, mas só fiquei puta mesmo quando tentei falar com você e não me respondeu, e aí, bom, aí eu exagerei.

— Meu telefone não estava funcionando e, bom, a coisa aqui está complicada — agitei a mão no ar, e logo lembrei que ela não podia

me ver. O que era bom, considerando o meu estado. — Sobre o que você queria conversar?

— Você primeiro, sério, não tinha alguma coisa com o Alex? — Perguntou Jenny com a voz doce e tranquilizante. Era tão bom poder conversar com ela desse jeito de novo. Era a mesma sensação de quando abracei Louisa sob a Torre Eiffel.

— Sim, mas falamos de mim depois — disse com firmeza. — Qual o problema?

— Tenho que sair da casa de Daphne — declarou Jenny baixinho. — Ela voltou a fazer programas.

— Sério? — Perguntei com a voz tão alta quanto a de Jenny estava baixa. — Na casa de vocês?

— Na casa dela — contou Jenny. — Ela perdeu alguns trabalhos como consultora de moda, todo mundo está economizando, você sabe, e acho que, para quem já fez isso antes, é um jeito fácil de conseguir dinheiro.

— Mas, meu Deus, Jenny, você tem que sair daí — gemi. — Volte para casa.

— Não posso, as coisas estão indo bem por aqui. Acho que esse é outro motivo pelo qual ela está fazendo programas. Estou cheia de clientes e ninguém a contrata. É um saco. Estou me sentindo péssima.

— Isso não é desculpa e você não pode se sentir culpada — protestei. Estava doida para tirar Jenny daquela casa, eu nunca tinha sido fã dessa amiga dela. — Não pode ficar um tempo no The Hollywood?

— Não tinha pensado nisso — respondeu Jenny. — Acho que posso fazer uns contatos e ficar durante uma semana, sei lá.

— Saia de perto de Daphne, por favor. Você não sabe que tipo de gente ela está levando para casa — e eu nem queria saber.

— Você tem razão. Vou fazer as malas amanhã cedo — Jenny bocejou alto e ouvi as molas de um colchão rangendo. — Ela está “trabalhando” hoje, então vou deitar cedo. Não durmo direito desde que descobri o que ela tem feito, semana passada.

— Sinto muito, Jenny — bocejei junto com ela. — Também não tenho dormido bem.

— Então, o que está acontecendo? Conte tudo.

Fiz uma careta e respirei fundo.

— Certo, vou lhe contar a versão resumida. A ex-namorada de Alex está aqui em Paris e decidiu que o quer de volta. Ele tem estado meio estranho e, quando saímos para comemorar seu aniversário, ele me disse que achava que nunca ia se casar e ter filhos e que não queria mais morar comigo.

— O quê?

— É, e isso é só metade da história.

— Que droga. Desembuche.

— A Cici sacaneou o trabalho que estou fazendo para a *Belle*. Ela me arranhou uma assistente que me levou a uma porção de lugares ruins e cortou meu telefone. Além disso, como estava sem carregador, não conseguia usar o laptop e todas as minhas anotações estavam na mala. Por isso, elaborar o guia tem sido um pesadelo e, basicamente, ela está tentando me ferrar para que eu seja demitida e ela possa ficar com o meu emprego.

Jenny respirou fundo.

— Certo. Vou começar pela Cici.

— O.k. — mordi a unha do dedão.

— Ela é uma vaca e vai morrer. Você tem alguma prova?

— Na verdade, não — refleti sobre o que acontecera nos últimos dias. — A não ser que Virginie, a assistente que deveria estar me ajudando, conte para todo mundo o que aconteceu.

— E ela estaria disposta a isso?

— Duvido.

— Quer que eu dê um jeito nela?

— Por acaso vai pegar um avião para Paris só para dar um jeito nela?

— Se for preciso.

Sorri e balancei a cabeça.

— Está tudo bem. Acho que o artigo vai ficar bom. Espero.

— Vou ligar para algumas pessoas e ver se alguém conhece lojas em Paris que possa citar, mas aquela vaca tem que ser demitida — insistiu Jenny. — Você tem que, no mínimo, contar tudo a Mary

— Já mandei um e-mail, mas ela não respondeu — estava evitando pensar em como seria minha próxima conversa com Mary. Não seria nada divertida. — Espero que ela não me demita.

— Isso pode acontecer?

— Há possibilidades.

— Aí você encontra outro emprego.

— Mas vou perder meu visto.

— Você se casa com alguém e arranja outro.

— Gostaria de dizer que o Alex não iria apreciar a ideia, mas já não sei mais — fez uma pausa para ouvir e ignorar uma batida na porta. — Ele pode até ficar feliz de se ver livre de mim.

— E então, o que aconteceu exatamente? — Perguntou Jenny. — Não me diga que aquele pateta colocou a salsicha no lugar errado.

— Você fala coisas tão lindas — brinquei, usando um tom de voz um pouco mais baixo agora que sabia que tinha uma plateia do lado de fora. — E eu não sei. Ele não voltou para o hotel na noite passada.

— Ele ainda não está aí? — Questionou Jenny. — Ligou para ele?

— Não — admiti. — E, assim, não estou no hotel.

— Ah, Angie — suspirou Jenny. — Você vai ter que começar do começo, querida.

Então, comecei do começo. Descrevi cada detalhe do que tinha acontecido na última semana, desde o momento em que conheci Solène no café, até nosso confronto durante o show de Alex, passando pela catástrofe do jantar de aniversário, a festa de Solène e o encontro secreto que acabei vendo. E não me senti melhor por contar tudo aquilo.

— Angie, essa garota é doida — afirmou Jenny. — Acredite em mim. Nós, loucas, sempre nos reconhecemos. Mas isso não quer dizer que tem alguma coisa rolando. Sabe que estou do seu lado,

mas o Alex jamais trairia você com essa vaca. Com ninguém, na verdade, mas principalmente com essa vaca.

— Acontece que eles têm uma história juntos, ele a amava e eles iam se casar e...

— Angie, pare — Jenny interrompeu. — Vou ter que pegar pesado, certo? Somente porque eu a amo, o.k.? Você não estava noiva antes de conhecer Alex?

Prendi a respiração.

— Sim.

— E o cara não a traiu?

— Sim.

— Você está certa — cedi.

— Claro, dá — Jenny bufou do outro lado da linha. Era impressionante como conseguia ser extremamente companheira e extremamente pentelha ao mesmo tempo.

— Mas tem um probleminha — falei, finalmente decidindo que era hora de sair do banheiro. Afinal, era meio nojento. E acho que faria as cinco pessoas que esperavam do lado de fora bem felizes. Ainda bem que não quebraram a porta. Provavelmente eram ingleses. — Com essa parte de voltar para o hotel.

— Onde você está? — Perguntou Jenny, e a ligação começou a ficar cortada. — A ligação fica muda. Que droga, esses telefones de Paris.

— Estou em um trem — respondi, voltando até o meu assento, diante do qual Sasha e Tânia pareciam o Tigrão de tanto que pulavam. Se o Tigrão tivesse passado a última hora bebendo refrigerante e comendo Haribo. — Acho que vamos entrar em um túnel.

— Diga que está indo para o festival, Angela — a voz de Jenny tinha um tom de alerta. — Diga.

— Bom, não. Eu meio que surtei um pouco e, hum, estou a caminho de Londres — admiti, encostando a testa no bagageiro que ficava no meio do vagão. O grito que ecoou do outro lado da linha não ajudou nem um pouco minha dor de cabeça.

— Você o quê? — Berrou Jenny. — Angela Clark, saia dessa droga de trem agora. Não dá para acreditar em você, sabia?

— Mas eu não sabia o que fazer — tentei manter o tom de voz baixo, porém não era fácil. — Pensei que Alex estava me traindo, que você não queria mais falar comigo, que ia perder o emprego, e aí achei que fosse melhor voltar para casa do que ir para New York para ser chutada, demitida e deportada. O que faria no meu lugar?

— Sua idiota — gemeu Jenny. — Será que vou ter que agendar um horário para falar com você todos os dias para ter certeza de que não está fazendo nada completamente imbecil?

— Sim? — Sugeri, dando de ombros. Certamente minha vida seria mais fácil assim.

— Angie, por que sempre acha que o pior vai acontecer? — Eu podia até vê-la balançando a cabeça. — Por que está indo para lá?

Mordi o lábio.

— Porque não sabia para onde ir, então pensei, você sabe, vou para casa. Não é o que as pessoas fazem?

— Sim, mas Londres não é mais a sua casa, Angie — declarou Jenny. — Não é?

— Eu não sabia o que fazer — repeti, dessa vez mais baixinho e com lágrimas escorrendo pelas bochechas. Dei as costas para as gêmeas, ignorando a impaciência evidente das duas.

— Sinto muito, Angie — falou Jenny. — É sério, parece que é tudo culpa minha. Eu não estava por perto quando precisou de mim.

— Jenny, não — estava um pouco engasgada com as palavras. — Eu é que sou uma idiota. Estava fugindo de novo. As coisas estão difíceis; mesmo que consiga resolver tudo com Alex, é bem provável que vá perder meu emprego. É melhor ir logo para Londres.

— Sabe o que acabei de dizer sobre sempre achar que o pior vai acontecer? — Lembrou Jenny gentil. Bem, o mais gentil possível, considerando que era Jenny. — Angie, você quer voltar para Londres?

Mordi o lábio e refleti um pouco. Louisa, EastEnders, peixe com batatas. Sim. Mark, minha mãe, o ônibus 77. Não.

— Porque, se quer mesmo voltar, de verdade, do fundo do seu coração, então volte — ela continuou. — Mas se quer ficar em New York com Alex, trabalhando como escritora, dessa vez terá que lutar por isso. Se é o que você quer, vai valer a pena.

— Ah, Jenny, eu não sei, preciso pensar...

— Alô? — A linha cortou uma, duas vezes.

— Jenny, está me ouvindo? — Gritei, logo percebendo que a paisagem rural tinha sido substituída pela escuridão. Estávamos no túnel. Falando um palavrão um tanto alto demais, voltei para o meu lugar.

— Desculpe, a ligação caiu — expliquei, entregando o telefone para Tânia. Não lembrava direito qual das duas gêmeas era a dona do aparelho. — Mas, hum, ela disse que posso passar o e-mail dela para vocês e ela vai responder a todas as suas perguntas.

As meninas soltaram gritinhos empolgados e tiraram caderninhos Smythson idênticos das bolsas para anotar o e-mail de Jenny. Se havia me perdoado pelas roupas, me perdoaria por isso. Um dia.

— E ela disse que podem escrever agora mesmo, porque ela vai ficar meio ocupada nas próximas semanas e está doida para conhecê-las — Menti de novo. Agora precisava de um pouco de paz e silêncio para organizar as ideias, e responder às perguntas de Tânia e Sasha sobre a melhor forma de conquistar um namorado roqueiro não ajudaria muito.

Encostei a cabeça na janela e fechei os olhos. Cruzei os dedos sob a mesa, torcendo para que elas se convencessem de que eu estava dormindo e me deixassem em paz.

— Angela? — Sussurrou uma delas.

— Quieta! — Disse a outra. — Não está vendo que ela está dormindo?

— Não precisa me bater, sua vaca — reclamou a outra. — Eu só queria perguntar algumas coisas sobre o James Jacobs.

— Deixe-a dormir — falou a irmã depois de alguns segundos de silêncio.

— Ela parece estar precisando descansar um pouco. Para ajeitar a vida.

— Fale sério, Sasha, nem que ela entrasse em coma conseguiria ajeitar a vida — riu a primeira, que, pelo jeito, era Tânia. Só o que pude fazer foi me controlar para não chutá-la sob a mesa. — E nem acredito que a conhecemos. Isso é demais.

— Vamos até a lanchonete pegar uma Coca Diet? — Perguntou Sasha depois de uma pausa breve.

— Sim, vamos lá — concordou Tânia, e as duas se levantaram.

Quando tive certeza de que elas tinham ido embora, coloquei os fones de ouvido do iPod e fiquei olhando para meu reflexo no vidro escuro. O.k., Tânia tinha razão, eu estava um trapo. Meu cabelo estava oleoso, a pele estava cinzenta e os olhos tinham uma bolsa maior que a minha Marc Jacobs, mas isso era esperado, não? Pensei no que Jenny havia dito e, mais importante, no que eu respondera a Jenny. Quando ela me contou que precisava sair da casa de Daphne, eu não lhe disse para voltar para New York, e sim para voltar para casa. E era verdade. New York era minha casa.

Então, na pior das hipóteses, se Alex decidisse terminar comigo e eu perdesse meu emprego, será que ainda iria querer ficar em New York? Fiz um beicinho para meu reflexo. Será que ficar solteira e desempregada em New York era pior do que ficar solteira e desempregada em Londres? E, assim, eu não sabia se seria demitida. Talvez a equipe da *Belle* acabasse comigo, mas Mary não iria me demitir. Havia explicado a ela o que aconteceu, ela sabia do que Cici era capaz e, de qualquer forma, eu não tinha feito nada de errado naquele emprego, continuava escrevendo no blog normalmente. Jenny estava certa, eu sempre achava que o pior iria acontecer.

E se tivesse que lutar para ter outra oportunidade na Spencer Media, eu lutaria. Ou mesmo em outro lugar. Eu ainda era a garota que conseguira tirar James Jacobs do armário. Talvez conseguisse convencer Blake e ele a adotarem um bebê. Seria uma grande história. Muito pouco ética e a pior coisa que poderia acontecer a uma criança no mundo, mas ainda assim. Bom, talvez não fosse a pior coisa, pois apesar dos pais extremamente imaturos, seria uma criança muito bem vestida.

E quanto a Alex, Jenny estava certa. Eu não podia desistir dele tão rápido. Ela só não estava certa a respeito de não valer a pena quebrar a cara da Solène. Considerando que tinha sido extremamente satisfatório dar uma bolacha na cara de Virginie, nem podia imaginar como seria bom dar uns puxões de cabelo em Solène. Não que eu fosse uma pessoa violenta. Bem, talvez uma vez por ano.

Mas não podia me esquecer de Louisa, do bebê e das maratonas de X Factor. Seria muito fácil enterrar a cabeça na areia e desaparecer em um subúrbio londrino por um tempo. Desde que não tivesse que lidar com a minha mãe. Ou com meu ex. Ou com meu desemprego. Talvez pudesse trabalhar de babá para Louisa. Ela não se importaria com o fato de eu nunca ter segurado um bebê sem fazê-lo cair no choro, não é? Poderia levá-lo para passear, garantir que tirasse muitas sonecas e assistir aos *Teletubbies* com ele. Só não sabia se queria lidar com as fraldas sujas. E o choro. E as noites em claro. Certo, eu não poderia ser babá. Talvez pudesse trabalhar em um café ou algo assim. Escrever um livro. Não que tivesse alguma ideia. “E sempre poderia fazer como Daphne”, pensei. Hum. Acho que não ia dar certo; considerando que estava morrendo de medo de ter que dizer a minha mãe que não tinha emprego, imagine só dizer que agora teria a profissão mais antiga do mundo. E com meu cabelo e minha bunda no estado em que estavam, não conseguiria ser uma prostituta de primeira classe. Prostituta de classe média baixa, no máximo.

Vi que as garotas estavam voltando, armadas com Coca Diet e mais Haribo. Tinha quase certeza de que era só isso que elas comiam. Faria todo sentido. Açúcar e substâncias químicas. Fechei os olhos e voltei a me encostar na janela, contando os segundos até o trem chegar a St Pancras. Ainda tinha muito no que pensar, mas não muito tempo para pensar em tudo.



CAPÍTULO 17

Depois de trocar telefones com Sasha e Tânia (percebendo tarde demais que tinha passado meu número verdadeiro, pois estava distraída para inventar um) e de prometer que falaria com “o pessoal da revista” sobre a possibilidade de elas terem seus próprios blogs, passei direto pela alfândega e parei no meio do saguão da estação, em frente a um telefone público. Em vez de pegar o fone, olhei para o alto em busca de inspiração. Mas, em vez de ver uma luz sagrada, o que vi foi o maior bar de champanhes do mundo.

— É sério? Vocês já estão abertos? — Perguntei, sentando-me em uma banquetta e observando ao redor, maravilhada. — Não são nem 8h30.

— Estamos — a menina atrás do balcão sorriu educadamente e colocou a taça que estava polindo diante de mim. — Abrimos às 7 horas. E tem movimento desde esse horário.

— Não acredito que as pessoas sentam aqui, em público, para tomar champanhe às 7 da manhã.

Era uma coisa realmente linda. Nunca tinha visto tantas garrafas de champanhe em um só lugar. E olha que já vi muitas garrafas de champanhe, afinal, morei quase um ano com o Furacão Jenny.

— Bem — a garota sorriu para mim, —, deseja alguma coisa?

— Hum, sim — falei sem saber exatamente o que pedir. Ela não ia me trazer um chá, não é? Peguei o cardápio de champanhes, consciente de que nenhuma das minhas grandes decisões na vida tinha sido feita sob influência de álcool, mas decidida a postergar o máximo possível a necessidade de tomar uma decisão. Não é como se estivesse bebendo vinho vagabundo sentada no meio-fio. Eu estaria apreciando uma civilizada e elegante taça de champanhe. Às 8h22. — Vou querer um Taittinger.

— Perfeitamente.

A atendente serviu meu champanhe e se afastou para continuar polindo taças. Que estranho. Se estivesse sentada sozinha em um bar em New York, o garçom sempre tentaria puxar conversa, era um pré-requisito do trabalho. Se você não quisesse conversar, eles logo perceberiam (bastava um sorrisinho amarelo diante da primeira piada), mas não deixavam de tentar. Felizmente, hoje era um dia em que eu estava mais do que feliz em encontrar um pouco da boa e velha seriedade britânica.

Observei as bolhas estourarem na superfície do champanhe, primeiro uma trilha e depois mais lentamente, uma a uma. Pop, pop, pop. Bebi um gole. Estava uma delícia. Não é o que normalmente escolheria para beber a essa hora, mas era sempre bom experimentar coisas novas. Lembrei-me da última vez em que tinha bebido (muito) champanhe. O casamento de Erin. Alex estava maravilhoso naquele dia, tão atencioso, tão apaixonado. Ele tinha enfrentado horas de conversa com bancários com um sorriso no rosto, só para estar ali comigo. “Não que não tenha sido recompensado”, pensei com um sorriso surgindo no rosto. Aquela foi a primeira vez em que pensei que um dia poderíamos fazer aquilo. Casar, é claro. Sexo nós já fazíamos havia tempos. E o último grande evento regado a champanhe antes do casamento de Erin tinha sido o de Louisa. Que não foi nem um pouco romântico.

— Mas que diabos, o que estou fazendo aqui? — Perguntei em voz alta.

A menina atrás do balcão lançou um olhar um pouco preocupado na minha direção, que tentou transformar em um sorriso, mas sem ser suficientemente rápida. Eu não tinha forças para sorrir para ela, então apenas esfreguei o rosto e os olhos com força.

— Você me vê a conta, por favor? — Pedi.

— É claro, madame — ela me entregou o recibo branco em uma bandejinha de prata, ignorando minha expressão assassina para a “madame”. Quantas vezes teria que repetir?

Coloquei o cartão de crédito na bandeja, porém levei uns dois minutos tentando me habituar novamente ao sistema de chip e senha. Peguei a taça de champanhe, pronta para virar tudo de uma vez — sempre elegante —, mas desisti e recoloquei-a no balcão.

Sério. Chega disso. Antes que pudesse mudar de ideia, levantei, apanhei minha bolsa e desci correndo as escadas, tão rápido quanto tinha subido.

Parei diante de um telefone público raramente usado, maravilhada por saber que ele aceitava cartões de crédito, e peguei o fone. Com o champanhe me deixando mais confiante, teclei o primeiro número, esperando a chamada completar, e fechei os olhos.

— Oi, aqui é o Alex — caiu imediatamente na caixa postal, sem tocar uma única vez. — Deixe uma mensagem se quiser, mas vou logo avisar que nunca ouço essa coisa.

— Alex, se ouvir isso, sou eu; preciso falar com você — falei assim que ouvi o bipe. — Hum, acho que deve estar a caminho do festival, mas, aí, que droga, preciso muito conversar com você. Só que estou sem telefone. Então, ligo depois. É, é isso. Ligo mais tarde.

Desliguei e olhei ao redor. Ainda eram 8h30, mas a estação já estava bem movimentada. Era estranho pensar que eu estava de volta à Inglaterra pela primeira vez em um ano. Havia uma WH Smith à esquerda, uma Foyles à direita e, oh, M&S! Dava para ver uma M&S.

A saudade de casa que surgia de vez em quando em Paris agora bateu forte. Havia detalhes ingleses por todo lado e camisetas de futebol — não só do Manchester United, como em New York. Era muito estranho. Tão familiar e, ao mesmo tempo, tão novo. No entanto, algumas coisas ainda eram as mesmas em todo o lugar, como os copos do Starbucks nas mãos das pessoas, os fones de ouvido brancos e muitas calças jeans justas. Contudo, todas essas coisas não ajudavam a me sentir melhor. Não me faziam querer ficar. A única coisa que eu sabia com certeza era que precisava fazer xixi.

Tirei o fone do gancho mais uma vez e recoloquei o cartão de crédito. O sinal de chamada tornou-se um chamado, e o chamado deu lugar a uma voz.

— Alô?

— Louisa?

— Angela?

Sorri. Ainda era muito bom ouvir a voz dela.

— Sim, eu, hum, estou em Londres...

— Querida, que maravilha! — Louisa gritou. — Annette! É a Angela. Ela está em Londres! Está vindo para casa!

— Poxa, Lou, você está falando com a minha mãe? — Exclamei. — Por que diabos ela...

— Sim, claro que vou passar para ela, Angela, é a sua mãe — ela disse, e logo sua voz foi substituída pela de uma Annette Clark muito brava.

— Angela? É a sua mãe — ela anunciou, o que era completamente desnecessário. — Onde você está?

— Estou... — meus lábios formaram uma linha fina. — Estou em Paris.

— Então, por que o identificador de chamadas está mostrando um número de Londres?

Saco.

— Quer dizer, eu estava em Paris. Agora estou em St Pancras — admiti. Ela estava assistindo a muitas séries de detetive.

— Bem, pois venha logo para Waterloo — ela disse como se eu fosse uma idiota. — Lembra como chegar lá? Dá para comprar uns cartões especiais agora, Oysters ou algo assim. Tem dinheiro? Pode comprar um?

— Mãe, cartões Oyster existem há anos — suspirei. — Tenho um. E sim, eu sei como ir de St Pancras até Waterloo. Já fiz isso antes.

— Bom, como eu poderia saber? — Ela respondeu mal-humorada. — Você está há meses passeando pelos Estados Unidos e não contou nada sobre estar voltando para casa. Seu pai teria ido até aí de carro para buscá-la, você sabe.

— Sei — respondi. A ideia do meu pai chegando aqui de Ford Focus nesse momento era demais. Ele provavelmente me daria uma olhada e me levaria direto para a reabilitação. — Mas não vou voltar para casa.

Um fato do qual eu ainda não tinha certeza, até falar em voz alta.

— Vai, sim. A Louisa disse que você estava voltando — mamãe declarou. — A que horas chega? Tem alguma coisa decente para

usar na festa ou devo ir buscar aquela caixa de roupas que ficou no sótão?

— Que caixa de roupas? — Perguntei incapaz de seguir a linha de pensamentos da minha mãe.

— Aquela que fui buscar na casa do Mark quando você correu para New York — ela explicou. — Deve ter alguma coisa lá. Ou então poderá usar um vestido meu.

Solucei em silêncio ao pensar na ideia de aparecer na festa de aniversário de casamento da Louisa usando um modelito Dorothy Perkins. E depois me imaginei saindo de um táxi com o minivestido bordado Balenciaga e os sapatos Giuseppe Zanotti. Se eles não tivessem explodido, até que valeria a pena usá-los só para ver a cara de Mark.

— Angela, está aí? — Chamou minha mãe impaciente. — Será que você vai passar em uma Waitrose a caminho daqui? A Louisa contratou um bufê que eu tenho certeza de que será maravilhoso, mas não estou vendo nenhuma cebolinha em conserva. Quem faz uma festa de família sem cebolinhas?

— Mãe, posso falar com a Louisa só um minuto? — Mordi o lábio. Ela estava tornando tudo cada vez mais fácil.

— Não posso acreditar que não ia me dizer que estava voltando para casa — ela continuou ignorando completamente o meu pedido. — Vamos ter uma boa conversa sobre seus modos quando chegar, mocinha. E você vai ficar conosco, é claro, mas não pense que vai tratar a nossa casa como hotel, saindo e chegando na hora que bem entender.

— Mãe...

— Se não tivesse encontrado o Tim no supermercado, nem saberia que você estava na França. Na França! Não entendo. Por que você não veio direto para Londres, não dá para entender. Fica passeando por aí.

— Mãe, posso falar com a Louisa, por favor? — Eu estava perdendo a paciência muito rapidamente, e a culpa nem era dela. Certo, um pouco era, sim, mas não toda.

— O.k. — ela bufou. — Só não conte para ela o que falei sobre as cebolinhas. Louisa!

— Obrigada, Annette — ela disse com um sorriso na voz, antes de baixar o tom. — Ela pediu que você trouxesse cebolinhas? Que saco, Angie, se ela não parar de falar nisso, vou afogá-la em uma vala de conserva de cebolinhas. Não que ela precise, essa velha amarga...

— Por que ela está aí, Lou? — Não consegui ficar com pena dela, pois com certeza minha mãe não estava lá às 8h30 a troco de nada.

— Ela se convidou para ajudar na festa — explicou Louisa. — Dá para acreditar?

Ah, agora sim.

— Desculpe por colocá-la na linha, mas estava prestes a matá-la — ela suspirou. — E, você sabe, ela é sua mãe.

— Desculpe — falei do fundo do coração. — Lou, olhe só, eu sei que disse que ia voltar, mas não vou. Pensei um pouco e decidi que preciso voltar a New York.

— O quê? Angela, querida, achei que você estivesse em Londres! — Ela parecia confusa. Compreensível. — Não está em St Pancras?

— Sim, mais ou menos — respondi, tentando calcular que horas eram em Paris. Se eram 8h30 aqui, eram 9h30 lá. Se conseguisse pegar um trem na próxima hora, chegaria a tempo. — Eu sinto muito, tenho agido como uma idiota na última semana. Mas é que estava me sentindo perdida, sabe?

— Então venha para casa — minha amiga disse com firmeza. — Não estará perdida se estiver em casa.

— Sim — concordei. — E é por isso que vou para casa.

— Querida, não estou entendendo nada — agora era Lou quem estava perdendo a paciência. — Você vem ou não? Preciso saber, para poder preparar seu quarto.

— Ela vai ficar comigo! — Ouvi mamãe gritar.

Por mais legal que fosse ver as pessoas brigando por mim, era realmente o fim da picada.

— Vou voltar para New York — declarei. — Conversamos amanhã.

— Honestamente, Angela — Louisa falou com ar de superioridade.
— Um dia você vai ter que crescer e tomar decisões como uma adulta.

— Sei que não parece a coisa certa no momento — respondi, olhando com inveja para uma menininha que saltitava enquanto comia Percy Pigs. — Mas é o que vou fazer. Confie em mim.

— Sempre — ela assentiu. — Só estou chateada por não tê-la de volta. Mas você sabe que sempre será bem-vinda se mudar de ideia, não é?

— Sei, e lhe garanto que não vou mudar de ideia — prometi. — Ligo mais tarde, desejo que seu dia seja maravilhoso e sinto muito pela minha mãe.

— Não tanto quanto ela vai sentir se não parar de falar dessas malditas cebolinhas — ameaçou Louisa. — Amo você.

— Também amo você — respondi, desligando o telefone.

Respirei fundo, olhei novamente para o relógio e procurei a bilheteria. A caminho da cabine que tinha a placa do Eurostar, minhas sapatilhas começaram a escapar do calcanhar, fazendo um barulho muito agradável enquanto eu andava. Abri a porta de vidro e me aproximei do homem com ar cansado que estava na mesa com meu melhor sorriso de “por favor, me ajude”.

— Posso ajudá-la, senhorita? — Ele sorriu.

Aumentei ainda mais meu sorriso em agradecimento à “senhorita”.

— Olá. Preciso de uma passagem para Paris — falei, pegando a carteira.

— É claro — ele disse, digitando alguma coisa no teclado. Esfreguei os olhos para afastar o sono, lembrando que doze horas tinha feito exatamente a mesma coisa diante de Alain. — E quando gostaria de viajar?

— Agora?

Ele me encarou incrédulo.

— Mesmo?

— Sim, por favor — respondi, dando de ombros.

— Certo — ele assentiu, digitando mais um pouco e conferindo algumas listas. — Compras de última hora?

— Na verdade, não — sorri alegremente. — Preciso ir até lá quebrar a cara de uma garota que está tentando roubar meu namorado e depois dizer a ele que o amo, mesmo que ele esteja tendo uma crise de meia-idade ou um caso, ou o que quer que seja; e se não quiser se casar nem morar comigo, ainda assim quero ficar com ele.

O homem me fitou. Provavelmente, nem todo mundo que aparecia aqui a essa hora da manhã falava tanto sobre a própria vida.

— Por isso, preciso chegar lá o quanto antes.

O atendente continuou me olhando mais um segundo, mas logo abriu um enorme sorriso e juntou as mãos.

— Muito bem! — Ele exclamou. — Vamos encontrar um lugar para você no das 9h30.

— O 9h30 — repeti, passando o peso de um pé para o outro em uma dancinha, para diversão de todas as outras pessoas que estavam na bilheteria. — Quanto é a passagem?

— Bem, como estamos em cima da hora, só terei classe executiva — ele informou, conferindo a lista. — São £350.

Parei a dancinha. Uau. Agora, estava até sóbria.

— O próximo assento disponível na classe econômica é no das 12h30, só que chegará a Paris às 15h45.

— E ainda dá tempo de pegar o das 9h30? — Perguntei, verificando meus cartões de crédito.

— Sim, dá tempo até de tomar um café. Mas esteja na plataforma 20 minutos antes da partida — ele se aproximou e disse baixinho: — Dizem que é meia hora, porém 20 minutos é o suficiente. Se quiser comprar alguma coisa, tomar café, lavar o cabelo, ou algo assim.

— O quê?

— Nada — o homem voltou a olhar para a tela.

— Vou comprar — falei, entregando o cartão de crédito.

Ele passou o cartão na máquina e esperei diante do teclado, os dedos posicionados, mas nada aconteceu.

— Infelizmente, este cartão foi recusado — ele fez uma cara exageradamente triste. — Tem algum outro que possa tentar? Ou alguns?

Olhei de volta para ele com uma careta. Esse cara ia entrar na minha lista negra rapidinho. Verifiquei a carteira novamente e achei o cartão corporativo da Spencer Media. Se isso não era uma emergência, não sei mais o que seria. E eu poderia devolver o dinheiro. Ficaria tudo bem. Claro.

Passei o cartão e esperei. Depois de um segundo, a máquina soou e expeliu uma tirinha de papel para que eu assinasse.

— Que bom, hein? — Comentou meu (não muito) bom amigo, entregando-me a passagem do Eurostar. — E não se esqueça de puxar o cabelo delas, essas vacas ficam loucas quando puxam o cabelo delas — ele acrescentou confiante.

— Obrigada — falei, saindo dali.

De volta ao saguão, lembrei que precisava muito ir ao banheiro. Assim que lembrei, a vontade ficou ainda pior. Felizmente os toaletes eram logo ao lado da bilheteria e, para minha sorte, não tinha fila. Agradei aos deuses do banheiro feminino por essa bênção e entrei em um cubículo. Que alívio.

Enquanto lavava as mãos, não pude deixar de me olhar no espelho enorme e iluminado, e tive que admitir que o cara da Eurostar estava certo. Eu estava péssima. Pior do que na vinda para cá. Não podia enfrentar Solène desse jeito. Ainda tinha vinte minutos até o embarque no trem e precisava usá-los com sabedoria.

E a sabedoria me disse que havia um único lugar aonde eu poderia ir. Em poucos segundos, estava sentada no espaço Clarins da Boots, explicando para a vendedora de maquiagem a situação e permitindo que ela enchesse meu rosto de loções, poções e, por fim, uma tonelada de maquiagem. Como já extrapolara os limites do cartão corporativo, aproveitei para comprar quase todos os itens de maquiagem (questão de educação) e corri para a seção de xampus para cabelos secos, escovas e prendedores de cabelo. Seria uma missão que eu nunca enfrentara sozinha, pelo menos não sem a Jenny, a Erin e um pequeno exército de cabeleireiros. Parei na M&S para comprar Percy Pigs suficientes para alimentar o trem inteiro,

quando vi que já eram quase 9h e corri para o trem. Só perdi o sapato duas vezes.

Cheguei ao embarque exatamente quando começaram a chamar os passageiros do trem das 9h30, desejando ter tido tempo suficiente para ligar novamente para Alex, desejando ter me lembrado de comprar uma calcinha nova na M&S, e desejando nunca ter sido tão estúpida a ponto de vir para Londres, para começo de conversa. Segurando o passaporte e a passagem com uma mão e enchendo a boca de docinhos deliciosos com a outra, passei o cartão na máquina e segui o atendente com cara de assustado.

Eu tinha conseguido.

CAPÍTULO 18

A viagem de volta para Paris foi dolorosamente lenta, mas pelo menos tive tempo para fazer alguma coisa com meu cabelo. Quando desembarquei na Gare du Nord, estava com um visual bastante *avant-garde*, com uma tiarinha preta e uma tonelada de xampu seco, também conhecido como a melhor invenção desde o pão de fôrma. Na verdade, esse cosmético poderia até ultrapassar o pão de fôrma nessa lista, porque, com certeza, já havia salvado mais mulheres.

O motorista do táxi pareceu entender minha urgência, ainda que não tivesse compreendido direito o que falei. Repeti o nome do hotel três vezes, em um francês lamentável, até que decidi escrever no verso da nota fiscal da Boots. Só então o motorista grunhiu e partiu. O trânsito estava muito pior do que de manhã. Paris tinha acordado e estava aproveitando o domingo. “Fala sério, por que todo mundo resolveu ficar relaxando nos cafés e comendo doces justamente quando preciso atravessar a cidade o mais rápido possível?”, pensei agitada pela ansiedade e pelo exagero de balinhas de gelatina. Era assim que Tânia e Sasha deveriam se sentir o tempo todo.

Milagrosamente, chegamos à Rue Amelot sem que eu tivesse que descer do carro e assassinar um pedestre que achava legal atravessar a rua na frente do meu táxi quando o sinal já estava aberto, e sem que o taxista me matasse por estar berrando para os turistas com a cabeça para fora da janela. Foi divertido. Joguei o dinheiro para o motorista, provavelmente mais do que deveria, ou menos, saltei do carro e entrei no hotel.

— Mademoiselle Clark? — Alain ergueu a cabeça surpreso quando entrei na recepção. — Não tinha ido para Londres?

— Eu fui — expliquei, apertando o botão do elevador, —, mas mudei de ideia. Por acaso você sabe se o meu namorado, hum, monsieur Reid, está aqui?

— Monsieur Reid saiu há algum tempo — respondeu Alain, parecendo bem confuso. Compreensível.

— Que droga! — As portas do elevador se abriram, mas não dava tempo de subir. Se ele já estava a caminho do festival, eu tinha que ir para lá agora.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — Perguntou Alain. Pude ver pela expressão dele que se arrependeu das palavras assim que elas saíram de sua boca.

— É o seguinte, Alain — tentei usar o mesmo sorriso “por favor me ajude” que fora tão útil com o atendente da Eurostar. — Preciso chegar ao Arras. Na verdade, eu deveria estar lá há algum tempo, mas fiz uma besteira e acabei indo para Londres.

— Isso é um problema — Alain meneou a cabeça para mostrar que estava acompanhando, o que me deixou bem impressionada.

— Não é? Acontece que não sei como chegar ao Arras. Tem um festival e preciso estar lá o quanto antes. Pode me ajudar?

— O trem sai da Gare du Nord, e acredito que o próximo seja às 16h20 — ele torceu o nariz, e podia não saber, mas estava igualzinho à melhor das concierges, Jenny Lopez. — Leva cerca de uma hora. E aí você pode caminhar até a praça.

— Acabei de vir da porcaria da Gare du Nord! — Agarrei o tampo da mesa e bati o pé frustrada. — Vai demorar muito. Quanto vai sair se eu pegar um táxi?

— Muito caro.

— Muito?

— Muito.

— Saco.

Encostei a testa no balcão e esperei por uma grande ideia. E esperei.

E esperei. E...

— Talvez possa ajudá-la — disse Alain relutante. — Posso levá-la até Arras.

— Está brincando? — Meu rosto ficou mais iluminado que uma árvore de Natal. — Sério? Tem certeza? Seria maravilhoso — lá no

fundo, sabia que estava sendo muito abusada, mas estava desesperada demais para ser educada e recusar. Não tinha vindo até aqui para perder.

— Eu moro em Arras — ele respondeu, fazendo sinal para outro concierge atrás do balcão e dizendo alguma coisa em francês. — Posso levá-la de carro até o festival. Saio daqui a pouco.

— Se não se importa, seria fantástico — esperei até que ele viesse para o outro lado do balcão e lhe dei um abraço. Que, pude perceber pelo jeito como ele ficou tenso, tinha sido um pouco demais. — Desculpe.

— Por aqui — com as bochechas vermelhas, Alain apontou para a porta.

O concierge ouviu minha história com uma atenção educada enquanto eu atravessava Paris pela terceira vez naquele dia. Estava na parte em que tinha visto Alex e Solène juntos, gesticulando como louca e incapaz de permanecer sentada no banco, quando me dei conta de que Alain só estava me ajudando para ganhar a tarde de folga. A mandíbula retesada, os nós dos dedos esbranquiçados e apertados no volante sugeriam que talvez ele não estivesse achando minha companhia muito relaxante. Talvez eu não devesse ter comido dois pacotes de Percy Pigs e um Toblerone no trem a caminho de Londres. O excesso de açúcar tinha batido mais que qualquer champanhe matinal.

— E, bom, preciso muito falar com meu namorado, então, obrigada — falei, encerrando a história e me encostando no banco do passageiro. Pelo canto do olho, dei uma conferida na cara dele, para ver se não estava doido para saber o que tinha acontecido em seguida. Soltando um suspiro de alívio, Alain continuou olhando para a rua à sua frente, relaxou as mãos e ligou o rádio. Bem alto.

Eu havia conseguido me sentar sobre as mãos e manter a boca fechada pelo restante da viagem, para a visível alegria de Alain. A cada quilômetro rodado em silêncio, podia ver os ombros dele relaxando mais e mais, ficando distantes das orelhas. Depois de vinte longos minutos de uma porcaria de rádio francesa (quem diria que Alain era fã de música country?), paramos em frente ao portão do festival.

— Muito obrigada — agradei já com a mão na maçaneta. — Você salvou minha vida. Sério. Nem sei como agradecer.

— Sem problemas — ele afrouxou a gravata de concierge, deixando claro que assim que eu saísse do carro seu turno de trabalho teria chegado ao fim. — Veremos a senhora no hotel em breve?

— De preferência, não muito breve — avisei, saindo do carro. — Quer dizer, pelo menos não nas próximas horas.

— Sim, de preferência não muito breve — ele repetiu, deixando sua opinião bem clara. Bem, ele havia me trazido até o festival e não me largara no meio da rua quando derrubei metade de uma lata de Pepsi no painel, por isso tinha mais é que ficar agradecida, e não brava.

Fechei a porta com cuidado e acenei para Alain, para então passar um pouco de gloss e caminhar até o portão. Ao contrário de todos os outros festivais em que tive o desprazer de comparecer, ali não havia nem sinal de lama. O palco era enorme e estava montado em uma ponta da, bem, da praça. Não sabia muito bem o que estava esperando ver, mas isso era muito lindo. Achei que era um bom sinal que o meu ingresso ainda estivesse esperando por mim na bilheteria, e entrei. Meu Deus, como estava cheio. Como ia encontrar Alex no meio de toda essa gente?

— Você é um gênio, Angela — murmurei, enfrentando a multidão. — Sai do carro no meio do nada, em um país cuja língua não fala, sem a droga de um telefone, e ainda acha que vai conseguir encontrar o namorado no meio de 10 mil pessoas.

O que tornava a tarefa especialmente difícil era que pelo menos 60% dos presentes estavam vestidos exatamente como meu namorado. Todos os hipsters de Paris tinham vindo para cá e parecia até que estavam munidos de reforços. Por mais que a ideia me incomodasse, eu tinha que ir até o palco e tentar entrar nos camarins. Alex provavelmente não estaria lá, pois sempre ficava assistindo às outras bandas, mas quais as chances de Craig estar longe das bebidas geladas e das fãs gatinhas? Ele só podia estar lá.

— Acho que estou na lista dos Stills, meu nome é Angela Clark — falei ao me aproximar de dois seguranças enormes diante do portão,

mostrando a carteira de identidade. Não era exatamente um truque Jedi, porém deveria ter funcionado. Em vez disso, eles me encararam, se entreolharam e voltaram a me ignorar.

— Não, é sério, estou na lista — repeti, torcendo para que fosse verdade. — Estou procurando Alex Reid?

— Somos dois — disse uma voz familiar atrás de mim.

Virei-me e dei de cara com Graham, que estava carregando o estojo da guitarra de Alex. Abracei-o com força.

— O que está acontecendo, Angie, onde ele está?

— Como assim, onde ele está? — Perguntei, sem querer soltar, por mais que ele estivesse me afastando. Era tão bom ver Graham. Parecia que uma eternidade havia se passado desde que me despedira dele na noite passada. — Vim até aqui para encontrá-lo.

— Mas achei que estivesse em Londres — ele mostrou o crachá de acesso livre para os homenzarrões, que recuaram para que entrássemos. — Você não foi?

— Por que achou que eu estava em Londres? — Perguntei, vendo Craig encostado no bar, conversando com uma lourinha. É claro.

— Porque o Alex me deixou uma mensagem de voz maluca na minha caixa postal dizendo que você havia fugido dele e voltado para Londres, e que iria buscá-la — Graham procurou o iPhone no bolso, apertou algumas teclas e passou o aparelho para mim. — Quer ouvir?

Encostei o telefone na orelha esquerda, enfiando o dedo na direita para poder ouvir a mensagem apesar da multidão que gritava, chamando a próxima banda a entrar no palco.

— Cara, hum, eu tenho que ir para Londres e encontrar a Angela. Fiz uma besteira e tenho que acertar as coisas.

Engoli em seco. Ele tinha ido para Londres? Tinha ido atrás de mim?

— Vou tentar chegar a tempo para o show, mas, sei lá. Talvez não consiga. Mas vou tentar. Desculpe, cara.

Devolvi o telefone para Graham, sentindo que meu rosto ficara pálido, o que tornou o trabalho das meninas da Clarins meio inútil.

— Você ligou para ele? — Perguntei histérica. Alex tinha ido para Londres? Por que Alex tinha ido para Londres? Como Alex sabia que eu tinha ido para Londres?

— Claro que sim — respondeu Graham, empurrando os óculos para o alto do nariz e encarando-me de um jeito nada compreensível. — Só que não consegui falar. Acho que o celular não pega muito bem no fundo do mar.

— Não, não pega — confirmei, tentando ignorar que ele parecia menos feliz a cada segundo em que a conversa continuava. — Mas tem que sair do outro lado mais cedo ou mais tarde. Podemos tentar de novo?

— Pode tentar — ele me deu o telefone de novo. — Tenho que conferir se está tudo de acordo com meus equipamentos. Caso o restante da minha banda resolva aparecer para fazermos o show.

— Certo — dei um tchauzinho para as costas dele, pois Graham já havia se afastado, arrastando Craig para longe da loira e do bar. Eu não gostava quando ele ficava bravo comigo. Levei alguns segundos para descobrir como repetir a última ligação no iPhone e esperei o tom de chamada. E, graças a Deus, chamou.

— Graham, cara — Alex atendeu e partiu logo para as desculpas. Não consegui interrompê-lo. — Desculpe, cara, eu sei que ferrei você e o Craig, mas tenho que falar com a Angela. Essa história já foi longe demais e preciso que ela volte ou pelo menos me escute. Vou estar aí antes do horário do show. A que horas entramos?

— Não sei — gaguejei. — Só sei que não estou em Londres.

— Angela?

— Sim.

A linha ficou em silêncio por alguns segundos dolorosos.

— Alex?

— Angela, você está em Paris?

— No Arras.

— Não está em Londres?

— Não.

— Mas estive em Londres?

— Hum, só por alguns minutos.

Outra pausa.

— A bateria está acabando — disse Alex finalmente. — Será que você pode sentar a bunda em uma cadeira e não sair daí até eu chegar?

Balancei a cabeça, concordando.

— Você está balançando a cabeça para o telefone? — Ele perguntou.

— Sim.

— O.k.

E desligou.

CAPÍTULO 19

Olhei para o telefone e pensei no que deveria fazer agora. Cogitei em mandar uma mensagem para ele, pedindo desculpas por ter feito com que saísse atrás de mim, mas não sabia como fazer isso usando um iPhone e não queria perguntar para Graham. Além disso, se o telefone de Alex estava sem bateria, ele não receberia mensagem nenhuma. Que droga. Sentindo que estava sobrando por ali, fui até o bar e pedi um café. Caí em uma cadeira diante de uma mesa desocupada e peguei meu iPod e meu laptop. Só o que queria era dormir até que Alex chegasse, e acordar somente depois que ele estivesse pronto para entrar no palco, me pegar no colo e dizer diante de todos os fãs parisienses que me amava. Entretanto, considerando o que acontecera nas últimas 24 horas, talvez eu é que tivesse que entrar no palco no lugar dele, para a banda se apresentar.

O laptop continuava mostrando a mesma página desde quando eu o fechara, horas atrás, na Gare du Nord. Li e reli o que havia escrito pela manhã. Ainda era tudo verdade, eu tinha sido arrasada por uma garota essa semana, mas ninguém conseguira me sacanear tanto quanto sacaneei a mim mesma. Apaguei todo o texto e recomecei.

As aventuras de Angela: Conheça o seu Inimigo:

Vou confessar. Esta é a segunda vez que eu escrevo este texto nas últimas 12 horas, e estou um pouco preocupada, pois acho que é a última vez que escreverei aqui. Para resumir a história (afinal, isso é um blog), vim a Paris esta semana imaginando passeios de bicicleta às margens do Sena, caminhadas pelo Louvre de mãos dadas com o Garoto do Brooklin e, basicamente, degustação de tudo o que aparecesse na minha frente. Mas, encontrei algo muito diferente.

Em vez de La Vie en Rose, dei de cara com La Vie en Ruínas. Em meio a brigas internacionais com a minha melhor amiga, uma louca

tentando roubar meu namorado, outra tentando roubar meu emprego e um bocado de saudade de casa, praticamente não tive tempo para dar beijinhos no Pont Neuf ou engolir macarons na Ladurée. Foi uma semana muito corrida. E agora estou aqui, tentando entender o que aconteceu. Não posso deixar de achar que, se tivesse mais confiança em mim mesma e nas minhas decisões, eu poderia ter evitado pelo menos alguns dos meus problemas, e talvez não estivesse sentada no camarim do festival de Arras, parecendo uma coisa que a Cuca cuspiu no chão. Pelo menos meu olho roxo já está quase bom — explico direito mais tarde.

Então, a partir de agora vou tentar uma nova abordagem. Vou dizer às pessoas o que estou pensando, fazer o que eu quero e ver o que acontece. Que será, será, essas coisas. Tomara que consiga contar a vocês se funcionou...

Cliquei em enviar, torcendo para que desse tudo certo, fechei o laptop e bebi um pouco de café. Graham e Craig tinham sumido, provavelmente estavam checando o som, então deitei a cabeça nos braços só por um minutinho, fechando os olhos e ouvindo a música que vinha do palco.

— Angela? — Uma voz baixinha sussurrou perto da minha cabeça.

Abri os olhos, percebendo que ainda estava deitada na mesa e, a julgar pelas manchas escuras de maquiagem nos meus braços, tinha ficado ali por um bom tempo. A música que vinha do palco era bem diferente da canção suave que eu estava ouvindo antes, e meus braços estavam adormecidos. Por quanto tempo havia dormido?

— Angela? — Chamou a voz novamente.

Olhei para cima, confusa. Onde eu estava, mesmo? Parada ao meu lado, mas a certa distância, avistei Virginie. Levei um momento para lembrar porque tive um desejo súbito e intenso de arrancar os olhos dela. Assim que me lembrei, o desejo ficou ainda mais forte.

— Desinfeta — falei, deitando novamente a cabeça nos braços. Estava cansada demais para lidar com ela e, na boa, o que ela poderia dizer de útil?

— Mandeí um e-mail para a sua Mary contando tudo.

Ah. Quem diria?

— É mesmo? — Perguntei, abrindo um olho.

Ela confirmou, ainda a uma distância segura, os braços atrás das costas. Era um pouco estranho pensar que ela estava com medo de mim, mas também era maravilhoso. Eu era durona e, em algum lugar em Los Angeles, Jenny Lopez estava sorrindo.

— E aquele emprego que você queria? — Abri o outro olho.

Virginie deu de ombros.

— A vaga já foi preenchida. Acho que a Cici não falou a meu respeito para ninguém. Desculpe. Fui uma idiota.

Acordei de uma vez e a encarei profundamente, percebendo que Virginie não estava cintilante como de costume. Na verdade, estava quase um lixo. Os olhos e o nariz estavam vermelhos; e o cabelo, preso em um rabo de cavalo bagunçado, em vez de estiloso. Na verdade, parecia sujo.

— Já preencheram a vaga? — Puxei a cadeira ao meu lado e fiz sinal para que ela se sentasse. Virginie continuou me olhando e passou os dedos no encosto da cadeira. — Ah, pelo amor de Deus, sente-se, não vou bater em você — falei, erguendo as mãos em um gesto de paz. — Não de novo, pelo menos. E, bom, desculpe.

— Eu bateria em alguém que tivesse feito o mesmo comigo — ela admitiu, sentando-se à minha frente. Lembrete mental: nunca irritá-la. — E sim, preencheram, se é que havia uma vaga. Talvez ela tenha inventado a vaga também, não é?

— É bem possível — concordei, recusando-me a sentir pena. — E você nem se deu ao trabalho de verificar com alguém da *Belle* antes de simplesmente arruinar a minha vida?

— A garota que eu conhecia, a antiga assistente, foi demitida — explicou Virginie. — Cici disse que ela engordou.

— Não podem demitir alguém só porque a pessoa engordou — ressaltei, desejando que fosse mesmo verdade. — Se ela foi demitida, então existe mesmo uma vaga?

— Não sei, mas falam tanto em reestruturação e cortes no escritório da *Belle* nos Estados Unidos que é bem possível que ela não seja substituída — Virginie limpou uma lágrima para longe do

olho cansado. — E, sim, você pode ser demitida por estar acima do peso.

— Que droga — comentei arrependida de ter pedido café com leite integral. — Bem, eu agradeço. Pelo e-mail.

— É o mínimo que eu podia fazer — Virginie tentou sorrir, porém fracassou. — Eu sei que não ajudei em nada durante esta semana e sei que foi bem difícil.

— Você não sabe nem a metade — limpei as manchas dos braços e tentei pensar em como deveria estar o meu rosto. — Vi Solène no show ontem à noite, antes de encontrá-la na rua. Pelo jeito, ela está decidida a reconquistar o Alex.

— Eu sinto muito — ela aproximou a mão e apertou de leve meu braço. — Estava torcendo para estarmos erradas.

— Bem, eu disse que ela estava decidida, mas não que ele tinha aceitado — expliquei para minha amiguinha pessimista. — Ainda não sei o que ele vai querer fazer

— Não falou com ele ontem? — Perguntou Virginie, afastando a mão. Melhor pegar leve.

— Ele não voltou para o hotel ontem — respondi. Odiava contar isso para as pessoas. — E não apareceu hoje de manhã.

— Entendo — ela uniu os lábios e enrolou a correntinha de prata entre os dedos.

— Pois é.

— Pois é.

Ficamos em silêncio por um tempo, nenhuma das duas sabendo o que dizer. Não estava a fim de animar Virginie, não queria mais aquela farsa, e estava cansada. Só queria ver Alex.

— Que horas são? — Perguntei mais para quebrar a tensão do que qualquer coisa.

— Seis e meia — Virginie conferiu no relógio. — Aliás, 18h35. O Alex vai tocar logo. Ele não está aqui?

— Não sei — levantei-me e procurei Graham e Craig. Se o celular de Alex estava sem bateria, ele não poderia avisá-los se chegaria a tempo ou não, e ele certamente não sabia o número de ninguém de

cabeça, para ligar de um telefone público. — Vou ter que dar uma olhada.

— Posso ir junto? — Perguntou Virginie, ficando de pé. — Gostaria de ajudar, se puder.

— Por que não? — Dei de ombros. Agora, era só questão de esperar. Ela não poderia estragar mais nada.

A segurança perto do palco era mais tranquila e, apresentando meu crachá de acompanhante e a credencial de imprensa de Virginie, passamos para a parte mais próxima do palco sem problemas. Graham e Craig estavam com os instrumentos e pareciam nervosos.

— Ele ligou? — Perguntou Graham, estendendo a mão para pegar o telefone, que esqueci completamente que estava comigo. Tirei o aparelho da bolsa e soltei um pedaço de embalagem de Toblerone que estava grudado na tela antes de entregar a ele.

— Sim, e disse para eu ficar aqui. Acho que isso quer dizer que ele vai aparecer.

— Para o bem dele — Graham afastou o cabelo dos olhos. — Ele tem dez minutos para chegar antes que o show desses caras termine. Vamos entrar às 19h.

— O que acontece se ele não chegar? — Eu não queria realmente saber, já estava me sentindo suficientemente culpada, mas achei que seria educado.

— Levamos uma multa e provavelmente nunca mais tocaremos para a empresa que organizou o festival — ele respondeu. — Então, não é nada legal.

— Mas também, vocês nunca vêm a Paris, né? — Estendi os braços. — Fale sério!

— O organizador faz shows no mundo todo.

— Ah.

— Pois é.

Craig passou por Graham e me deu um abraço, seguido de um tapinha bem de leve na bunda.

— Não se preocupe, Angie — ele sussurrou no meu ouvido. — E quem é essa gatinha aí com você? Ela é solteira? Posso chegar junto?

Soltei-me do abraço e o encarei séria. Nas últimas 24 horas, Virginie já tinha perdido o emprego de seus sonhos e levado um tapa na cara — envolver-se com Craig seria a gota d'água.

— Isso é um não?

— É um não, Craig — confirmei, voltando-me para o palco. Uau, era enorme. E, nossa, tinha muita gente na plateia. Tipo, milhares de pessoas. Exatamente do outro lado, havia outro grupo assistindo à banda e acenando para nós. Craig acenou de volta, mas Graham abaixou a mão dele com um tapa. Olhei desconfiada para os dois e forcei os olhos para ver o outro lado do palco por trás do rímel borrado, colocando a mão na testa para me esconder do sol.

Era Solène.

E ela estava acenando para mim.

— Deixe para lá, Angela — disse Graham, que aparentemente conseguia ver que eu estava irritada mesmo se estivesse de costas.

— Ela não vale a pena.

— Você falou com Alex sobre isso? — Perguntei a ele o mais baixo possível, considerando que estávamos ao lado de uma banda tocando para 10 mil fãs enlouquecidos.

— Não conseguimos conversar ontem, ele foi embora logo depois do show — gritou Graham na minha orelha. — Quando recebi aquela mensagem, achei que vocês tinham brigado.

— Mas ele não voltou para o hotel — falei lentamente, sentindo os Percy Pigs voltando pela minha garganta. — Ele não estava com vocês?

— Hum, não — Graham olhou para o outro lado do palco, onde Solène dançava com as colegas de banda. — Mas não se precipite, Angie, você não sabe o que ele fez. Alex conhece esta cidade tão bem quanto New York, pode ter ido para um milhão de lugares.

— Um milhão — repeti incapaz de tirar os olhos de Solène. Queria acreditar em Graham, só que, entre nós duas, era eu quem estava com o cabelo sujo e que não sabia onde o namorado passara a

noite. Se Alex tinha dito para ela se danar, por que estaria dançando? Se estivesse no lugar dela, não conseguiria dançar. Nem rir ou sorrir, e nem sair da cama por um mês, então realmente não entendia como ela podia estar tão feliz. A não ser que...

— Ahh, que droga, eles terminaram mais cedo! — Craig bateu a mão na testa assim que o baterista que estava no palco jogou as baquetas para o alto, anunciando o fim do show. — Nunca gostei desses idiotas.

A banda veio na nossa direção, cumprimentou Craig e Graham ao passar, enquanto os assistentes entravam no palco, desplugando os equipamentos e abrindo espaço para os Stills.

— O que vamos fazer, cara? — Craig perguntou a Graham, em pânico. — Você sabe as letras, consegue cantar?

— Saber as letras não é a mesma coisa que cantar — Graham franziu a testa. — Mas temos que fazer alguma coisa. Vou procurar alguém, ver se podem esperar só mais um pouco. Vá se preparar, você é o que mais demora, mesmo.

Ignorando, ou não compreendendo o insulto, Craig caminhou entre os cabos até o palco, para ajudar o técnico a montar sua bateria. Não podia acreditar que isso estava acontecendo e, por mais que tentasse continuar pensando positivo, tinha certeza de que pelo menos metade da culpa era minha. Ou mais que a metade. Ou menos. Dependia de saber se Alex queria me ver para terminar comigo ou para dizer que estava sendo um babaca e me amava.

— Vou buscar umas bebidas — anunciou Virginie em voz alta, sentindo que eu estava prestes a ter um chique e achando melhor ficar fora do caminho. — Vou trazer um pouco de vinho.

Apesar das traições, não dava para negar que ela era uma garota muito inteligente e intuitiva.

Andei de um lado para o outro no espacinho que havia perto do palco, esperando que Alex surgisse de repente, subisse as escadas pulando os degraus e invadisse o cenário bem na hora. Entretanto, o tempo continuava passando e ninguém apareceu, exceto uma loura alta — que maravilha, exatamente do que precisava.

— Angela — Solène me cumprimentou com um sorriso, como de costume. Estava pronta para o show, com um vestidinho preto e branco igual a um que eu tinha antes da explosão da mala, botas de cano alto e maquiagem perfeita; e não era exatamente o que eu queria ver naquele momento. — Você dormiu esta noite? Não parece bem.

— Dane-se — respondi com eloquência, tentando enxergar Craig, que, atrás de onde Solène estava, lutava com uma caixa particularmente difícil de montar. Não queria cair nessa. Eu não ia mais ouvir nada que saísse da boca daquela mulher até que tivesse falado com Alex.

— Bom, eu também não dormi muito — ela deu de ombros. — Mas estou radiante. Onde está o meu Alex?

Meu coração caiu no chão, seguido de perto pelo estômago e pela bolsa. Ela não tinha dormido? Ele não faria isso? Eles não tinham...?

— Certo — expirei, lembrando tarde demais que o laptop estava dentro da bolsa que eu tinha acabado de derrubar. — Pode parar com isso. Com certeza você está achando tudo isso muito engraçado, mas, até que eu tenha falado com Alex, não quero ver a sua cara. E tenho certeza de que não vou querer ver mesmo depois de ter falado com ele. Acho que, na verdade, você é a última pessoa que desejo encontrar em todo o mundo, para o resto da minha vida.

— Você não o viu? — Ela perguntou um pouco menos valente. — Não conversou com ele?

— Não vou falar com você — cruzei os braços para não fazer nada de que pudesse me arrepender depois. Um tapa por viagem era o meu limite. — Portanto, o que quer que esteja louca de vontade de me dizer, pode fazer o favor de ir contar para as suas amiguinhas, até que eu tenha falado com Alex.

— Mas ele me avisou que ia procurá-la — declarou Solène. — E isso foi na noite passada. Ele disse que falaria comigo depois que tivesse conversado com você.

— Como ele é cavalheiro, não é? Ele se arrastou até Londres só para terminar comigo antes de continuar a linda história de amor de vocês — não conseguia acreditar que isso estava acontecendo. Eles tinham passado a noite juntos? Era por isso que ele precisava falar

comigo? É claro que precisava falar comigo. Não podia ficar com a Solène antes de terminar comigo, assim ele diria a si mesmo que não havia me traído. Como eu era idiota. Pensamento positivo, coisa nenhuma. Ilusão era uma palavra melhor.

— Londres? — Ela pareceu confusa. — Ele está em Londres?

— Não consigo explicar essa história nem a mim mesma, e com certeza não vou tentar explicar a você — retruquei louca para ficar longe dela. — Por favor, vá embora. Já conseguiu o que queria, não é?

— Sim — ela deu de ombros, arrogante e confiante. — Onde Alex está? Ele não perderia um show de jeito nenhum.

— Pelo jeito, perderia — soltei os braços, senti as lágrimas escorrendo dos meus olhos secos e cansados. — Está vendo ele em algum lugar?

— A culpa é sua — Solène estreitou os olhos e empurrou meu ombro. — Alex nunca perdeu um show antes, por ninguém. Não acredito que colocaria a carreira em risco por você.

Espere aí. Por que ela estava tão brava se eles tinham voltado?

— Ele nunca perdeu um show por sua causa? — Perguntei.

Ela ficou imóvel, a boca em uma linha fina.

— Ele faria qualquer coisa por mim.

— É, só que ele foi atrás de mim em Londres — inclinei a cabeça para o lado e crispei os lábios. — Pensando bem, é uma coisa bem estranha de se fazer só para terminar com alguém, não acha?

— Não — a voz dela não soou convincente, pois ela mesma não estava convencida. — Ele disse que não podia me ver até ter falado com você.

Respirei fundo. Eles não tinham passado a noite juntos.

— Você já disse isso. Então, nem chegou a vê-lo?

— Tenho certeza de que assim que ele falar com você...

— Meu Deus do céu! — Prendi o cabelo atrás das orelhas e dei um passo na direção dela. — Toda essa conversa foi ontem à noite, no bar! Você nem chegou a vê-lo ontem, depois do show.

— Ele disse...

— Pare de dizer o que ele disse e fale logo a verdade — dei outro passo na direção dela, que cambaleou para trás. Saltos altos e cabos de energia não combinavam muito bem. — Você passou a noite com meu namorado ou não?

— Não a noite passada, mas...

— Caia fora, Solène — esbravejei com toda a raiva possível, apesar de estar imensamente aliviada. — Você é ridícula.

Não achei que ela fosse cair no choro, mas sim que fosse voltar para o camarim, derrotada. A última coisa que imaginei, porém, é que ela fosse soltar um grito horrível e se jogar para cima de mim, puxando meu cabelo e se comportando como uma doida. Tentei afastá-la, tendo um flashback da minha última briga com uma menina — Janet Martin, no pátio da escola, no 9º ano. Só que, desta vez, Louisa não estava por perto para chutar as canelas dela enquanto eu corria.

— Mas que... — resmunguei, tentando mantê-la longe. Comparada a ela, eu era uma amadora. Podia ter dado um tapa na Virginie, mas com certeza essa não era a primeira briga de Solène. A tiara foi meu primeiro erro. Ela a arrancou do meu cabelo e começou a me atacar, como se fosse uma garra. Acho que ficamos pelo menos um minuto inteiro até que alguém decidiu nos separar. A primeira pessoa que viu a briga foi Craig. e percebi que ele chegou a segurar um assistente só para poder continuar assistindo. Se eu sobrevivesse, ele seria o próximo a levar uns tabefes.

Antes que Solène pudesse atentar contra mais cabelos meus, senti alguém aparecer atrás de mim e me erguer pela cintura. Felizmente, ao ficar mais alta consegui acertar um chute no queixo dela antes de ser levada para longe e largada de lado no chão.

— Angela, o que esta fazendo? — sibilou Graham. conseguindo manter Solène longe com um só braço. — Todo mundo está vendo vocês.

Vou acabar com ela, Graham. pode soltar — falei, ficando de pé e afastando-o. Mas não deveria ter me lançado na direção de um alvo tão magro com tanto vigor. Assim que a acertei, caímos as duas para trás, emboladas. parando de se arranhar só quando percebemos que estávamos no meio do palco.

A multidão gritava e vibrava, e estávamos aparecendo nos telões que havia ao lado do palco. Levantei-me, empurrando Solène, e olhei para o mar de gente.

— Que droga — falei, cega por causa dos flashes dos fotógrafos.

— Sua vaca estúpida! — gritou Solene, derrubando-me e rolando para cima de mim. A multidão urrava enquanto Solène me dava soquinhos e eu me debatia debaixo dela, afastando suas mãos com tapas e agitando as pernas com torça. Para completar, alguém, que estaria para sempre na minha lista negra, ligou os microfones do palco e agora todos podiam ouvir os xingamentos bilingues. Parecia que ela estava unhando meu rosto havia horas, mas foram provavelmente só alguns segundos, quando senti que ela pisava no meu estômago e estava sendo puxada para longe.

Abri os olhos e vi que não era um assistente. Graham ou Craig que afastavam Solène, mas sim Virginie. que começou a arrasta-la de costas pelo palco. Mesmo sendo consideravelmente menor que a minha rival, Virginie tinha o elemento surpresa nas mãos. Além de um tufo de cabelos louros. O vestido de Solène estava erguido e embolado na cintura, e o salto de uma das botas havia quebrado. Ela não estava exatamente perfeita para as câmeras. As duas garotas gritavam em francês uma com a outra, para delírio do público, Solène tentando soltar-se de Virginie e Virginie chutando-a até a beirada do palco. Apoiei-me nos cotovelos para enxergar melhor e recuperar o fôlego. Brigar era o melhor exercício físico de todos.

Quando Virginie estava prestes a empurrar Solène para o backstage, a vaca conseguiu se soltar e começou a atacar minha salvadora. Fiquei de pé, conferi se minha camiseta cobria tudo que deveria cobrir, e lancei-me na direção delas. Afastei Virginie com toda a delicadeza possível, considerando o calor do momento, e me virei para dar em Solène o tapa que ela tanto merecia. Ela ficou surpresa ao me ver de pé novamente, mas não o suficiente para esquecer o que estávamos fazendo. Antes que pudesse erguer a mão, ela enfiou o punho na minha bochecha, exatamente onde eu tinha batido e ficado com o olho roxo.

— Sua desgraçada! — Gritei, colocando a mão no rosto. Solène lançou um sorrisinho triunfante, ajeitou o vestido e jogou os cabelos

para trás dos ombros. Antes que pudesse pensar em reagir, ouvi um urro atrás de mim e vi uma cabeça castanha passar. Saí do caminho, caindo sentada no chão bem a tempo de ver Virginie acertar um soco bem no meio do rosto de Solène. Ela balançou para a frente e para trás, apoiada em um único salto enquanto o outro pé estava no chão, e deu um passo para trás para recuperar o equilíbrio. Infelizmente, não havia mais palco atrás dela. Prendi a respiração, esperando para ver os bracinhos dela se agitando para a frente, mas nada. Ela caiu do palco como uma pedra, no meio dos fotógrafos, que estavam fazendo de tudo para não perder nenhum detalhe da briga. Esperei para ouvi-la gritar, embora não por muito tempo.

Virginie e eu fomos para a beirada do palco para ver Solène afastando com tapas as mãos que queriam ajudá-la a se levantar. Acenei para ela com um sorrisinho, livre para rir agora que sabia que ela não tinha quebrado o pescoço. O que teria sido um pouco demais. Ela abriu caminho em meio aos flashes para sair do poço dos fotógrafos e desapareceu na multidão, que continuava gritando.

Balancei a cabeça, ainda esfregando a bochecha dolorida. Não podia acreditar que ela tinha me socado. E nem que Virginie havia acabado com ela.

— Obrigada — falei, pressionando a maçã do rosto.

— Normalmente, não sou violenta — disse Virginie, corando — mas estou me sentindo melhor.

— Não precisa se explicar para mim. Eu sei muito bem que, às vezes, a gente tem que dar uns tapas em alguém. Ou acertá-lo com um sapato. Aliás, desculpe por ontem.

— Você não me acertou com um sapato — ela contestou confusa.

Virei-me para olhar para o lado do palco onde Graham estava, ainda boquiaberto com todo o caos. Craig estava ao lado dele, mas parecia bem menos preocupado, pois estava fazendo sinais de vitória para mim enquanto tomava uma cerveja.

— E Alex? — Perguntei, apenas movendo os lábios, pois não sabia se os microfones ainda estavam ligados. Graham balançou a cabeça e ergueu os ombros, apontando para o relógio. A banda já deveria estar no palco há cinco minutos.

Sem nenhum entretenimento para mantê-la ocupada, a plateia começou a ficar impaciente. Um grupinho bem na frente começou a gritar pelos Stills e o grito logo se espalhou pela praça. Graham jogou as mãos para cima e virou as costas, colando o telefone no ouvido.

— Oi, oi, ainda está ligado? — Perguntei a ninguém em particular, pegando um microfone que estava no chão. Um ruído agudo vindo do monitor à minha frente confirmou que sim, estava. E, sem saber o que ia dizer, eu repentinamente tinha toda a multidão olhando para mim — para o bem ou para o mal.

— Oi — falei devagar. — Eu sou a Angela. Desculpem pela briga.

Todos estavam em silêncio. E olhando para mim.

Uma voz solitária gritou do poço dos fotógrafos:

— *En Français?*

— *Je suis désolée, je ne parle pas français?* — Gaguejei minha frase de apresentação no microfone e ouvi uma bela vaia. — Mas com certeza os Stills vão começar o show em breve.

A vaia se transformou em uma algazarra generalizada.

— Ah, *Stills seront sur la scène dans un moment* — disse Virginie, arrancando o microfone da minha mão, e a multidão vibrou. — Diga alguma coisa — falou Virginie, tapando o microfone com a mão. — Eu traduzo.

Peguei o microfone de volta e fiquei observando. Nossa, era muita gente mesmo.

— Então, meu nome é Angela e sou uma grande fã dos Stills — coloquei o microfone de volta no suporte.

Virginie traduziu e logo depois vieram os gritos.

— Angela, o que está fazendo? — Gritou Graham ao lado do palco. Craig estava ocupado demais, gritando junto com a plateia. Pelo jeito, ele era um grande fã da própria banda.

— Não sei! — Respondi para ele. — Acho que estou tentando ganhar um pouco de tempo para vocês, mas a verdade é que estou mais é fazendo papel de palhaça.

— É, a segunda opção está correta — ele confirmou.

— A banda está com alguns probleminhas técnicos — falei de volta no microfone. — Mas eles vão começar o show em breve.

Um murmúrio percorreu a praça. O cameraman aos meus pés gritou alguma coisa para Virginie. E ela respondeu no microfone, o que causou grande histeria, seguida de risinhos das mulheres da plateia.

— O que você disse? — Perguntei a ela, cega diante dos flashes que começaram a estourar na minha frente.

— Ele perguntou quem você era — explicou Virginie, afastando-se das câmeras. — Eu respondi que você era a namorada.

— Não acredito.

Isso não era bom. Eu não estava em condições de ser fotografada como a “namorada do vocalista”. Podia ser a “traficante do vocalista”, nada mais. E esse detalhe não passou despercebido pelas garotas da plateia, que não pareciam muito felizes com a revelação de Virginie. Havia várias meninas de braços cruzados, vaiando. Calma aí, mulherada.

— Eles querem saber por que o show ainda não começou — Virginie traduziu os gritos que vinham das primeiras fileiras. — Acho que deveria contar a eles, pois é uma história muito bonita.

— Não, não é! — Retruquei, pensando em outras táticas para distraí-los; porém, só me passava pela cabeça erguer a blusa e mostrar os peitos, o que não convenceria muita gente. Principalmente as garotas, que já me odiavam. Esse definitivamente não era o melhor dia da minha vida. — Não vou dizer a eles porque Alex não está aqui.

— Então eu digo — Virginie deu um sorriso esperto. A nova Virginie tinha muita coisa em comum com a Jenny. — Eles também querem saber por que estávamos brigando com a vocalista da Stereo.

— Tudo bem — encarei mais uma vez aquelas milhares de pessoas, mas de repente alguém ligou um canhão de luz sobre a minha cabeça e todos desapareceram. — Certo, lá vai.

Em algum lugar à minha direita, pude ouvir Graham soltando um palavrão. À esquerda, ouvia a tradução rápida de Virginie.

— Bem, quando chegamos a Paris, eu era a namorada de Alex, o vocalista da banda — expliquei, apontando para a imensa foto da capa do disco dos Stills que estava no fundo do palco. — Acontece que ele não me contou que sua ex-namorada morava aqui, e que era aquela menina com quem eu estava, digamos, conversando aqui no palco agora há pouco.

— Quer que eu diga “conversando”? — Virginie parou a tradução para me olhar. — Eles são franceses, não cegos.

— Diga — assenti e continuei a história. — Então, ela estava sempre por perto, fingindo que queria ser minha amiga, me convidando para festas e tal; só que, no fim das contas, o que ela queria era nos separar, para reconquistar Alex.

Eu não conseguia ver a multidão, mas podia ouvi-los comentando este último detalhe. Um fotógrafo, falando em nome de todos, gritou a pergunta para Virginie.

— Ele quer saber por que os dois terminaram — ela repetiu em inglês.

— Ah, porque ela o traiu — respondi, esperando a reação deles. Que foi a que eu imaginava. Dez mil pessoas prendendo a respiração e gritos de “vaca” e “vadia” ecoando pelo gramado. — É, ela foi horrível. E isso foi há uns dois anos, antes que eu o conhecesse. Ela partiu o coração dele.

Percebi que o murmúrio havia parado. Estavam todos em silêncio, esperando que eu continuasse a história.

— Então, ontem, os Stills tocaram no Nouveau Casino, em Paris — fiz uma pausa para esperar os gritinhos de “eu fui” pararem. — E ela me disse que eles tinham voltado. Já não sabia o que pensar, pois tinha visto os dois juntos em um bar antes do show e Alex e eu tivemos uns contratempos a respeito de irmos morar juntos...

— Você vai morar com ele? — Perguntou Craig dos bastidores. — Maneiro! — Graham deu um soco no braço dele e sorriu para mim, balançando a cabeça.

— Bom, daí eu fiquei muito chateada porque não sabia o que estava acontecendo, e porque tive uns problemas no trabalho — Virginie gaguejou ao traduzir essa parte. — Mas acho que vai ficar

tudo bem e, como estava com saudades dos meus amigos na Inglaterra, decidi ir para Londres. E, bom, basicamente, Alex me seguiu até Londres, só que mudei de ideia na última hora e voltei para Paris para encontrá-lo. E é por isso que ele não está aqui.

A plateia ficou em silêncio por alguns segundos, mas logo a algazarra recomeçou.

— Talvez não seja uma história tão bonita assim — comentou Virginie, dando um passo para trás ao ver que a multidão começava a ficar agitada. — Ou talvez não devesse ter dito a eles que Alex está em Londres, procurando por você.

Antes que a coisa ficasse feia, o fotógrafo gritou alguma coisa e as pessoas começaram a rir e repetir algo aos berros.

— Angela? — Virginie estava tentando segurar o riso.

— O quê?

— Eles querem que você cante.

Saí debaixo do canhão de luz, tentando enxergar novamente. Nada mudou. Ainda havia 10 mil pessoas gritando “*chantez*” para mim, várias e várias vezes. Olhei para Graham e Craig e vi que eles não iriam ajudar. Na verdade, Graham estava batendo palmas com a plateia e Craig agitava suas baquetas, gritando que tocaria junto.

— Não, sério. Não sei cantar — ri nervosa. — Vocês não querem me ouvir cantar, mesmo depois de beber um monte e achar que arraso em Hungry Like the Wolf no karaokê.

— Eles gostam de “Hungry Like the Wolf” — confirmou Virginie, ao ver o fotógrafo erguer os polegares.

Meu coração estava batendo tão forte que mal conseguia respirar. Como isso podia estar acontecendo? Em que momento eu achei que conversar com a plateia de um festival de música e me oferecer para cantar uma música do Duran Duran era uma boa ideia?

— Sério, não é uma boa ideia — falei no microfone, mas Virginie já havia colocado o dela de volta no pedestal. Ela ergueu os braços e mostrou a palma das mãos, como quem não podia fazer mais nada; porém, eu tinha certeza de que ela estava se divertindo.

Abri a boca para falar e a multidão rugiu. Fechei os olhos.

— É sério, gente, não é uma boa ideia.

A voz veio muito alta de uma caixa de som, seguida de um solinho cômico de bateria. O canhão de luz saiu da minha cabeça e foi na direção de um homem alto, de cabelos pretos, que entrava no palco com um microfone em uma mão e a guitarra na outra.

— Seu filho da mãe — falei, jogando os braços ao redor do pescoço de Alex.

— Tudo bem, acho que mereço o xingamento — ele disse, beijando o alto da minha cabeça antes que eu me afastasse e lhe desse um soquinho no ombro. — Ei, e esse soco? Por quê?

— Por não ter voltado para o hotel ontem à noite — encarei-o. Ele estava mesmo ali ou eu tinha desmaiado? Afinal de contas, era a primeira vez que enfrentava uma plateia daquele tamanho.

— Eu sei, temos muito que conversar — ele declarou subitamente sério, mas com os olhos verdes ainda brilhantes. — Promete que não vai fugir enquanto tocamos?

— Prometo — jurei, lembrando que aquelas pessoas não estavam ali para me ver. — O pessoal aqui é difícil, viu? Boa sorte.

— Vamos fazer o possível — disse Alex, pegando meu microfone e plugando a guitarra. — Normalmente toco melhor quando não tenho que ir a outro país atrás de alguém, mas acho que vamos conseguir.

— Pode dizer o que quiser, mas eles me adoraram — provoquei, saindo do palco com Virginie.

— Você é dureza, viu? — Ele gritou atrás de mim, sorrindo.

— Pode acreditar — respondi, apertando a mão de Virginie.

— Ai! — Ela exclamou, puxando a mão.

— Desculpe — falei, olhando para meu namorado, praticamente certa de que ele ainda era meu namorado, quando a banda finalmente começou a tocar.

CAPÍTULO 20

Levou algumas horas até voltarmos para Paris, para o hotel e finalmente ficarmos a sós. Virginie tinha ido tomar uns drinques com Craig, apesar dos meus conselhos na van a caminho da cidade, e Graham tinha ido dormir. Segundo ele, meu show havia lhe causado uma enxaqueca terrível. Legal. Imagine só se eu cantasse? Ele teria tido um AVC. Nem um pouco a fim de conversar sobre a minha performance, passei quase toda a viagem fingindo que dormia, encostada no peito de Alex, retardando a inevitável “conversa”. Todos que foram ao show sabiam da nossa situação; e, no entanto, nem eu poderia prever o que aconteceria dali para a frente.

Alex segurou a porta do quarto e corri para dentro, um pouco nervosa por ficarmos sozinhos. Coloquei a bolsa com cuidado na mesinha de cabeceira, o que foi totalmente desnecessário considerando o tombo que meu laptop tinha levado mais cedo, mas, de qualquer forma, não custava nada. Suspirei alto e me virei para Alex, que ainda estava parado na porta.

— Não vai entrar? — Convidei sem jeito.

— Quer que eu entre? — Ele perguntou, erguendo os ombros.

— Quero saber onde estive noite passada — sentei-me na cama e olhei para meus sapatos detonados. — E por que foi atrás de mim em Londres.

— Fiz isso porque, quando voltei, esta manhã, seu passaporte tinha sumido e você havia deixado uma cópia do seu itinerário — ele respondeu, caminhando até uma poltrona. — E passei a noite com um amigo.

— Por que estava procurando meu passaporte? — Decidi deixar um pouco de lado a história do “amigo”.

— Procuro seu passaporte todos os dias — ele deu de ombros. — Não me leve a mal, mas vive perdendo as coisas. Quem você acha

que coloca as suas chaves no pote ao lado da porta todas as noites? Pode ter certeza de que não é você.

— Ah — suspirei emocionada.

— E sei que está louca para perguntar, mas não vai dizer nada, então digo eu: o amigo era o irmão da Solène — ele continuou. — Os dois não se dão bem, mas sempre mantivemos contato. É um cara legal. Eu tinha muitas coisas para pensar e Graham falou que você havia voltado ao hotel porque estava com dor de cabeça, e que eu não deveria ligar. Por isso fui para lá.

— Ele disse isso? — Perguntei. Que bom que Graham decidiu mentir, mesmo dizendo que não faria isso. Só que, se ele não tivesse mentido, Alex teria voltado para o hotel e nada disso teria acontecido. Maravilha! Então o problema do festival foi culpa de Graham!

— Disse — Alex me encarou por trás de uma mecha de cabelos pretos que escapou detrás da orelha. — Mas acho que não era verdade. Você falou com a Solène durante o show, não foi?

— Sim. E vi vocês dois juntos no bar.

— Meu Deus, e por que não veio falar comigo na hora? — Alex cobriu o rosto com as mãos e passou-as pelos cabelos. — Então é por isso que você foi embora. Sério, Angela, quantas vezes vamos ter que repetir a mesma conversa sobre não esconder nada um do outro?

— Então, fale comigo — respondi depressa. — Conte-me porque estava em um bar com a sua ex-namorada, a qual tanto detesta.

— Porque ela não me deixava em paz. E não deixava você em paz. Porque eu queria que ela soubesse que estava tudo acabado, para sempre, que eu amava outra pessoa e que nada que fizesse ou dissesse mudaria isso. — Ele ficou de pé, caminhou na minha direção e ajoelhou-se na beirada da cama, tomando minhas mãos nas dele. — Desculpe por não ter contado, mas era uma mensagem um pouco pessoal demais para deixar na recepção do hotel. Eu ia lhe contar tudo. Ela não faz parte da minha vida, Angela, não importa o que tenha dito a você. Não faz parte da minha vida desde o dia em que me traiu, e nunca mais fará.

— É bom saber — funguei determinada a não chorar. Ainda tinha outras perguntas. — E o que aconteceu no seu aniversário? Naquela noite?

— Diga você — ele cruzou as pernas e sentou-se na minha frente. — Você é que estava toda esquisita.

— Não — retruquei. — Era você. Disse todas aquelas coisas sobre não querer casar ou ter filhos, e depois ainda falou que não queria mais morar comigo.

— Ah, isso.

— É. Isso.

— Bom — ele encarou o chão. — Você afirmou várias vezes que não queria vir morar comigo, então pensei que seria mais fácil reverter a situação e parar de ficar magoado.

Franzi a testa. Odiava quando Jenny estava certa a respeito das coisas.

— Mas eu quero morar com você — falei baixinho. — Eu só estava com medo porque, como sabe, as coisas não terminaram bem da última vez que morei com alguém.

— Também estou com medo. A última vez que morei com alguém também não foi muito legal — disse Alex, olhando para mim e colocando uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. Achei muito gentil da parte dele não fazer nenhum comentário sobre como estava nojento. — Eu quero viver com você. Quero fazer tudo com você.

— Mas você disse...

— Eu sei o que eu disse, e estava sendo um babaca — ele ergueu a mão para tocar na minha bochecha duplamente machucada e balançou a cabeça. — Acho que ver a Solène me fez mais mal do que achei que faria. Acho que nunca contei a você, mas cheguei a pedi-la em casamento. Foi um pedido idiota, as coisas já não iam muito bem, ela estava tendo problemas com o visto, e pensei que isso resolveria tudo. Não era o melhor motivo do mundo para se casar, eu sei.

— Você nunca me contou. Mas ela sim — falei, pressionando minha mão contra a dele. — Sabe que eu já fui noiva, e teria

compreendido.

— É, até parece que não fico enciumado toda vez que penso nisso — ele ergueu uma sobrancelha e sorriu. — E, honestamente, você teria ficado numa boa com isso?

— Eu compreenderia totalmente... um dia — admiti. — Mas, sério, já entendi que não é grande coisa. Acho estranho que não tenha me contado, porém entendo. Eu não sairia por aí falando bem de casamentos se reencontrasse meu ex.

Preferi não confessar que só havia me dado conta desse detalhe depois que Jenny mencionou. Ele que pensasse que eu era sábia e compreensiva, mais cedo ou mais tarde, saberia se era verdade ou não.

— É, bom, eu fiquei pensando nessas coisas — ele admitiu. — Falar que não queria nada disso me fez ficar pensando nessas coisas.

— Ah, é? — Minha boca ficou seca. — E o que decidiu?

— Que talvez eu as queira — ele declarou, erguendo o rosto e olhando para mim. — Com você.

— É mesmo? — Sussurrei perto da boca dele.

— Claro — ele respondeu. — É isso que eu quero, Angela. Sou seu, quer queira ou não. Se quiser se casar amanhã, vamos direto para Las Vegas. Se quiser voltar para Londres, vou pedir que Graham mande minhas coisas e vamos agora mesmo. Se quiser 18 filhos e uma casa com cerquinha branca, poxa, então vou arranjar emprego em uma agência de publicidade, usar gel no cabelo e vamos viver como Mad Men. Sem os namoricos e os remédios controlados. O que você quiser. Sempre.

— Talvez possamos começar morando juntos antes de falar em casamento — sugeri, meu coração batendo tão forte que podia senti-lo em minha bochecha machucada. — Ou em filhos.

— Só precisamos torcer para que, quando os tivermos, eles não sejam burros como eu nem desastrados como você, ou estaremos muito encrencados — ele disse, encerrando a conversa com um beijo. Puxei-o para a cama, sem descolar meus lábios dos dele e,

quando senti seu peso sobre mim, o calor de seu corpo junto ao meu, as vozes na minha cabeça finalmente se calaram.

*

Mais tarde, enrolados um no outro na escuridão, um pensamento passou pela minha cabeça.

— Alex? — Chamei, fazendo círculos em seu peito com a ponta dos dedos.

— Sim?

— O que você ia fazer quando chegasse a Londres? Assim, como ia me encontrar? Sabe que meu telefone não está funcionando.

— Ah, é — ele bocejou, virou de lado e me abraçou. — Amanhã cedo, temos que ligar para a sua mãe e avisar que está bem.

— Você ligou para a minha mãe? — Subitamente, o sono desapareceu.

— De manhã — respondeu Alex, beijando minha nuca.

— É fácil falar — sussurrei tão brava quanto era possível estar com um homem que quinze minutos atrás estava fazendo algo bastante carnal comigo. — Não acredito que ligou para minha mãe.

*

— Não acredito que você não me ligou! — Gritou minha mãe do outro lado da linha, a plenos pulmões. — Primeiro vem para casa, depois não vem mais. Então um americano estranho me liga e pergunta onde está. Em seguida você me liga e diz que está tudo bem. Pois bem, Angela, não está. Quero que venha para casa agora mesmo. Fiquei acordada a noite toda, louca de preocupação, sem saber como entrar em contato com você. Tentamos o Facebook e você não respondeu; ligamos para Louisa; para sua casa nos Estados Unidos; e também para aquela tal de Jenny e ela me disse para “relaxar”. Relaxar! Diga, Angela Clark, o que queria que eu pensasse?

Fechei os olhos e fiz uma lista mental de todas as pessoas para quem eu devia ligar e pedir desculpas.

— Desculpe, mãe — falei assim que ela fez uma pausa para respirar. — Ontem foi muito complicado, mas estou bem e volto para New York hoje à tarde. Na verdade, preciso desligar, estamos indo para o aeroporto.

— Ah, não. Vai voltar para cá imediatamente, mocinha. Não aguento mais isso. Primeiro você corre para New York, depois fica festando em Los Angeles, depois está em Paris, e de repente em Londres. Não, você vem para casa.

— Mãe...

— Não me venha com mãe...

— Quer me deixar terminar?

— Não há mais nada a dizer! Pegue o trem agora...

— Mãe, será que dá para calar a boca por um minuto?

Ela calou a boca por um segundo.

— É impressão minha ou você acaba de dizer a sua mãe, sua própria mãe, para calar a boca? — Ela expirou devagar. — Muito bem. Honestamente, não posso acreditar...

— Ah, não comece! — Eu estava pensando muito seriamente em desligar o telefone e dizer para todo mundo que era órfã, mas sabia que ela estava agindo assim porque estava preocupada. Lá no fundo, bem no fundo mesmo, eu sabia. E tinha que ficar me lembrando disso o tempo todo. — E não foi um americano estranho que ligou para você, foi o Alex, então não fale como se ficasse recebendo ligações de homens o tempo todo por minha causa.

— Saia do telefone, largue! — Minha mãe começou a gritar, porém sua voz foi ficando distante.

— Mãe? — Perguntei, ignorando Alex, que estava rindo no banheiro. — Mãe, você está aí?

— Angela, aqui é o seu pai.

Meu queixo caiu. Havia meses que eu não ouvia a voz do meu pai. Segundo a minha mãe, ele “nunca tinha nada para dizer”, mas eu estava mais inclinada a pensar que ela é que não deixava nada para que ele dissesse. Além disso, ela não gostava que ele falasse ao telefone, porque ficava cheio de “ideias”.

— Pai?

— Sim, Angela, querida? — Ele respondeu completamente calmo apesar da barulheira ao redor. Ainda podia ouvir minha mãe gritando ao fundo, mais alto do que antes.

— É muito bom falar com você — comentei antes mesmo de perceber que estava chorando. — Você está bem?

— Estou — ele disse. — E você, está bem?

— Estou — respondi. — Estou muito bem, mesmo.

— E vai voltar para New York?

— Sim.

— Mas sabe que pode voltar para casa sempre que quiser?

Não estava mais ouvindo minha mãe e tive uma forte suspeita de que ele tinha se trancado no armário debaixo da escada. Sempre tentei entender porque havia uma tranca pelo lado de dentro daquele armário.

— Sei, pai.

— Então volte para sua casa e nos veremos quando der — ele falou. — Amo você, meu anjo.

— Também o amo, pai — não queria que ele percebesse que eu estava chorando, mas era difícil parar. — Cuide da mamãe.

— Pode deixar — ele disse e desligou.

Alex tinha parado de rir e estava me olhando da porta do banheiro.

— Você está bem? — Ele perguntou. — Temos que ir para Londres? Posso levá-la para casa, se quiser.

— Nós estamos indo para casa — afirmei, secando as lágrimas. — Não para aquela casa, para a nossa casa.

— Tem certeza?

Coloquei o fone no gancho.

— Absoluta.

CAPÍTULO 21

Exatas 24 horas mais tarde, eu estava sentada do lado de fora do escritório de Mary, sonolenta, meio zonzona e quase certa de que estava babando. Mas tinha que fazer isso. Liguei e deixei uma mensagem na secretária eletrônica dela assim que chegamos a New York, na noite de segunda, avisando que estaria lá na manhã seguinte. Sabia que ela chegava cedo, normalmente antes de Cici, então essa era minha melhor oportunidade de vê-la sem ter que enfrentar minha rival nova-iorquina. Uau, duas rivais em uma semana. Quanto problema para uma pessoa só.

Às 8h em ponto, as portas do elevador se abriram e ela apareceu, segurando o café em uma mão e o BlackBerry na outra, com uma expressão de desagrado no rosto de 50 e poucos anos sem rugas.

— Angela — ela chamou, passando direto por mim, os cabelos balançando.

Segui-a, tentando controlar uma repentina vontade de vomitar, e me sentei na cadeira em frente a sua mesa.

— Fale — Mary largou suas coisas e tirou o moletom, revelando uma blusa preta de cashmere muito bonita. Ela tinha braços incrivelmente torneados para uma mulher da idade dela. Ou, você sabe, para uma mulher.

— Nem sei por onde começar — admiti. — Mas, para resumir, Cici me ferrou. Muito mesmo. Ela cortou meu BlackBerry, arranjou uma assistente da *Belle* francesa que queria me impedir de fazer o artigo, mandou uma lista de lugares ruins para eu visitar, e depois tentou fazer com que a assistente me convencesse a não voltar para New York.

— Certo — Mary tomou um gole de café e me olhou por cima dos óculos.

— Não sei mais o que dizer, Mary.

— E eu não sei o que quer que eu faça. O artigo está pronto?

— Ainda não, mas logo estará — respondi. — Não consegui terminá-lo graças a Cici.

— No que diz respeito à *Belle*, elas não querem saber de Cici, só querem o artigo. Ela não trabalha para a *Belle*, a *Belle* não pediu que ela a ajudasse, e qualquer coisa que ela tenha feito com, por ou para você não faz diferença.

— Você acredita em mim, não é? — Estava me sentindo cada vez pior. — Sobre ela ter feito essas coisas?

— Acredito. Mas, infelizmente, não há muito que possa fazer.

— O que quer dizer? — Perguntei. — Não pode fazer muito a respeito do quê?

— A respeito de Cici ter repassado um e-mail seu xingando-a para o avô dela — ela explicou, ligando o computador. — Quer que eu leia suas lindas palavras?

Mas. Que. Droga?

— Mas eu não mandei o e-mail para Cici — falei, debruçando-me na mesa. Juro que não enviei nada para Cici. Mandei? Com certeza era algo de que eu me lembraria, independentemente do *jet lag* ou da grande quantidade de bebida ingerida na França.

E, no entanto, lá estava, um e-mail de Cici para o “Vovô Bob”, contando sua triste história em caixa-alta, dizendo que eu era uma tirana e a estava perseguindo, e que ela nunca tinha dito nada porque estava tentando ser minha amiga. E, depois, um e-mail muito mais curto de Bob para Mary, que dizia basicamente “livre-se dela”. No fim da página, estava o e-mail que eu supostamente tinha enviado. E, devo admitir, estava cheio de lindas palavras, todas dirigidas a Cici.

— Não mandei isso para ela — falei, reconhecendo parte do que estava escrito na tela. — Mandei para você. Só que não era bem isso, o texto está diferente.

— Você me enviou um e-mail falando mal de Cici? — Perguntou Mary, colocando os óculos no alto da cabeça. — Para o meu e-mail de trabalho? Está falando sério?

— Hum, sim?

— Angela, quem é minha assistente?

— Cici.

— E quem tem acesso a todos os meus e-mails?

— Cici? — Droga.

— E quem, aparentemente, não gosta nem um pouquinho de você?

— Cici — droga dupla.

Mary colocou as mãos sobre a mesa.

— Dizer que Bob não é mais seu fã seria um eufemismo.

— Estou demitida? — Sussurrei prestes a passar mal ali mesmo.

Ela balançou a cabeça.

— Posso dizer que você não tem mais um blog no TheLook.com.

Droga tripla, droga, droga, super droga, droga, droga.

— Mas ainda precisam do seu texto para a *Belle*, pois é tarde demais para colocar qualquer outra coisa no lugar — ela continuou.

— E, quem sabe, se for realmente bom, depois que a poeira baixar, talvez eu consiga recontratá-la. Você atrai muitos leitores, o que atrai muitos anunciantes. Apesar de que, no momento, seja *persona non grata* na Spencer Media.

— E o meu visto? — O escritório parecia estar girando, e não tinha nada a ver com o *jet lag*. Isso não estava acontecendo. Não podia estar.

— Não está totalmente ferrada — esclareceu Mary. — Você continua escrevendo para a *The Look* britânica. Seu visto não será cancelado imediatamente. Falei com uma de nossas advogadas e ela acha que poderá ficar mais uns dois meses antes que alguém da imigração comece a fazer perguntas. Ainda que façam, pode argumentar que ainda é, tecnicamente, empregada da Spencer Media. Mas se eles forem atrás e não concordarem, aí poderá ser deportada. A advogada sugeriu que volte para a Inglaterra o quanto antes e tente um novo visto de imprensa, um que não esteja ligado a nenhum empregador.

— Quanto tempo demora? — Um novo visto? Voltar para Londres? Ela estava falando sério? Eu tinha acabado de voltar da droga de

Londres.

— Não sou a Embaixada Americana, não faço ideia — ela deu de ombros. — Mas, se precisar de referências, pode contar comigo. Veja, eu sinto muito, essa situação toda é um caos.

— Mas a Virginie, da *Belle* francesa, ela disse que ia falar com você — comentei desesperada. — Era a assistente que estava me ajudando, e me garantiu que lhe explicaria tudo.

— E explicou — Mary voltou a olhar para a tela do computador — Só que uma mensagem telefônica afobada de uma assistente júnior na *Belle* francesa não vai significar muita coisa para Robert Spencer diante de uma neta aos prantos e um e-mail de uma empregada chamando o orgulho da vida dele de, deixe-me usar as palavras certas, “vadia louca puta desgraçada que tem que morrer como um cachorro sarnento”.

— Eu não disse isso no e-mail original — protestei. — Apenas que ela era uma vadia louca desgraçada que precisava morrer como um cachorro. Não sarnento. E não a chamei de puta.

— Que bom que me poupou desse palavreado, fico emocionada — disse Mary — mas, honestamente, você vai ter que me dar um tempo. Espere até que Bob tenha se acalmado e deixe que eu falo com ele. Gosto de pensar que tenho alguma influência ali.

Rá. Eu estava certa, eles tinham um caso. Ui.

— Talvez até consiga lhe enviar algumas coisas como freelancer, se usar um pseudônimo — ela deu de ombros. A conversa, no que dizia respeito a ela, estava terminada.

— E se a imigração me procurar? — Perguntei sem precisar que ela me respondesse. — E se Cici mandá-los?

— Enfrente um problema de cada vez — sugeriu Mary. — E deixe a Cici comigo. Ela conseguiu o que queria, vai deixá-la em paz agora.

— Você acha?

— Deixe comigo — repetiu Mary.

— Bom, certo, então vou deixar meu BlackBerry e outras coisas — falei, revirando minha bolsa, e fazendo força para não chorar na

frente de Mary. Eu sabia que não ajudaria em nada. Tinha que manter a calma.

— Sei que isso é um saco, porém confie em mim — ela esperou que eu ficasse de pé e se aproximou para dar um abraço esquisito. — Não estou dizendo que vou conseguir salvar o dia, mas vou tentar. Não vou perder uma boa redatora só porque a vadiazinha mimada foi chorar para o vovô.

— Você acha que sou boa? — Funguei por sobre o ombro dela.

— Caia fora, Clark — Mary me afastou com algo que parecia um pouco com um sorriso. — Vamos manter contato.

Saí do escritório de Mary sem saber quando ou se voltaria, e levei alguns momentos para me recompor. Nunca se sabe com quem poderia topa caminhando pelo escritório da *The Look*. É claro que, nesse caso, eu ia topa justamente com a última pessoa que queria ver.

— Oi, Angela! — Cici passou pelas portas duplas e sentou-se na cadeira atrás da mesa. — Quer que chame a segurança para acompanhá-la até lá fora, ou vai arrastar sua bunda feia até a rua sozinha?

Havia momentos na vida em que era preciso ser superior e, quando olhei para Cici, que estava bebendo um copo gigante de café gelado com um canudinho cor-de-rosa, soube que não era um deles.

— Uma amiga minha sempre diz que pessoas como você acabam pagando pelo que fazem — falei, dando de ombros. — O que acha?

— Sei lá — ela respondeu, o canudinho na boca e uma expressão confusa no rosto.

— Posso perguntar uma coisa? — Sentei-me na beirada da mesa dela e adorei vê-la se encolher. O que não era fácil em um Herve Leger tão justo. Que roupa interessante para usar no trabalho.

— Sim? — Cici finalmente pôs o café na mesa. Talvez Virginie tivesse dito a ela que eu tinha a mão pesada e ela queria estar preparada.

— Por que se deu ao trabalho de me sacanear tanto? — Perguntei, colocando as mãos nos joelhos. Eu não ia bater em

ninguém neste país. Oi, processo? — Assim, você se esforçou mesmo.

— Sei lá — ela inclinou a cabeça para o lado e o longo rabo de cavalo louro de mega-hair acompanhou o movimento. Sério, alguém tinha que alertá-la que a Lindsay Lohan não era um modelo a ser seguido. — Porque não gosto de você?

— Engraçado, porque eu também não vou muito com a sua cara — tamborilei na mesa com a ponta dos dedos. — Por que será?

— Porque sou mais jovem, mais bonita e mais legal? — Ela perguntou. E o pior de tudo é que parecia estar sendo sincera.

— Talvez — concordei com a cabeça — talvez. Ei, você não acha estranho ser ao mesmo tempo sacana e legal? Estranho, não é?

— Pode ser — respondeu Cici, encarando-me como se eu tivesse enlouquecido. O que era bem possível.

— É um paradoxo, eu acho — falei, descendo da mesa e dando um susto nela. — Como café gelado. Não consigo gostar, porque não temos dessas coisas na Inglaterra. Eles fazem o café quente e colocam gelo depois ou ele é sempre gelado?

— Não sei, sua doida — Cici virou o nariz e procurou seu copo do Starbucks. Mas fui mais rápida.

— Parece mesmo gelado pelo plástico — observei, sacudindo o copo para ver o gelo se mover. — O que você acha?

— Hein? — Cici era lenta demais para fugir do banho de café gelado que dei em seu mega-hair. E no vestido. E nas botas de, ai, camurça — Sua vaca!

— Não tenho muita paciência para essa coisa de carma — declarei, jogando o copo na lixeira ao lado da mesa. — Ou talvez isso tenha sido carma. Sei lá.

— Que peninha que todas as suas coisas explodiram — gritou Cici quando me virei para ir embora. — Fiquei sabendo que queimou bem rapidinho, porque era tudo sintético.

— Essa é a sua melhor resposta? — Provoquei, ainda me afastando. — Sério, eu assisti a Ugly Betty, achei que você teria alguma coisa melhor.

— Acho que não sou tão boa com insultos como com agentes de segurança de aeroportos — ela disparou. — E sou melhor ainda em deixá-la sem emprego.

Apertei o botão do elevador, e foi aí que a ficha caiu. Minha mala tinha sido explodida por causa de Cici? Olhei para o dedo que pressionava o botão e vi que estava tremendo. Tentar sacanear o meu trabalho era uma coisa, mas destruir todas aquelas roupas? Minha linda bolsa azul? Meu jeans Top Shop que servia tão direitinho e que saiu de linha? Meus insubstituíveis Louboutins? Isso era sério. Isso era sapatocídio.

— Está brincando? — Perguntei, virando-me lentamente para encará-la, como John Wayne. Ou Sharon Stone naquele filme de caubói que ela fez com o Russell Crowe e o Leonardo DiCaprio. Acho que essa comparação é melhor.

As portas do elevador se abriram e ali estava metade da equipe da *The look*. E eles pareciam confusos.

— O que você vai fazer? — Perguntou Cici, abrindo os braços. — Já é carta fora desse baralho. Não pode provar nada. Meu avô não vai acreditar em uma palavra do que disser.

Antes que pudesse reagir, a porta do escritório de Mary se abriu e bateu na parede, assustando todo mundo.

— Não, mas vai acreditar em mim — disse Mary logo atrás. — Cici, no meu escritório. Angela, falo com você mais tarde.

O rosto de Cici ficou vermelho. Ela cruzou os braços com força sobre o vestido ensopado e girou nos saltos arruinados em direção ao escritório de Mary.

— Mary — uivei, juntando as mãos perto do coração. — Ela explodiu os meus sapatos. Meus sapatos.

— E ela vai pagar por eles — respondeu Mary com a seriedade de uma diretora de escola. — Vá, Angela.

Passei pelos jornalistas e enfiei o dedo no botão do térreo, segurando com força o corrimão de metal que havia em toda a volta do elevador. Meus pobres sapatos, coitadinhos. Não tinham sido vítimas inocentes de uma segurança excessiva, mas sim de uma desgraçada vingativa. Eu tinha que ficar de luto por eles novamente.

Alex estava me esperando do lado de fora do prédio, usando jeans e um moletom que era pesado demais para o sol que já brilhava forte. Estava calor em Paris, mas New York era úmida. Eca.

— O que aconteceu? — Ele perguntou, amparando-me assim que me atirei em seus braços. — Está tudo bem?

— Cici explodiu minha mala — gritei no peito dele. — Foi ela quem fez com que a explodissem. Não foi um acidente.

— Sério? — Ele assoviou. — Uau, você deve ter sido muito má com ela em outra vida.

— Eu sei — falei, permitindo que ele me abraçasse com força. — Meus sapatos!

— Vai ficar tudo bem, você vai comprar outros sapatos — Alex beijou o alto da minha cabeça. — E o seu trabalho, tudo bem?

— Ah é — fiz uma careta. — Na verdade, não. Meio que fui demitida.

— O quê? — Ele esticou os braços e me encarou. — Você foi demitida? E está pensando nos sapatos?

— Eu sei — suspirei, fechando os olhos, — Mas não consigo pensar nisso agora. Se pensar, minha cabeça vai explodir, e estou tão cansada. Podemos ir para casa?

— Claro — Alex passou o braço ao redor do meu ombro suado e começamos a caminhar pela 42nd Street. — Não consigo acreditar que você não está surtando.

— Meu Deus do céu, estou surtando — sentei-me na beirada do sofá, balançando para a frente e para trás, até que me levantei e caminhei até a janela. Bati os dedos no vidro e balancei a cabeça. — Eu fui demitida, Alex. Demitida. Nunca fui demitida. E, meu Deus, vou perder meu visto, vou ter que voltar para Londres. O que vou fazer? Não sei fazer mais nada. Vou ter que ser lixeira ou algo assim. Não, nunca vão me deixar, sou desastrada demais. Acho que tentarei ser carteiraira. Ah meu Deus, vou ter que ser carteiraira!

Alex cruzou os braços no outro lado da sala, olhando para mim.

— Terminou?

— Você não entende! Carteiros têm que acordar super cedo. E vou ter que andar de bicicleta — sentei no beiral da janela. — Não acredito que vou ter que ser carteiraira.

— Certo — Alex se aproximou e segurou meus ombros até que eu me virasse para ele. — Angela Clark. Você não tem que ser carteiraira.

— Não?

— Não — ele respondeu. — Nem lixeira. Nem nada disso. Só o que tem que fazer é se acalmar, lembrar-se do que Mary disse, e relaxar.

— Você sabe que não consigo “relaxar” — franzi a testa — Sou inglesa. Não sabemos relaxar. O máximo que posso fazer é *keep calm and carry on*.

— Se você diz — ele deslizou as mãos dos meus ombros para meu rosto. — Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem. Só precisa de uma distração.

— Sério, agora não — falei zangada. Por favor, eu estava acabada, será que ele estava querendo me matar?

— Não esse tipo de distração — Alex riu e sentou-se ao meu lado. — Estava pensando em outra coisa.

— Vai ter que ser uma coisa bem grande — sentei-me mais para o canto, para lhe dar espaço. Como a bunda dele tinha metade do tamanho da minha, era justo. — No que está pensando?

— Mudança — ele segurou minha mão. — Você vem morar comigo hoje.

— Eu vou? — Perguntei. Um arrepio percorreu minha espinha, misturado ao *jet lag* e ao estresse.

— Vai — ele confirmou. — Você vai deitar um pouco enquanto arranjo algumas caixas, e depois vamos começar a levar as suas coisas para o meu apartamento. Nosso apartamento.

— Sério? — Senti um sorriso surgindo no meu rosto. E não era só porque ele disse que eu podia tirar uma soneca.

— Sim — Alex fechou os olhos verdes e deu um beijinho na ponta do meu nariz. — Então, descanse um pouco. Vai precisar estar forte para fazer o meu jantar hoje, mulher.

— Nem venha com essa! — Alerttei já a caminho do quarto. E planejando o que faria para o jantar. Eu era uma péssima feminista.



CAPÍTULO 22

— E esta é a sala — falei para o computador, levando-o para fora do quarto. — Vamos comprar sofás novos, portanto não olhe para estes, estão cobertos de bugigangas.

— Como assim, Angela Clark? — Louisa riu pelo computador enquanto eu o colocava com cuidado sobre a mesinha de centro. — Já começou a redecorar?

— Ah, desculpe, mas tem que ser.

Sério, o Skype era a melhor invenção de todos os tempos.

— Bem, o apartamento é lindo. Que vista maravilhosa.

— Não é? — Falei, abrindo uma garrafa de vinho branco. — É o máximo.

— Não é? — Imitou Louisa. — Você tem mesmo que falar isso no fim de todas as frases? Que coisa mais americana. Não quero essa influência sobre este bebê.

— Serei simplesmente perfeita quando estiver com meu afilhado-barra-afilhada — prometi, apontando para a imagem de ecografia que eu tinha imprimido e grudado na geladeira. — Está vendo como já sou dedicada? Alex me pediu que a tirasse daí, porque estava tirando seu apetite.

— Desculpe, mas acho estranho ter uma foto do interior da barriga da sua amiga colada no lugar onde guardamos a comida — Alex se defendeu, gritando lá do quarto. — Oi, Louisa!

— Oi, Alex — Louisa gritou de volta. — Desculpe por interrompermos seu banho.

Corei e caí na risada quando Lou deu uma piscadinha.

— Vocês sabem que posso ver as duas, não é? — Alex colocou a cabeça molhada na porta do quarto.

— Não é? — Imitou Louisa, caindo na gargalhada.

— Ah, suas bobas — Alex voltou para o quarto.

— Deixe para lá — falei, sentando-me no sofá com minha taça de vinho. — Ele já deveria estar pronto a essa hora.

— Que pena que não posso estar na sua festa — disse Louisa na tela. — É que o Tim não conseguiu dispensa e não quer que eu viaje de avião sem ele. Sei que é bobeira, desculpe.

— Não, imagine. Estou feliz que ele esteja cuidando de você e do meu afilhado-barra-afilhada.

— Se eu lhe contar o sexo, vai parar de chamá-lo assim? — Suspirou Louisa. — Sério, já sabemos há quase uma semana e você está me deixando louca.

— Já disse que não quero saber! — Gritei, cobrindo as orelhas com as mãos. — Sério, isso é tão emocionante! Quero que seja surpresa.

— Que bom que está achando emocionante — Lou colocou a mão sobre sua barriga ainda praticamente inexistente. — Descobrir de repente que estava grávida de cinco meses foi surpresa suficiente para mim.

— Faz sentido — concordei chateada por Louisa ter perdido vários meses de gravidez, mas encantada por saber que em breve teria um bebê para mimar. A nova linha Little Marc Jacobs era tão fofa. — Com certeza você ainda vai se surpreender bastante.

— Não diga essas coisas — ela falou, colocando a mão na testa. — Vamos resolver esta aqui primeiro.

A campainha tocou, fazendo com que eu levasse um susto e derramasse metade da taça de vinho no sofá.

— Droga — reclamei baixinho, esfregando.

— Não vou contar a ninguém — prometeu Louisa. — Jogue aquela manta por cima. Você não disse que ia comprar sofás novos?

— Ah, é — fiz o que ela sugeriu. Perfeito. — Vou atender a porta.

— Também tenho que ir, está tarde — disse Louisa, acenando. — Que a sua festa de casa nova seja maravilhosa, eu e o bebê queríamos estar aí.

— Amo vocês — falei, mandando beijinhos para o monitor. — E o Tim também.

Fechei o laptop e guardei-o debaixo do sofá para evitar qualquer dano a sua tampa já quebrada. Levantei-me, arrumei meu maravilhoso vestido rosa e laranja Marc by Marc Jacobs (Alex tinha dito que era demais para uma festinha entre amigos, mas educadamente recusei o conselho fashion dele) e fui abrir a porta.

— Alex, o pessoal chegou — gritei na direção do quarto, apertando o botão do interfone para abrir a portaria. Segurei a porta e cumprimentei todos que foram entrando. Graham e o namorado. Craig e sua última, bem, eu não diria namorada, mas ela parecia ser uma garota legal. Vanessa e algumas meninas do The Union vieram logo atrás, com Erin e Thomas e uma dúzia de amigos de Alex que moravam nas redondezas.

— Alex, pode colocar uma música? — Pedi prestes a fechar a porta, quando um lindo par de chinelos de couro a bloqueou.

— Vai fechar a porta na minha cara? — Berrou alguém do corredor.

— Jenny! — Gritei, agarrando-a pelo pescoço e dando um abraço apertado. — Eu não sabia que você vinha!

— Dá para acreditar que conseguimos guardar segredo uma semana inteirinha? — Alex se encostou no batente da porta, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Ah, seus filhos da mãe — falei tão feliz que estava prestes a chorar.

— Deveriam ter me contado. Está com alguma mala?

— Não, estão todas no apartamento — disse Jenny, admirando minha roupa. — Bonito. Bem bonito.

Ela também não estava nada mal: o corpo bronzeado estava coberto por uma delicada seda azul.

— Vena Cava — ela falou, sem esperar a pergunta. — Um arraso, não é?

— Totalmente — concordei, pegando outra taça de vinho que Alex estendeu. — Então você voltou para o apartamento? E vai ficar por quanto tempo?

— Voltei e, bom, acho que para sempre — ela respondeu, encarando-me por trás de uma cascata de cachos. — Eu estava pensando que os nova-iorquinos só deveriam receber pequenas doses de Los Angeles.

— É mesmo? Jenny, que maravilha! — Pronta para um segundo abraço, tentei não derrubar vinho em nós duas. — Estou tão feliz. Sim, fique, não volte para lá.

— Você só me quer por perto por causa dos descontos — ela riu, mas pude ver que estava feliz por ser recebida com carinho. Como se eu pudesse recebê-la de outra forma. — Acho que posso trabalhar em New York tanto quanto em Los Angeles. Ainda tem gente por aqui com muito dinheiro e nenhum senso estético, não é?

— Com certeza — afirmei. — Ah, estou tão feliz! Só acho uma pena que não vamos morar juntas.

— Vai ter que levar suas coisas de volta — Alex se intrometeu. — Minha nossa, como você tinha tralha. Isso que metade das coisas explodiu.

— Nem pensar, não aceito devolução — disse Jenny, bebendo a primeira taça de vinho e entregando a vazia para Craig, que parecia encantado. Pelo jeito, a garota que veio com ele já era passado. — A Van vai sair do apartamento neste fim de semana e acho que vai ser legal morar sozinha por um tempo. Você sabe, depois do drama com a Daphne. Vou transformar o quarto vazio em um escritório.

— Bom, mas eu vou voltar para assistir *Top Model* — avisei, abraçando-a de novo. Sabia que estava rindo como uma boba e nem ligava.

— Vai mesmo — concordou Jenny, jogando o cabelo para trás do meu ombro. Estava ficando tão comprido. — E você leva a cerveja. Puxa, Angie, senti sua falta.

— Também senti saudade — falei, sentindo a mesma pontada que sentira na última vez que abraçara Louisa. Só que, desta vez, a Jenny ia ficar. — Agora, com licença que tenho que fazer xixi.

— Não ouse fazer xixi no meu vestido — disse Jenny, soltando-me imediatamente. — É 100% seda pura.

— E vai ficar lindo no chão do meu quarto — ronronou Craig no ouvido dela, estendendo a mão. — Acho que ainda não nos conhecemos. Eu sou o Craig.

— Sério mesmo que você usou essa cantada barata? — Jenny olhou para ele séria. — Nossa, meu querido, já começou errado.

Fui para o banheiro e fechei a porta. Sorri para o espelho e peguei dois pedacinhos de lenço para colocar sob os olhos, tentando conter as lágrimas antes que elas estragassem a maquiagem zoada que havia feito com tanto cuidado. Fazia quase uma semana que tínhamos voltado de Paris, eu havia me mudado para o apartamento de Alex e o olho roxo estava quase curado. Ainda não tinha ouvido nenhuma notícia de Mary a respeito de ter meu emprego de volta, mas tinha recebido um pedido de desculpas de Cici por escrito e um cheque de 2 mil dólares. Nem começava a cobrir tudo que havia perdido, mas fiquei tocada com a preocupação de Mary e tive esperança de um dia recuperar meu emprego. Até lá, eu estava me oferecendo para todas as revistas possíveis e continuava com minha coluna. E tentava não pensar na imigração.

Ouvi uma batidinha e Alex colocou a cabeça para dentro do banheiro. Foi aí que percebi que tinha me esquecido de trancar a porta.

— Está tudo bem? — Ele perguntou com um sorriso. — Desculpe por não ter contado sobre Jenny, mas achei que seria uma surpresa legal.

— E foi — falei, abanando o rosto. — Estou tão feliz.

— E está chorando por quê, então? — Ele entrou no banheiro e fechou a porta.

— Porque estou feliz — repeti. — Sério. Morar com você, ter a Jenny de volta, são lágrimas de alegria.

— Não se arrepende de não ter ficado em Londres? — Ele perguntou, limpando uma lágrima da minha bochecha com o dedão.

— Não — respondi com a voz animada. — Sinto falta da Lou e acho que até da minha mãe, mas é aqui que quero ficar. Fiquei mais preocupada quando Mary disse que eu podia perder o visto do que quando entrei no trem para voltar a Paris.

— Vamos dar um jeito — prometeu Alex. — Vamos, sim. É só burocracia. Não é nada.

Balancei a cabeça, desejando que ele estivesse certo.

— Vocês estão transando aí dentro? — Gritou Jenny do outro lado da porta. — Porque, olha, tem mais gente aqui, é muita falta de educação. E eu preciso fazer xixi.

Meneei a cabeça e, empurrando Alex para o lado, abri a porta para Jenny, que estava com as mãos nos quadris e uma sobrancelha erguida tão alto que parecia prestes a cair da cabeça.

— Cara, controle-se quando tiverem companhia — ela falou, dando um tapinha na cabeça de Alex. — Agora ela mora com você, a Angela é sua 24 horas por dia. Não dá para esperar a gente ir embora?

Alguém tinha desligado o lustre maior enquanto estávamos no banheiro, e acendido os cordões de luzinhas que eu pendurara ali outro dia, apesar da preocupação de Alex de que elas fossem fazer o apartamento parecer a gruta da Playboy. Mas não fizeram. Ficaram lindas. As luzinhas cintilavam ao redor da janela, emoldurando as luzes de Manhattan, o Empire State iluminado de verde, o edifício Chrysler brilhando como uma casquinha de sorvete de ponta-cabeça, e toda a cidade piscando, para avisar que estava ali. A vida continuava.

— Quer alguma coisa? — Perguntou Alex, colocando a mão na minha cintura enquanto eu admirava aquela cena tão feliz no nosso apartamento.

— Não — balancei a cabeça e me virei para dar um beijo nele. O gloss que se dane.

— Não quer nada mesmo?

— Já tenho tudo que eu quero e tudo de que preciso — respondi, abraçando-o com força, vendo Jenny girar os olhos para a história idiota que Craig estava contando para ela, e ao longe a imagem do ultrassom de Louisa colada na geladeira.

E, pelo menos naquele momento, era a mais pura verdade.



Autora best-seller, Lindsey Kelk é uma escritora britânica. Além da série *Eu amo*, que foi finalista nas categorias Paixão pura e Comédia romântica do ano, do People's Choice Award, Lindsey também escreve artigos e colunas para várias revistas femininas. Atualmente, ela mora em Nova York.

Star Books Digital

The logo graphic consists of a teal-colored stylized book shape with its pages fanning out, followed by two small squares, one purple and one pink.

Fotos: Vivian Epub

Digitalização: Fran Resende, Monica Konrad, Marlise Konrad Wolf e Aysha Javed

Revisão: Ana Carla, Luciana Batista, Andrea Suzana, Gabriela Lameirão e Tai Araújo

Produção do e-book: Vivian epub

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos: SBD](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Sobre a Autora](#)